

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

VALQUÍRIA PEREIRA TENÓRIO

**BAILE DO CARMO:
FESTA, MOVIMENTO NEGRO E POLÍTICA DAS IDENTIDADES
NEGRAS EM ARARAQUARA-SP**

SÃO CARLOS
- 2010 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

VALQUÍRIA PEREIRA TENÓRIO

**BAILE DO CARMO:
FESTA, MOVIMENTO NEGRO E POLÍTICA DAS IDENTIDADES
NEGRAS EM ARARAQUARA-SP**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do título de Doutora em Sociologia, com área de concentração em Culturas, Diferenças e Desigualdades.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

T312bc

Tenório, Valquíria Pereira.

Baile do Carmo : festa, movimento negro e política das identidades negras em Araraquara-SP / Valquíria Pereira Tenório. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
236 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Sociologia. 2. Sociabilidade. 3. Memória. 4. História oral. 5. Discriminação racial. 6. Relações raciais. I. Título.

CDD: 301 (20^a)



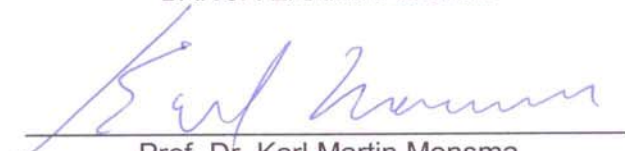
Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br


Valquiria Pereira Tenório

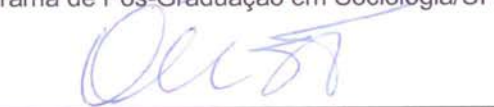
Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.


Aprovado em 09 de abril de 2010

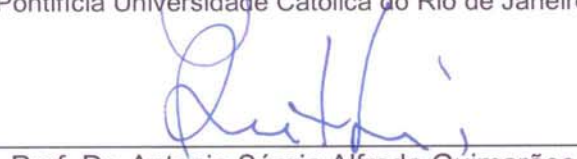
BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Karl Martin Monsma
Orientador e Presidente


Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

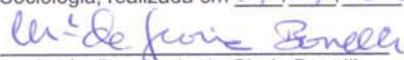

Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi
Universidade Federal de São Carlos


Profa. Dra. Sonia Maria Giacomini
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro


Prof. Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães
Universidade de São Paulo

Para uso da CPG

Homologado na 15.^a Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em 14/04/2010


Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli
Coordenadora do PPGS

Dedico este trabalho a todos aqueles que participaram desta pesquisa, desde aqueles que repartiram comigo suas vivências e me ensinaram a compreender o Baile do Carmo àqueles que me motivaram nos momentos de incerteza e fragilidade.

O Baile do Carmo é um baile bastante tradicional aqui na cidade, né? Eu cresci ouvindo falar do Baile do Carmo. Eu não via a hora assim na minha mentalidade de crescer para ir no Baile (Pamela, 25 anos, negra).

Porque é isso aí, começou com aquela tradição afro-brasileira. Então, pegou mais, Baile do Carmo é... o baile da raça negra. Ficou isso daí, né? O branco vai, mas a tradição é da raça negra (Geraldo, 79 anos, negro).

Ai, eu, já ouvi falar que ele surgiu com... foram os ferroviários. Tinham os ferroviários aqui em Araraquara, eles eram negros, mas não podiam participar dos bailes dos brancos.[...] Também dizem que não foram os ferroviários, foram os negros dessa cidade, os escravos que faziam festa e os seus batuques lá e foi aumentando, aumentando. Têm várias histórias, uma hora falam que foram os escravos, sei lá foi aumentando para a cidade, depois falam que foram os ferroviários, depois falam que foi a própria população branca que excluindo os negros dos bailes... Eu não sei, até hoje não tem uma história certa que eu saiba, né? (Lorhaine, 20 anos, negra).

Todos os negros iam e outra, sabe o que era importante esse... essa fluência de negros que vinham de fora, porque quem morava na capital tinha outro tipo de vida, tinha outra visão das coisas. Então o que faziam, traziam para os negros daqui várias informações (Estela, 62 anos, negra).

Porque eu virei uma marca do Baile do Carmo e eles acham, os brancos, que eu sou líder da comunidade por eu ter inovado a festa e ela ter começado com 600 pessoas quando eu peguei e hoje tem 06 dias de festa. Hoje tem a criança, o jovem, o adulto, tem o neto, a mãe e a avó (Daniel Amadeu, 54 anos, negro).

Cultura! Cultura, porque eu fui educado a ir ao Baile do Carmo, eu fui educado por quê? Porque a cultura da família já estava arraigada nele, isso fez com que a minha participação fosse assídua, desde eu ir pequeno para comer pipoca. A gente até brincou esse ano, eu e as minhas primas, a gente falava assim: o Baile do Carmo teve três fases na nossa vida e tem mais uma que vai acontecer que a gente não sabe como vai ser. Cinco, se formos levar ao pé da letra. Tinha a fase que nós não íamos, mas imaginávamos, tinha a fase que nós só íamos para poder correr e brincar tem essa fase agora da nossa adolescência que a gente vai já para paquerar, para dançar para fazer uma média, tem a fase de quando a gente assumir a postura dos nossos pais, e tem o anteceder, antes da gente ir sem saber ou da gente não ir, então essas 5 fases são primordiais na minha participação no Baile (João, 19 anos, negro).

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as experiências vividas nesses anos de pesquisa e muitos são os agradecimentos que gostaria de fazer àqueles que direta ou indiretamente iluminaram minha vida e são parte de minha trajetória acadêmica e pessoal.

Agradeço a todos aqueles que se dispuseram a me dar entrevistas e a compartilhar um pouco de suas experiências comigo.

Agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento destinado a este trabalho. Agradeço ao parecerista *ad hoc* desconhecido que desde o início apostou no potencial deste estudo e desta pesquisadora.

Ao meu orientador, Professor Doutor Karl Martin Monsma. Nossa história iniciou-se ainda no processo de seleção para o doutorado, quando lhe encaminhei meu projeto de pesquisa. Desde então, tive seu apoio, incentivo e orientação. Foi por seu intermédio que me interessei em realizar o doutorado sanduíche, o que ele me apresentou como uma oportunidade de crescimento tanto para minha vida acadêmica quanto pessoal. O professor Karl me passou segurança e confiança ao exercer seu papel de excelente orientador.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento para participar do Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (PDEE), mais conhecido como doutorado sanduíche.

Agradeço ao Professor Doutor George Reid Andrews, meu orientador nos Estados Unidos. O professor Reid acompanhou todo o meu processo de adaptação nos Estados Unidos e propôs-me que eu realizasse disciplinas para que vivenciasse a pós-graduação naquele país. Com ele tive a oportunidade de discutir sobre diversos livros e temas. Fazíamos sempre um encontro em inglês e um em português para que ambos pudessemos treinar nossas habilidades em outra língua. Agradeço demais sua generosidade e sua atenção. Foi por seu intermédio que participei do seminário África na história Atlântica, oferecido pelos professores Marcus Rediker, que me presenteou com seu livro bastante premiado *The Slave Ship: a Human History*, e Patrick Manning, que também me ofereceu diversos livros para que eu pudesse acompanhar as aulas. Lembro-me das horas de conversa com o professor Manning em sua sala no Posvar, enquanto a neve caía do lado de fora.

Agradeço ao professor Alejandro de La Fuente, outro brilhante professor que tive o prazer e a honra de conhecer. Encontramo-nos diversas vezes para discutir o projeto de pesquisa. Pude contar com sua leitura afinada de meu projeto, suas críticas e sugestões.

Agradeço ainda ao professor Joe Trotter da Universidade *Carnegie Mellon* pelos encontros e discussões, ao professor John Markoff, que me indicou bibliografia e por sua leitura atenta de meu projeto, e à professora Kathleen Blee, ambos do Departamento de Sociologia da Universidade de Pittsburgh. Tive a oportunidade de acompanhar a disciplina Microdinâmicas do Movimento Social oferecida pela professora Blee, o que me fez pensar no Baile do Carmo também como um tipo de movimento social.

Agradeço ao professor Ben Houston, da Universidade *Carnegie Mellon*, pela oportunidade de participar de sua disciplina Teoria e Metodologia da História Oral. Tive a oportunidade de conviver com os pesquisadores Kavin Paulraj, Oscar de la Torre, Katie Phelps, Charles Alessi e Chris, que me ajudaram na tão difícil adaptação a um novo e estranho ambiente. Agradeço ainda a Gracy, Molly e Patty do Departamento de História. Agradeço a Luis Bravo do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Pittsburgh que me ajudou com a parte burocrática de minha vida na universidade.

Agradeço a Arif Jamal, por nossas discussões sobre a questão racial brasileira, pelo carinho e acolhimento proporcionado por ele, sua esposa Asma e seu filho Ibrahim.

Agradeço a toda a equipe da escola Allegheny onde encontrei amigos de diferentes partes do mundo e com diferentes sotaques. A todos eles meu sincero obrigada por me mostrarem que é possível convivermos com as diferenças e formarmos uma grande família. Em especial agradeço às professoras Maria e Elaine e aos amigos Kwon, Deborah, Delfino, Grissel, Anaëlle, Wenjuan e às brasileiras que lá encontrei Maira, Renata, Simone e seu esposo Estevam.

Às queridas amigas Emi Ishida, Hasina Momotaz, Kaarin Vanausdal pelo imenso carinho que sempre tiveram comigo.

Outras pessoas me ajudaram a viver nos Estados Unidos e estarão sempre em meu coração, tal como a querida Lana, mulher forte, dinâmica de uma energia contagiante, que ajudou na organização de minha vida em Pittsburgh. Serei eternamente grata à Regina, Angela, Raimundo, Leila e todos da Timbeleza. Sinto muita falta de vocês. Também agradeço à Sandra e ao Alex.

Agradeço à Ana Paula e Lilly, professoras de língua Portuguesa da Universidade de Pittsburgh por possibilitarem minha participação no Festival Brasileiro da Pitt e pela oportunidade que me deram de realizar uma palestra para os alunos da *Pennsylvania Governor's School for International Studies*.

Encerro essa parte dos agradecimentos destinados aos que conheci durante o estágio

no exterior, agradecendo à querida amiga Kátia que foi mais que uma irmã, uma luz em minha estada nos Estados Unidos, sempre pronta a ajudar e ensinar, sempre disposta a me animar nos momentos de saudade de casa. Com ela travei muitas discussões sobre o meu tema de pesquisa, sobre as disciplinas cursadas na Universidade de Pittsburgh, sobre os *papers* que devia entregar, sobre o Brasil e sobre os Estados Unidos. Tivemos a oportunidade de viajar juntas para New Orleans e pudemos vivenciar a força dos moradores na reconstrução de suas vidas após o furacão Katrina.

À Vera, minha querida professora de inglês, a quem devo agradecer pela dedicação dispensada na minha preparação para o exame de inglês, o TOEFL.

Agradeço a oportunidade e o prazer de ser escolhida para participar do VIII Fábrica de Idéias promovido pelo CEAO em Salvador, na Bahia, lá pude conhecer os professores Lívio Sansone, Angela Figueiredo, Carlos Lopes e diversos pesquisadores da temática étnico-racial, em especial agradeço a amizade de Wilson, Vera, Pedro e Giovana.

Aos professores Richard Miskolci e Luis Henrique de Toledo pelas sugestões e críticas durante o Exame de Qualificação.

A querida Ana Maria Suficiel Bertolo, assistente de administração do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, exemplo de pessoa dedicada, paciente e pronta a ajudar a todos.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos do qual tive o prazer de fazer parte.

A Lania, Sérgio, Silvia, Adriana, Douglas, Rosane, Nico, Cida, Nazaré que se tornaram meus amigos durante a pós-graduação.

Quero ainda agradecer ao Ricardo, querido amigo que está sempre pronto a ouvir, aconselhar, proporcionar e acompanhar muitos momentos de minha vida.

À Eva e à Karine que sempre me ensinam o valor da verdadeira e eterna amizade.

À Flávia, por sua imensa energia e pelas inúmeras dicas.

À Valéria, pelo exemplo de mulher forte, batalhadora e consciente de sua negritude.

Agradeço a oportunidade de tê-la conhecido mais de perto.

À Rafaela e à Priscila pelo carinho e apoio nos momentos de desespero, quando a gente acha que não vai dar tempo.

Ao Israel, Luciano, Isabel, Solange, Marcos, Vanderli, Marcelo, Maria Júlia, pela alegria que sinto sempre quando estamos juntos.

À Liliane, Rosi, Vânia, Elenice, Regina e Silvia mulheres que me passam alegria,

perseverança, dedicação e força.

À Dulce, Mário e Sofia pela amizade.

Ao Luis Cezerilo pelo nosso diálogo Brasil-África.

Ao Aguinaldo Martins pela presteza em sanar algumas dúvidas.

À Rosângela Passos pela amizade, pelo eterno apoio e alegria de compartilhar minhas conquistas. Ao Fernando Passos quero agradecer pelo apoio no contato e agendamento de diversas entrevistas para a pesquisa e pelo entusiasmo com que abraçou meu trabalho.

Ao Márcio Macedo pelo apoio com a bibliografia para a pesquisa.

À Fernanda Miranda pelo apoio com as matérias de jornal.

Ao Marcelo Machado pela ajuda com os mapas e pelas nossas boas conversas.

À Alessandra Laurindo e ao Zacharias pela oportunidade de conhecê-los e por todo o seu apoio.

Aos funcionários do Arquivo Público Rodolpho Tellaroli, Silvio e Patrícia.

À Leandra Santos pela correção minuciosa do trabalho.

À Josenita, minha mãe que sempre me deu suporte e a base para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje, para que eu tivesse a coragem de enfrentar os desafios. Se em outra vida puder escolher, eu escolherei você para ser novamente minha mãe. Ao meu pai, José, por não ter contido as lágrimas em meu casamento e por nossa história. Ao meu irmão Tiago pelo carinho sempre meio tímido, mas presente. Ao André por mostrar a leveza que deve ser a vida. À Michele pela alegria e jovialidade. Ao Vinícius que com tão poucos anos de vida já me ensina a ser tia. A tia Agrícia pelo eterno entusiasmo pela vida. À Margarida pela amizade e carinho. A todos os meus familiares pelo apoio e incentivo.

À Aparecida e ao José pelo cuidado e atenção que sempre têm comigo.

Tudo o que vivenciei desde minha entrada na pós-graduação foi compartilhado com uma pessoa maravilhosa, Edmundo, que tem sido a pessoa mais presente e equilibrada em todo esse período de minha vida acadêmica, a pessoa mais constante, aquele com que posso contar sempre, mesmo quando tivemos que ficar fisicamente afastados. Ele me dá suporte emocional e também acadêmico. É com ele que divido as angústias, as insatisfações, mas também as alegrias, os momentos de felicidade, as conquistas.

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado analisa a construção de identidade a partir da festa, um evento lúdico conhecido como Baile do Carmo, realizado pela população negra de Araraquara há mais de 70 anos. É possível por meio de um evento específico discutir a invisibilização dessa população na história local, compreendendo o processo dinâmico de construção e/ou afirmação de identidade negra. Para isso, analiso a maneira como esse evento se constitui ao longo de diversos períodos históricos e de existência do movimento negro brasileiro, apontando suas mudanças e a forma como ele se apresenta na memória coletiva da população negra. Busco ainda entender como a tradição do Baile do Carmo foi (re)criada e qual seu papel na luta contra a discriminação e o racismo. O Baile do Carmo é um meio para se falar das relações entre negros e brancos em Araraquara, e o estudo dessas relações só foi possível devido ao recolhimento de relatos orais com participantes e não-participantes, negros e brancos, além de um minucioso mergulho na bibliografia acerca da temática étnico-racial.

Palavras-chave: BAILE DO CARMO. FESTA. MOVIMENTO NEGRO. IDENTIDADE. ARARAQUARA.

ABSTRACT

This PhD research examines the construction of identity in an annual celebration, a playful event known as Baile do Carmo, carried out by the black population of Araraquara for over 70 years. It is possible by means of a specific event to discuss the invisibility of this population in local history, including the dynamic process of construction affirmation of black identity. To do this, I analyze how this event took shape over various historical periods and its relations with the Brazilian black movement, showing the changes in the Baile and the nature of its presence in the collective memory of the black population. I also try to understand how the tradition of the Baile do Carmo was (re) created and its role in the fight against discrimination and racism. This party provides a way to discuss relations between black and white people in Araraquara. The examination of these relations was only possible through the collection of oral interviews with participants and non-participants, both black and white, as well as extensive bibliographic study of ethnic and racial themes.

Keywords: BALL OF CARMO. PARTY. BLACK MOVEMENT. IDENTITY. ARARAQUARA

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Imagem 2.1.1 Rua Nove de Julho em 1908 | 45 |
| Imagem 2.1.2 Sr. Pércio na colheita de algodão..... | 50 |
| Imagem 2.1.3 Orquestra do Salão Favorita – 1910..... | 54 |
| Imagem 2.1.4 Corporação Musical “Lyra Araraquarense” em 1915..... | 54 |
| Imagem 2.1.5 Grupo Musical Araraquarense em 1924 | 55 |
| Imagem 2.1.6 União Brasileira “Princesa Isabel” | 56 |
| Imagem 2.1.7 Notícia de Jornal sobre a União Brasileira “Princesa Isabel” | 57 |
| Imagem 2.1.8 Alunos que concluíram o curso primário em 20 de novembro de 1945.. | 58 |
| Imagem 2.1.9 Inauguração da fábrica de móveis de vimi “Araraquara” em 16 de julho de 1945..... | 58 |
| Imagem 2.1.10 Banda infanto-juvenil de Olavo Felipe em 1961.. | 59 |
| Imagem 2.1.11 Banda Marcial Olavo Felipe Dragões de Araraquara em 2009. | 59 |
| Imagem 3.1 Feira da Festa do Carmo 2009 | 69 |
| Imagem 3.2 Feira da Festa do Carmo 2009 | 70 |
| Imagem 3.3 Feira da Festa do Carmo 2009 | 71 |
| Imagem 3.4 Feira da Festa do Carmo 2009 | 71 |
| Imagem 3.5 Quermesse da Festa do Carmo início do século XX..... | 72 |
| Imagem 4.1 Frente do convite Baile do Carmo de 1974. | 83 |
| Imagem 4.1.2 Verso do convite Baile do Carmo de 1974. | 83 |
| Imagem 4.1.3 Convite Noite de Gala - Baile do Carmo 2002. | 83 |
| Imagem 4.1.4 Convite Noite de Gala - Baile do Carmo 2009. | 84 |
| Imagem 4.1.5 Chegada dos participantes para o Baile do Carmo. | 85 |
| Imagem 4.1.6 Presença Jovem na Noite de gala em 2008. | 86 |
| Imagem 4.1.7 As bandas na noite de gala em 2003, 2005, 2006 e 2009..... | 91 |
| Imagem 4.1.8 Salão no Baile do Carmo em 2009 | 94 |
| Imagem 4.1.9 Baile do Carmo. | 95 |
| Imagem 4.1.10 Musa e Príncipe do Baile do Carmo 2008 e 2009..... | 98 |
| Imagem 4.1.11 Musa do Baile do Carmo em 2005..... | 102 |
| Imagem 4.1.12 Presença jovem no Baile do Carmo em 2006. | 103 |
| Imagem 4.1.13 Dança no Baile do Carmo em 2006 | 104 |
| Imagem 4.1.14 Dança no Baile do Carmo em 2006. | 105 |
| Imagem 4.2.1 Fachada do Clube Melusa. | 110 |
| Imagem 4.2.2 Fachada do Clube Estrela..... | 110 |
| Imagem 4.2.3 Desfile de Moda – Crianças | 111 |
| Imagem 4.2.4 Desfile de Moda – Crianças | 112 |
| Imagem 4.2.5 Desfile de Moda – Idosos..... | 115 |
| Imagem 4.3.1 Desfile de roupas africanas | 118 |
| Imagem 4.3.2 Apresentação de dança afro | 119 |
| Imagem 4.3.3 Apresentação de hip hop. | 119 |
| Imagem 4.3.4 Apresentação de chorinho | 120 |
| Imagem 4.3.5 Vendedora de acarajé. | 120 |
| Imagem 4.3.6 Noite de Abertura do Baile do Carmo no Palacete das Rosas. | 122 |
| Imagem 4.3.7 Apresentação de Umbigada | 123 |
| Imagem 4.3.8 Apresentação de Umbigada | 124 |
| Imagem 4.4.1 Jogo de Futebol do Baile do Carmo..... | 125 |
| Imagem 4.4.2 Jogo de Futebol do Baile do Carmo..... | 127 |

| | |
|---|-----|
| Imagem 4.4.3 Movimentação das pessoas no Futebol do Baile do Carmo..... | 130 |
| Imagem 4.4.4 Público que acompanha o jogo de futebol. | 131 |
| Imagem 4.4.5 Público que acompanha o jogo de futebol. | 131 |
| Imagem 4.4.6 Barracas de alimentação e bebida, shows na quadra. | 132 |
| Imagem 5.1 Time feminino de vôlei da Academia do Samba..... | 138 |
| Imagem 5.2 Time de futebol da Academia do Samba. | 138 |
| Imagem 5.3 Personalidades da política. | 147 |
| Imagem 5.3.1 Assinatura do Convênio | 157 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|----|
| TABELA 2.1 População em relação às profissões. Município de Araraquara – Província de São Paulo 1872. Paróquia: São Bento de Araraquara. | 41 |
| TABELA 2.2 - População escrava em Araraquara e São Carlos de 1874 a 1887 | 42 |
| TABELA 2.3 - População de origem Estrangeira-Região de Araraquara e São Carlos . | 42 |
| Valores absolutos e percentual sobre a população total: 1886-1940 | 42 |
| TABELA 2.4 Recenseamento Geral da População 1940..... | 53 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEPIR – Assessoria Especial de Promoção da Igualdade Racial

BAILE – Baile do Carmo

FESTA – Festa do Carmo

CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra

COMCEDIR – Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo

DER – Departamento de Estradas e Rodagem

FEABESP – Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo

FECONEZU – Festival Comunitário Negro Zumbi

FUNDART – Fundação de Arte e Cultura do Município de Araraquara

GANNA – Grupo de divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara

GTI – Grupo de Trabalho Interministerial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JONESCO – Jovens Negros Conscientes

MNU – Movimento Negro Unificado

NUPE – Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão

ONG Fonte – Organização Não Governamental Frente Organizada para Temática Étnica

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

SEPPIR – Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial

TEN – Teatro Experimental do Negro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 18 |
| 1.2 Materiais para análise: documentos escritos, visuais e os depoimentos orais..... | 25 |
| 1.2.1 Os entrevistados..... | 28 |
| 2 FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA: A MEMÓRIA DOS MEMORIALISTAS E A INVISIBILIZAÇÃO DOS NEGROS | 34 |
| 2.1 O contexto urbano e a população negra no início do século XX | 44 |
| 3 A FESTA COMO FATOR DE ORGANIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA | 62 |
| 3.1 Discutindo os significados da festa no Baile do Carmo | 73 |
| 4 O BAILE DO CARMO, SEUS RITMOS E EVENTOS: ROMPENDO A VISIBILIDADE INVISÍVEL | 82 |
| 4.1 Belas Noites de Julho: a noite de gala | 82 |
| 4.2 Desfile Show de Modas | 109 |
| 4.3 Abertura Cultural | 116 |
| 4.4 Futebol..... | 125 |
| 5 ENTENDENDO COMO O BAILE DO CARMO SE TORNOU UMA TRADIÇÃO | 133 |
| 5.1 A dinâmica do Baile do Carmo a partir do final dos anos 1980..... | 146 |
| 5.2 Negociando a tradição: o que pensam aqueles que vivenciam o Baile do Carmo | 152 |
| 5.3 O Levantamento da Memória Afrodescendente de Araraquara | 156 |
| 5.4 O Baile do Carmo à luz do movimento negro: mobilização, negociação e resistência.... | 161 |
| 6 DIVERSAS MANEIRAS DE SER NEGRO | 179 |
| 6.1 Construindo um sentido para a identidade no Baile do Carmo: visibilidade, negociação e reconhecimento..... | 187 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 199 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 204 |
| Jornais consultados e utilizados:..... | 214 |
| APÊNDICE A– Modelo de questionário pesquisa Baile do Carmo..... | 216 |
| APÊNDICE B – Modelo de roteiro utilizado na pesquisa. | 217 |
| APÊNDICE C – Dados parciais coletados a partir do questionário do apêndice A. | 218 |
| ANEXO A – Ficha de Inscrição - Desfile Show de Modas do Baile do Carmo..... | 220 |
| ANEXO B – Lei nº 5.920 | 221 |
| ANEXO C – Mapas da cidade de Araraquara com limites e ênfase no contorno ferroviário..... | 222 |
| ANEXO D – Mapa de Araraquara 2009 | 223 |
| ANEXO E – Foto de mapa de Araraquara em 1936 | 224 |
| ANEXO F – Mapa de Araraquara em 1908 | 225 |
| ANEXO G – Mapa de Araraquara em 1929..... | 226 |
| ANEXO H – Decreto de 20 de Novembro de 1995 | 227 |
| ANEXO I – Folhetos de divulgação do Baile do Carmo (2002 a 2009). | 229 |

1 INTRODUÇÃO

Um dos temas que instigaram minha curiosidade para o início da pesquisa sobre o Baile do Carmo¹ foi a invisibilização da população negra na história de Araraquara. Mesmo tendo nascido na cidade e tendo realizado toda a minha formação escolar aqui, não me lembrava de ter estudado, em nenhum momento de minha formação escolar, sobre o papel dos negros na construção de Araraquara. Minha lembrança é de ter ouvido falar muito sobre o “fundador da cidade”, quando ainda estudava na Escola Estadual Pedro José Neto, escola que o homenageou com seu nome. Lembro-me ainda de estudar as muitas referências sobre a importância da imigração, principalmente italiana, e sobre como esses imigrantes atuaram no desenvolvimento da cidade.

Nesse período de minha vida esse tema não chamava minha atenção, mas havia um estranhamento em relação à Araraquara, nunca me senti parte do lugar onde morava, pois toda a minha família é negra, migrante e nordestina, tendo chegado em Araraquara para trabalhar no corte da cana e na colheita da laranja nos idos de 1970. Dessa forma, a história de uma elite de fazendeiros fundadores e responsabilizados pelo progresso dessa cidade não fazia sentido para mim e para outras tantas famílias como a minha que também faziam parte da economia e da história desse lugar.

Já no ensino universitário não entendia o fato de vários colegas acreditarem na possibilidade de não haver muitos negros em Araraquara, crença justificada devido ao fato de eles não conseguirem notá-los em seu dia a dia. Nesse momento o tema me despertou a atenção, e eu quis mostrar o que era possível saber ou pesquisar sobre a população negra na história da cidade. Não me espantei quando não encontrei muitos registros sobre os negros na história oficial araraquarense. Segundo Elisa Larkin Nascimento como “consequência da pouca documentação e pesquisa sobre o tema surge o reforço e a reprodução do discurso escamoteador do processo histórico afro-brasileiro” (NASCIMENTO, 2003, p.223). Mas será que realmente a história da cidade não teria feito menção à população negra? Quais elementos poderiam ser estudados para nos ajudar a refletir sobre essa história?

¹ Muitas vezes neste texto o termo Baile do Carmo poderá ser encontrado apenas de maneira abreviada como Baile e o termo Festa do Carmo também pode ser encontrado como Festa.

Em parte minha pesquisa de mestrado² possibilitou-me um maior contato com a história da população negra a partir do levantamento da história do Baile do Carmo, porque o evento era considerado centenário e porque estava presente de maneira intensa na memória coletiva dessa população (HALBWACHS, 1990).

Analiso o Baile do Carmo a partir de seu início, por volta dos anos 1930, realizado sempre no mês de julho, próximo ao aniversário de Nossa Senhora do Carmo, com música orquestrada, homens vestidos de terno e gravata e mulheres de vestido longo ocupando os salões dos clubes que não contavam com sua presença cotidianamente e que tratavam de barrá-los quando eles se interessavam em ser espectadores e não o espetáculo.

Na época a gente entrava... época de carnaval a gente entrava no clube Araraquarense, fazer apresentação com a escola de samba. Fora o carnaval acabou, nada feito. Agora entra, né?(Berenice, 58 anos, negra, dona de casa).

Nesse período, 1930 a 1987, o Baile era realizado por associações recreativas negras fundadas em grande parte por ferroviários. O evento reunia dezenas de famílias que embaladas pela música de grandes orquestras da época (re)encontravam-se, criando um espaço de sociabilidade, de memória e identidade.

Por meio do estudo do Baile do Carmo é possível mostrar a presença dos negros em Araraquara, sua organização em diversas associações recreativas no início do século XX, a maneira como faziam bailes, reuniões e as várias interdições ao adentrar os espaços pertencentes aos brancos. Essa população negra realizava o *footing* de maneira separada, trabalhava na colheita do algodão, na ferrovia, no DER (Departamento de Estradas e Rodagem), em outros serviços públicos e tinha de lutar contra os mecanismos discriminatórios locais baseados no racismo, na maioria das vezes, disfarçado e, em outras, mais evidenciado, como nas proibições sofridas ao tentarem participar de bailes nos clubes dos brancos.

Esta pesquisa de doutorado se apoiou na pesquisa anterior - mais histórica e mais restrita aos grupos negros - para analisar a construção e reconstrução de identidade em momentos distintos da existência do Baile do Carmo, levando-se em conta o papel do movimento negro e do Estado no que diz respeito à elaboração de políticas raciais. A forma como essas políticas têm sido interpretadas na organização do evento pelos diferentes sujeitos: jovens, velhos, brancos, negros, participantes ou não do evento também foi

² TENÓRIO, Valquíria Pereira. Uma interpretação do Baile do Carmo: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. 2005. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/ Araraquara.

analisada.

O estudo sobre esse evento instiga a curiosidade e oferece uma possibilidade para se entender a dinâmica presente nas relações raciais em Araraquara também no período mais recente, procurando saber de maneira mais minuciosa como ele se tornou uma tradição e qual seria o seu papel na luta contra a discriminação e o racismo. Na atualidade, o Baile do Carmo tem recebido bastante atenção por parte do movimento negro e de instituições públicas e privadas. Esse interesse nos oferece elementos para investigar sua existência e amplitude, seu sentido e a importância de sua realização.

O Baile do Carmo dos anos 2000 busca referências no passado escravista para falar de sua origem. Segundo seu atual organizador³, o senhor Daniel Amadeu Martins Filho, a origem do evento remontaria aos momentos finais desse período, conforme mencionado em texto redigido no folheto de divulgação do Baile do Carmo de 2008.

Pura Realidade!

Assim como em uma corrida de revezamento, a história do baile se repete. De mão em mão, o bastão é passado.

Iniciou-se com o escravo Damião (1888), muitos outros se revezaram. Hoje o bastão está com Daniel A. M. Filho (Costa). Não podemos acabar com esta tradição. Com ou sem o tombamento. (Folheto de divulgação de 2008).

Essa mensagem é corroborada pela fala sempre entusiasmada do organizador do evento, que narra sua origem e tenta construir uma ligação simbólica baseada nas reminiscências do passado escravista de como teria chegado até suas mãos a incumbência de realizar o Baile. Sua versão de origem do Baile do Carmo também pode ser confirmada em matéria publicada no Jornal O Imparcial de 29 de junho de 2008. É interessante lembrar o fato de a cada ano essa versão ganhar novos detalhes e nuances. Porém, a veracidade de sua narrativa não está em jogo neste trabalho, me interessa mais os elementos selecionados pelo senhor Daniel Amadeu para construir suas versões e os contextos em que tem feito isso. (AMADO, 1995).

A versão mais recente de seu organizador suscita uma leitura mais atenta da história de Araraquara, mostrando um caminho para continuar a procura da presença do negro na formação da cidade, uma vez que tenho como pressuposto que os álbuns, os textos históricos e os discursos produzidos pelas instituições públicas locais invisibilizaram essa presença, criando o que chamarei de uma **visibilidade invisível** dessa população.

³A responsabilidade de presidir a organização do evento está a cargo de Daniel Amadeu Martins Filho, conhecido como Costa, desde 1988, no entanto, ressalto que durante todos esses anos ele tem montado diferentes equipes que o ajudam com todos os detalhes necessários para a realização do evento.

Nesta pesquisa, o Baile do Carmo é uma passagem para conhecermos os caminhos percorridos por muitos negros e negras da cidade. Além disso, ele possibilita a investigação sobre a forma encontrada por eles para o protagonismo e construção de identidade. Por meio do Baile do Carmo é possível a discussão de temas mais globais tais como raça, racismo, movimento negro e políticas raciais.

1.1 Breve descrição da trajetória da pesquisa e de seus fundamentos teórico-metodológicos

Foram muitos os recursos teórico-metodológicos utilizados nesta pesquisa devido à diversidade de temas levantados a partir do estudo do Baile do Carmo, e esses temas serão teoricamente abordados ao longo da tese, como o papel do negro no período escravista em Araraquara, a história oficial *versus* memória subterrânea, o papel da festa na organização da população negra, a **visibilidade invisível** dessa população, sua inserção no movimento negro, suas formas de mobilização, o papel do Baile na luta contra o racismo e como as relações raciais foram efetivadas ao longo dos anos.

Contudo, ressalto que o eixo central desta tese reside na compreensão da identidade, aqui entendida como construção social, mas também “política-estratégica de atores sociais” (SANTOS, 1998, não paginado), pois é na convivência, negociação e renegociação com o outro que as identidades são construídas. Essa negociação ocorre entre os diversos grupos sociais, como, por exemplo, os participantes do Baile do Carmo, os ativistas do movimento negro, os representantes do poder público e também os não frequentadores do evento. Conforme Castells (1999)

[...] do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais e pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS,1999, p. 23).

A existência do Baile do Carmo e a participação dos entrevistados nesse evento despertaram as seguintes questões: qual o significado de ser negro (a) para esses indivíduos? Qual a importância do Baile do Carmo para seus participantes?

O organizador atual do Baile do Carmo tem sido constantemente questionado pela maneira como conduz a realização do evento, pois ele tem sido cobrado pelas diversas pessoas e instituições que têm apoiado seu trabalho com idéias, imagens, valores e referências, principalmente, sobre a melhor forma de conduzi-lo e sobre o que representaria da maneira mais apropriada a negritude⁴. Aqui entendida não como “uma categoria racial fixada numa diferença biológica, mas uma identidade racial e étnica que pode basear-se numa multiplicidade de fatores: o modo de administrar a aparência física negra, o uso de traços culturais associados à tradição afro-brasileira [...] o status, ou uma combinação desses fatores” (SANSONE, 2004, p. 25).

Segundo os depoimentos recolhidos os organizadores do passado e das associações recreativas também passaram por momentos semelhantes a esse e sofreram as exigências para promover mudanças de perspectiva na realização do evento e nas atividades para os negros. Neste trabalho, essas mudanças serão analisadas também pelas transformações na configuração do movimento negro brasileiro.

O Baile do Carmo é considerado uma tradição dos negros em Araraquara e tem passado por uma intensa disputa por sua existência. Para alguns a inclusão de elementos considerados afro, de herança africana, deveria ser adotado pelo atual organizador, para outros o estilo do Baile não deve ser alterado, entre esses últimos estão os mais velhos que muitas vezes não conseguem se reconhecer dentro do evento, devido a sua ampliação e a alteração do público presente, já que na sua época era marcante a presença de famílias negras tradicionais da cidade e de pessoas ligadas à história do Baile do Carmo. Ao procurar ampliar o evento para garantir sua existência e seu lucro, o organizador do Baile também abre canais de comunicação e negociação com seus parceiros, apoiadores e mesmo os participantes que trazem suas demandas por reconhecimento.

Para a obtenção de apoio, de financiamentos públicos ou privados e para buscar a inclusão do evento na rota do turismo étnico nacional, muitas vezes, é necessária a inclusão de elementos inteligíveis às instituições financiadoras e parceiros do Baile do Carmo com posse de certas visões do que é ser negro, negritude e cultura negra, muitas vezes, amparados em leituras sociológicas ou antropológicas que interpretam a cultura negra como algo estático, folclorizado e permanente. Neste trabalho cultura negra é entendida como algo vivo, dotada de dinamismo e criatividade (MAGNANI, 1984, p. 25).

⁴ Sobre o assunto ver também: MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

Nessa perspectiva de dinamismo é possível entender a escolha de certos elementos do repertório cultural afrobrasileiro compreensíveis aos participantes locais, mas que também possam inserir o evento na diáspora negra, ou seja, transformá-lo em uma manifestação cultural capaz de dialogar com símbolos de negritude presentes em outros contextos para além do local, ampliando-se as referências existentes (SANSONE, 2004, GIRLOY, 1991). Para algumas pessoas, o Baile do Carmo ainda é uma ferramenta importante para conscientizar a população negra e para eles essa deve ser a sua utilidade.

Eu acho que você poderia transformar o Baile em um baita ferramental de conscientização das nossas raízes, das nossas questões de etnia (Carlos, 43 anos, negro, vereador).

O mencionado “tombamento” do evento no folheto de divulgação de 2008 tornou mais visível a existência de uma disputa por ele e pela construção da identidade negra em Araraquara. Para Wade (1997) os negros e índios têm falado cada vez mais por si próprios e a emergência de políticas culturais é algo relevante tal como a leitura que os próprios sujeitos fazem de suas culturas. No entanto, segundo o autor, há lutas para se definir a constituição desses espaços culturais (WADE, 1997, p. 83). Por isso, procuro entender o que as pessoas negras pensam sobre sua identidade a partir de sua participação, atuação e orgulho em fazer parte da história de um Baile que existe há tantas décadas.

Outro ponto a ser destacado neste trabalho é a compreensão da raça como uma categoria analítica. O conceito foi bastante encontrado nos relatos dos entrevistados quando eles afirmam que ser negro é fazer parte de uma raça forte, guerreira. Esses indivíduos constroem suas identidades a partir de uma associação com a categoria raça por eles entendida de maneira positiva também permeada por referências à cor e a aparência física, mas não se reduzindo a elas. Segundo Guimarães (1999), raça não corresponde a uma realidade natural, mas sim a uma forma de classificação social (GUIMARÃES, 1999, p. 09), ou seja, não tem qualquer validade biológica. Trata-se de um discurso de origem das sociedades humanas e, deve ser entendida como uma categoria política utilizada para a organização da mobilização e resistência da população negra no Brasil, imprimindo um sentimento de pertencimento e identificação.

Para Wade (1997) e Hofabauer (1999) é necessário analisar o conceito de raça em cada contexto e dentro de uma história ocidental das idéias. Segundo Wade (1997) raça é uma idéia e tem uma dimensão acadêmica, política, cultural e prática e deve ser entendida analisando-se suas mudanças no decorrer da história, ou seja, os conceitos não são independentes de seus contextos sociais. (WADE, 1997, p.5).

Diante da discussão sobre raça e como os participantes do Baile se identificam surge a referência ao racismo, quando eles explicitam que ser negro é estar cotidianamente exposto à discriminação e ao racismo. E, este é compreendido como “uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (GUIMARÃES, 1999a, p.09). O racismo se justifica por meio da existência de “grupos que se definem e são definidos por meio de atributos raciais (como a cor) ocupam de modo permanente posições de poder e posições sociais assimétricas como resultado da operação de mecanismos de discriminação” (GUIMARÃES, 1999b, p.105). Esses mecanismos podem ser diversos, por exemplo, os mecanismos psicológicos e individuais atuantes na inferiorização da população negra diante da construção de estereótipos e na manutenção das desigualdades entre brancos e negros.

O racismo brasileiro se apresenta, na maioria das vezes, de forma implícita, não se exerce por normas e regulamentos diferenciados para o tratamento de brancos e negros. As dinâmicas de exclusão e invisibilização são bastante complexas e híbridas (RAMOS, 2007, p.09). Mesmo sendo constantemente negado em prol do mito da existência de uma democracia racial, o racismo foi amplamente mencionado nos depoimentos recolhidos e está presente nas discriminações, na invisibilização e no silêncio da história.

Por essa razão, busco compreender qual o papel do Baile do Carmo na luta contra o racismo e discriminação, entendendo-o à luz da história do movimento negro brasileiro, o qual tem atuado no desmascaramento do racismo, buscando construir estratégias para romper com a discriminação racial e promovendo a organização da população negra. Dessa forma, o Baile do Carmo e os bailes promovidos por associações negras por todo o interior paulista são compreendidos como uma forma de mobilização e de movimento social. Segundo Maria da Glória Gohn,

[...] os movimentos sociais sempre têm um caráter político (não confundir com partidário), que criam e desenvolvem um campo político de forças sociais na sociedade civil, contribuindo para seu desenvolvimento político. Eles politizam as demandas socioeconômicas, políticas e culturais, inserindo-as na esfera pública da luta política (GOHN, 1997, p. 252).

O Baile do Carmo é entendido a partir dessa perspectiva, com um caráter político, com demandas por visibilidade, respeito e espaço. Ele aglutina pessoas e diversas organizações e entidades, e tem rompido com estereótipos que inferiorizam a população negra. Como afirma Carlos Silva (1983), “o fato dessas pessoas serem negras em sua maioria, e estarem reunidas em um mesmo lugar, ainda que por algumas horas, pode ter um sentido de resistência, e um

significado importante para a conscientização do negro” (SILVA, 1983, p. 255). O Baile do Carmo é uma ferramenta para se compreender o processo de construção de identidade do negro em Araraquara.

1.2 Materiais para análise: documentos escritos, visuais e os depoimentos orais

Coletei diversos materiais que me ajudaram a entender a amplitude do Baile do Carmo tais como jornais e documentos escritos sobre o Baile e produzidos por sua comissão organizadora, pelas antigas associações recreativas e pelas instituições oficiais araraquarenses: Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura e Câmara Municipal. Apliquei um questionário⁵ para 51 participantes em um evento promovido pela ONG Fonte⁶ (Frente Organizada para Temática Étnica) a fim de buscar entender a abrangência do Baile do Carmo no seio da comunidade negra, para comprovar se ele era realmente conhecido. Os dados obtidos pelos questionários revelaram o papel de destaque que o evento tem na constituição de uma memória coletiva negra e mostraram que pessoas de diferentes idades, profissões e escolaridade vivenciam o Baile do Carmo e têm nele um espaço de (re)encontro o que ainda será bastante discutido nesta tese. Também foram consideradas matérias e demais informações sobre o evento encontradas em *blogs* e páginas da internet, sendo possível captar sua abrangência para além do âmbito local.

Trabalhei com dois tipos de imagens, aquelas por mim produzidas na interação com o objeto de pesquisa e aquelas produzidas por outros, no caso do material referente à organização do Baile do Carmo, ao Museu Histórico Municipal, livros, manuais sobre a história local e fotografias doadas por entrevistados ou recolhidas em *sites* e *blogs* sobre o evento na internet. A fotografia deve ser avaliada tal como os documentos verbais, ou seja, como representações da realidade.

Os contextos em que estão inseridas as imagens que se deseja ler reservam ou exprimem sentidos que podem ser transformados em novas mensagens, que por sua vez podem atingir os diferentes sentidos. Assim como é preciso passar por trás dos cenários para compreender as imagens visuais, é necessário um conhecimento prévio e direto da realidade que a imagem representa, simboliza ou indica para não se ficar desorientado com seus elementos constitutivos (LEITE, 2001, p. 158).

⁵ Modelo do questionário pode ser encontrado no Apêndice A, p.216.

⁶ A ONG FONTE é uma instituição sem fins lucrativos, autônoma, fundada em 12.02.2004. Sua Missão é trabalhar para criar condições que reforcem uma auto-imagem positiva dos afrodescendentes e carentes. Essa Missão se realiza através de projetos voltados para a educação, cultura, saúde e esporte. Mais informações em <<http://www.ongfonte.com.br>>.

As fotografias precisam de uma legenda, de um texto que traga informações àqueles que vão lê-las, pois elas não falam por si e precisam do pesquisador para atribuir-lhes voz. (SILVA, 1999, p.22). Elas foram inseridas ao corpo do texto porque foram consideradas importantes para a compreensão da realidade estudada. O Baile do Carmo aguça o imaginário das pessoas, não seria possível uma boa descrição do evento sem apresentá-lo visualmente ao leitor. “Não se procura na fotografia apenas o que comprove as análises históricas verbalizadas, mas sim informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condições de proporcionar” (LEITE, 2001, p.149). Ou seja, elas podem complementar o que foi escrito, e também suscitar novas interpretações sobre a realidade.

Mesmo as imagens feitas a partir de fotografias de jornais são uma seleção da pesquisadora, cujo olhar estava atento à temática estudada. Recolhi também folhetos de divulgação do Baile do Carmo, convites e cartazes que compuseram o material visual analisado.

A imagem fotográfica foi incorporada por sociólogos e antropólogos como metodologia adicional nesse elenco de técnicas de investigação. E os próprios historiadores a agregaram à lista da documentação a que recorrem para ampliar as evidências documentais da realidade social do passado que constituem a matéria-prima de suas análises. Um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstruir e interpretar determinada realidade social (MARTINS, 2008, p.26).

A pesquisa no acervo iconográfico do museu Histórico Pedagógico de Araraquara presente no CD-Rom⁷ “Memória Fotográfica de Araraquara” com imagens gerais da cidade, prédios históricos e personalidades de 1864 a 1978 foi importante para se entender os aspectos do que trabalhei como **visibilidade invisível** da população negra local, pois encontrei diversas fotografias onde era possível constatar a presença dessa população, mas não havia muitas informações que pudessem ajudar a compreender a realidade registrada naquelas imagens, por isso, elas são parte constitutiva do texto escrito que buscou atribuir-lhes um sentido.

Com relação ao material escrito foi possível encontrar notícias ou matérias sobre o Baile do Carmo na imprensa local apenas a partir dos anos 1980. Mesmo assim, estes jornais se restringiam a dar informações apenas sobre a sua programação. Também foram escassos os jornais produzidos pelas associações recreativas locais. No entanto, a utilização da

⁷ Este CD-Rom conta com 1.233 fotografias e foi organizado por Eduardo Luiz Veiga Lopes em 1999.

metodologia da história oral⁸, em especial o recolhimento de relatos orais⁹, a partir de roteiros¹⁰ parcialmente diferenciados para os entrevistados, resultou, após sua transcrição, em um extenso material para análise. Os roteiros foram utilizados, mas não foram totalmente fechados a ponto de restringir a participação e a fala do entrevistado (TOURTIER-BONAZZI, 1996, p. 237). Havia perguntas a ser respondidas, mas também foi dada liberdade ao entrevistado para que ele falasse um pouco de sua vida e de temas lembrados durante seu depoimento.

O relato oral é uma técnica de entrevistas presente na metodologia da história oral, optei por trabalhar com ele, pois atendia o objetivo de captar a interpretação dos entrevistados sobre um evento determinado e sobre questões a ele relacionadas. A história oral é um recurso poderoso para buscarmos entender as formas de vida e as representações de grupos marginalizados pela história oficial, trazendo-os para o cenário da história e preenchendo um vazio ocasionado pela visão dominante responsável por excluir esses grupos. A história oral coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e a maneira como redimensionam seu presente e passado (LUCENA, 1999, p.24).

A observação participante também foi uma das ferramentas utilizadas na realização desta pesquisa, momento em que a pesquisadora esteve presente e pôde vivenciar a Festividade do Baile do Carmo juntamente com seus agentes, buscando entender o ponto de vista dos “nativos” e aquilo que para eles parecia invisível.

Realizei a observação participante nos dias de realização do evento estudado e também de eventos promovidos pelo Centro de Referência Afro de Araraquara, Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura e ONG Fonte relacionados à temática étnico-racial. “Diferentemente da entrevista, na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada” (PROENÇA, 2008, p.16).

⁸ Sobre o assunto ver mais em JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62. RITCHIE, Donald A. **Doing oral history: a practice guide**. 2.ed. Oxford University Press, 2006.

⁹“O relato oral é uma forma menos ampla e livre que acontece quando é solicitada do narrador a abordagem, de modo mais especial, de determinados aspectos de sua vida; embora o entrevistado tenha total liberdade de exposição, ele sabe do interesse do pesquisador e direciona seu relato para determinados tópicos.” (LUCENA, 1999, p.29-30).

¹⁰ Modelo do roteiro utilizado encontra-se no Apêndice B, p. 217.

1.2.1 Os entrevistados

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, em média foram 60 minutos de conversa sobre os temas abordados nesta pesquisa. Ao final de cada entrevista eu perguntava aos entrevistados se poderia fazer uso do depoimento gravado, se poderia usar seus nomes ou se eles preferiam manter sua identificação desconhecida. Tive permissão de todos os depoentes para usar seus depoimentos e também seus dados pessoais.

As perguntas, de modo geral, giraram em torno da representação e identificação com o evento, como o que os entrevistados pensavam sobre o Baile do Carmo, como se sentiam participando de um baile com maioria negra, ou como se sentiam quanto à existência do Baile do Carmo, se participavam de outros bailes e dos outros dias da festividade, de que forma atuavam na sua realização, como sua entidade participava do Baile e qual era a participação da prefeitura, entre outras.

O universo de entrevistados foi dividido entre: participantes negros do Baile do Carmo de diversas gerações, para que fosse possível captar as transformações pelas quais o evento tem passado e de que forma elas têm sido recebidas e interpretadas por eles; participantes brancos; não-participantes negros e brancos, tais como diretores ou presidentes de clubes onde o Baile do Carmo é realizado, além de integrantes do poder público e lideranças do movimento negro e de ONGs. Busquei, a partir dessa diversidade¹¹ de entrevistados, compreender as variadas visões e perspectivas sobre o Baile.

As falas dos entrevistados são representações da realidade recriadas por eles continuamente por estarem em contato com os significados e símbolos presentes na sociedade da qual fazem parte, pois “é através de sua atividade e relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói” (JOVCHELOVITCH, 1995, p.78).

A diversidade de entrevistados se justifica porque cada pessoa traz suas lembranças e perspectivas sobre o evento. Quando falam do Baile do passado estão interpretando-o à luz do presente, ou seja, esse passado é sempre reconstruído, reinventado diante da realidade atual. As lembranças estão sempre referenciadas a uma realidade social e não se limitam à nossa vivência, por exemplo, muitos foram os entrevistados que relataram lembranças que não eram

¹¹ Vale mencionar que alguns grupos tiveram uma dimensão maior na pesquisa em detrimento de outros, ou seja, a amostra contempla pessoas mais de um grupo previamente definido do que de outro. Isso ocorreu devido às dificuldades durante a seleção, contato e agendamento dos entrevistados.

suas, mas emprestadas das histórias ouvidas dos pais, avós, dos livros e de onde estamos constantemente aprendendo (HALBWACHS, 1990).

Foi possível encontrar algumas coincidências sobre o Baile do Carmo nas falas de jovens e idosos, principalmente quando esses jovens tinham uma referência importante em suas famílias e quando era pedido a eles que apresentassem suas visões sobre a origem do Baile. Antes de entender essas coincidências como prova de que não haveria mudanças no evento, entendo-as como prova da existência de uma memória coletiva sobre o assunto e afirmo a existência de mudanças descritas por ambos os grupos.

As lembranças dos entrevistados podem ser analisadas como componentes para a construção de identidade, pois quando as pessoas lembram-se de algo, quando vasculham sua memória e selecionam suas lembranças elas produzem sentido a sua própria vida. Segundo Alberti (2004, p.52) “[...] ao contar sua história a outrem, o entrevistado estará elaborando o passado e fazendo descobertas sobre si mesmo.” Ou como afirma Pollak (1992, p.5) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.” Portanto, faz todo sentido trabalhar com os relatos orais produzidos pelos sujeitos nessa pesquisa, desde que eles sejam também entendidos como construções e interpretações desses sujeitos, pois nem a identidade, nem a memória “são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p.5).

Apresento a seguir as pessoas entrevistadas¹²:

2002 a 2004

1. Adão José Feliciano, 74 anos, negro, funcionário público federal aposentado.
2. Anésia Moreira Geraldo, 76 anos, negra, costureira aposentada, participa todos os anos do Baile do Carmo.
3. Ângela Maria dos Santos, 56 anos, negra, secretária.
4. Arlinda Galdino Antonio, negra, mais conhecida como Dona Lina, dona de casa, falecida em 2004 aos 91 anos.
5. Berenice Zulmira Antonio, 58 anos, negra, dona de casa.

¹² Faço uso aqui também de entrevistas realizadas durante a pesquisa de mestrado entre 2002 a 2004 com 20 pessoas de idade entre 45 a 91 anos e por mim consideradas negras. Por esta razão, todos serão identificados como negros pelo olhar da pesquisadora e pela maneira como se colocavam durante a entrevista. Para a pesquisa de doutorado realizei entrevistas com mais 35 pessoas por mim consideradas negras e brancas de idade entre 19 a 76 anos. Neste momento solicitei que os entrevistados se auto-classificassem com relação a sua raça/cor. A grande maioria se classificou como negros e brancos, e serão identificados tal como se classificaram. Ao apresentar seus depoimentos pela primeira vez os entrevistados serão identificados por seus nomes, idades raça/cor e profissão, nas vezes seguintes não será mencionada a profissão.

6. Daniel Amadeu Martins Filho, 54 anos, negra, promotor de eventos e atual organizador do Baile do Carmo.
7. Diva Antonio, 74 anos, negra, dona de casa.
8. Estela Maria Veríssimo, 62 anos, negra, professora e cabeleireira;
9. Geraldo David, 79 anos, negro, marceneiro, um dos diretores da Academia A. do Samba, antiga associação organizadora do “Baile”.
10. Ivete Gonçalves de Almeida Catalani, 65 anos, negra, cabeleireira, participou da organização do evento.
11. José Francisco Toledo, 45 anos, negro, professor, apoiou o evento.
12. José Milton Graciano de Oliveira, 77 anos, negro, funcionário público aposentado.
13. Judith da Conceição Aranha de Oliveira, 75 anos, negra, professora aposentada.
14. Liberalina da Silva, 82 anos, negra, cabeleireira moradora de Barretos, uma das mais antigas participantes do “Baile”.
15. Maria do Carmo Santos David, 73, negra, dona de casa, participou da Academia A. do Samba.
16. Nair Damázio Claudino, 87 anos, negra, dona de casa.
17. Pedro Pollis, 65 anos, militar aposentado, branco, músico, nunca participou do evento.
18. Pércio Damázio, 81 anos, negro, ferroviário aposentado, participou da diretoria da Sociedade Cruzeiro do Sul
19. Zenite do Carmo Araújo, 85 anos, negra, costureira.
20. Zuleika da Silva Feliciano, 74 anos, negra, atendente de enfermagem.

2007 a 2009

1. Aline Cristina Benedito, 22 anos, negra, estudante, participa do evento.
2. Benedito Rosendo de Pádua Camargo, 68 anos, negro, funcionário público municipal aposentado já participou do evento.
3. Carlos Alberto do Nascimento, 43 anos, negro, vereador, nunca participou da noite de gala do Baile do Carmo.
4. Célia Abi Rached, 60 anos, branca, comerciante, nunca participou do evento. Também participaram da entrevista por alguns minutos, Renato, 60 anos e Najla, 58 anos, cunhado e irmã da entrevistada. Os dois se consideraram brancos e são comerciantes.
5. Diego Garrido Morales da Silva, 25 anos, branco, balconista, já participou da noite de gala e de outros dias do evento.

6. Doralice de Jesus Souza, 22 anos, vendedora, foi musa do Baile do Carmo em 2005.
7. Edna Sandra Martins, 41 anos, negra, vereadora por duas legislaturas de 2001 a 2008, já participou do evento em seus diversos dias.
8. Edson Antonio da Silva, 44 anos, branco, prefeito de Araraquara em dois mandatos de 01/01/2001 a 31/12/2008, já participou do evento em seus diversos dias.
9. Fátima Regina de Avelino, 47 anos, negra, comerciária, participa da organização do evento.
10. Fernando Caires, 35 anos, branco, gerente de loja, nunca participou do Baile do Carmo, mas apóia o Desfile Show de Modas.
11. Flaviana dos Santos, 29 anos, negra, gerente de hotel, participou da organização do evento.
12. Florisvaldo Catellani, 65 anos, branco, bancário aposentado, presidente do Clube 22 de Agosto (2007-2010), já participou do evento.
13. Francisco Geraldo Castro, 64 anos, branco, presidente do Clube Araraquarense biênio 2007-2009, participou do evento.
14. Francisco Luis Salvador, 59 anos, negro, jornalista, participa do Baile e tem atuado na organização de sua noite de abertura.
15. João Paulo Clemente Júnior, 19 anos, negro, estudante universitário, participa do evento juntamente com sua família.
16. José Carlos Servino, 59 anos, negro, músico, participa do evento.
17. José Roberto Cardoso, 61 anos, branco, ex-vereador, um dos apoiadores do evento.
18. José Welington Pinto, 75 anos, branco, advogado, ex-vereador, escreveu matéria no jornal sobre o Baile do Carmo, mas nunca participou do evento.
19. Laurentino Monteiro Filho, 53 anos, branco, artista plástico, ex-secretário de Cultura de Araraquara, nunca participou do evento.
20. Lázara Salvador, 76, negra, inspetora de alunos aposentada, participou do evento.
21. Leontina Lopes da Silva, 57 anos, morena clara, gerente de hotel, nunca participou do evento.
22. Lorhaine Kariny Lourenço, 20 anos, negra, estudante universitária, ainda não participou da noite de gala, mas participa dos outros dias do evento.
23. Márcia Tânia Alves, 43 anos, negra, historiadora, atuou na organização do evento a partir do Centro Afro.
24. Margarete de Queiroz Cardoso Fernandes, 45 anos, branca, recepcionista de hotel, nunca

participou do evento.

25. Maria Aparecida Alves, 62 anos, negra, professora, participa de todos os dias do evento.
26. Maria Aparecida Bernal, 52 anos, negra, cabeleireira, já participou do evento.
27. Maria Helena Emídio Antonio, 55 anos, negra, dona de casa, nunca participou do evento.
28. Maria José Abi Rached Moraes, 65 anos, branca, comerciante, nunca participou do evento.
29. Pamela Cristina Carlos, 25 anos, negra, farmacêutica, nunca participou da noite de gala do Baile do Carmo.
30. Paulo José Rodrigues Corrêa, 27 anos, negro, porteiro, atuou na organização do evento.
31. Regina Aparecida Oliveira, 47 anos, negra, professora, já participou do evento.
32. Roseli do Carmo Gustavo, 38 anos, negra, jogadora de basquete, já participou do evento.
33. Solange Emídio Antonio, 38 anos, negra, participa do evento.
34. Valéria Cristina Oliveira Alves, 43 anos, negra, química, presidente ONG Fonte, participa do evento.
35. Waldemar de Santi, 78 anos, branco, comerciante, prefeito de 01/02/1977 a 31/01/1983 e 01/01/1997 a 31/12/2000, já participou do evento.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: a parte 2 - **Fragmentos de uma história não contada: a memória dos memorialistas e a invisibilização dos negros** apresenta um capítulo mais histórico que buscou contextualizar a idéia que perpassa toda a tese: a invisibilização da população negra, ou o que chamarei de **visibilidade invisível**. Nessa parte discuto os dados sobre a história de Araraquara a fim de enfatizar a invisibilização da população negra na história oficial ao mesmo tempo em que demonstro a presença dessa população em diversas esferas de atividades.

A parte 3 – **A festa como fator de organização da população negra** apresenta algumas considerações sobre as festas no Brasil desde o período escravista, deslocando a discussão para a compreensão dos significados da Festa do Carmo em sua relação com a população negra e com o Baile do Carmo. O objetivo é entender a festa como uma estratégia válida de mobilização da população negra. A parte 4 – **O Baile do Carmo, seus ritmos e eventos: rompendo com a visibilidade invisível** busca quebrar a **visibilidade invisível** trazendo não apenas uma descrição, mas também uma análise de quatro diferentes atrações presentes nas Festividades do Baile do Carmo, o baile de gala, o desfile show de modas, a abertura cultural e o futebol. A parte 5 – **Entendendo como o Baile do Carmo se tornou**

uma tradição busca discutir como o Baile do Carmo foi se tornando uma tradição negra em Araraquara relacionando-o às estratégias do movimento negro e das políticas raciais. O objetivo desse estudo é compreender como o Baile, atualmente, tem sido pauta de discussão de organizações públicas ou privadas do movimento negro que se atentam para a sua dimensão política. Na parte 6 – **Diversas maneiras de ser negro** apresento a maneira como os sujeitos da pesquisa entendem suas próprias identidades e suas relações com o Baile do Carmo.

2 FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA: A MEMÓRIA DOS MEMORIALISTAS E A INVISIBILIZAÇÃO DOS NEGROS

Araraquara, como muitas cidades do Oeste Paulista, era considerada um sertão distante dos outros centros povoados no início do século XIX e, inicialmente, possuía uma economia de subsistência (CORRÊA, 1967; TELAROLLI, 2003; COSTA, 2001). No final do século XIX vivenciou um surto de crescimento e urbanização com a expansão cafeeira impulsionada pela chegada da ferrovia (PACHECO, 1988). Tal como as outras cidades da região contou com a mão-de-obra escrava para seu desenvolvimento e também com o trabalho dos imigrantes.

Muitas vezes tenho a impressão, pela forma como a história araraquarense é apresentada aos cidadãos, que não houve escravidão na cidade ou que ela não tenha sido parte integrante no seu desenvolvimento, ou seja, todo o trabalho na produção cafeeira, canavieira e nos demais ciclos produtivos parece ter sido realizado apenas por fazendeiros e sesmeiros que se aventuravam em viver em uma região tão isolada, ou pelos imigrantes que aqui chegaram no final do século XIX.

Se nos atentarmos aos dados podemos notar que o número de escravos sempre foi significativo na cidade, mesmo antes de ser elevada à freguesia em 1817. Digo significativo para os padrões econômicos da época, ou seja, Araraquara inicialmente tinha uma economia baseada na produção de mercadorias para o consumo interno, uma região isolada responsável por abastecer as tropas que passavam pelo local com destino às minas de Goiás e Cuiabá (CORRÊA, 1967). Mesmo sendo uma região com essas características no início do século XIX já contava com mais de 15% de escravizados em sua população total. Segundo Telarolli (2003), “desde o início, mesmo antes da criação da freguesia de São Bento de Araraquara, em 1817, alguns moradores já possuíam escravos a seu serviço” (TELAROLLI, 2003, p.31). Porém, o autor também afirma que “um negro escravo custava um alto valor e no começo os moradores não tinham recursos para a aquisição” (TELAROLLI, 2003, p.49). Como devemos analisar então os dados apresentados na estatística de 1811 apontando uma população de 82 moradores, dentre eles 12 escravos? Em 1817 de 303 moradores, 54 eram escravos.

É consenso que a mão-de-obra escrava é trazida em maior quantidade para o Oeste Paulista em meados do século XIX, no surto da produção cafeeira, coincidindo com a decadência das regiões açucareiras no nordeste e com a expansão do café pelo Estado de São Paulo. No entanto, segundo Versiani (2007), a maioria dos escravos pertencentes a

cafeicultores “fazia parte de plantéis de até vinte cativos, uma indicação de que produtores de pequeno porte tinham peso relevante nessa atividade no período” (VERSIANI, 2007, p.178). Pequenos produtores já existiam em Araraquara antes mesmo da chegada do café e eles possuíam poucos escravos que juntamente com agregados e familiares atuavam na produção de cana-de-açúcar, cereais, fumo, algodão e criação de animais.

O Álbum de Araraquara de 1915, organizado por Antonio M. França não traz informações sobre a escravidão na cidade. Há nele apenas menção sobre o número de escravos em estatística relativa ao número de habitantes em Araraquara em 1874, dividida entre livres e escravos (FRANÇA, 1915, p.XVIII). A intenção do álbum é contar a história da cidade desde seus primeiros registros até 1915. No entanto, a maior parte do álbum revela as glórias e as conquistas de ilustres fazendeiros, e suas fotografias são apresentadas juntamente com uma pequena biografia, fotografias das fazendas e anúncios publicitários. A história apresentada no álbum não registra a vida dos escravizados em Araraquara e esse fato pode ser analisado investigando-se quem seriam seus organizadores ou patrocinadores, e no caso citado o álbum é organizado sob os auspícios da Câmara Municipal de Araraquara composta pela elite econômica da época, fazendeiros e comerciantes. Portanto, a história traria o ponto de vista da elite política e econômica da época e esse ponto de vista ficaria claro no texto¹³ endereçado aos editores e impresso nas primeiras páginas do referido álbum¹⁴.

Carta aos editores

Pedem V.^{as} S.^{as} a minha impressão respeito á obra ALBUM DE ARARAQUARA. Posso, e com prazer o faço, declarar que essa impressão é ecelente [sic]. Tem passado a provérbio que somos um paiz desconhecido – e desconhecido, sobretudo, de nós mesmos. É natural que procuremos corrigir-nos desse defeito, e que acabemos por interessar-nos mais pelas nossas cousas [sic]do que pelos interesses alheios. Temos o gosto algum tanto roceiro de preocupar-nos demais com a vida de outrem, e pouquíssimo, descuidadamente da nossa. Entretanto, a nossa terra e a nossa vida não são assim desinteressantes, sobretudo para nós. Cuidaremos delas que vale a pena.

O ALBUM DE ARARAQUARA é uma pequenina, modesta contribuição para essa vasta obra necessária e urgente[sic]. Representa [sic] um esforço merecedor dos melhores louvores, e digno de imitação. Ainda não há muito, a Câmara de Santos levava a cabo o recenseamento daquele município; agora, a de Araraquara proporciona, por meio deste Álbum, a organização e publicação de uma obra utilíssima de documentação histórica e estatística do desenvolvimento da sua cidade. Que esses ezemplos [sic], dados em pequenas tentativas izoladas [sic], por assim dizer individuaes [sic], proliferem: e afinal a nossa terra se habitará a conhecer-se a si mesma. Creio

¹³ O texto foi transcrito do original mantendo sua ortografia.

¹⁴ Vale destacar que o Álbum de Araraquara de 1915 é muito utilizado quando o assunto é a pesquisa sobre a história de Araraquara.

que melhor conhecendo no seu passado e no seu presente [sic], no que foi e no que se tem feito, melhor a amaremos.

Não tenho sinão aplauzos [sic] para a tentativa feliz que o ALBUM DE ARARAQUARA representa [sic]: essa tentativa, louvável na concepção, realizou-se com ecelente [sic] sucesso. Lendo-se o consciencioso e interessante apanhado histórico com que abre a obra, e vendo-se depois, em tantos dados de que é farto o livro, a documentação do que se fez em pouco mais de um século desse vago sertão de Araraquara ao qual, ainda em 1788, se referia o celebre Lacerda e Almeida, tem-se espontaneamente uma impressão consoladora de confiança... No futuro? Em nós mesmos.

As obras como essa valem por pequenas mas [sic] eloqüentes lições de civismo. Ensinam-nos o conhecimento útil da nossa terra. Conheçamol-a [sic], ganharemos com isso o dar-lhes o amor e a estima que ela merece.

Vicente de Carvalho

São Paulo, 5 de março de 1915.

Nesse prefácio, Vicente de Carvalho parabeniza a realização do *Álbum de Araraquara* de 1915 e reforça a necessidade de conhecimento da história brasileira e da terra onde habitamos. A tônica do álbum é demonstrar as qualidades da cidade e seu desenvolvimento impulsionado por distintos fazendeiros e comerciantes. Para Carvalho, conhecendo o passado e o presente poderíamos melhor amar o lugar onde vivemos. No entanto, o passado e o presente deixam de fora a participação da população negra como escravizada e depois como trabalhadora livre, excluindo o período escravista em Araraquara e sua abolição. O passado narrado no álbum invisibiliza essa história.

Segundo Emília Viotti da Costa (1999), “a abolição resultara mais do desejo de livrar o país dos inconvenientes da escravidão do que de emancipar o escravo, as camadas sociais dominantes não se ocuparam do negro e da sua integração na sociedade de classes” (COSTA, 1999, p. 341). Tampouco se ocuparam de levantar e escrever sobre a situação do negro no período escravista e no pós-abolição.

Para José Murilo de Carvalho (1998) as batalhas históricas e os eventos em geral que envolvem conflitos são travados duas vezes, o evento em si e a versão histórica ou a memória sobre o evento. No caso da abolição da escravidão no Brasil vêem-se as batalhas acadêmicas e políticas por sua caracterização. Há uma luta constante pela construção histórica de ambas: escravidão e abolição (CARVALHO, 1998, p.64-6). Para o autor, dois debates se colocam na construção histórica da escravidão, um sobre sua natureza sociológica e como ela teria desaparecido e outro sobre o papel do escravo tanto na escravidão quanto na abolição. Carvalho (1998) afirma que a visão dominante sobre a escravidão até os anos de 1980 era a de que o trabalho escravo era improdutivo se comparado ao trabalho livre, pois a escravidão era

irracional porque se mantinha custeando os escravos mesmo quando não havia trabalho e criava obstáculos ao avanço tecnológico, principalmente, porque se enxergava os escravos como incapazes de operar máquinas. Por essa razão o fim da escravatura era inevitável, porém essa maneira de pensar não atribuía ao escravo qualquer iniciativa ou papel em sua libertação. (CARVALHO, 1998, p. 66)

Ainda conforme Carvalho (1998) pesquisas mais recentes sobre o período da escravatura tanto no Brasil, quanto nos EUA e no Caribe têm avaliado que a escravidão era lucrativa e que o desenvolvimento tecnológico não era impossível nesse sistema produtivo, pois havia escravos trabalhando em fábricas nos EUA. Também em Cuba os escravos estavam presentes nos engenhos centrais de grande complexidade. O autor não quer dizer que a sociedade industrial poderia ter se desenvolvido com base no trabalho escravo, mas que o trabalho na indústria não era inviável por causa do escravo, que este não seria um ser incapaz de manuseio de máquinas. Para o autor o fim da escravidão não se deveu apenas ao avanço da sociedade de mercado, mas foi um fenômeno político que dependeu de forças internas e externas (CARVALHO, 1998, 68-9).

Com relação ao papel do escravo, diferentemente da visão dominante que os via como incapazes de atuação, tornando a abolição uma luta dos brancos, os novos estudos

[...] têm demonstrado a constante iniciativa escrava. Os escravos não eram máquinas nem animais. Reagiam sistematicamente à situação em que se viam. Revoltas, fugas e assassinatos eram as ações mais espetaculares desta reação. Mas nem de longe eram as mais freqüentes e talvez nem mesmo as mais importantes. As condições de trabalho eram constantemente negociadas com os proprietários. [...] os dias de descanso, o pecúlio, as festas, mesmo o pagamento de pequeno salário, tudo era objeto de pressão escrava e de negociação com os donos (CARVALHO, 1998, p. 69).

É com essa visão de atuação do escravo que tenho trabalhado para pensar o período escravista em Araraquara. Há diversos relatos de violência promovidos por escravos no final do período escravista na cidade e no interior paulista, revelando o papel deles no processo de abolição e mesmo na escravidão. “Os fazendeiros assistiam à dissolução de todo o seu sistema de autoridade. Nunca a Província, ou o Estado de São Paulo esteve tão perto de uma revolução social” (MONSMA, 2006, p.03). Essa afirmação pode ser observada também no relato a seguir:

Lembro-me, por exemplo, de que seis negros picaram à enxada, na beira do rego d'água que estavam limpando numa fazenda no Chibarro, o seu feitor, que era genro do fazendeiro. Esse ambiente - digamos de guerra social - em 1888 estava já alastrado por toda a zona rural do município, principalmente incentivado por um certo Dr. Fonseca, baiano que foi enviado pelos

abolicionistas de São Paulo, para fazer propaganda de liberdade e até de violência, entre os escravos de Araraquara (CORRÊA, 1948, p.27).

Esse trecho supracitado faz parte do relato de um fazendeiro de Araraquara, Pio Lourenço Corrêa¹⁵, sobre a abolição da escravatura na cidade, e se insere em um texto que apresenta o negro como um ser de moral duvidosa, bronco, de atitudes selvagens, irracionais, apagando o contexto em que eles estavam inseridos. Esses atos de violência revelam-se no processo da abolição.

Outros trabalhos sobre a história da cidade de Araraquara, patrocinados pela Prefeitura ou Câmara Municipal no início do século XX, trazem poucas informações sobre a população escrava; não há referência aos seus nomes, idade, sexo ou naturalidade. Essa população aparece, quando muito, apenas como um número no quadro econômico da região, esporadicamente registrada nos álbuns do século XX que fazem referência à história de Araraquara no século XIX. Muitos desses trabalhos estão imbuídos dos preceitos e das teorias dominantes sobre a escravidão apontadas por Carvalho (1998) nas quais o escravo não teria um papel de destaque, não faria história.

Porém, há alguns trabalhos que podem nos oferecer mais informações sobre o período escravista em Araraquara, como o trabalho de Ana Maria M. Corrêa (1967). Segundo a autora, entre os anos de 1817 e 1835 existem registros de 1242 batismos, dentre eles 103 de escravos, e no mesmo período há registros de 135 casamentos entre escravos. Esses dados ressaltam a existência de um grande número de escravos na cidade e sua capacidade de negociação, e tal como sugere Carvalho (1998) essas informações também servem para nos esclarecer sobre a constituição de suas famílias. Esses números vão de encontro ao que afirma Emília Viotti da Costa: “a família monogâmica recomendada pelo cristianismo não chegava a estabelecer-se” (COSTA, 1999, p. 288).

Ainda será preciso muita pesquisa para reconstruir minuciosamente a história da população negra em Araraquara também no período escravista, e esse não é o objetivo central de meu trabalho, no entanto valho-me dele para fundamentar a visão de que essa população sempre esteve presente em Araraquara, embora ela tenha desaparecido das histórias escritas pelos memorialistas da época.

¹⁵ Nascido em 1875, vivenciou o período anterior e posterior à abolição. Faleceu em 1957. Era muito próximo de Mário de Andrade e foi um dos jurados que absolveu os assassinos dos Britos, crime comentado na cidade e fora dela. Proprietário da fazenda São Francisco e membro influente da elite araraquarense, Pio Lourenço Corrêa era um porta-voz de sua época, ao menos no que diz respeito à sua visão sobre os negros em Araraquara.

Considerando tudo o que escrevi até o momento, é possível destacar que as relações entre negros e brancos na cidade se iniciaram ainda com o incipiente povoamento da região a partir do século XIX. Esses brancos seriam, em um primeiro momento, brasileiros, e a partir do final do século XIX também imigrantes¹⁶.

Como tenho mencionado a região ainda não havia iniciado seu processo de desenvolvimento e urbanização, mas já contava com escravos, como foi possível observar na leitura do capítulo “Primeiros Habitantes”, de Alberto Lemos [(19?)] no qual o autor traz dados sobre a população de Araraquara registrados nos mapas gerais dos habitantes da freguesia e distritos de Piracicaba de 1809 a 1820 consecutivamente.

Nesses mapas ficava registrado o nome do chefe da família, seu estado civil, sua idade e o número de filhos e escravos que possuía. Em alguns anos temos o nome da esposa e filhos, em outros temos o nome da fazenda e apenas o número de escravos. Os mapas são anuais e possuem subtítulos modificados com o passar dos anos. Em 1809 temos o subtítulo “Pôrto Feliz”, que se refere a dois registros de habitantes em Araraquara. O primeiro habitante recenseado é Gabriel de Moraes Dutra, com 12 filhos e 1 escravo. Registra-se ainda o segundo, “Pedro José Neto, branco, casado, de 45 anos de idade, sua mulher Inácia Maria, de 40 anos, seus filhos José e Joaquim, de 18 e 12 anos, respectivamente, e o agregado Francisco de Paula, branco, solteiro, de 25 anos” (LEMOS, [19?], p. 97). Nota-se que não houve registro da cor do primeiro indivíduo, mas esse quesito é recorrente nas informações posteriores.

No mapa de 1810 consta o subtítulo “Habitantes em Araraquara – Fazenda do dr. José Inácio Ribeiro”. Segundo Lemos, “estão aí relacionados unicamente os nomes de quatro escravos, sinal de que o dono não residia na propriedade” (LEMOS [19?], p. 97). Os nomes dos escravos não são apresentados, mas é interessante notar que seriam eles os responsáveis pela administração da fazenda. Em vários anos essa informação aparece, ou seja, o nome do dono da fazenda e apenas a quantidade de escravos.

Segundo Ana Corrêa (1967), havia pouco interesse pelas terras no início do século XIX e alguns sesmeiros enviavam escravos para cuidar de suas propriedades. “O administrador da fazenda Alferes Manuel Joaquim era, em 1815, o escravo José Antonio. De Gertrudes da Silva e Sá, o escravo Fortunato. Do Alferes Antônio Soares, o escravo Francisco” (CORRÊA, 1967, p.34). Mesmo a terra não tendo muito valor para esses senhores, essa atitude mostra o papel do escravo na administração de terras e uma ambigüidade no

¹⁶ Ver mais sobre o assunto em MONSMA, Karl Martin. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no Oeste Paulista, 1888-1914. **História em Revista** (UFPel), Pelotas, RS, v. 10, n. Dezembro, p. 95-115, 2006. FAUSTO, Boris. **Negócios e ócios: história da imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

estabelecimento das relações entre senhor e escravo durante o período escravista. Como escravos poderiam ser administradores das terras de seus senhores, como eles seriam reconhecidos por isso?

Essa atitude pode não ser uma ambigüidade, mas uma forma de manter o próprio regime escravista, principalmente nas regiões onde o número de escravizados era reduzido. Segundo Versiani,

Na área rural, as propriedades que utilizavam poucos escravos tinham, no mais das vezes, produção diversificada, o que acarretava igualmente diversificação de tarefas por parte dos trabalhadores. Isso, aliado ao pouco vulto da produção, fazia com que os cativos muitas vezes trabalhassem individualmente ou em pequenos grupos, não raro longe das vistas do dono; e até mesmo, na ausência deste, administrando sozinhos a propriedade (VERSIANI, 2007, p.172).

Há registros de uma maior quantidade de escravos trazidos para Araraquara com a expansão cafeeira pelo Oeste Paulista após a proibição do tráfico negreiro em 1850. Essa expansão exigia muito mais mão-de-obra para um produto que impulsionaria o desenvolvimento e urbanização da região. A mão-de-obra escrava desse período foi adquirida das províncias no nordeste do país em um constante e intensificado tráfico interno de escravos. Segundo Bizelli

Na década de 50 do século XIX, a região em geral, e o município, em particular, destacam-se geoeconomicamente no quadro provincial, uma vez que conhecem o impacto do segundo ciclo de expansão cafeeira que acontece simultaneamente à proibição do tráfico negreiro. Portanto até a abolição receberá escravos migrantes – adquiridos em outras localidades brasileiras onde a economia agrícola tinha entrado em declínio – e imigrantes estrangeiros, que chegam em grande quantidade às fazendas, submetendo-se ao regime capitalista, principalmente sob a forma de colonato (BIZELLI, 1990, p.118-9).

No Álbum de Araraquara de 1915 há a estatística sobre a população em 1872 que registra 7.128 habitantes, dentre eles 5.711 livres e 1.417 escravos. No entanto, não há informações mais detalhadas sobre essa população, mas em artigo sobre a cidade, Luiz Flávio de Carvalho Costa (2001, p.115) registra informações sobre suas profissões no quadro 1 apresentado a seguir.

Tabela 2.1¹⁷

População em relação às profissões. Município de Araraquara – Província de São Paulo 1872. Paróquia: São Bento de Araraquara.

| Profissões | | População Livre | População Escrava | Total | |
|---|--------------------------------|----------------------|-------------------|-------|-----|
| Profissões Liberais | Juristas | Juízes | 3 | 0 | 3 |
| | | Advogados | 2 | 0 | 2 |
| | | Notários e Escrivães | 2 | 0 | 2 |
| | | Oficiais de Justiça | 1 | 0 | 1 |
| | Médicos | 1 | 0 | 1 | |
| | Farmacêuticos | 3 | 0 | 3 | |
| | Professores e homens de letras | 7 | 0 | 7 | |
| | Empregados públicos | 5 | 0 | 5 | |
| Militares | | 7 | 0 | 7 | |
| Comerciantes – Comerciantes, guarda-livros, caixeiros | | 44 | 0 | 44 | |
| Manufatureiras ou Mecânicas | Costureiras | | 179 | 52 | 231 |
| | Operários | Em metais | 14 | 3 | 17 |
| | | Em madeiras | 45 | 21 | 66 |
| | | Em tecidos | 167 | 29 | 196 |
| | | Em edificações | 14 | 5 | 19 |
| | | Em couros e peles | 2 | 1 | 3 |
| | | De vestuários | 8 | 3 | 11 |
| | | De calçados | 12 | 2 | 14 |
| Profissões Agrícolas | | 1.215 | 899 | 2.114 | |
| | Lavradores | | | | |
| | Criadores | 9 | 0 | 9 | |
| Pessoas assalariadas | Criados e jornaleiros | 679 | 104 | 783 | |
| Serviços domésticos | | 798 | 83 | 881 | |
| Sem profissão | | 2.494 | 215 | 2.709 | |
| Total | | 5.711 | 1.417 | 7.128 | |

Fonte: Recenseamento Geral do Império, 1872. Quadro construído com os dados preparados e organizados por Maria Silvia C. Beozzo Bassanezi e Gislaíne Aparecida Fonseca, São Paulo do passado: dados demográficos, 1872. III, Anexo 3/1. Campinas, Unicamp/ Nepo, 1998.

Essa tabela (COSTA, 2001, p.115) e os dados nela presentes não descrevem quem são os escravos, tampouco quem são os homens livres, se brancos, negros, pardos ou mulatos, visto que a categoria livre foi muito usada para designar tanto os escravizados negros quando alforriados, quanto os nascidos livres, negros ou mulatos, e os migrantes de outras províncias (LAMOUNIER, 2007; RUSSELL-WOOD, 2005). Portanto, essa informação se torna ambígua, principalmente se nos detivermos às profissões descritas abaixo da categoria comerciais, ou seja, manufatureiras ou mecânicas, profissões agrícolas, pessoas assalariadas, serviços domésticos e os sem profissão. Em todas essas categorias encontramos escravos desempenhando as mais diversas ocupações e é possível inferir que pudesse haver entre os livres, os negros ou mestiços, tanto pela indefinição da categoria utilizada quanto pela

¹⁷ COSTA, Luis Flávio de Carvalho. O caminho de São Bento de Araraquara. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Mauard/FAPERJ, 2001, p.111-30.

existência de alforrias nas fazendas da região (MESSIAS, 2003, p.77).

É importante ressaltar que a categoria sem profissão não significa ausência de trabalho, pois eles podiam ter “engajamento em atividades temporárias, em serviço irregular ou não permanentes” (LAMOUNIER, 2007, p. 367). Muitos desses indivíduos livres sem profissão atuaram na construção da ferrovia que precisou de muita mão-de-obra para o serviço pesado e sem qualificação. (LAMOUNIER, 2007; MESSIAS, 2003).

Pacheco (1988), em seu trabalho sobre a urbanização em São Carlos e Araraquara apresenta-nos diversas tabelas, entre elas temos a tabela 2.2 representando a população escrava em Araraquara e em São Carlos de 1874 a 1887, no auge da expansão cafeeira (PACHECO, 1988, p.38)¹⁸. A tabela 2.3 traz o número de estrangeiros existentes em Araraquara e São Carlos no período de 1886 a 1940 (PACHECO, 1988, p.79)¹⁹.

Tabela 2.2 - População escrava em Araraquara e São Carlos de 1874 a 1887

| | 1874 | 1883 | 1884 | 1885 | 1886 | 1887 |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| SÃO CARLOS | 1.568 | 3.465 | 3.774 | 3.773 | 2.982 | 3.726 |
| ARARAQUARA | 1.626 | 2.247 | 1.828 | 1.811 | 1.300 | 1.627 |

Tabela 2.3 - População de origem Estrangeira-Região de Araraquara e São Carlos
Valores absolutos e percentual sobre a população total: 1886-1940

| MUNICÍPIOS REGIÃO | 1886 | | 1920 | | 1940 | |
|------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|
| | POPULAÇÃO ESTRANGEIRA | % SOBRE POP. TOTAL | POPULAÇÃO ESTRANGEIRA | % SOBRE POP. TOTAL | POPULAÇÃO ESTRANGEIRA | % SOBRE POP. TOTAL |
| ARARAQUARA | 617 | 6,5 | 12.469 | 25,9 | 7.002 | 10,3 |
| SÃO CARLOS | 2.051 | 12,7 | 13.287 | 24,5 | 4.415 | 9,1 |
| TOTAL DA REGIÃO | 2.668 | 10,4 | 46.815 | 25,3 | 19.714 | 9,4 |
| TOTAL DO ESTADO | 36.825 | 3,0 | 829.851 | 18,1 | 761.991 | 10,6 |

¹⁸ PACHECO, Carlos Américo. **Café e cidades em São Paulo: um estudo de caso na região de Araraquara e São Carlos em 1880/1930**. 1998. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo.

¹⁹ Idem nota 18.

De acordo com as tabelas, em 1886 temos 617 imigrantes para 1300 escravos. Há relativamente mais escravos nesse período do que imigrantes. “O europeu não era a única fonte de trabalho livre disponível para os fazendeiros. Havia também em São Paulo disponibilidade de populações de negros livres, brancos e caboclos, em número que excediam a população escrava.” (ANDREWS, 1998, p.95). O que não havia em larga escala era a intenção de empregá-los e dar-lhes oportunidades após a abolição. Havia sim uma estratégia do estado em investir no trabalhador imigrante europeu em detrimento dos libertos. (ANDREWS, 1998, p.100)

Em Araraquara a situação não seria diferente, no entanto, restaria saber para onde foram os ex-escravizados após a abolição, eles conseguiram se estabelecer em Araraquara mesmo marginalizados pela chegada dos imigrantes? É preciso ter em mente que o fim do trabalho escravo não ocorreu apenas devido à assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888. A emancipação do escravo foi um processo longo permeado por lutas de ambos os lados, porém, em Araraquara como em vários outros lugares do Brasil existiam trabalhadores livres antes da abolição, escravos que conquistaram sua liberdade ou eram alforriados pelos fazendeiros desesperados para manterem a produção diante da iminente abolição. “Mesmo antes da emancipação, o trabalho assalariado livre não era uma completa anomalia nas fazendas de café de São Paulo” (ANDREWS, 1998, p. 94). Segundo Messias (2003, p.77), as regiões de Araraquara e São Carlos, a partir da expansão cafeeira, empregavam a mão-de-obra escrava e também a nacional livre. Mesmo antes da abolição alguns fazendeiros dessas regiões já se valiam da mão-de-obra de negros libertos, como menciona a autora ao analisar o “Livro de administração de fazenda (1883-1888)” pertencente ao Dr. Antônio Joaquim de Carvalho, fazendeiro de Araraquara.

Em janeiro de 1888, o Dr. Carvalho passou a contratar negros libertos da região: Jacinto Liberto, Benedito Liberto, Frederico Liberto. Isabel Liberta foi contratada a 14 de janeiro de 1888 para serviços de copeira, com salário semanal de 15\$000. Ao todo o Dr. Carvalho contratou mais de doze libertos a partir de janeiro de 1888, antes da abolição da escravidão (MESSIAS, 2003, p.168).

O ex-escravo, agora liberto, continuou participando da economia local. Essa participação pode ser vista como tímida, incipiente, com a realização de trabalhos mal remunerados, ainda típicos do período escravista, uma vez que muitos deles recebiam suas alforrias, mas permaneciam trabalhando para os fazendeiros.

Essa situação vai de encontro ao que escreve Pio Lourenço Corrêa em 1948 sobre a Abolição dos negros em Araraquara. Segundo Pio Corrêa, renomado membro da sociedade

araraquarense, “seguiu-se à Lei Áurea, o agudo da crise social. O negro, depois que “nós fiquêmo tudo iguá”, não queria mais trabalhar! Pois, si era igual ao ex-senhor! [...] Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava” (CORRÊA, 1948, p. 27). Esse texto representa o pensamento da elite araraquarense da época, pois ele é recorrentemente publicado e mencionado quando o assunto é a abolição em Araraquara.

Essa visão depreciativa dos negros e libertos não era específica de Pio Corrêa ou de Araraquara, ela se pautava nas doutrinas do racismo científico do final do século XIX, que afirmavam a superioridade da raça branca, a inferioridade inata e permanente das raças não brancas e a degeneração dos povos mestiços (GUIMARÃES, 1999a; SCHWARCZ, 1987; SKIDMORE, 1993). Uma vez eliminada a escravidão esse novo arcabouço teórico era utilizado para se legitimar o poder das elites e as desigualdades sociais e raciais no Brasil. A valorização do imigrante em detrimento do negro e a forma como a história da escravidão, abolição e do próprio negro têm sido descritas atuam na manutenção dessas desigualdades entre negros e brancos no Brasil.

2.1 O contexto urbano e a população negra no início do século XX

A Araraquara do início do século XX tornou-se próspera graças ao café e a chegada da ferrovia que trouxe um novo panorama de desenvolvimento econômico e social colocando a cidade em contato com as outras regiões do Estado (CORRÊA, 1967, p. 208). Várias medidas foram realizadas como a abertura de ruas para facilitar o acesso à estação ferroviária, calçamento, distribuição de água, esgoto, limpeza pública, energia elétrica e diversão para a população. Araraquara não estava mais perdida no meio do sertão, estava se enfileirando junto às demais regiões em desenvolvimento.

Já em 1909 a cidade havia mudado de aspecto [...] A preocupação pela melhoria do aspecto da cidade foi sentida pelos seus dirigentes procurando incentivar os particulares, chamando-os a colaborar com o poder público. Uma cidade bela seria uma demonstração de riqueza, prosperidade e civilização (CORRÊA, 1967, p. 315).

Imagem 2.1.1



Rua Nove de Julho em 1908

Segundo Luiz Flávio de Carvalho Costa (2002a), a imagem acima mostra a cidade em 1908, já com iluminação pública, serviço de correio e telefonia, lojas e outras benfeitorias. Essa modernização de Araraquara apontada por Costa (2002a) e Ana Corrêa (1967) acompanhava uma tendência encontrada em cidades como Rio de Janeiro, Santos e São Paulo, que inspiradas nas reformas francesas, procuravam reformular o centro da cidade, no entanto, empurravam negros e pobres que habitavam essa região para locais mais periféricos. (SODRÉ, 1988). Segundo Souza (2007), os senhores de café do Oeste paulista, procuravam promover seus negócios no campo e também buscavam civilizar as cidades, garantindo um “padrão de civilização e de moralidade condizente com seus valores culturais” (SOUZA, 2007, p.74).

Regina Martins (1996) em suas entrevistas com mulheres e homens italianos e seus descendentes que viveram em Araraquara na primeira metade do século XX pesquisou a convivência entre italianos e negros e questionou a hipótese de casamento entre esses dois grupos. Segundo a pesquisadora a resposta comum dos entrevistados era: “Deus me livre!!!” (MARTINS, 1996, p. 306). Vale reproduzir o depoimento de duas senhoras, provavelmente descendentes de italianos, e suas percepções em relação à população negra.

[D. Itália]: Naquele tempo, eu me lembro que a gente quase não via preto aqui em Araraquara, tinha poucos pretos, e me parece que eles não andavam na calçada, eles andavam no meio da rua, era difícil a gente até tinha medo quando via preto, era difícil, a gente tinha medo de preto.

[D. Amélia]: Ah! Muito preconceito tinha do preto, muito! Brasileiro não! Mas do preto [...] era a parte (MARTINS, 1996, p. 309).

Essas senhoras habitavam e andavam pelo centro da cidade, visto que os imigrantes italianos no início do século XX já atuavam no comércio local²⁰ (TELAROLLI, 2003, p. 140).

Monsma (2004) analisou diversos relatos de conflitos entre negros e imigrantes no Oeste Paulista, registrados em processos criminais do século XIX e XX. Muitos desses conflitos violentos ocorriam em situações de sociabilidade e interação amigável entre os dois grupos nas fazendas, ou seja, podiam se iniciar em situações cotidianas, encontros aleatórios, em festas e bailes. Por exemplo, há o caso de um negro e um imigrante em uma festa da igreja Matriz em São Carlos. O imigrante embriagado esbarrou no negro que o segurou pelo braço para ajudá-lo, provavelmente para que não caísse, no entanto, o imigrante se indignou com a atitude do negro e provocou uma discussão (MONSMA, 2004, p.96). Situações de conflito também podiam acontecer entre conhecidos e amigos, “para negros [...] aconselhar amigos ou conhecidos europeus podia ser arriscado” (MONSMA, 2004, p.95-6). A maior parte dos conflitos violentos entre negros e imigrantes envolvia disputas sobre quem mandava e quem obedecia.

Como já mencionado nesse texto, alguns escravos eram administradores de fazendas nos primórdios da formação de Araraquara e segundo Monsma (2004) após a abolição havia negros em postos de comando no Oeste paulista.

[...] Alguns podem ser administradores de pequenas fazendas ou feitores de turmas de negros, mas os processos criminais deixam claro que havia negros que mandavam em colonos e camaradas europeus. Pelo menos um era administrador de uma fazenda grande, e estava dirigindo uma turma de colonos italianos e brasileiros na manutenção de uma estrada quando brigou com o administrador branco de outra fazenda. Provavelmente custou aos europeus aceitar a autoridade de negros (MONSMA, 2004, p.106).

A relação era tensa²¹ e em muitos casos o negro buscava afirmar sua igualdade e os imigrantes sua superioridade, e esses já estavam mais habituados ao trato dispensado aos

²⁰ Segundo Telarolli em 1902, “a via mais habitada era a 2, a rua do Comércio, onde à frente ficava o salão comercial e ao fundo os cômodos da residência. Eram 124 casas, em que habitavam 623 pessoas, um número muito maior de estrangeiros e filhos (487) do que a média da cidade. Os nacionais eram 136. Isso indica que o comércio era dominado por estrangeiros.” (TELAROLLI, 2003, p.141).

²¹ Ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites no século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

negros pelos brancos brasileiros no pós-abolição, ou seja, também os tratavam como seres racialmente inferiores.

Para Andrews (1998), o trabalhador negro estava em condições de competir com os europeus, tanto nas lavouras de café, as quais eles conheciam muito melhor, quanto nos empregos no meio urbano, uma vez que os imigrantes que aqui chegavam não tinham experiência industrial ou urbana anterior, pois a maioria esmagadora vinha de áreas rurais do sul da Europa (ANDREWS, 1998, p.123). Essa afirmação se contrapõe ao argumento de Florestan Fernandes de que a substituição dos negros pelos brancos imigrantes se deu porque os primeiros seriam despreparados para ocupar posição no mercado de trabalho assalariado e incapazes de trabalhar nas indústrias. Porém, boa parte da mão-de-obra fabril no início do século XX aprendia o ofício na própria fábrica o que torna qualquer experiência anterior irrelevante e de acordo com Andrews (1998) “brasileiros, africanos e europeus pareciam todos igualmente capazes de dominar as operações básicas do trabalho na fábrica” (ANDREWS, 1998, p.123).

Conforme já discutido a partir de referência ao trabalho de José Murilo de Carvalho (1998), as desigualdades entre os dois grupos foram criadas pelos inúmeros incentivos do Estado para a imigração, responsável pelo aumento de muita mão-de-obra imigrante barata no mercado. Para sobreviver, os imigrantes colocavam seus filhos e mulheres para trabalhar, comportamento não adotado por muitos trabalhadores negros que após a abolição afastavam suas mulheres e crianças do trabalho assalariado, principalmente dos trabalhos domésticos. Os negros procuravam construir novos arranjos de trabalho e muitas vezes não eram aceitos pelos fazendeiros, devido à sua preferência pelos trabalhadores imigrantes. No entanto, há registros, nessa época, da permanência de muitos negros trabalhando em fazendas, recebendo salários e procurando organizar suas vidas.

Na Araraquara da primeira metade do século XX, o bairro do Carmo e a Vila Xavier eram regiões periféricas²², pouco habitadas e pouco valorizadas, o que propiciou e facilitou a fixação de famílias negras nessas regiões. O bairro do Carmo, no início do século XX, era uma região muito grande e segundo a Coordenadoria de Habitação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano incluía os atuais bairros do São José e Santana (COSTA, 2004, p. 06). Era considerada uma região afastada do centro, já que a região central correspondia a poucas ruas e avenidas surgidas a partir da igreja Matriz.

²² Há mapas da cidade nos Anexos C, D, F, E e G, p. 222-6.

Segundo alguns depoentes, ainda em meados do mesmo século, a distância do centro da cidade teria facilitado o acesso a terra para muitas famílias negras que acabaram se fixando na região do Carmo, um lugar sem pavimentação e onde era possível ver a passagem de boiadas e cavaleiros.

[...] então ali era a região ... primeiro de moradia de pessoas até que trabalhavam na ... zona rural, tal e ... outros. Então começou a urbanizar pra cá, mas até então essa coisa aqui [Carmo] era periferia brava, é ... periferia brava. O cemitério não era aqui, era um matagal enorme. Isso tudo é contado quando a minha mãe veio pra cá [no início do século XX], e lá ... o cemitério era na praça Pedro de Toledo que também era mato e, essas terras como eram uma zona perigosa, digamos assim, custava bem baratinho o que dava acesso ao negro (Estela, 62 anos, professora).

Corria o berrante todo mundo entrava pra dentro, e fechava as portas, as janelas, também, porque era uma poeira. Nossa Senhora! E, às vezes, tinha alguma vaca meio brava lá ... (Ivete, 65 anos, cabeleireira).

Aqui existia a minha casa, a casa da minha irmã que era a casa do meu avô, a outra casa de lá que era a casa da minha tia e o resto era tudo mato, era tudo mato, rua sem calçar (Sra.Zenite, 85 anos, costureira aposentada).

O Carmo era um bairro predominantemente negro, assim como era a região mais distante do centro da cidade, região habitada mais distante do centro da cidade, assim como a Vila Xavier. Araraquara foi fundada em torno da capela de São Bento, é de se imaginar que tinha negros nos arredores, a cidade vai crescendo e a urbanização vai tomando, até pelo poder aquisitivo o negro ia se afastando [...] porque não conseguia facear os impostos. (Francisco Luiz, 59 anos, negro, jornalista).

Esses depoentes disseram que o bairro do Carmo tinha um trânsito de ônibus vindos de fazendas e pequenas localidades próximas à Araraquara. A praça da igreja era o ponto de parada desses ônibus responsáveis por movimentar e propiciar o desenvolvimento da região com um comércio voltado para atender essa população que não se deslocava para o centro da cidade. Havia na Avenida Sete de Setembro, avenida principal do bairro do Carmo, beneficiadoras de arroz, pequenas lojas de calçados, tecidos, roupas, mercadinhos de secos e molhados e de ferramentas. Na avenida existiu um cinema construído na década de 1950, o Cine Coral, cujo funcionamento seguiu até a década de 1980. (TENÓRIO, 2005, p.55).

E, ali quando chegava na igreja do Carmo, ali tinha uma porteira que era dos Braga o resto era tudo chácara, sítio (Sr. Geraldo, 79 anos, negro, aposentado).

O Sr. Geraldo relata a existência de chácaras e sítios na região do Carmo na primeira metade do século XX. Desse modo, o bairro do Carmo era uma região limítrofe entre urbano

e rural, principalmente quando observamos um mapa²³ da cidade de Araraquara em 1936, que mostra como o bairro era realmente pouco habitado, praticamente composto por chácaras. Essa característica constitui um traço importante para pensarmos a existência e o sucesso da Festa do Carmo, pois o bairro possibilitou a união de elementos religiosos e festivos do rural a elementos profanos e comerciais do urbano.

A Vila Xavier, região de Araraquara situada a leste da igreja Matriz e do outro lado da linha férrea, no começo do mesmo século contava com características parecidas com as do Carmo: “pelos lados onde já existia a capelinha em louvor a Nossa Senhora do Carmo, da Vila Xavier, do São Geraldo, do São José, havia casas esparsas em chácaras por onde se chegava por caminhos estreitos” (TELAROLLI, 2003, p. 139). Ambas eram regiões periféricas da cidade de Araraquara, ligadas muitas vezes à vida rural. Em especial, a Vila Xavier contava com um grande número de ferroviários (operários braçais ou de baixo escalão) morando em casas construídas pela Companhia Paulista, e dentre eles havia um grande número de ferroviários negros. (TENÓRIO, 2005).

Nos anos 30 do século XX, a fábrica Dianda Lopez se instala na Vila Xavier para a produção de óleo de caroço de algodão, porém a região continua pobre e pouco habitada. Segundo Bizelli (1990) e Pacheco (1988), a produção de algodão e a de cana-de-açúcar concomitante à produção de café ajudou a diminuir os efeitos, em Araraquara, do colapso da cafeicultura nos idos de 1930.

Em Araraquara o algodão e a cana-de-açúcar assegurariam duas formas de arrefecer os efeitos da crise e reorganizar a agricultura local. Passados menos de seis anos, estas culturas disputariam com o café a condição de primeiro produto agrícola do município. Mais que isso, permitiriam uma rearticulação das atividades urbanas, não apenas pelos seus efeitos indiretos, mas pela organização da agroindústria de óleos vegetais e pelo incremento da atividade das usinas (PACHECO, 1988, p.19).

²³ O mapa citado está no Arquivo Público Municipal “Rodolpho Telarolli” e foi elaborado a partir de fotografias aéreas de Araraquara. Ele encontra-se parcialmente reproduzido no Anexo E, p.224.

Imagem 2.1.2



Sr. Pércio na colheita de algodão. Arquivo pessoal.

O Sr. Pércio, nascido em 1928, presente na imagem 2.1.2 (no centro) ainda criança, e sua irmã a Sra. Nair, em depoimento sobre esse período da história da cidade, disseram que desde muito jovens trabalharam na colheita de algodão, juntamente com outras famílias negras. Segundo a Sra. Nair, sua mãe já programava o destino do dinheiro recebido após a colheita.

O que nós vamos comprar esse ano, mamãe dizia: esse ano com a colheita de algodão nós vamos comprar colchão para as camas, porque as camas estão sem colchão. Esse ano nós vamos comprar cadeira, porque as cadeiras estão quebradas. Então, todo ano a gente ia. Passou carnaval a gente já ia. E, era muito bom. O dono da roça vinha pegar a gente com um caminhão, a gente trancava a casa aqui, ia e ficava lá e em cada quinze dias minha mãe vinha olhava como que estava a coisa, comprava alguma coisa pra nós comer lá. E era assim foi muito bom (Sra. Nair, 87 anos, dona de casa).

Diferentemente da visão de Pio Lourenço Corrêa (1948), a população negra do início do século XX não abandonou o trabalho; ela convivia com a escassez de oportunidades, com a competição por emprego juntamente com os imigrantes e com a discriminação por parte da elite araraquarense. Apesar das inúmeras dificuldades uma parte dessa população negra conseguiu se destacar trabalhando na ferrovia, em empregos públicos modestos, mas que

colaboraram para a ascensão econômica de muitas famílias negras. Segundo Ana Corrêa (1967),

As mudanças passam a ser notórias não só na aparência física da cidade, em seus novos edifícios, na animação da vida urbana, mas também em sua população contribuindo para uma diversificação social, não apenas rural, mas também urbana, fazendo aparecer a imagem do trabalhador ferroviário, importante parcela da população urbana (CORRÊA, A., 1967, 308).

O Sr. Pércio que ajudava a família na colheita de algodão quando criança entrou para a ferrovia em 1947 e se tornou ferroviário, iniciando o trabalho na via permanente, na troca dos trilhos e dormentes, mas em pouco tempo conquistou a vaga de encarregado, ajudante de manobrista e se aposentou como supervisor operacional. No entanto, a maior parte dos ferroviários negros nunca atingia os altos postos de trabalho, esses eram destinados aos brancos²⁴, e diante da escassez na oferta de trabalho, ser funcionário da “Estrada de Ferro” com carteira assinada e salário garantido era motivo de certo prestígio na cidade.

As pessoas da estrada [de ferro - ferroviários] que naquele tempo, no meu tempo, que eu freqüentava o salão [...] os mais luxinho mesmo eram os ferroviários. Porque eram os que andavam mais bem trajados. Inclusive até no comércio quando subia um ferroviário ali pra rua 2 [Nove de Julho, rua central de comércio] todo mundo já ficava de olho [risos], aquele ali é o bom (Sr. Pércio, 81 anos, negro, ferroviário).

Os ferroviários formaram um importante grupo social com um forte poder aquisitivo e organizacional, correspondendo, no início daquele século, a uma parte significativa dos trabalhadores urbanos (CORRÊA, 1967). Conforme nos aponta Lorenzo (1979)

A ferrovia foi a origem da mais importante oficina mecânica da região e também gerou o desenvolvimento de fábricas de dormentes e marcenarias que produziram os bancos para vagões. Em 1910, a oficina da Estrada de Ferro de Araraquara construía vagões tanto para o transporte de passageiros como de carga (LORENZO, 1979, p. 68).

A ferrovia, ou a “Estrada de Ferro” e os ferroviários, para muitos dos entrevistados, fizeram girar a economia da região, facilitando a circulação das pessoas entre as cidades. Essa circulação tornou-se perceptível em minha pesquisa com relação aos participantes do Baile do Carmo que retornavam à Araraquara por meio desse transporte, muito utilizado para rever parentes e amigos.

Porque eu vinha [...] a minha irmã morava em São Carlos, essa que faleceu, eu vinha na casa dela. Às 7h45 tinha um trem, eu pegava. Vinha para o Baile dançava. Terminava o Baile eu ia pra São Carlos de novo, dormir, de

²⁴ Ver mais em FERREIRA, Lania Stefanoni. Racismo camuflado na família ferroviária: brancos e negros na companhia paulista em São Carlos. In: **XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, Recife, 2007.

tarde[bate as mãos] eu voltava. Aí a gente ia embora pegava o trem que saía de Barretos (Sra. Liberalina, 82 anos, negra, cabeleireira, moradora de Barretos).

Os moços viajavam de trem, o trem não tinha alto custo, chegava aqui tinha aonde almoçar, jantar. Ah!!! Tinha muitos que eram filhos de ferroviários e nem pagavam. Então, tudo era facilitado (Estela, 62 anos, negra, professora).

Ficar pra dançar à noite, sábado à noite, domingo à noite, quando era meia-noite. Tinha um trem da estrada 2 horas da manhã que ia embora pra São Paulo. Tinha muito que ia embora porque segunda feira precisava trabalhar. No domingo a estação ficava cheia (Sra. Arlinda, 91 anos, negra, dona de casa).

Eu joga muito o Baile do Carmo em cima dos trilhos da ferrovia, porque as notícias circulavam, os recados eram dados por aqueles que trabalhavam nos trens, então, por exemplo, o trem saía daqui de Araraquara... olha se você encontrar fulano em Rio Claro fala isso, assim assado. [...] o trem não transportava apenas pessoas, levava as notícias, as informações, quem morreu, quem nasceu, era uma maravilha. Meu pai trabalhava nela [ferrovia], eu vivia nela (Francisco Luiz, 59 anos, negro).

O segmento negro estudado teve uma melhora em sua condição de vida a partir da segunda metade do século XX. As profissões dos entrevistados variam: ferroviário, funcionários públicos, costureira requisitada pela elite (conhecida na época como modista), professoras, cabeleireiras, secretárias, empregadas domésticas, marceneiros, donas de casa, soldados e oficiais da polícia militar. De famílias simples, a maioria conseguiu galgar um melhor lugar ao sol já na fase adulta, porém, o preconceito e as separações existentes na cidade foram sentidos por vários deles independentemente de suas posições sociais.

É importante lembrar que a população negra²⁵ de Araraquara no Recenseamento Geral de 1940 era a sétima maior população de todo o Estado de São Paulo com 9.948 habitantes somando-se o número de habitantes pretos e pardos. Esse número era superado apenas pelas cidades de São Paulo 108.682, Santos 15.068, Campinas 15.256, Lins 11.403, Ribeirão Preto 11.159 e Marília 10.056. A população total da cidade de Araraquara no período era 67.724. (RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, IBGE, 1950, p. 24).

²⁵ O termo negro não é utilizado pelo IBGE, mas sim pretos e pardos. Nesse levantamento o termo negro somará aqueles considerados pretos e pardos. Os dados obtidos para as cidades elencadas foram extraídos do Recenseamento Geral do Brasil, IBGE, 1950, p. 24, 100, 264, 270, 416, 452, 472). Segundo Cidinha da Silva, diversos setores comprometidos com o combate às desigualdades raciais têm analisado de maneira agregada o número de pretos e pardos como negros. Esse somatório tem sido possível porque se verificam diferenciais estatisticamente insignificantes entre os dois grupos. (SILVA, 2003, p.42).

Tabela 2.4
Recenseamento Geral da População 1940

| 1940 | | | |
|-------------------|--|----------------------------|-------------------------------|
| MUNICÍPIOS | População negra (Pretos e pardos) | População Total | % SOBRE POP. TOTAL |
| SÃO PAULO | 108.682 | 1.356.261 | 8,01 |
| SANTOS | 15.068 | 165.568 | 9,10 |
| CAMPINAS | 15.256 | 129.940 | 11,74 |
| LINS | 11.403 | 65.486 | 17,41 |
| RIBEIRÃO PRETO | 11.159 | 79.783 | 13,98 |
| MARÍLIA | 10.056 | 81.064 | 12,40 |
| ARARAQUARA | 9.948 | 67.724 | 14,68 |

Se a história registrada em álbuns e monografias patrocinadas pela elite araraquarense não retrata a população negra, os poucos dados trazidos por esses trabalhos quando analisados mais detidamente apontam uma população negra numerosa no período escravista e que não desapareceu totalmente da cidade no período pós-abolição, mas desapareceu da história escrita. Contudo a utilização de fotografias e depoimentos orais busca recolocar essa população na vida da cidade ao menos no período pós-abolição.

Ao pesquisar o material iconográfico produzido pelo Museu Histórico Pedagógico de Araraquara me deparei com várias fotografias que podem ajudar a descobrir onde estavam esses negros. Elas revelam que eles estavam inseridos em atividades diferentes das recorrentemente imaginadas para essa população no início do século XX, pois os vimos lado a lado com brancos. Esse material também ajuda a entender a **visibilidade invisível** dessa população, pois mesmo presente ela foi invisibilizada historicamente.

As fotografias são aqui apresentadas em ordem cronológica e revelam diversos homens negros como fundadores e membros de bandas e orquestras da cidade, muitas vezes em grande número e como regentes, além de fotografias de uma associação negra, escolas e pequenas empresas onde eles trabalhavam.

Imagem 2.1.3



Orquestra do Salão Favorita – 1910. Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

Imagem 2.1.4



Corporação Musical "Lyra Araraquarense" em 1915. Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

A imagem 2.1.4. também está registrada no Álbum de Araraquara de 1915 (p.55) e representa a Corporação Musical “Lyra Araraquarense”. Seu regente é o senhor Raul Tobias Monteiro, o número 1 na fotografia. É possível ver outros músicos negros compondo a corporação, além de notar a presença de um rapaz negro na Orquestra do Salão Favorita em 1910 na imagem anterior.

Imagem 2.1.5



GRUPO MUSICAL ARARAQUARENSE
1- BENTO TAGES MARASSO; 2- PAULO DOS SANTOS; 3- ANGELO SMIRNE; 4- BRAZ MARQUES PINHEIRO;
5- AGENOR; 6- BENEDITO ALVES; 7- LEONARDO DE SOUZA; 8- MANOEL TEIXEIRA; 9- AUGUSTO RAGA;
10- AMÉRICO RAMOS DA COSTA; 11- SEBASTIÃO DE ARRUDA; 12- FRANCISCO BENECAZI; 13- EDUARDO
SATURNINO ROCHA; 14- FELIPE; 15- ANTONIO A. BORGES; 16- PERI

Grupo Musical Araraquarense em 1924. Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

Nessa imagem de 1924 é possível encontrar novamente, e em grande número, diversos negros. Não há informações detalhadas sobre esses grupos musicais, mas vale destacar que eram considerados grupos musicais araraquarenses, e eram fundados por negros, tanto a Lyra Araraquarense como o Grupo Musical Araraquarense. Isso pode ser entendido quando pensamos sobre a nacionalização de símbolos negros e a sua transformação em símbolos nacionais, ou seja, o pertencimento étnico de seus membros não é mencionado em prol de uma identidade nacional, no caso aqui estudado, local. No entanto, os fazendeiros, comerciantes e imigrantes bem sucedidos têm seus nomes, histórias e patrimônio revelados e reverenciados na história local; quanto aos negros resta a eles a visibilidade invisível.

Nessas bandas havia a presença de brancos, mas não há informações nas fotografias que possam elucidar como foram formadas, que tipo de música tocavam, quais eram as profissões de seus componentes, qual seria a relação entre eles e como elas eram mantidas. Contudo, é possível perceber as contradições presentes nas relações entre brancos e negros, isto é, era possível encontrar situações de segregação e de convivência na mesma cidade, pois fazer parte da mesma banda não garantia que muitos negros não fossem discriminados por brancos em outros espaços, tais como o *footing* e os clubes que barravam sua entrada. Essa ambigüidade no trato cotidiano se revestia em um racismo sutil, tácito, mas sempre acionado de forma intensa para definir as posições de cada um na sociedade.

Imagem 2.1.6

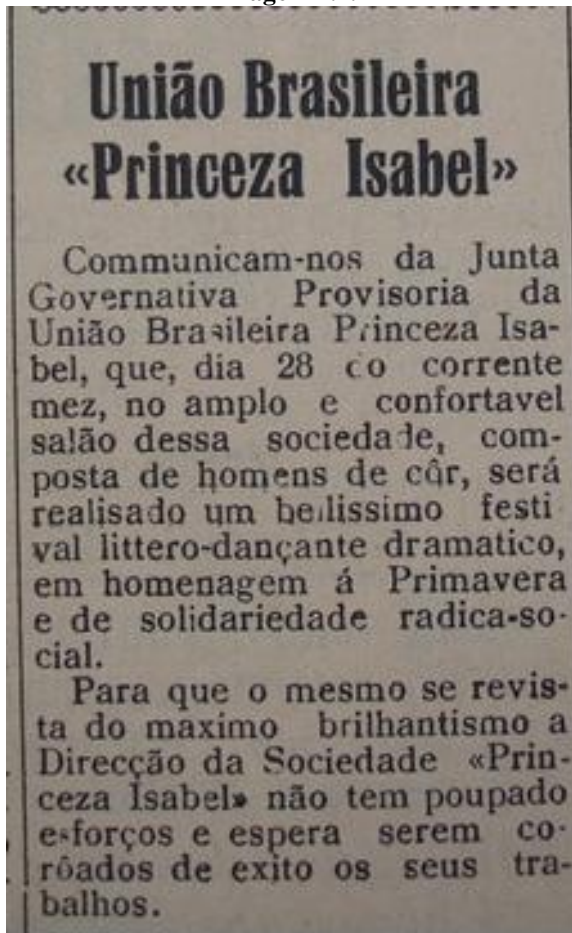


União Brasileira “Princesa Isabel”. Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

A imagem 2.1.6 mostra os membros da União Brasileira “Princesa Isabel” em 1934, raro registro de um clube negro existente na primeira metade do século XX. Essa imagem foi encontrada na seção clubes do já referido material iconográfico do acervo do Museu Histórico e Pedagógico de Araraquara, e não há qualquer informação sobre quem seriam essas pessoas, qual seria o local da fotografia ou qualquer outro detalhe que nos ajude a compreender sua

existência, tampouco os entrevistados idosos mencionaram qualquer lembrança sobre esse clube.

Imagem 2.1.7



Notícia de Jornal sobre a União Brasileira “Princesa Isabel”. Fonte: Jornal O Imparcial 20/12/1935.

A informação acima, presente no Jornal O Imparcial de 20 de dezembro de 1935, anuncia não só o salão próprio da referida instituição negra e a realização de seu festival littero-dançante, como registra a presença e a existência dessa população de maneira organizada nos anos de 1930, mais um motivo para refletirmos sobre a visibilidade invisível dessa população.

Imagem 2.1.8



Alunos que concluíram o curso primário
em 20 de novembro de 1945

Alunos que concluíram o curso primário em 20 de novembro de 1945.
Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

A imagem 2.1.8 apresenta os alunos que concluíram o curso primário em 20 de novembro de 1945, uma turma de trinta e quatro garotos brancos e dois garotos negros. O número é pequeno, mas ainda assim marca a presença dessa população também na área educacional. Vários relatos recolhidos com participantes do Baile do Carmo revelaram o quanto era importante a educação para a população negra e o quanto a estabilidade financeira dos pais ferroviários podia possibilitar o acesso de seus filhos à escola.

Imagem 2.1.9

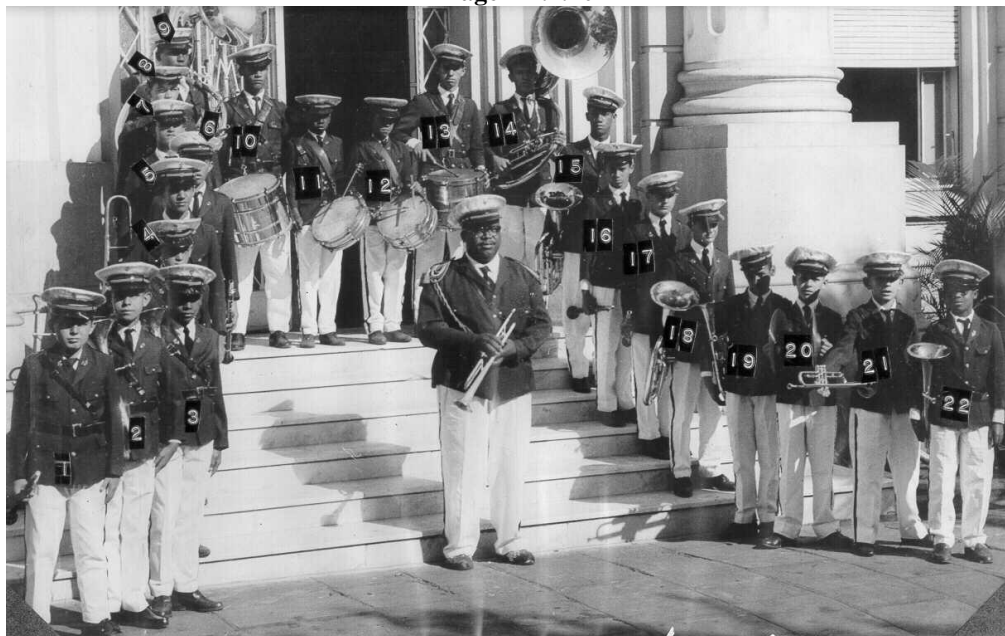


16 DE JULHO DE 1945
INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE MÓVEIS DE VIMI " ARARAQUARA "

Inauguração da fábrica de móveis de vimi "Araraquara" em 16 de julho de 1945.
Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

A imagem 2.1.9 registra a inauguração da fábrica de móveis de vimi de Araraquara em 16 de julho de 1945 e aqui também encontramos a presença negra, em pequeno número mas sempre presente.

Imagem 2.1.10



BANDA INFANTO - JUVENIL DE OLAVO FELIPE (MAESTRO) - 1 9 6 1
1- ALDER REDRAN; 2- VALTER CALEGOM; 3- EDSON JERÔNIMO FERNANDES; 4- VALTER ZINAITO; 5- ADEMIR DE SOUZA; 6- LUIZ FULGNE; 7- OZÓRIO; 8- APA RECILDO DE SOUZA; 9- DORIVAL DE SOUZA; 10- ROBERTO; 11- AUGUSTO MARIO PITANGA; 12- LUIS MARIO; 13- JOSÉ CARLOS MARINHO; 14- ANTONIO DE ANDRADE; 15- JURACY BRANDÃO DE PAULA; 16- REINALDO; 17- VALDECIR; 18- VALDOMIRO; 19- CLERIOS TEIXEIRA; 20- PEDRO FOLEZI; 21- JOSÉ LUIS FERREIRA; 22- GILBERTO AGUIAR MARTINS

Banda infanto-juvenil de Olavo Felipe em 1961. Fonte: Memória Fotográfica de Araraquara.

Imagem 2.1.11



Banda Marcial Olavo Felipe Dragões de Araraquara em 2009.
Fonte: <http://www.araraquara.sp.gov.br/Noticia/Noticia.aspx?IDNoticia=732>

Na imagem 2.1.10 temos a banda infanto-juvenil de Olavo Felipe, em 1961. O maestro e fundador da banda e muitos dos seus integrantes eram negros, como nas bandas

apresentadas anteriormente. A imagem 2.1.11 mostra a formação atual da banda, denominada Banda Marcial Olavo Felipe - Dragões de Araraquara, composta por 65 integrantes, em apresentação nas comemorações dos 192 anos de Araraquara em 22 de agosto de 2009.

Essas imagens revelam uma evidente importância histórica da música para a comunidade negra. A “música e a dança são também forma de comunicação” (BERNARDO, 2003, p.169). Os batuques eram atividades comuns durante o período escravista, muitos senhores permitiam esses momentos nos dias de folga e de festa para aliviar a tensão sempre existente e as possibilidades de revolta. Esses eram momentos de encontro, de liberdade e de criação vivenciados pelos escravos. As autoridades públicas viam essas manifestações como bagunça e tumulto e desejavam reprimi-las. “Aos olhos dos indivíduos civilizados do século XIX os batuques perturbavam a ordem pública” (SOUZA, 2005, p.29). Ao som do tambu, “uma espécie de tambor feito de tronco oco de árvore [...] homens e mulheres formam duas fileiras que se defrontam, encontram-se no centro do salão, fazendo passos variados e terminam com a umbigada” (NOGUEIRA, 2009, p. 07).

Em diversas cidades do Oeste paulista tais como Piracicaba, Tietê, Porto Feliz e Rio Claro é possível notar a presença dessa manifestação, inclusive em Araraquara. Segundo Pio Lourenço Corrêa, após a abolição “os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade” (CORRÊA, 1948, p.27), e parecem ter continuado por muito tempo, pois encontrei notícia sobre eles no jornal O Imparcial de 12 de maio de 1936.

13 de Maio

O popularíssimo Damião, muito justamente cognominado o “Rei dos Batuques”, pede-nos para comunicar que a data da Lei Áurea será este anno commemorada com um formidável e soberbo batuque, na noite de hoje para amanhã, no Largo de São José.

Para maior brilho desse batuque, virão os mais afamados batuqueiros de São Carlos, Mattão e Taquaritinga.”

Encontrei outro anúncio desse tipo no jornal O Imparcial de 12 de maio de 1939.

Batuques

Promovido pelo popular Damião, haverá, amanhã e depois d’amanhã, no Largo São José a tradicional batucada, em regosijo[sic] pela passagem da data da Abolição.

Segundo Nogueira (2009) os diversos registros sobre os batuques, umbigadas e outras manifestações afro-brasileiras eram feitos sob o olhar preconceituoso da elite branca brasileira (NOGUEIRA, 2009, p.54), assim os estereótipos e estigmas eram tecidos e se encarregavam de inferiorizar essa população, mas nesse anúncio o senhor Damião é mencionado como o

“Rei dos Batuques”, “o popular”. Acredito que esse tipo de anúncio só teve espaço no jornal porque diz respeito à Comemoração da Lei Áurea, pois conforme mencionado são raras as notícias sobre a vida dos negros em Araraquara e essa, encontrada na década de 1930, apenas reforça a lembrança da abolição, afinal ela era reafirmada de acordo com a historiografia da época: como um acontecimento promovido pelos brancos, sem a participação dos escravos, ou seja, nesse tipo de comemoração enaltecia-se a figura da Princesa Izabel, por isso a divulgação desses eventos. Esse apoio tinha a intenção de manter a memória da grandeza de todos os responsáveis pela libertação dos escravos em Araraquara, mostrando a harmonia presente nessa terra e o tipo de relação que devia existir entre brancos e negros.

No entanto, Pereira (2008), ao analisar as comemorações do dia 13 de maio em Rio Claro afirma que elas consistiam menos na exaltação à Princesa Izabel e mais na prática do Tambu; o mais importante era o prazer de vivenciá-lo. Os negros continuavam (re)criando suas possibilidades de protagonismo diante da realidade vivida, dizendo não à submissão ou à assimilação, e sim à ressignificação e à recriação de sua cultura no pós-abolição. Conforme Pereira o Tambu era “o espaço da interação, da motivação, da satisfação e da identidade coletivas. Ali os próprios negros selecionavam o que devia ser incluído ou excluído, o que devia ser lembrado ou esquecido” (PEREIRA, 2008, p. 60).

As senhoras Zenite e Arlinda relataram a existência do batuque em Araraquara.

[...] na festa junina, que um e outro fazia, iam aquelas senhoras de idade. Eu tinha uma tia que morava aqui vizinha e ela na casa dela fazia a festa de São Pedro e na festa de São Pedro vinham os amigos dela então ali ela fazia até batuque. (Sra. Zenite).

Do 13 de maio que juntava os patrícios, tinha batuque aí. (Sra. Arlinda).

Com o passar do tempo esses batuques tornaram-se menos freqüentes e se extinguiram, não sendo possível precisar quando isso aconteceu. Mas talvez possamos pensar que eles não se extinguiram totalmente, eles foram se modificando, pois na vivência dos grupos musicais, das bandas, do samba, do pagode, dos bailes, como o Baile do Carmo os negros continuam vivenciando a experiência dos batuques, isto é, o encontro, a liberdade, o desafio, sempre negociando seu espaço, seus símbolos e sua identidade.

3 A FESTA COMO FATOR DE ORGANIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

Para uma melhor compreensão do Baile do Carmo é importante apresentar a Festa do Carmo, devido à sua realização ser ressaltada como um evento que congregava negros de diferentes pontos da cidade e região. Esse encontro, tão presente na história do negro e que pode ser traduzido como um sentimento coletivo de pertencimento, teria corroborado para a origem do Baile do Carmo. Muitos participantes idosos quando questionados sobre a origem do Baile reportam-se à participação na Festa do Carmo, e muitos brancos, também quando questionados sobre o Baile do Carmo, acreditam que haja uma vinculação entre ele e a festa religiosa em louvor a Nossa Senhora do Carmo realizada no bairro de mesmo nome. (TENÓRIO, 2005).

Meu pai trabalhava na Estrada (ferrovia), quando meu pai chegava aqui no dia da Festa do Carmo a roupinha dele estava toda prontinha, a dela [mãe] e a dele, daí eles iam para o Baile, nós ficávamos com a minha avó e quando era no domingo nós íamos para o Carmo, eles levavam a gente no Carmo, na Festa. Então, eu acho assim que eles uniram as duas coisas, porque vamos supor vem aquela turma que vem para dançar, né? E os outros que não dançam, então, aproveitou e emendou, eu acredito que seja isso (Lázara, 76 anos, negra, inspetora de alunos aposentada).

As festas religiosas e as tradições populares foram, em geral, mediadoras entre as diversas culturas estabelecidas no Brasil durante a colonização. Segundo Tinhorão (2000), a primeira missa e as festas religiosas durante a colonização eram realizadas como artifícios de dominação simbólica. Muitos padres usavam esses eventos como um “instrumento pedagógico de afirmação das idéias cristãs” (SILVA, 2001, p.24), pois elas serviam para difundir a fé cristã aos necessitados de orientação religiosa, no caso os nativos e os africanos trazidos para o Brasil como escravos. No entanto, esse é um dos sentidos da realização das festas religiosas. O outro estaria justamente no intercâmbio entre as culturas aqui existentes, tal como a cultura dos africanos que resistiam e se reuniam, mesmo enfrentando dificuldades, para expressarem suas manifestações culturais. Segundo João José Reis,

A festa foi vivida pelos escravos baianos com diversos fins, sentidos e resultados. Era uma oportunidade para a celebração de valores culturais trazidos pelos africanos e de outros aqui criados. Servia para preencher as poucas horas de folga ou para acolher os que fugiam das horas de trabalho. A partir e em torno dela, muita coisa se tornava possível: rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos e libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra os brancos (REIS, 2002, p. 101).

A pesquisa de Reis (2002) sobre a participação dos escravos nas festas religiosas em Salvador traz um dado relevante: a importância das festas para a identidade étnica e para a solidariedade entre escravos e libertos, o que pode ser visto em diversas regiões do Brasil. A festa “os reunia e lhes fortalecia o espírito, ajudando-os a não sucumbir moralmente diante da tragédia da escravidão e de quem os escravizava” (REIS, 2002, p. 104). Seria uma oportunidade para estarem juntos trocando informações. Isso também foi vivenciado pelos escravizados e libertos na realização de batuques durante o período escravista em Araraquara. A existência do Baile do Carmo, 121 anos de acordo com seu organizador, remontaria ao período da abolição, e teria se iniciado a partir de uma reunião de escravos dançando umbigada na data de aniversário de Nossa Senhora do Carmo, 16 de julho, próximo a igreja de mesmo nome.

Ali havia um escravo de nome Damião. Certo dia, um 16 de julho, ele teve uma visão com a Nossa Senhora do Carmo, mas não soube precisar se estava dormindo ou acordado. Nessa visão, a santa lhe dizia que embora eles, os negros fossem judiados, não deveriam viver tão entristecidos e que deveriam cantar, dançar e festejar com seu povo. Assim ele resolveu fazer a dança da umbigada ou tambú (PIRES, 2008, p. 06).

Segundo Daniel Amadeu Martins Filho, não propriamente o Baile do Carmo teria 121 anos, mas a reunião dos negros na data de aniversário de Nossa Senhora do Carmo seria bastante antiga, o que nos faz pensar que o senhor Damião poderia ser o mesmo mencionado anteriormente, em 1936, como “Rei dos Batuques”. No entanto, a Festa do Carmo registrada pelos jornais e história local não descreve essa participação dos negros.

Por dispormos de pouca documentação da época – quase nada – escrita por negros ou traduzindo diretamente sua visão de mundo, é muito difícil saber como eles percebiam e significavam o que se passava em suas festas. É certo que, através das ações narradas nos documentos disponíveis, sabemos da insistência dos negros em fazer um mundo seu do lugar e hora de festejar, um mundo que desejavam sempre mais ampliado em tempo, espaço, formas, gestos, jeitos, com abundância de dança, música, comida, bebida, dádivas e deuses. E para alcançarem este objetivo, precisaram negociar concessões ou desafiar a soberba dos detentores de pequenos e grandes poderes (REIS FILHO, 2002, p. 102).

De acordo com José Tiago Reis Filho (2002), penso que a festa é um momento importante de protagonismo, de criação de laços, de aprender a negociar e desafiar. Para Souza (1985), as festas religiosas no século XVIII, na região de Minas Gerais, contribuíam para a reunião e comunicação entre os indivíduos, juntando-os e proporcionando um espaço

em que todos se encontravam e no qual vivenciavam mais o divertimento do que a “religiosidade intensa”. Muitas vezes o aspecto lúdico e de encontro criado por essas festividades sobrepujava o sentido religioso das festas.

As festas e procissões religiosas contavam entre os grandes divertimentos da população, o que se harmoniza perfeitamente com o extremo apreço pelo aspecto externo do culto e da religião que, entre nós, sempre se manifestou. Mais do que expressão de uma religiosidade intensa, a festa religiosa era um acontecimento que propiciava o encontro e a comunicação; aliás, este seu aspecto acabava, muitas vezes, por sobrepujar os eventuais anseios místicos [...] (SOUZA, 1985, p. 20-1).

Essas festas teriam o papel de harmonizar o sagrado e o profano, mas também de adequar o festejar a uma dada ordem permitida pelas autoridades e pela sociedade. Se muitos negros, segundo diversos relatos, voltavam para Araraquara na segunda metade do século XX por ocasião da Festa do Carmo para participar da procissão e da quermesse, com o passar do tempo o encontro que acontecia por ocasião da festa religiosa deu origem ao Baile do Carmo. E essa origem tem muito a ver com o surgimento de uma “elite negra” composta por famílias negras tradicionais da cidade que conseguiram, por meio do emprego na ferrovia, no Departamento de Estradas e Rodagem (DER), e nos empregos públicos e autônomos ter um padrão de vida melhor.

A origem do evento e sua ligação com a Festa do Carmo ainda deixam diversas lacunas e dúvidas. Por isso, ao não encontrar registros antigos sobre o Baile do Carmo nos jornais, ou no arquivo histórico da cidade, busquei registros sobre a Festa do Carmo e informações juntos aos entrevistados.

É mais fácil saber o que se passava na cabeça dos que detinham o poder de denunciar, reprimir ou permitir. A história da festa negra em geral nos chega pela pena dos que a toleravam, criticavam ou perseguiram, dos policiais, religiosos, jornalistas, governantes (REIS FILHO, 2002, p. 102).

Um anúncio do jornal²⁶ “Correio de Araraquara”, de maio de 1894, chamou minha atenção devido ao fato de o festeiro daquele ano, Matheus Schiavo, realizar a Festa do Carmo nos dias 16, 17 e 18 de julho e convidar os moradores a colaborarem com a arrecadação de prendas para a quermesse. Por meio desse anúncio é possível saber que a Festa do Carmo era realizada desde o século XIX, sendo uma festa centenária e tradicional da cidade de Araraquara com missas, novenas e procissões em louvor a Nossa Senhora do Carmo, além da quermesse, dos fogos e das barraquinhas que ofereciam comidas, bebidas e jogos.

²⁶ Acervo do Arquivo Público de Araraquara Rodolpho Telarolli.

Havia barracas que serviam salgados, bebidas e refrigerantes. Rifas, roletas, correios elegantes. Um serviço de alto-falante para anunciar crianças perdidas ou horário da partida de condução para a zona rural. Por ele os jovens se ofereciam músicas. Como "prova" de amor, deboche, desprezo ou gozação: O Ébrio, Rasguei o Teu Retrato, Mula Manca, Renúncia, etc. Barraca do pim pam pum onde se derrubava a pirâmide de latas com bola de meia. Assédio entre os jovens. As moças andando em círculo e os moços flertando parados. No coreto de tábuas, coberto de telhas, a banda tocava nos intervalos dos leilões. Embaixo um cercado para as prendas vivas: patos, perus, galinhas, porcos, cabritos, carneiros (GALHARDO, 2006, não paginado).

Conforme exposto anteriormente, em fins do século XIX, Araraquara iniciava seu processo de urbanização e a região do Carmo era uma região afastada do perímetro central, mais ligada à zona rural e essa localização da Festa do Carmo, fora da parte central da cidade, em uma região de passagem para as fazendas e para outros povoados, teria possibilitado e favorecido a participação de um número maior de negros e negras em comparação com as festividades realizadas na região central.

Ali no bairro do Carmo já tinha um pouco de negros em volta da igreja, morando algumas famílias negras, descendo tinha algumas famílias que moravam ali nas chácaras tudo e assim começou (Márcia, 43 anos, negra, historiadora).

A população negra participava ativamente dessa festa, inclusive ajudando na arrecadação de fundos a fim de terminar a construção da igreja, conforme registro em jornal de uma sociedade recreativa negra.

Quando sentimos aproximar o dia do encerramento da festa em louvor a Nossa Senhora do Carmo, festa esta de grande tradição entre os araraquarenses e cidades circunvizinhas, recordamos nossos tempos de rapazotes, que com mais plêiade de amigos, nos dirigíamos, no sábado que antecedia ao encerramento daquele acontecimento, aquele bairro, cujo nome é o da venerada Santa, com o objetivo de tomar parte nos festejos que lá se procediam, para arrecadar fundos e terminar a construção da Igreja em homenagem àquela redentora (MOTTA, 1981, p. 02).

De acordo com as afirmações dos entrevistados a Festa do Carmo era realizada por festeiros, prováveis fazendeiros e prósperos comerciantes e atraía pessoas de vários cantos da cidade e região, tanto pela religiosidade quanto pela oportunidade de diversão.

A festa do Carmo é a tradicional, de festa de santo era a tradicional de Araraquara, que tanto é que continua até hoje, então era ... tinha as barraquinhas lá no centro [da praça], depois começou expandir e veio pra cá, pra rua e agora está lá do lado do Sesc (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Era uma festa muito comemorada, porque eu era criança e minha mãe falava ah! hoje nós vamos lá no Carmo. Então tinha ônibus de fora, porque a

procissão era no Carmo. Então ficou ... eu muitas vezes vinha e não queria ir embora (Sra. Maria do Carmo, 73 anos, negra, dona de casa).

Porque a festa do Carmo era outra que a gente tinha, que o povo ... é uma tradição como até hoje, que eu me lembro das barraquinhas era tudo terra, né? (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

A Festa do Carmo a gente participava, por causa da quermesse, era uma festa comer frango assado na quermesse, era um prêmio, eu não via o dia de chegar para ir nessa quermesse e meu pai é caipirão, a família veio da Bahia, só trabalhou na vida, ele adorava isso, para ele levar a gente na Festa do Carmo era um acontecimento do ano, fazia-se roupa nova, ele gostava muito de arrematar, tinha leilão. Até me lembro uma noite que ele arrematou uma porquinha viva. Era muito gostoso. Era um evento que hoje é o encontro de jovens, como uma festa. Era muita família, o pai, a mãe e os filhos juntos, sentava na mesa a família. Era lindo, famílias e mais famílias (José Servino, 59 anos, negro, músico).

Ah! Eu vou [Festa do Carmo]. As minhas tias sempre vão e eu vou com elas (Lorhaine, 20 anos, negra, estudante).

A festa acontecia no largo da igreja do Carmo. “Como nos anos anteriores, realizar-se-á no dia 16 de julho, no largo fronteiro à Capela da festejada santa, a tradicional festa em louvor a milagrosa Nossa Senhora do Carmo” (FESTA ..., 1933). Era um momento em que os jovens podiam paquerar, se olhar, trocar sorrisos, bilhetes; momentos no qual as crianças podiam correr e brincar com tranqüilidade; ocasião na qual os mais velhos ouviam músicas e participavam dos animados leilões. “Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão” (BRANDÃO, 1989, p.13).

A gente queria ir nas barraquinhas da Festa do Carmo [...] de manhã tinha procissão de Nossa Senhora do Carmo, a gente era obrigada a ir, se você estava cansado do Baile ou não, tinha que ir. Saía da procissão, a gente queria andar nas barraquinhas, que era em torno da igreja que era muito mais bonita a festa em torno da igreja, aquele monte de barraquinhas, aí a gente esperava a festa do Carmo para comprar bolsa, sapato, tigela aí comprava aquele monte de bugiganga ia carregado para casa. Blusa de frio, calça comprida, radinho, relógio, ia carregado para casa (Márcia, 43 anos, negra).

Em junho de 1907, o Jornal de Notícias anuncia que a festa seria realizada por Bellarmino Grossi e Antonio Luiz, os festeiros responsáveis pela organização da festa naquele ano. Ao final de cada ano eram eleitos os festeiros do ano seguinte e conforme informações obtidas na igreja do Carmo isso continua acontecendo até os dias atuais.

Há diversos anúncios sobre a Festa do Carmo em jornais antigos²⁷. Encontrei jornais que davam muito destaque para a Festa em alguns anos, pouco em outros, com um mês de antecedência ou nas semanas próximas a sua realização. Porém, na grande maioria dos jornais encontrados no Arquivo Público havia notícia sobre ela, apelando aos fiéis à participação na arrecadação de prendas para os leilões. Um anúncio do jornal O Imparcial, de junho de 1933, reforça a grandeza e a importância da Festa, sua tradição e o desempenho dos festeiros para sua realização.

A festa de Nossa Senhora do Carmo, que se realiza todos os anos no dia 16 de julho, é uma das comemorações religiosas que faz parte de nossas tradições. Esta festa, já tão nossa, terá no corrente ano, pela ocorrência [sic] dos fiéis e pelo programa carinhosamente organizado pelos festeiros um êxito invulgar. Todas as noites há grandes leilões, com ricas prendas, vem apregoando-se, abrilhantado pela banda Brasileira, no largo de N. S. do Carmo, onde se acumulam milhares de pessoas que vão levar o seu óbulo em contribuição a festa, demonstrando a sua simpatia e veneração a milagrosa Santa (FESTA..., 1933).

Já um anúncio do jornal O Imparcial, de junho de 1938, informa que a Festa do Carmo seria conhecida em todo o estado de São Paulo. Ainda em 1938 o jornal Correio da Tarde relata a participação da população como sendo “extraordinariamente notável o movimento sugestivo do povo no aprazível bairro alto da cidade”. Em julho de 1939 no Correio da Tarde há o discurso de um dos festeiros agradecendo os donativos recebidos de São Paulo, de outras cidades paulistas e dos comerciantes araraquarenses. O Correio da Tarde, em julho de 1940, anuncia a Festa afirmando que ela se revestiria de pompa, mesmo com as dificuldades financeiras da época ocasionadas pela 2ª Guerra Mundial.

As solenidades em honra da excelsa Virgem do Carmello, que constituem a Festa do Carmo, tão tradicional entre nós, prometem revestir-se de extraordinária pompa, no corrente ano, não obstante as condições financeiras da atualidade, de um modo quase geral, se apresentarem tão pouco favoráveis (FESTA..., 1940).

O uso dessas fontes foi necessário para se (re)construir uma história da Festa do Carmo. Serviu também para entender sua importância e periodicidade por meio do registro dos jornalistas de cada época que representavam a maneira como ela era vivida e esperada pela população da cidade. No entanto, meu interesse é sua relação com a população negra e com o Baile do Carmo e sobre isso não há menção nos jornais do início do século XX, o que

²⁷Recolhi várias informações até a década de 50, saltando para a década de 80 do século XX. Esse grande salto foi realizado pela inexistência de jornais desse período no Arquivo Público. Solicitei permissão para pesquisa no arquivo do jornal O Imparcial, que foi negada devido ao atual trabalho de organização do acervo, segundo informou um dos responsáveis pelo jornal.

reforça a invisibilidade da existência e das atividades dessa população.

Para entender a devoção a Nossa Senhora do Carmo, principalmente por parte dos negros, recorro a Karasch (2000), que observou ser as imagens da Virgem Maria as mais veneradas na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Sobre Nossa Senhora do Carmo a autora relata que “[...] embora fosse a padroeira de uma igreja freqüentada pela família real, Nossa Senhora do Carmo tinha um séquito fiel entre os negros, porque acreditavam que seu bentinho afastava ‘inimigos invisíveis’” (KARASCH, 2000, p.379). Essa devoção à santa estabeleceu uma relação entre população negra e Festa do Carmo, o que é confirmado nos diversos depoimentos recolhidos e a partir dos quais foi possível saber que muitos negros, além de freqüentadores da Festa do Carmo, eram possuidores de barracas de doces e bebidas na quermesse, como a mãe da Sra. Zenite, moradora antiga do Carmo em casa próxima à igreja e proprietária de uma barraca de doces na Festa em meados do século XX.

[...] de doces, salgados. Era muito engraçado porque tinha uma mesa, uma mesa grande, de um lado tinha aquele tabuleiro com papel, depois meu pai fez um negócio quadradinho assim tudo furadinho e ali punha canudo, canudo cheio de doce de abóbora, doce de coco e não tinha nem luz ali na barraca. Aí tinha um negócio com vela pra poder iluminar. E a gente hoje lembra das pessoas antigas. Vendia quantão, café e era uma barraca. E a minha mãe como era uma das pessoas de cor que tava ali, vendia mais, pra turma ... pra toda a turma que gostava dos quitutes dela (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

A Sra. Zenite diz que devido à sua mãe, Dona Joana, ser uma pessoa “de cor” vendia mais para a turma, ou seja, para os negros e negras freqüentadores da Festa. Essa turma de amigos, parentes e conhecidos reunia-se, por ocasião da festa, em sua barraca de doces, lugar considerado um ponto de encontro para eles. Dona Joana era uma figura importante para a Festa do Carmo, pois era responsável por assar os frangos arrecadados para a quermesse e, segundo sua filha, se comprometia com as causas da igreja.

Minha mãe até que assava os frangos da Festa do Carmo. Duzentos frangos, tinha um forno grande aqui e ela assava os frangos da festa, por isso que ela era [...] o pessoal aí gostava muito dela, porque ela era bem participante da igreja até que nós os filhos do jeito que a minha mãe era católica e fazia as coisas para a igreja, nós não fazemos o que ela fazia. Ela era muito bem conceituada (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Até meados dos anos 90 do século XX a Festa do Carmo acontecia no largo da Igreja do Carmo, ocupando as ruas João Gurgel e Libaneses. Segundo publicado no Jornal de Araraquara de 13 de julho de 1993, naquele mês, em comemoração ao Jubileu de Ouro da Paróquia do Carmo, todos os espaços para as barracas foram vendidos, cerca de 1.500 metros

com capacidade para 250 a 300 barracas que se diversificaram vendendo diferentes produtos: roupas, utensílios domésticos, sapatos, plantas e comida. A quermesse, realizada nesse mesmo lugar, deu origem a uma feira: a feira da Festa do Carmo que durante vários anos ocorreu nas ruas ao redor da igreja. Atualmente, a feira do Carmo é realizada ao lado do SESC Araraquara na Rua Ivo Dall'Acqua.

É onde a comunidade se organizava em uma festa da igreja católica, a Festa de Nossa Senhora do Carmo naquilo que era geograficamente um bairro de periferia de Araraquara e acabou que ali você teve uma forma onde a comunidade afrodescendente mostrava a sua força, mostrava a sua capacidade de organização e também essa resistência vinha com a festa, com a alegria, com a diversão e com a integração, porque eu fico pensando o que era Araraquara no final do século XIX e o que era a comunidade afrodescendente espalhada pelo que era o perímetro urbano e, principalmente, o que era o perímetro, área rural da cidade, então, esse era o momento de encontro, de resistência, de celebração, mas de alegria também, de convívio (Edson, 44 anos, branco, ex-prefeito).

Imagem 3.1



Feira da Festa do Carmo em 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Segundo notícia postada no *site* da Prefeitura Municipal de Araraquara a Festa do Carmo estaria em sua 104ª edição, porém, muito provavelmente a Festa é mais antiga, visto as

notícias em recorte de jornal de 1894 mencionadas anteriormente. Apesar de inexatidões cronológicas a Feira do Carmo tem crescido tanto em número de feirantes quanto de participantes.

Este ano [2009] são esperados 200 feirantes na Feira do Carmo para exposição e comércio de produtos, realizados na Rua Ivo Dall'Acqua, atrás do Sesc. De acordo com os organizadores do evento, a feira atrai expositores de outros Estados, como Minas Gerais e Goiás, e também da região, de cidades como Limeira ou Americana. A parte da alimentação fica a cargo dos expositores de Araraquara (PREFEITO..., 2009).

Imagem 3.2



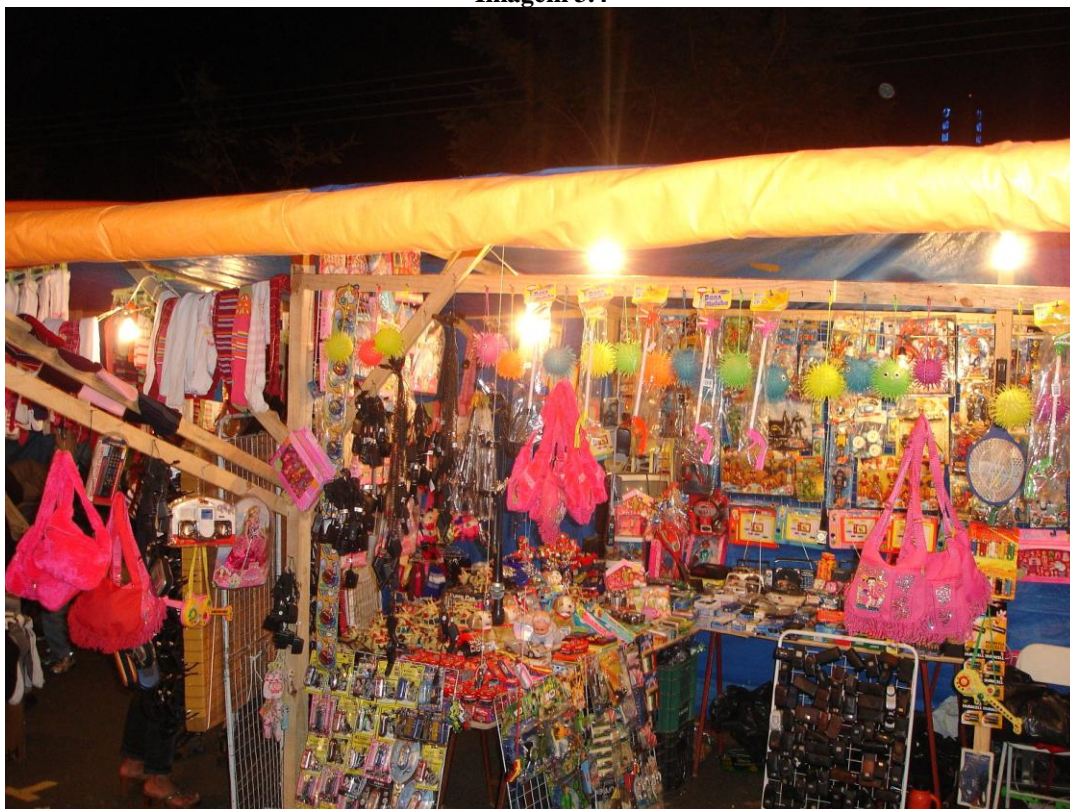
Feira da Festa do Carmo 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 3.3



Feira da Festa do Carmo 2009 – Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 3.4



Feira da Festa do Carmo 2009 – Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Essas fotografias destacam a Feira da Festa do Carmo da atualidade com suas típicas barracas de artigos diversos, de alimentação, de bebida e a grande presença da população araraquarense, brancos e negros. Os artigos vendidos nessa feira são associados à idéia de qualidade inferior, de preço barato, típicos das lojas populares conhecidas como de “1,99”, mas essa não é a idéia que os organizadores e participantes do Baile do Carmo desejam para o evento.

Tanto a Festa quanto o Baile do Carmo do passado são lembrados com saudade e nostalgia por boa parte de seus participantes os quais ressaltam que antigamente o evento era melhor. Essa afirmação é muito recorrente nos depoimentos dos entrevistados e em artigos recolhidos sobre a Festa do Carmo.

Há muitos anos, durante o mês de Julho realiza-se a Festa do Carmo. Hoje se resume a três dias de um ajuntamento de vendedores ambulantes. Mas não deixa de ser interessante. Não se equipara àquela que se realizava há uns cinqüenta anos no largo da Igreja, ainda de chão batido (GALHARDO, 2006, não paginado).

Imagem 3.5



Quermesse da Festa do Carmo início do século XX

Fonte: acervo do Arquivo Público Municipal “Rodolpho Telaroli.

Alguns depoentes afirmam participar muito raramente da festa religiosa nos dias atuais, o que se justifica devido ao fato de os negros e negras, na primeira metade do século XX, encontrarem na Festa do Carmo um motivo para se reunirem. Na atualidade, são as festividades do Baile do Carmo as responsáveis quase totalmente para se voltar a Araraquara

(no caso dos que migraram), encontrar com os amigos e curtir a dança, a música e “festar” juntos. Segundo Amaral “a festa é [...] um forte elemento constitutivo do modo de vida brasileiro, não devemos esquecer que ela se dá de modos e com fundamentos diferentes para os vários grupos que a realizam” (AMARAL, 1998, p. 07). Por isso, é possível pensar que a Festa do Carmo tenha sentidos diferentes, assim como seja lembrada de forma diferenciada pelos araraquarenses, pois para segmentos da comunidade negra essa festa está inevitavelmente ligada à realização do Baile do Carmo.

Na memória da maioria dos depoentes a festa religiosa aparece, mas fica em segundo plano como propiciadora do Baile. Quando pergunto sobre a Festa do Carmo eles falam do Baile e da reunião dos negros e não apenas da festa religiosa realizada pela igreja. Quando pergunto sobre o Baile para indivíduos brancos, muitos não sabem do que se trata ou falam da festa religiosa, outros demonstram conhecimento, mas têm dúvidas se podem participar e ainda há alguns que conhecem o evento e participam ativamente dele.

3.1 Discutindo os significados da festa no Baile do Carmo

Vimos trilhando até o momento um caminho que nos levará a compreender o Baile do Carmo. Sua origem estaria na Festa do Carmo, no batuque e na umbigada, sobretudo na configuração de uma elite negra araraquarenses e seus clubes recreativos e na tentativa de criar a sua identidade. Os relatos anteriores confirmam a participação dos negros na Festa do Carmo, ao menos a partir da primeira metade do século XX. Há uma memória sobre essa festa que vai cedendo lugar a uma participação e memória do Baile do Carmo como uma festa negra em Araraquara.

Hermano Vianna, em sua dissertação sobre os bailes *funks* do Rio de Janeiro faz um percurso por diversas interpretações e teorias sobre a festa. Ele analisa os pares: festa e a teoria da festa, festa e energia social, festa e representação da festa, festa e identidade, festa e etnicidade, festa e sociabilidade, entre outros, realizando, segundo ele próprio, uma “bricolagem teórica”.

Vianna parte de Durkheim (1983) que em seu livro “As formas elementares da vida religiosa” mostra as principais características de todo tipo de festa, que segundo o autor seria a responsável pela superação de distâncias entre os indivíduos, produção de um estado de efervescência coletiva e transgressão de normas sociais. De acordo com Durkheim, “não pode

haver sociedade que não sinta necessidade de conservar e reforçar, em intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade.” (DURKHEIM, 1983, p.230). E, para isso, reuniões, cerimônias, assembléias e também as festas estreitariam os laços entre os indivíduos, reafirmando sentimentos comuns. A festa seria o momento de recarregar as energias para o enfrentamento da “vida séria”, para a manutenção dos laços sociais que, pelo tempo, correm o risco de se desfazerem. Para Vianna (1987) “a festa, como o ritual religioso, reabastece a sociedade de energia” (VIANNA, 1987, p. 15).

O Baile era o momento que os meus tios, a parte que eu mais conheço deles, de sair para dançar, para poder curtir a situação. Era um evento que acontecia, primeiramente, no asilo, a Academia do Samba, era o momento do extravasa deles, 4,5 dias de festa, a noite de gala, tudo bem certinho, as matinês que eles tinham, era o momento que eles pegavam para extravasar na dança (João, 19 anos, negro, estudante).

A visão de muitos participantes do Baile do Carmo pode ser interpretada a partir dessa linha teórica, pois para eles o evento é o momento de reabastecer as energias para o restante do ano, de reencontrar os amigos, de fazer novas amizades ou de ter um espaço para estarem livres das pressões do cotidiano. Mas, ao mesmo tempo em que a festa parece ser uma ruptura com o cotidiano e um alívio para as pressões ligadas ao preconceito racial, ela também se insere na vida das pessoas e na estrutura da sociedade, marca a passagem do tempo, marca uma forma de se organizar, de construir a sua experiência pessoal e também de afirmar uma identidade.

Os grupos se organizam em torno de atividades e objetivos comuns, muitas vezes lúdicos, que proporcionam não apenas relações sociais mais diretas, mais afetivas (correspondendo às necessidades de sociabilidade, parceiros, companhia, enriquecimento da experiência pessoal), como também organizam, de modo sensível, a passagem do tempo (AMARAL, 1992, não paginado).

O Baile do Carmo enquanto festa é um momento de reabastecer a energia, de conagração, mas também permite ao negro uma posição de protagonismo, de ser anfitrião, de comando dos espaços que não lhe são habitualmente familiares, como é o caso da noite de gala, momento de origem do Baile do Carmo, realizada nos salões dos clubes das elites de Araraquara, e que nesse dia tornam-se territórios negros, onde a estética, o jeito de dançar e “festar” do negro são dominantes.

Os brancos vão ao Baile, mas nesse momento há uma inversão, pois são os negros que comandam aquele espaço, mesmo os associados, o presidente do clube e os diretores, que são

homens brancos e participam do Baile do Carmo estão nesse dia às margens, são os hóspedes e devem se sujeitar às regras ali estabelecidas, como vestir o traje correto e manter a compostura exigida diante dos demais.

Muitas pessoas perguntam ou têm dúvidas se brancos podem participar do Baile do Carmo e esta é uma questão muito importante para se pensar as relações raciais no Brasil, pois se muitos afirmam (em muitas entrevistas ouvi isso) que no Brasil todos são iguais, que não existiria diferença entre brancos e negros, pois aqui temos uma democracia racial, ideologia amplamente discutida e contestada por muitos intelectuais, mas ainda muito viva ou até mesmo desejada como meta a ser alcançada, não havendo aqui a prática da discriminação legal encontrada nos EUA ou África do Sul, então, por que uma pergunta como essa ainda é feita no século XXI por aqueles que nutrem as idéias de igualdade e de harmonia racial? Como essa pergunta pode ajudar a entender as relações raciais no Brasil e como uma festa como o Baile do Carmo pode ser uma maneira para atingir esses objetivos?

Ouvi certa vez de uma associada de um dos clubes onde o Baile é realizado a seguinte frase “você está perguntando daquele baile que discrimina os brancos”. E isso foi dito com certa indignação e até um tom agressivo. Segundo os antigos e os atuais organizadores do evento não há impedimentos para brancos participarem dele; para alguns depoentes havia, segundo outros nos anos 1940, 1950, 1960 e até mesmo 1970 eles podiam entrar, mas apenas para assistir, e para outros ainda os brancos podiam entrar e dançar, como descrito nos depoimentos a seguir

Tinha mas era pouco. Era bem menos que agora, igual na escola de samba de primeiro só tinha negro, agora é que tem loira.. é assim o Baile também (Sra. Anésia, 76 anos, negra, dona de casa).

Eu lembro que não entrava branco de jeito nenhum (Najla, 58 anos, branca, comerciante).

Eu penso que era uma coisa dita de negro, então branco não se metia a ir. Mas, agora a Najla está falando que não entrava mesmo (Célia, 60 anos, branca, comerciante).

Nós entrávamos porque nós conhecíamos todo mundo em uma boa. Um dia nós chegamos lá, branco não entra, mas deixa eles entrar. Porque naquela época, eu lembro que no Clube Araraquarense não entrava preto, não entrava pessoa de cor de jeito nenhum. Não aceitava como sócio. Quer ou não queria, hoje eu não sei, mas não é porque era de cor, nego de dinheiro, de carrão, tudo. E, eles queriam entrar no clube, mas não deixavam entrar. Se eu não me engano naquela época, eles queriam alugar o clube, mas não alugaram, não tinha conversa na época (Renato, 60 anos, branco, comerciante).

Eu não acredito que chegando lá eles fossem barrados, mas não iam (Waldemar, 78, branco, ex-prefeito, comerciante).

Meu primeiro Baile foi em 2004 junto com a Aline e é um pouco de vergonha porque eu achava que era o único branco que iria no Baile, mas depois eu vi que não era o único daí de 2004 para cá todos os eventos que têm eu estou sempre presente, procuro estar presente e ajudar no que eu posso. Tinha dúvidas sim, se as pessoas iam olhar para mim meio assim, não o que um branco está fazendo em um monte de negros, essa era minha dúvida, mas não, depois eu vi que não era isso. Depois eu me soltei, eu dancei a noite inteira com minha segunda família que eu tenho e foi uma tremenda festa, pra mim foi muito gostoso mesmo (Diego, 25 anos, branco, balconista).

No início, eu acho que na década de 50 já quase na década de 60, eu me lembro que o branco não entrava era Baile dos Coloreds, não tinha nada o Baile do Carmo, depois que passou a ser Baile do Carmo abriu para todo mundo, no 27, no 22, no Araraquarense, onde eles fizeram já não tinha esse preconceito, então passou a ser um baile administrado pela cor com livre acesso para quem quisesse (Florisvaldo, 65 anos, branco, bancário aposentado, presidente do Clube 22 de agosto).

Eu sempre quis entrar no Baile do Carmo na época que eu era jovem e não era permitida a entrada. Porque eles não deixavam entrar, quer dizer só alguma presença assim, autoridade e tal (Francisco Geraldo, 64 anos, branco, professor aposentado, presidente do Clube Araraquarense).

Esses depoimentos mostram a existência de uma separação entre brancos e negros, mas também destacam o fato de alguns brancos frequentarem o baile; para alguns não houve impedimento quanto à sua participação nele; outros se sentiram envergonhados por pensarem que seriam os únicos brancos no evento e revelaram dúvidas sobre a maneira como seriam recebidos na festa.

A fala de Renato demonstra uma convivência entre ele e os negros presentes na festa, pois ele participava de eventos realizados pela Academia A. do Samba devido ao fato de conhecer todo mundo. Sua cor não lhe impedia de entrar no baile, mas ele ressalta que o impedimento encontrado por alguns brancos era a reação dos negros comumente barrados na entrada de clubes como o Clube Araraquarense. Para Renato, mesmo quem tinha dinheiro, carrão não podia frequentar o clube, dessa maneira o impedimento não seria de ordem econômica, mas racial.

Mesmo no âmbito do lazer, “atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer” (MAGNANI, 1984, p.30) a festa demonstra a existência de uma separação entre brancos e negros, o que faz desse aspecto da vida em sociedade um importante espaço de análise, permitindo, diferentemente do espaço do

trabalho, a escolha de quem serão os amigos e companheiros. Nesse momento de análise, não importa se os brancos podiam ou não entrar no Baile do Carmo no passado, importa a continuidade da pergunta e a dúvida ainda nos dias atuais.

Nas festas realizadas em espaços simbolicamente marcados como do outro étnico, parece afirmar-se a intenção de, por um lado, borrar algumas fronteiras e, simultaneamente, por outro lado, levantar ou reforçar outras (GIACOMINI, 2006, p. 49).

Um baile de negros feito em um clube dos brancos onde os brancos acreditavam que não podiam entrar não por razões econômicas, pois boa parte dos associados desses clubes são médicos, advogados, dentistas, além de promotores, juízes e comerciantes e portanto têm condições financeiras para adquirir um convite, justificava-se devido a um impedimento de ordem racial, já que os brancos acreditavam e alguns ainda acreditam na possibilidade de serem destratados naquele espaço.

Há durante a realização do Baile do Carmo um protagonismo negro responsável por causar estranheza em alguns brancos, na medida em que eles deixam de ser os protagonistas da história. Por haver uma inversão, ao menos temporariamente, dos papéis os brancos se sentem deslocados por não estarem nos parâmetros sociais habituais em que eles são os protagonistas e os negros, muitas vezes, são invisibilizados, relegados às margens históricas, sociais e econômicas.

Ele [Baile do Carmo] entra na vida da gente como um momento que você não é inferior a ninguém, a nada (José Francisco, 45 anos, negro, professor).

Quando o branco perde esse papel de protagonista ou quando o negro passa a ter um papel de protagonista e se torna visível, o branco se sente constrangido, mesmo que em nenhum momento da festa ou do evento sinta algum tipo de impedimento para frequentar o local. Nesse instante ele experimenta a sensação que o negro vivencia constantemente em sua vida.

O Baile do Carmo, ao ser realizado em clubes e espaços dos brancos, promove a ocupação dos negros nesses espaços ao menos em um dia do ano, oferecendo um evento glamoroso, como afirmam muitos entrevistados, diante da organização, elegância dos participantes e da disposição em dançar a noite toda ao som de ritmos variados. Essa organização é muitas vezes uma surpresa para muitos brancos, principalmente para os diretores dos locais onde o evento se realiza.

Então, eles tinham uma porta de vidro na entrada, aquele ano fez um frio, um frio de matar e, eles mandaram tirar a porta de vidro, então ficou aquela corrente de vento. Aí perguntaram por que tiraram a porta? Eles tinham

medo que tivesse briga, alguma coisa e quebrassem a porta. E comentários maldosos, também, né? Lá, durante o dia, enquanto estava arrumando o salão, lá, eles passavam curiosos pra ver, né? E vê lá o cartaz: traje de gala, né? Uso de terno e gravata, aí um comentou assim, mas precisa usar terno e gravata pra dançar forró, sabe tudo isso você tem que ouvir e ficar quieta porque tava numa posição. [...] Só que depois à noite foram os diretores, alguns sócios e, eles ficaram de boca aberta, de ver a elegância, o nível, aquela confraternização, coisa que no baile deles não tinha, certo? (Ivete, 65 anos, negra).

O Baile dá nome, respeito e reconhecimento social para os seus participantes. Se nos dias habituais e para o restante da sociedade eles são desconhecidos, no Baile eles têm a oportunidade de se sentirem importantes, porque são reconhecidos pelo grupo que se estabeleceu, tornando-se visíveis. Esses participantes também procuram parceiros, reforçam os laços de solidariedade e buscam energia no grupo para o restante do ano; isto é, o Baile extrapola a dança e transforma-se em um espaço-tempo de sociabilidade.

[a sociabilidade] trata-se de um território comunicante e interativo, locus de mediação entre individualidade e sociedade, entre expressão e identidade, cuja relação é possibilitada pela cultura como esfera do social propiciadora de trocas e capacitadora de diferentes tipos de vida (GUSMÃO, 1999, p. 52).

Essa visão vai ao encontro da opinião de Carlos Silva (1995) sobre as festas de *reggae* e outras manifestações de lazer da população negra em São Luís do Maranhão, ou seja, elas “não acontecem somente em contraposição ao mundo dos brancos: acontecem, também pelas próprias formas de articulação da população negra construindo seus produtos culturais e através deles buscando seus espaços de participação na sociedade de classes.” (SILVA, 1995, p. 112-113). Ou ainda, de acordo com o relato de José Francisco, participante do Baile e ex-diretor do Centro de Referência e Cidadania de Araraquara,

Acho que essa consciência racial nas últimas três décadas vem aumentando e, hoje o jovem que vai no Baile eu acho que ele vai por um dos motivos que a gente estava discutindo outro dia, né? Aquele é o meu Baile, aquele é o meu lugar onde eu vou encontrar a minha gente, não sei... um dos milagres é a gente conseguir manter isso. Eu me identifico com o outro, embora eu não admita isso, eu me identifico com o outro e aonde junta muita gente, muito negro eu me sinto bem naquele lugar, eu não me sinto desprezado, nem preterido, nem submisso a nada, então eu vou pra um lugar... me preparo o ano inteiro pra ir [...] E acho que é isso que faz com que a juventude vá ao Baile hoje, acho que houve um retorno se é que algum dia isso não aconteceu, um retorno à questão da resistência, né? (José Francisco, 45 anos, negro).

Esse depoimento demonstra como o Baile do Carmo é um momento importante para muitos negros e negras. Para José Francisco, o Baile é o lugar onde ele se sente bem, livre da discriminação e livre do desprezo, pois é o lugar onde ele pode afirmar sua identidade.

Podemos falar em um “festar” negro paulista a partir da existência de diversos bailes similares ao Baile do Carmo em várias cidades do interior de São Paulo, como São Carlos, Rio Claro, Ribeirão Preto, Jundiaí, Limeira e também na capital. Segundo José Correia Leite,

O indivíduo, que freqüentava salões de baile, acabava se tornando popular, pois o baile era algo indispensável. Só os que não tinham condição nenhuma de se apresentar é que não iam. Tinham de se contentar com festas de quintal, batizados, casamentos... Quando nesses lugares aparecia um sujeito que freqüentava salão, era uma rivalidade danada. As damas acabavam disputando o chamado “negro de salão”, que em geral se vestia muito bem e era pouco dado à bebida (LEITE, 1992, p. 45).

Para Magnani (1984), a dança nos bailes *blacks* paulistanos por ele observados “construía, articulada às demais significações que ali se produziam, um espaço concreto e palpável de afirmação” (MAGNANI, 1984, p.35). Os estilos dançados propiciam essa afirmação e seu reconhecimento. Gostar de tal música, ritmo, ou dançar de determinada maneira expressa uma identidade. Para Félix

[...] as pessoas quando vão a esses bailes black o fazem porque é neles que encontram um espaço social onde podem ter a certeza de que não serão discriminadas, poderão ampliar as suas relações sociais através de novas amizades, assim como procurar parceiros afetivos que partilhem de sua concepção de mundo (FÉLIX, 2000, p. 176).

Amaral (1998), em sua tese de doutorado “Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que ‘não é sério’”, realiza uma incursão por diversas discussões sobre a festa com o intuito de compreender e elaborar o conceito de “festejar brasileiro”. Segundo a autora, após analisar cinco grandes festas nas cinco regiões do Brasil, há um “festejar brasileiro” que engloba diversos sentidos: conscientização, redistribuição de riquezas, supressão de necessidades reais e simbólicas. Para Amaral, a festa brasileira não pode ser vista como mera alienação, desperdício ou irresponsabilidade. Ela é capaz de expressar vários planos simbólicos e pode também ser utilizada para compreendermos o modo de vida em um país de contradições realçadas cotidianamente.

[...] a festa é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis (AMARAL, 1998, p.7-8).

Há uma dimensão muito interessante sobre a festa levantada por Cunha (2002) e Amaral (1998): o da cidadania e seu aprendizado, como menciona Amaral

O festejar brasileiro, por suas características peculiares pode ser considerado até mesmo, contrariamente à idéia de “alienação” que o envolve, como uma dimensão de aprendizado da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo (AMARAL, 1998, p. 08)

Ou como ressalta Cunha, “[...] a história da folia tem tudo a ver com o problema da cidadania e a efetivação das relações entre desiguais no Brasil” (CUNHA, 2002, p. 389). Por meio da história da folia, da forma como ela tem sido escrita é possível perceber que a cidadania²⁸ brasileira, no que tange aos direitos civis, políticos e sociais, não seria realmente igual para todos. Para a autora, havia uma “oscilação entre a disposição em se incorporar símbolos coletivos nascidos da alegre ‘alma’ popular e a rejeição radical de algumas de suas dimensões [oscilação que] freqüentou muito cedo as pautas das elites e dos ‘homens de letras’ preocupados em desenhar uma identidade nacional” (CUNHA, 2002, p. 376). Tanto a história da folia quanto a cidadania partem de um processo de institucionalização que estabelece padrões, normas e homogeneização. O problema da cidadania e sua relação com a história da folia estaria, justamente, na negação de um direito: o de contar e registrar essa história e de afirmar suas identidades. A história da folia registrada partiria do olhar do dominante, sendo recontada, constantemente, sem se levar em conta a perspectiva de diferentes sujeitos históricos ou, como diria Vidal (2003), sem o reconhecimento e o respeito aos indivíduos.

No caso particular de Araraquara a Festa do Carmo registrada durante muitos anos por diversos jornais da cidade não levou em consideração a experiência, participação e o olhar da população negra. A memória coletiva foi sendo moldada da seguinte maneira: Festa do Carmo - brancos - memória oficial; Baile do Carmo - negros - memória subterrânea (POLLAK, 1989).

Já Amaral (1998) mostra que a festa pode levar a um aprendizado da cidadania, quando as pessoas envolvidas buscam conhecer e exigir seus direitos, além de elas se apropriarem de sua história. Esse aspecto pode ser observado nos depoimentos a seguir

[...] o Baile deveria ser uma coisa mais cultivada, trazer essas pessoas para conhecer como é que o Baile, baratear o preço do Baile, dar condições para essas pessoas também participarem com a gente (Aline, 22 anos, negra, estudante).

Diante do exposto, o Baile do Carmo é antes de tudo uma festa, um momento de aprimorar-se, subverter, assimilar, criticar, aprender, conquistar, negociar, lembrar e apropriar-se da energia vital que emana do (re)encontro entre os participantes e demais

²⁸ Ver MARSHALL, T. H. “Cidadania e classe social”. In _____. **Cidadania, classe e status**. Tradução Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967 [1963], p. 57-114.

envolvidos. A maior parte das pessoas quando questionadas sobre as razões que as levam ao Baile do Carmo afirmam participar dele para (re)encontrar amigos. E esse (re)encontro pode ser entendido como o (re)encontro com pessoas, lugares, tempos passados que parecem voltar quando revividos coletivamente e o desejo de tempos futuros livres do racismo e da discriminação.

4 O BAILE DO CARMO, SEUS RITMOS E EVENTOS: ROMPENDO A VISIBILIDADE INVISÍVEL

Explicar o Baile do Carmo pode implicar em expressarmos de maneiras diferentes esse evento, embora sejam maneiras que se revelam de forma interligada. Uma resposta evidente leva a uma descrição do Baile, sua origem, quem o realiza, para quem, como, onde, quando e como ele acontece concretamente. Outra resposta procura demonstrar por que esse evento tem sido realizado, como começou, de que maneira, qual era o contexto quando ele passou a ser realizado e como ele pode ser uma fonte de investigação para entendermos as relações entre brancos e negros em Araraquara. Nesta pesquisa, tenho tentado explicar o Baile do Carmo levando em consideração todas as facetas oferecidas por ele para a compreensão de uma forma de organização negra. Nesta parte do trabalho levarei em consideração uma descrição e análise do evento.

O Baile do Carmo vem se tornando, com o passar dos anos, uma festividade com diversos e diferentes eventos e atrações e com duração de quase uma semana, conforme seus folhetos de divulgação de 2002 a 2009, nos quais é possível visualizar toda a ampla programação do evento. Há diversas atrações para as diferentes faixas etárias e econômicas.

Faz-se necessário neste momento abrir os salões, vasculhar os registros, jornais, sites na internet, fotografias e remexer as lembranças de seus antigos e jovens participantes para entendermos a complexidade desse evento.

4.1 Belas Noites de Julho: a noite de gala

A noite de gala acontece sempre aos sábados e é o evento de origem do Baile do Carmo. Juntamente a ela, outros dias e eventos foram agregados e, para muitos, quando se fala em Baile do Carmo fala-se da noite de gala.

O Baile do Carmo é o baile do sábado (Paulo, 27 anos, negro, porteiro).

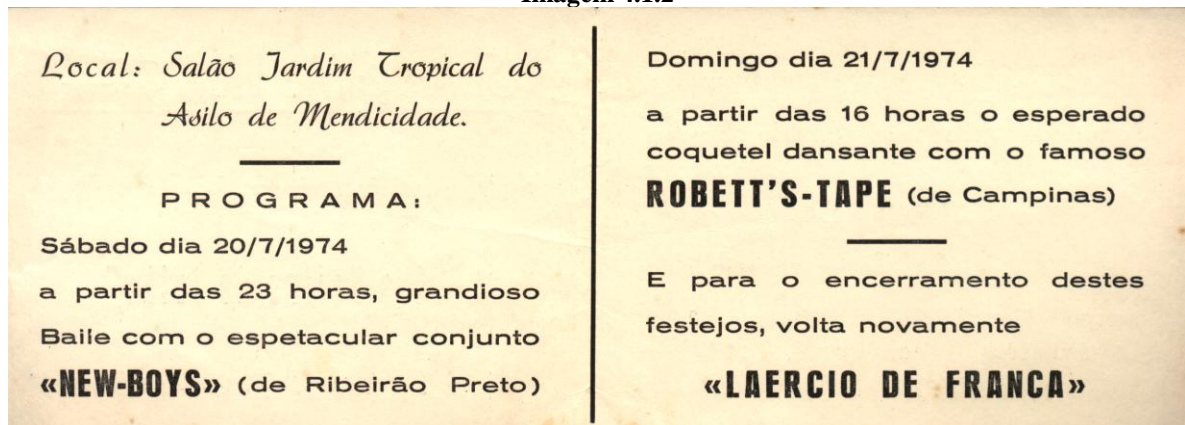
Para melhor conhecermos essa noite tão esperada por muitos participantes vale a pena adquirirmos um convite para adentrarmos nos salões e rodopiarmos um pouco com as pessoas. A entrada no baile é uma tentativa de entender seus significados e os elementos que estão inseridos no evento em diferentes períodos.

Imagem 4.1



Frente do convite Baile do Carmo de 1974. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.2



Verso do convite Baile do Carmo de 1974. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.3



Convite Noite de Gala - Baile do Carmo 2002. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.4



Convite Noite de Gala - Baile do Carmo 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Os convites acima registram os diferentes anos de realização do Baile do Carmo. O de 1974, intitulado o baile de Belas Noites de Julho, ainda tem seu título usado na divulgação atual; em 2002 o destaque foi a utilização da decoração temática pelo organizador, que naquele ano estava relacionada ao Futebol e à copa do Mundo, por isso é possível ler Show de Bola no convite para o baile de gala. O convite de 2009 destaca a Orquestra Leopoldo de Tupã, uma das mais queridas pelos participantes.

O baile de gala é realizado no sábado, às 23h00 sempre no mês de julho. A data é próxima ou depois do aniversário de Nossa Senhora do Carmo, dia 16 de julho. Há sempre uma intensa movimentação de pessoas em frente à sede de campo do Clube Araraquarense, situado no bairro do Carmo, mas poderia ser no Clube 22 de Agosto, Clube Estrela²⁹, no antigo Teatro Municipal de Araraquara³⁰, no antigo Hotel Eldorado e também no salão do antigo Asilo de Mendicidade, todos locais centrais, com exceção do Clube Estrela, muito embora, o negro não frequentasse ou ainda não frequenta cotidianamente a maior parte deles.

E quando chega essa época o negro ele gosta de exhibir, ele invade o Clube Araraquarense, ele se sente dono nesse dia (Daniel, 54, negro, organizador do Baile do Carmo).

Segundo Giacomini (2006) ao analisar os bailes que o Renascença - associação negra no Rio de Janeiro - realizava em salões de hotéis e clubes naquela cidade verificou-se que:

Na ausência de uma efetiva integração de co-presença com os frequentadores habituais dos salões experimentava-se a possibilidade da vivência do e no espaço, assim como de tudo o que ele simbolicamente evocava. Dessa forma, a satisfação auferida pelo grupo advinha do sentimento de que

²⁹ A prefeitura de Araraquara recebeu como doação onerosa o imóvel deste clube. Lei 7.129 de 12 de novembro de 2009. O Clube tem origem nos anos 1960.

³⁰ Para maiores informações sobre esse espaço, ver ROSSONI, Igor. Revitalização de Memória: Teatro de Araraquara 1916-1966, Araraquara: Fundart, 1982.

detinha todos os requisitos para ser ‘igual’, isto é, reunia plenas condições para a verdadeira e ansiada ‘participação de igual para igual’ (GIACOMINI, 2006, p.96).

Essa é uma realidade encontrada nas falas dos participantes do evento ansiosos para que a noite de gala seja sempre realizada nos clubes que representam certo *status*.

Imagem 4.1.5



Chegada dos participantes para o Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Muitos carros estão chegando e deles saem pessoas elegantes, mulheres e homens alinhados, em trajes de festa. A chegada no clube é um momento importante para ver e ser visto, é o início da festa. Pude acompanhar por diversos anos o burburinho causado na hora de entrar na noite de gala do Baile do Carmo, a ansiedade de alguns que participavam de seu primeiro baile, a expectativa de outros procurando (re)encontrar conhecidos e a descontração daqueles que teciam comentários sobre o evento e a elegância de seus participantes.

Eu nem imaginava o que era o baile de gala e eu nunca quis saber, aí foi um dia que eu fui lá na frente com a minha bicicleta e vi todo mundo elegante, eu lia que era terno e gravata, mas para mim era normal (o baile). Eu vi todo mundo elegante e pensei o que será um baile de gala? Aí eu perguntei depois para uma amiga minha que participou e ela disse que era maravilhoso, a orquestra tocando, era uma noite de glamour, eu não sabia que tinha essa dimensão. Eu fiquei curioso, aí foi que no próximo ano eu fui, mas bem tímido, ficava na minha, mas muito chique, maravilhoso! (Paulo, 27 anos, negro).

Elegância, glamour, chique. São as palavras bastante utilizadas quando o assunto é o Baile do Carmo e todos os depoentes, participantes ou não do evento usam essas palavras para descrevê-lo e para caracterizar a noite de gala. Segundo o dicionário Aurélio, elegância significa “graça, distinção nas formas, nas maneiras, nos trajes”; glamour, segundo o dicionário Michaelis, é o mesmo que “encanto, fascínio, charme” e chique refere-se a “bonito, elegante, de bom gosto”. Todas essas palavras trazem a idéia da distinção e do refinamento,

que para uma população habituada a ter uma imagem depreciada representa a forma como querem ser conhecidos e como querem demonstrar seus bons modos, comportamento, vestimenta e organização.

Porque tem muita gente que tava deixando de vir no Baile porque via que o pessoal tava vindo de qualquer jeito. Muita gente que gastava uma nota e tem lá neguinho que tá lá de calça jeans, paletó e tal e não gastou nada e tá no Baile a mesma coisa que eu, então péra um pouquinho. Eu tirei tudo isso. Eu falei vai ser um só traje é esse... chique e vamô que vamô. Hoje eu já cheguei fazer até as 10 mais elegantes do Baile. Pra incentivar mais ainda o negro pra se vestir. Hoje ele virou uma marca de luxo onde eu vi uma vez até uma coisa que virou piada a patroa vai ver a empregada entrar e aí eu pergunto pra patroa porque a senhora não vai ao Baile, ela diz que não tem condições de ir ao Baile. É uma coisa esquisita, se bem que a empregada junta dinheiro o ano todo pra poder (Daniel, 54 anos, negro).

Imagem 4.1.6



Presença Jovem na Noite de gala em 2008.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/thedreamstudio/2757465852/in/photostream/>

Nossa! Desde menina eu imaginava um glamour e realmente era um glamour. Eu não imaginava que era tudo aquilo, sabe? Eram as mulheres impecáveis, então um glamour, mesmo! (Fátima, 47 anos, negra, comerciária, organização do Baile).

Primeiro, um baile extremamente elegante, né? Porque como eu disse eu coordenei os desenhos das alunas, por fotografia eu tenho visto (Lauro, 53 anos, branco, artista plástico, ex-secretário de cultura).

[...] pra mim era só gente muito chique (Célia, 60 anos, branca, comerciante).

Pra falar a verdade era desfile de moda, elas competiam na roupa e na beleza, era impressionante. [...] Para nós era glamour puro (Maria José, 65 anos, branca, comerciante).

No Baile do Carmo tá todo mundo feliz, todo mundo bonito, chique e todo mundo quer ser visto e uma alugou o vestido, a outra mandou bordar em São Paulo, a outra comprou em Ribeirão, então como todo mundo quer ser visto é aquela coisa, fica uma harmonia tão gostosa, tem um amigo meu que diz que queria ser vidente para ver, porque está todo mundo feliz, com uma aura bonita (Márcia, 43 anos, negra).

A elegância e o glamour são características mantidas pela exigência de traje social: terno e gravata para homens e vestido longo para as mulheres. Um desvio muito brusco desse padrão é observado pelos organizadores que podem solicitar a retirada daqueles que não cumprem o determinado, como afirmam duas depoentes, uma delas responsável pela organização.

O ano passado [2007] também foi uma moça com uma sainha bem curtinha, eu falei que ela não podia entrar assim, tem que ser abaixo do joelho. Aí eu devolvi o dinheiro dela também e ela foi embora (Fátima, 47 anos, negra).

Um amigo nosso perguntou se podia vir com roupa africana, a Fátima falou que vai conversar com o Costa para ver, porque ele representa a unidade de candomblé dele e em festas ele tem que usar roupa de gala, mas eu acho assim que como você que participa de diversas coisas, diversos congressos, esse é o único baile ainda que permanece o homem de ter obrigatoriamente, o homem de terno e gravata e a mulher o longo, pra mudar... eu acho jamais mudaria isso. Na minha opinião não deve mudar. E estar conseguindo se manter. A gente só vê no finalzinho do Baile os homens tirarem (Márcia, 43 anos, negra).

A preocupação com a vestimenta é grande até os dias de hoje, todos querem estar muito bem para esse momento, muitos entrevistados relatam que havia um desfile informal durante a noite de gala juntamente com a escolha das mulheres mais elegantes.

A gente procurava fazer os vestidos os mais lindos e apresentar, ainda mais quando tinha o desfile de moda, a pessoa queria apresentar lá melhor que pudesse. Eu sou costureira, então geralmente eu ia lá pra ajudar as moças lá que estavam desfilando. Então foi sempre muito bonito (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Tinha desfile de moda, uh! A nega que tivesse mais bem vestida era a rainha do Baile (Sra. Arlinda, 91 anos, negra).

E o Baile era o [ênfase da depoente] baile com o concurso de quem ia mais bem vestida, ganhava primeiro lugar, ganhava segundo, né? (Sra. Diva, 74 anos, negra, dona de casa).

A preocupação com a vestimenta para o baile é compreensível se refletirmos sobre a história da moda e sobre o significado das roupas. Segundo Gilda de Mello e Souza (1987), “ao mesmo tempo que traduz a necessidade do adorno, a moda corresponde ao desejo de distinção social” (SOUZA, 1987, p.47). Até a distribuição das cores buscava representar as

diferentes hierarquias nos regimes monárquicos franceses na Idade Média. Para a autora o século XIX é o divisor de águas no uso das vestimentas para homens e mulheres nas sociedades ocidentais. O princípio da sedução foi enfatizado nas roupas femininas enquanto desaparecia dos trajes masculinos³¹.

Cidreira (2005), inspirada em Palés-Delon, destaca quatro modos de diálogo entre o corpo e a roupa. O primeiro concebe a roupa como valorização do corpo, beleza e sedução; o segundo, como estado da natureza, proteção ao corpo; o terceiro, a considera uma segunda pele, simbolizando o conforto e a liberdade de movimentos e o quarto, está relacionado à situação cerimonial, ao espetáculo.

Levando-se em consideração cada um desses modos de apropriação da roupa em sua relação com o corpo, o importante é lembrar que é através deles que o reconhecimento do outro se efetiva e essa é a condição primeira de sociabilidade ou sociação (no dizer Simmeliano) ou mesmo de interação (à la Goffman) que faz sociedade, que engendra comunicação. A aparência corporal aparece, assim, não apenas como um subproduto da vida social, o efeito combinado de diversos determinismos estruturais e culturais, mas sim como uma fonte e aposta fundamental na dinâmica da socialização. Pode ser considerada como uma instância imaginária e mítica, na medida em que revela uma relação entre o indivíduo e o mundo, entre o indivíduo e os outros e entre o indivíduo e a sociedade (CIDREIRA, 2005, p.111).

A roupa é um elemento extremamente importante para a noite de gala do Baile do Carmo. Uma exigência que se faz presente desde as lembranças mais remotas dos participantes do evento. A roupa e o corpo são importantes na busca pelo reconhecimento do grupo ali presente e da sociedade araraquarense. O saber se vestir e saber se comportar tem uma dimensão ainda maior, principalmente quando pensamos na população negra que historicamente é posta à prova em sua capacidade de organização e pelo domínio dos “bons costumes”.

Vale citar novamente o depoimento de Ivete, que diz ter presenciado nos idos dos anos 1990 a surpresa de diretores e associados de um dos locais onde o evento é realizado ao ler no cartaz de divulgação da festa a exigência do traje para entrar no baile. Muitos entrevistados brancos mostraram-se surpresos com a elegância e o glamour dos negros para esse evento. Alguns se tornaram espectadores no local de entrada do evento e se admiraram com as vestimentas.

Não apenas as roupas, mas sapatos e acessórios são bastante valorizados e fazem parte de toda a preparação para o Baile do Carmo. Sérgio Souza (2007) ao investigar as práticas

³¹ Sobre esse assunto ver SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das roupas: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

culturais e os territórios negros em Ribeirão Preto afirma: “nos modernizados espaços urbanos do século XX, os sapatos tornaram-se símbolos de dignidade social a serem exibidos pela população negra em seus bailes e outros eventos culturais que promoviam na cidade de Ribeirão Preto” (SOUZA, 2007, p.178). Isso ocorre porque durante a escravidão, os sapatos eram artigos proibidos aos negros escravizados e marcavam a distinção entre libertos e escravos. Segundo Lopes,

No Brasil antigo – já que era considerado falta de respeito o escravo permanecer de pés calçados diante de pessoas tidas como superiores -, uma das caracterizações externas da condição escrava eram os pés descalços. Assim, os sapatos eram, para o negro, o símbolo de sua libertação e de seu nivelamento aos brancos (LOPES, 2006, p. 153).

A Sra. Arlinda relatou que para o Baile do Carmo as mulheres não deviam usar sapato baixo, pois esse era o sapato de empregada. Segundo sua fala é possível perceber outra distinção entre negros e brancos, entre patroa e empregada, pois os negros no pós-abolição já tinham acesso ao uso do sapato, ou seja, outras marcas criavam novas distinções.

A nega que tivesse de sapato baixo já falava não... nega de sapato de empregada [risos] A nega de sapato de empregada, que o sapato era vestido chique não podia ir de sapato baixo, né? Se elas punha sapato baixo diziam que era sapato de empregada. E tinha que ser tudo chique. [e os homens] Todos de gravata, aquele tempo eles andavam bem arrumados sapato preto e branco, cada um queria se vestir melhor que o outro [risos]. (Sra. Arlinda, 91 anos, negra).

Os homens, tanto quanto as mulheres, também se preocupam com o seu visual para o Baile do Carmo. Ao ser questionado sobre a roupa para o evento o senhor José e o senhor Pércio afirmam:

Faz tudo parte de um ritual, bailes, o Baile do Carmo, bailes que aconteciam nessa época ele era distinguido como um acontecimento social, fino, então a roupa fazia parte. Então, o terno, ele identificava, ele deixava o ambiente elegante, fino, respeitado, impondo respeito. Eu presenciei isso da pessoa chegar na porta e dizer que pagava o que fosse necessário. E diziam para ele nós não queremos o seu dinheiro, nós queremos decência. Eu acho que isso é uma forma de impor, a *finesse*, o que vai acontecer lá dentro, apesar de que pode acontecer também dentro de um lugar que estejam pessoas todas bem trajadas imprevistos, mas isso aí eu acho que era fundamental (José Servino, 59 anos, negro).

Porque o povo que ia no Baile, eles não iam de qualquer coisa e nem era aceito pra entrar se não tivesse distintamente trajado: paletó, gravata e tal, então até hoje é. Ah, sim! Como eu estava dizendo o traje era passeio chique, sempre foi assim, então eu, por exemplo, quando chegava na época da festa do Carmo a gente já programava como ia ser (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

Os homens no Baile do Carmo parecem não sentir vergonha de sua vaidade e de se

preocuparem com a sua roupa e apresentação. Para alguns autores, com o passar do tempo a roupa masculina ficou mais séria e perdeu a idéia de sedução, o mesmo não aconteceu com as mulheres, pois cada vez mais abrem-se muito mais possibilidades de tecidos, cores e estampas para o público feminino. Essa realidade está presente no Baile, uma vez que não há grande variação no estilo das roupas masculinas, porém, há a preocupação da parte deles em se vestir bem.

Mas não podemos perder de vista o destaque dado às mulheres. Por exemplo, nos anos 1950, quando o Baile do Carmo era realizado pela Associação Recreativa Cruzeiro do Sul, havia durante a noite de gala um desfile das mulheres mais elegantes. Segundo a Sra. Maria do Carmo e o Sr. Geraldo David, quando a Associação Recreativa Academia A. do Samba assumiu a realização do Baile, em 1963, passou a promover o desfile e a escolha das mulheres negras mais elegantes em outro baile específico para isso: o “Baile das Dez Mais”. Concursos de beleza e bailes desse gênero também eram comuns em outras cidades do Brasil, inclusive na cidade de São Paulo. A atual organização do Baile do Carmo mantém essa tradição com a escolha da musa do baile e com o Desfile Show de Modas.

Atualmente, mesmo não tendo mais desfile na noite de gala com seleção e premiação, há um desfile informal entre aquelas e aqueles que chegam. Há uma preocupação também com o cabelo³² e com todos os itens que irão compor uma boa apresentação no salão. O cabelo é um ponto bastante mencionado nos depoimentos quando o assunto é a preparação para o Baile do Carmo.

A Valentina arrasava. E ela com aquele ferro alisando o cabelo (Célia, 60 anos, branca).

[...] por exemplo, meus cabelos estão negros [pintados], então você queria ficar lindo para aquela noite, aquela noite era eterna, você tá entendendo? (Sr. Adão, 74 anos, negro).

[...] não esqueço nunca do meu tio Carlinho, ele dormia com uma touquinha assim de meia na cabeça que era para o cabelo não mexer, nossa!!! (Valéria, 43 anos, negra).

Eu tranço o meu próprio cabelo, eu tranço o das meninas. Eu falo se eu não fosse negra eu não faria tanta coisa (Lorhaine, 20 anos, negra).

Toda a preparação é necessária porque é noite de Baile do Carmo, é noite de (re)ver os amigos, de ser visto, de dançar ao som da San Francisco, da Sulamérica, da Leopoldo de Tupã, da Laércio de Franca, das bandas - ou mais habitualmente chamadas orquestras -,

³² Ver mais em GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2.ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

responsáveis pelas músicas feitas para dançar aos pares ou sozinhos.

Grandes orquestras eu me lembro que na minha época ajudei trazer para Araraquara, a Grande Orquestra Tupi, uma orquestra grande e outras orquestras que passaram no Baile do Carmo e até hoje estão tocando nos grandes eventos, eu acho que o bom gosto na contratação também faz parte da diretoria, porque o Baile por ele ser chique ele passa a ser exigente então você não pode trazer qualquer banda para um baile chique como este (José Roberto, 61 anos, branco).

Tocava o bolero, tocava samba, as mesmas músicas mesmo orquestradas. As músicas que tocam hoje no Baile eram as músicas que tocavam antigamente, são o mesmo tipo (Fátima, 47 anos, negra).

E depois têm as cantadas mesmo, que é o samba-rock que eles colocam que você vê que as pessoas se empolgam mais. Porque orquestra é uma coisa meio parada mesmo, mas depois que eles colocam o som, todos os negros se soltam mesmo, fica pequeno o espaço para dançar, um esbarra no outro (Diego, 25 anos, branco).

Tocava Ray Conniff, as músicas pra dançar junto, essas músicas gostosas porque no tempo da gente dançavam ... até agora dança junto e sempre tem alguma coisinha, mas a orquestra ... orquestras boas que vinham, porque a turma gostava, porque senão o pessoal reclama. Esse ano [2002] vai ser boa porque é a Sulamérica (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Imagem 4.1.7



As bandas na noite de gala em 2003, 2005, 2006 e 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

A música mal começa e já invade todo o espaço. Em pouquíssimo tempo a pista de dança está repleta de casais dançando ao som das composições de vários autores como Ray Conniff, Glenn Miller, Altemar Dutra. Os ritmos são variados: samba, salsa, bolero, suingue, samba-rock e pagode. Mesmo aquelas pessoas sem par podem dançar com a diversidade de estilos musicais. Desde 2004 tem sido possível observar uma alteração no repertório do Baile, pois as bandas vêm incorporando novos ritmos e compositores a fim de acompanhar as mudanças e atrair o público jovem.

Para economizar, a mesa e os convites foram por mim adquiridos com antecedência. Um casal gasta atualmente R\$180,00 se quiser ocupar uma mesa no salão e se não tiver conhecidos para dividir esse valor, já que a aquisição da mesa dá direito a quatro convites.

Hoje está R\$180,00 a mesa com direito a quatro ingressos. Então, vai sair cada pessoa na mesa 45,00. Se você for ver bem não é caro [...] economizando um pouquinho sabe que em julho tem o Baile do Carmo dava pra ir, porque é uma vez só por ano (Fátima, 47 anos, negra).

Muitos reclamam do valor do convite para a noite de gala, principalmente os participantes de todas as festividades do Baile do Carmo durante a semana. O valor do convite é apenas um dos gastos para participar do evento, além dele há que se considerar a produção com a roupa, calçados, maquiagem, penteado, bebidas e petiscos comprados no salão durante a noite, o que segundo os depoentes, torna a participação no evento um tanto dispendiosa, embora valha o sacrifício como apontam os depoimentos a seguir:

Vamos começar da roupa, o vestido é em torno de 70 reais, tem gente que aluga paletó, gravata, sapato, tudo. O terno do homem fica 60, 70 reais. Vamos pôr o casal já dá 150 só em roupa, a mesa esse ano está 200 com direito a quatro ingressos, então já foi mais 350. É um baile caro, tem pessoas que trazem uísque, só que é vendido lá dentro o gelo, o cardápio, um cardápio caro, eu acho que só para a noite um casal gasta uns 400 só para o sábado. Tem gente que aluga até carro, fazem muita coisa para vir para o Baile, fora hotel, a hospedagem. Eu acho que no mínimo 400 só para o sábado. Mas, eles gostam, né? Eles amam. Eu até gosto. Levanta muito a auto-estima, é caro, mas vale a pena (Paulo, 27 anos, negro).

Sempre ficava um pouco caro, tinha que juntar. Eu junto (Sra. Liberalina, 82 anos, negra).

Naquela época era mais fácil. Hoje tá mais difícil (Berenice, 58 anos, negra).

Sempre foi caro o Baile, não eram todas as pessoas... De modo que a pessoa que sabe que vai no Baile já tem que ir se prevenindo bem antes (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Não! naquela época não ... tudo era mais fácil, hoje é mais difícil (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

Segundo Paulo, a possibilidade de pagar esses gastos em um único dia levantaria a auto-estima do negro e por isso valeria a pena. No entanto, o preço do Baile gera controvérsia. Alguns acham que no passado era mais fácil pagar os gastos do evento; talvez isso demonstre a desvalorização do dinheiro recebido e um empobrecimento da classe média brasileira. O Sr. Pércio, ferroviário aposentado, diz que antes o salário dele valia mais, era mais tranquilo participar do Baile. Segundo sua afirmação, hoje é mais difícil. Já outros participantes dizem que sempre foi dispendioso e sempre foi preciso economizar durante o ano para poder participar. Isso vai depender do nível sócio-econômico e da história de vida de cada participante.

Preparam o ano inteiro, algumas pessoas até arrumam dívidas. Tem pessoas de fora que alugam carros e aluguel de um carro é o que? Cem reais por dia? Mas também ali, juntam os negros que estão em melhor situação financeira, né? Porque aqui mesmo na cidade, muitos colegas meus não foram ao Baile e não é porque o Baile é chato, porque não queriam ir, é porque não tinham como pagar mesmo! Não tinham como pagar mesa, não tinham como pagar ingresso, roupa (José Francisco, 45 anos, negro).

No ano de 2003 o organizador do Baile do Carmo estabeleceu um contrato com o banco Panamericano, o que permitiu aos participantes um empréstimo parcelado do valor gasto para ir ao Baile.

Ah!! Eu acho sim, que tem muita gente que tem vontade de ir não vai porque não tem condições. Mas também se ficar muito baratinho já começa entrar aquela turminha, né? Tem que ser um meio termo. Esse ano tem mais facilidade, dá pra pagar em 3 vezes, no banco Panamericano (Berenice, 58 anos, negra).

Para alguns entrevistados, o preço deveria ser menor, pois assim mais pessoas poderiam conhecer o evento; para outros não pode ser muito barato, tanto por haver um dispêndio muito grande para toda a organização quanto pelo fato de a universalização do acesso poder causar uma mudança na qualidade do evento.

Esse é o meu medo, que se baixar o preço, vire assim banana em feira, entende? Vire uma coisa mais desvalorizada, esse é o meu medo da taxaço do preço, mas tinha que reconsiderar sim, tinha que observar mais, é muito tradicional, é palco de discussão entre a sociedade de dois meses antes e dois meses depois (João Paulo, 19 anos, negro).

Eu acho que é alto, para os padrões da nossa comunidade é alto, mas você vê o número de pessoas que frequentou o Baile tá preparado pra pagar esse preço alto (José Francisco, 45 anos, negro).

De acordo com José Francisco o preço da noite de gala é alto para os padrões da comunidade negra local, mas a grande participação no evento demonstra a organização

financeira dos participantes. Na verdade, os depoimentos ressaltam a organização de alguns, afirmando economizar o dinheiro para participar do evento, e o acúmulo de dívidas por outros. A presença na noite de gala não pode ser avaliada como um sinal irrefutável de uma boa condição financeira, mas é evidente que há uma diferenciação de classe entre os participantes o que garantirá uma maior ou menor dificuldade para vivenciar o Baile do Carmo.

Independente das discussões referentes ao preço do evento, uma vez no salão é hora de vivenciar a noite; é o momento da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p.65). O salão está arrumado. Mesas e cadeiras forradas e dispostas em várias partes do salão, como numa festa de casamento. São mais de 100 mesas com 4 cadeiras por mesa. Geralmente, a decoração tem motivos e cores diferentes em cada edição do evento e é supervisionada por uma das organizadoras.

É assim, de manhã eu dou o mapa para os funcionários, aí a Célia [decoradora] chega com a turma dela, quando chega à tarde eu vou lá ver como está ficando a decoração, duas horas da tarde eu vou ver se está ficando realmente do jeito que eu quis, se estiver faltando alguma coisa eu digo para ela, porque depois não dá mais tempo, porque dali ela sai e vai para outra festa. Seis horas é para estar pronto (Fátima, 47 anos negra).

Imagem 4.1.8



Imagem do salão no Baile do Carmo em 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Algumas mesas, em alguns anos, ficavam acomodadas sobre uma plataforma mais alta do salão e eram chamadas mesas *vip*³³, com preço diferenciado das demais. Em certos momentos da festa a maioria das pessoas está dançando, desfilando ou conversando pelo salão e as mesas ficam praticamente vazias.

Imagem 4.1.9



Imagem do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

As pessoas vão chegando em maior número após a meia-noite e todas querem atrair a atenção das demais, por isso muitas passam desfilando e cumprimentando os conhecidos por entre as mesas até chegar naquela que irão ocupar. A recepção dos participantes é feita, há alguns anos, pela musa do Baile do Carmo e a partir de 2008 também pelo príncipe do Baile, além de outras moças encarregadas da tarefa de acompanhar, quando preciso, os participantes até suas mesas. A musa do Baile é jovem³⁴ e reflete o interesse do organizador do evento, que

³³ Algumas dessas mesas *vip* (very important person - pessoa muito importante) são reservadas para os convidados especiais do organizador do Baile tais como políticos, artistas ou personalidades conhecidas e reconhecidas pelos participantes do evento ou pela imprensa local, regional ou nacional. Essas mesas têm uma localização privilegiada no salão. Porém, é possível a qualquer participante do Baile a aquisição de uma mesa *vip*, desde que o mesmo esteja disposto a despendar um valor maior para isso.

³⁴ Para uma discussão mais aprofundada a respeito da noção de juventude, ver SPOSITO, Marília P. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Juventude e

deseja a participação cada vez maior de jovens na noite de gala.

As pessoas, por exemplo, os jovens, na época em que eu peguei o Baile não existia jovem no baile de gala. Eles achavam que era baile de velho. Aí, o que eu fiz, eu peguei e consegui de orquestra pular pra banda e comecei a exigir repertório... então vai tocar Ray Conniff? Vai, mas vai tocar também Katingelê. Isso tem acontecido devagarzinho pra não assustar os mais velhos. Hoje pra você ter uma idéia a musa do Baile do Carmo [2006] desse ano tem 20 anos de idade pra que isso estimule pra que amanhã o jovem esteja indo (Daniel, 54 anos, negro).

Mas a musa é escolhida por sua beleza e desenvoltura o que nos remete aos concursos de beleza promovidos por diversas associações negras desde o início do século. Segundo Domingues (2003), “esses eventos contribuíam para despertar a vaidade e a auto-estima do negro e, por conseguinte, neutralizar o eventual complexo de inferioridade diante do branco” (DOMINGUES, 2003, p. 377).

Legal, é outra forma de valorizar também a beleza negra (Pamela, 25 anos, negra).

Essa experiência de concursos de beleza e valorização da beleza negra é encontrada em diferentes regiões do Brasil, por exemplo, temos o bloco afro Ile Ayê de Salvador que realiza desde 1980 o concurso da Beleza Negra a fim de escolher a rainha do bloco a “Deusa de Ébano” para o carnaval. É um evento bastante importante no qual as concorrentes devem desfilar com trajes e penteados de inspiração africana ao som da percussão do bloco. As candidatas devem ter a pele escura e segundo Chagas (2001) esse concurso tem a intenção de elevar a auto-estima da mulher negra, no entanto a autora afirma que mesmo o corpo não sendo “sexualizado como os das “mulatas”, continua sendo um objeto em que os homens – nesse caso em especial os líderes do bloco – projetam suas imagens e impõem suas ideologias” (CHAGAS, 2001, p.154). A autora se pergunta o porquê de a beleza ser destacada como um atributo apenas feminino.

O Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro também promoveu concursos de beleza negra, como o Boneca de Pixe na década de 1950, cuja intenção era ser uma ação pedagógica para a elevação da auto-estima da população negra e para a luta contra a imposição da brancura como padrão de beleza. Os concursos não tiveram vida longa, pois segundo Elisa Nascimento (2003) não foi possível “manter o padrão de seriedade que exigia a intenção pedagógica de sua realização” (NASCIMENTO, 2003, p.299). Devido ao

Contemporaneidade, São Paulo, Anped, n. 5/6,1997. DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, n.30, p. 25-39, 1999.

crescimento de sua popularidade desvirtuavam-se seus objetivos principais e para Abdias do Nascimento o alvo desses concursos era justamente lutar contra a visão da sociedade brasileira sobre a mulata e a mulher negra como um objeto erótico (NASCIMENTO, 2003, p.230).

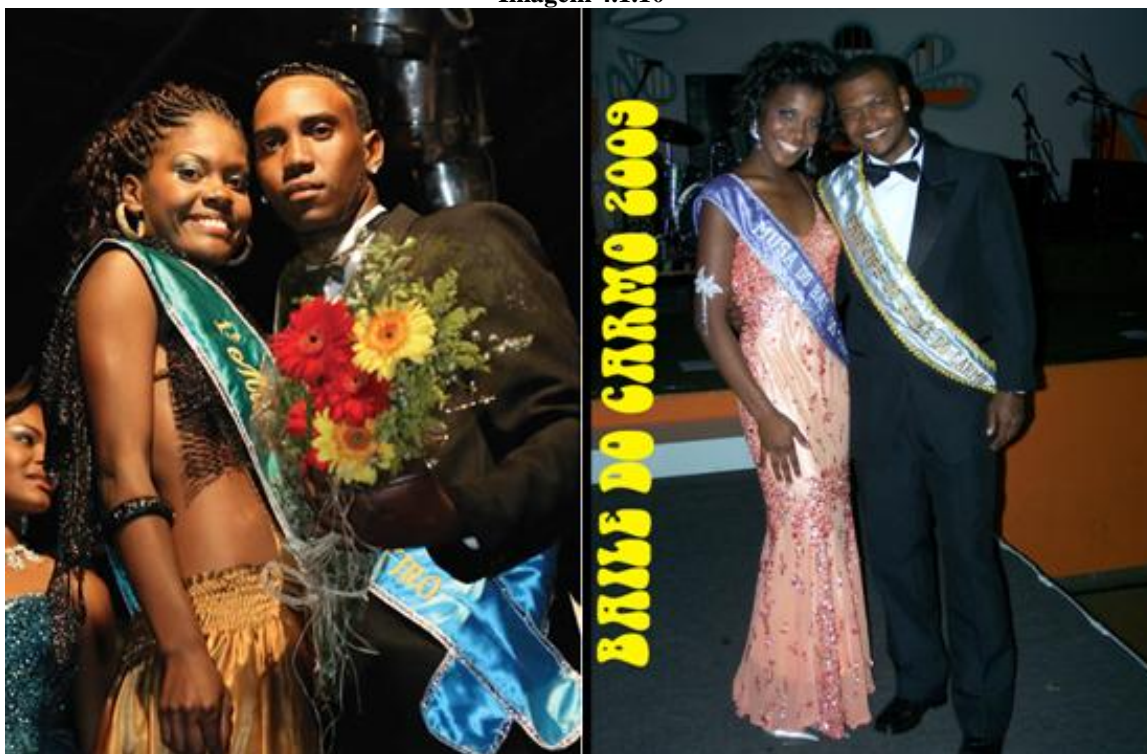
Esse era o contexto no qual o Baile do Carmo também se inseria, uma linha tênue entre elevação da auto-estima, valorização da beleza negra e erotização do corpo da mulher negra. No entanto, a escolha da musa do Baile do Carmo surgiu a partir dos anos 1990 e conforme seu atual organizador seu objetivo é estimular a participação do público jovem, o que pode ser entendido da seguinte maneira: a realização de tais concursos para candidatas jovens divulga o Baile do Carmo, tanto a noite de gala quanto toda a festividade como um espaço também para a juventude. A mulher que simboliza a beleza do evento deve ser uma jovem negra, mas não tem a obrigação de saber exatamente o significado do evento, sua história ou origem. Ela deve sim ser simpática, desenvolta e bonita. Para muitas pessoas entrevistadas, o Baile do Carmo continua sendo uma forma de valorização da beleza da população negra. Em 2008 o organizador passou a promover a escolha da Musa e do Príncipe do Baile do Carmo. O que era apenas local passou também a ser estadual, ou seja, a seleção agora conta com participantes de várias cidades do Estado de São Paulo. Segundo Fátima,

Virou estadual, porque muitas pessoas de fora perguntavam para o Costa se podiam participar. O pessoal vem para o Baile, aí o Costa resolveu abrir. E, abriu e foi bonito, viu? Porque elas vêm com tudo. Vêm com tudo mesmo, umas meninas muito bonitas (Fátima, 47 anos, negra).

A existência da Musa e do Príncipe do Baile do Carmo é interessante porque desvincula a idéia da beleza negra como atributo apenas feminino, mas não há reflexão por parte da organização sobre essa mudança, o que se quer aparentemente é divulgar o evento e prestigiar aqueles que vêm de fora para participar do Baile, tanto as mulheres quanto os homens.

A Musa e o Príncipe devem representar o evento em todos os lugares onde o promotor for divulgá-lo e também devem estar presentes em todos os dias de sua realização. Os escolhidos de 2008 foram Débora Oliveira, de Piracicaba e Rafael Alexandre, de Araraquara. Em 2009 foram Carla Cristina Siqueira, de Limeira e Rafael Davi Fidelis Chrispim, de Bauru, no entanto, por motivos profissionais, a Musa precisou cancelar sua participação e foi substituída por Geovana Carla Clemente, filha de uma família negra tradicional de Araraquara. Ela foi a segunda colocada no concurso que contou com a participação de 56 concorrentes.

Imagem 4.1.10



Musa e Príncipe do Baile do Carmo 2008 e 2009.

Fonte: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/121/artigo87780-1.asp>

Fonte: <http://bailedocarmo2009.blogspot.com/2009/06/principe-e-musa-do-baile-do-carmo-2009.html>

Dessa maneira a organização busca promover o evento e atrair novos participantes de várias regiões do Estado de São Paulo. Esse concurso promove também a beleza negra do Baile do Carmo, revelada pelas inúmeras musas³⁵ que já representaram o evento. Segundo uma das musas entrevistadas, Doralice, moradora na cidade de Araraquara, o evento dá visibilidade à beleza negra e ao baile.

Ai, foi muito bom! As pessoas tratam você muito bem aonde você vai, todo mundo fala aí ela foi musa do Baile do Carmo. A gente é bem conhecida. Por ser um baile que o pessoal conhece bastante a gente fica meio que famosa, então, a maioria me conhece por isso, falam ah! a Dora, aquela que foi musa do Baile do Carmo, então é assim. Então, foi bom pra mim (Doralice, 22 anos, negra, vendedora).

Também há a construção de um espaço onde ela não sentiu o preconceito, pois quando questionada se já havia passado por alguma situação de preconceito ou dificuldades no mundo dos desfiles e da moda, ela afirma:

Sempre! Sempre, principalmente quando eu desfilava normalmente, sempre teve preconceito. No Baile não, tanto porque é um evento pra nós, então

³⁵ No Anexo I estão as primeiras folhas dos folhetos de divulgação do evento com as respectivas musas e príncipes do Baile do Carmo de 2002 a 2009, p.229.

todo mundo, ninguém se acha diferente, o pessoal trata todo mundo bem, mas eu sofri em vários lugares, vários mesmo (Doralice, 22 anos, negra).

Há em sua fala uma identificação com o evento, quando ela diz que não existe preconceito no Baile do Carmo porque é um evento “para nós”. Ela se sente protegida no ambiente formado pelas festividades do Baile, tanto nos eventos de escolha da Musa como no próprio Baile. Para ela não há diferença entre os participantes, situação contrária a outras experiências vivenciadas por ela em seu trabalho como modelo.

No primeiro ano de minha participação (2002) na noite de gala o número de jovens era significativo, cerca de 15 a 30% de todos os participantes, maior do que eu imaginava para um baile desse estilo. Essa média manteve-se durante todos os anos de minha participação. Mas muitos ressaltam que é um baile para as pessoas acima de 30 anos. Outros ainda apontam o encontro de diferentes gerações reunindo-se para compartilhar o prazer pela música, pela dança e pela vontade de estar com outros negros e negras indiferentemente da idade.

Um dos motivos da participação dos jovens na noite de gala é a forte presença e participação de muitos membros da família. Para os jovens entrevistados a família é sua segurança. De acordo com Domingues é “a família negra - na qualidade de instituição formadora da personalidade” o “núcleo de refúgio emocional às dores e aos sofrimentos gerados pelo racismo” (DOMINGUES, 2003, p.214).

Porque é o momento que o pessoal se encontra até mesmo famílias, têm bastante pessoas que moram aqui, mas tem familiar que você sabe que é família, mas não tem aquele contato diário, né? Então, é o momento que você encontra todo mundo, que você conversa, que você fica sabendo o que tá acontecendo mesmo, porque é um espaço também cultural mostra bastante coisa da população, da comunidade negra (Pamela, 25 anos, negra).

Esse ano vai uma sobrinha minha com 14 anos, ela vai ao 1º Baile, ela nem debutou ainda, mas ela [...] A minha irmã a Eutycia falou que se lembra que ela queria ir ao Baile, porque a gente sempre comentou e ela queria ir no Baile e a minha mãe não queria deixar porque ela tinha 13 anos. Aí, uma minha prima falou “Deixa madrinha, deixa ela ir ao Baile”. Aí, fizemos roupa correndo pra ela. Aí a neta dela escutou ela falar, então se ela foi com 13 eu posso ir com 14. E, eu estou fazendo o vestido dela que por sinal está lindo (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

Ah! Todo mundo participa. Desde o primeiro até o último dia. Todo mundo participa, não tem quem não participa, até a minha tia mais velha vem, sabe? Ela não pode ir, porque ela tem muita dor na perna, mas ela... têm duas tias, ela e a outra que fazem uma feijoada, nem te conto, viu? Nossa! Aí vai todo mundo, vem o pessoal de Matão, vem o pessoal de Campinas, vem Deus e o mundo (Lorhaine, 20 anos, negra).

Outro motivo seria a curiosidade de saber como é o evento, já que ele é intensamente

rememorado e comentado durante o ano. Participar da noite de gala é algo vislumbrado por aqueles jovens das famílias que participam intensamente do evento, é como um ritual familiar.

Nossa! Foi assim, Foi “n” motivos, porque até eram nove primos que ficavam na casa da vó, então os pais deixavam todos nós lá e nós chegávamos até fazer teatro de como ia ser a noite de gala (risos), porque nós ficávamos lá sozinhos. A vó não conseguia dar conta de organizar a gente, então a gente ficava e via os pais saindo de terno e gravata, então eu vou para o Baile do Carmo e a gente começava a brincar e, é uma coisa legal. Porque quando eu cheguei lá foi excepcional o que eu senti por dentro, até por querer viver aquilo muitos anos. Quando eu vi a organização que é, o estilo que a galera vai, que a galera aparece, como é o anteceder. Porque assim dos 12 anos para frente eu ficava no sábado até onze horas da noite no pagode, nos clubes que tinham o campo e esse ano eu tive que sair seis horas do pagode fervendo para poder vir para casa descansar para poder ir para o Baile [noite de gala]. Então o que o meu pai falava que tem que descansar é verdade. Não tem como você sair de um e ir para outro e curtir. Mas assim excepcional mesmo de tudo que nós pensávamos ser e tudo que nós vimos, casou perfeitamente uma coisa com a outra e foi muito bonito (João, 19 anos, negro).

(Re)encontrar os familiares, matar a curiosidade, ver com os próprios olhos; alguns gostam, outros não, mas todos querem saber como é, como foi o caso de João que brincava com os primos como se estivessem no Baile do Carmo quando ficavam na casa da avó esperando os pais chegarem do evento. Muitos jovens são iniciados no Baile do Carmo por meio da participação nos outros dias do evento, tais como o desfile e o futebol. Para a noite de gala muitos pais dizem que é preciso mais maturidade e um dispêndio financeiro maior.

Dayrell (2003) afirma existir um caráter universal de transformações em uma determinada faixa etária, ocasionadas pelas mudanças físicas e psicológicas, mas a maneira como cada sociedade, em diferentes tempos históricos, vai lidar com esse momento é distinta. Para o autor, “essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos” (DAYRELL, 2003, p.42). Essa diversidade é perceptível ao conversar com muitos jovens a respeito do Baile do Carmo, alguns como João tinham o sonho de participar da noite de gala, para outros como Doralice os jovens querem música mais agitada, mais “fervo”.

O Baile [noite de gala] não dá tanta gente assim jovem, porque o jovem hoje em dia é muito difícil eles gostarem de orquestra, de uma música mais calma, eles querem é ferver, mesmo (Doralice, 22 anos, negra).

A família de Dora não participa do Baile do Carmo, eles são migrantes da Bahia, não tinham uma ligação anterior com o evento. Ela iniciou seu contato com o evento a partir do

concurso para Musa, quando foi a ganhadora. Ela relata que fez novas amizades por meio do Baile do Carmo e tem freqüentado a festa com regularidade. Já a família de João tem gerações de participantes no Baile, ele cresceu tendo esse Baile como um evento de bastante importância e referência para a sua família e para a comunidade negra local. Isso lhe garantiu uma identificação mais “natural” com o evento e uma curiosidade em relação ao baile de gala. Esses jovens acabam se transformando em multiplicadores, convidando amigos e conhecidos para que participem também da noite de gala do Baile do Carmo.

O vínculo familiar foi bastante ressaltado para os jovens entrevistados, por isso avalio que enquanto as famílias continuarem participando do baile de gala há uma chance de encontrarmos mais jovens nessa festa, pois as famílias conseguem manter o seu nome no evento e manter a tradição de participantes com suas novas gerações. No entanto, o atual organizador ressalta que muitas famílias de Araraquara têm deixado de participar do baile de gala, e afirma usar sua nova estratégia: atrair a nova geração para o evento como um todo e investir em seus outros dias com um apelo mais juvenil na música, na liberdade do traje e também na realização dos concursos para escolher os representantes do evento e na noite de abertura. Enfim, ele propõe uma multiplicidade de atrações para todos os gostos e idades, contudo ressalto que elas podem ou não atrair a atenção do jovem para o baile de gala. Mas, podem atrair pessoas de outras cidades interessadas em conhecer as festividades do Baile.

Para alguns participantes atualmente com mais de 40 anos freqüentadores da noite de gala em sua juventude, o evento era um momento de apresentação social, um *debut*, um sonho, principalmente para as jovens de 15 anos que o aguardavam como se ele fosse realizado exclusivamente para elas.

Eu fui no Baile quando eu tinha 15 anos. Isso aí foi em meados de 82, porque era uma felicidade a gente ir no Baile do Carmo, a gente se sentia princesa (risos). [...] porque ninguém tinha festa de 15 anos, família pobre, humilde não tinha jeito de ter festa de 15 anos. Era a festa de debutante que a gente falava, mas o Baile era a nossa festa, porque quem fazia aniversário até em junho ia no Baile do Carmo em julho, quem passasse de julho só ia no Baile do Carmo do outro ano (Márcia, 43 anos, negra).

A companhia dos pais e da família sempre foi importante, conforme destacado por duas entrevistadas cujos pais as acompanhavam ao Baile. Segundo elas, no passado, “ninguém ficava solta”, sem uma pessoa responsável, principalmente porque muitas delas eram menores de idade.

Giacomini (2006), ao analisar os bailes promovidos pelo Renascença Clube observou como “o caráter familiar destes bailes, atualizados pela presença de 3 gerações -

avós, pais e filhos - desafia frontalmente a representação do negro pobre, malandro, invariavelmente um desgarrado, solitário, sem laços familiares” (GIACOMINI, 2006, p.48). Essa é uma característica importante presente na origem do Baile do Carmo, principalmente a tentativa de romper com imagens e representações depreciativas sobre a população negra muito presentes na cidade de Araraquara.

Há também, segundo os depoimentos, uma maior conscientização dos jovens negros em busca de contato com tradições e eventos representantes de uma resistência negra. A noite de gala, por ser realizada há tanto tempo e por trazer tanta história e tradição parece ser o espaço propício para a afirmação de identidade e para a luta contra a inferiorização a que os negros são submetidos.

Mas hoje, por exemplo, a gente vai e vê muito jovem. Acho que essa consciência racial nas últimas três décadas vem aumentando e, hoje o jovem que vai no Baile eu acho que ele vai por um dos motivos que a gente estava discutindo outro dia, né? Acho que houve um retorno se é que algum dia isso não aconteceu, um retorno à questão da resistência, né? Ele entra na vida da gente como um momento que você não é inferior a ninguém, a nada (José Francisco, 45 anos, negro).

Imagem 4.1.11



Musa do Baile do Carmo em 2005. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.12



Presença jovem no Baile do Carmo em 2006. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

As imagens 4.1.11 e 4.1.12 mostram jovens participando da noite de gala do Baile do Carmo respectivamente em 2005 e 2006. Na imagem 4.1.11 a musa do Baile do Carmo de 2005, Doralice, posa com um grupo de estudantes universitários angolanos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e da Faculdade de Engenharia (UNESP) de Bauru³⁶ que participavam pela primeira vez do evento. O Baile do Carmo foi considerado uma manifestação tradicional da Cultura Afro-descendente dos negros brasileiros e por isso foi incluído no rol de atividades culturais proposto para esses jovens no Brasil.

A imagem 4.1.12 retrata jovens de famílias negras tradicionais de Araraquara que participavam do evento pela primeira vez juntamente com suas famílias e outros já habituados ao evento, como a já citada Musa do Baile do Carmo de 2005 e os organizadores do Desfile Show de Modas, Flaviana e Paulo (à direita na foto). Nesse ano, mais uma vez houve a presença de estudantes universitários angolanos e caboverdianos de diversos cursos da UNESP de Araraquara e Bauru.

³⁶ Maiores informações sobre o intercâmbio da UNESP entre Angola e Brasil no site: <http://www.faac.unesp.br/intercambio/angola.php>

E o rodopiar pela noite de gala continua com pessoas chegando, outras se posicionando próximas ao bar, abraços e reencontros. Nem todas compram mesas, muitas ficam em pé a noite toda, conversando, bebendo, dançando e paquerando. E muitas das que adquirem mesas também circulam intensamente pelo salão, utilizando-as apenas para descansar por pouco tempo.

Imagem 4.1.13



Dança no Baile do Carmo em 2006. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.14



Dança no Baile do Carmo em 2006. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Segundo minhas observações, é possível perceber duas danças ocorrendo no Baile do Carmo: a do movimento intencional dos corpos mediante a música, na pista de dança, e aquela realizada pelo movimento das pessoas ao redor das inúmeras mesas. A dança é importante nesse evento, ela representa uma memória, uma identidade; é, ao mesmo tempo, experiência e vivência transmitidas pelos corpos, como nos sugere a proposição a seguir:

[...] dança é impulso e expressão de força realizante. É transmissão de um saber, sim, mas um saber incomunicável em termos absolutos, pois não se reduz aos signos de uma língua, seja esta constituída da palavra, gestos imitativos ou escrita. É um saber colado à experiência de um corpo próprio (SODRÉ, 1988, p. 125).

A dança está gravada na experiência do corpo de um indivíduo que, ao dançar, expressa seu saber, o aprendizado acumulado com os seus antepassados, reiterando e reconstruindo uma memória. Além disso, ela constrói e/ou afirma uma identidade, principalmente quando os casais dançam o samba-rock, uma manifestação cultural específica da comunidade negra paulista (MACEDO, 2004).

Eu acho que todo mundo aprendeu a dançar samba-rock muito naturalmente, era com o tio fazendo você rodar. A gente ia aprendendo naturalmente com eles mesmos (Valéria, 43 anos, negra).

Segundo Macedo (2004) o samba-rock teria surgido nas festas de garagem e de quintal dos paulistanos negros, nas quais giravam nos toca-discos *jazz*, samba, orquestra, *rhythm & blues* dos negros e *rock and roll* dos brancos, além de ritmos caribenhos como a salsa e o mambo. A dança era próxima ao rock: pares de mãos dadas e voltas ao redor do corpo do dançarino; mas a ela foi acrescentada o suingue e o gingado do samba e dos ritmos caribenhos. Alguns definem o samba-rock pela ordem das músicas tocadas nos bailes nesse período, anos 50 e 60, ou seja, primeiro um rock depois um samba, e assim por diante, sendo chamada de rock-samba e depois samba-rock (MACEDO, 2004).

A partir dos anos 60 músicos brasileiros influenciados pela música dos negros americanos incorporaram a guitarra elétrica ao samba e passaram a fazer um samba suingado, o que seria outra definição de samba-rock como um ritmo musical. Essa dança teria ficado restrita por muito tempo aos círculos familiares, às festas de casamento, aniversários e à sociabilidade negra, isto é, aprendia-se a dançar o samba-rock em casa como mencionado no depoimento de Valéria.

Negros e brancos compartilham o salão embalados pelo bolero e pela salsa, mas quando o ritmo é o samba-rock é visível a desenvoltura dos negros rodopiando e trançando os braços. O samba-rock faz parte do Baile do Carmo não apenas na noite de gala, mas nos outros dias do evento, sendo dançado por jovens, adultos e idosos. A maneira como dançam também pode trazer à tona as diferenças geracionais, pois alguns depoentes mais velhos dizem que os jovens de hoje dançam um samba-rock muito difícil. No passado dançava-se um samba-rock mais bonito, diferente.

Eles dançavam, dançavam samba-rock completamente diferente desse samba-rock que a gente vê hoje. Era um samba-rock bonito, eles levavam as damas, agora não, eu já falei qualquer dia vai virar e ficar tudo trançado para entrar na ambulância do salão vai ter que serrar o braço, porque eu nunca vi girar tanto gente! (Márcia, 43 anos, negra).

Já muitos jovens gostam de se expressar criando novos passos e se diferenciando dos demais, pois eles querem imprimir sua marca e se distinguir do jeito com que o samba-rock era dançado pelos pais e avôs. É interessante ver essas variações é a maneira encontrada para marcar sua presença no Baile do Carmo. Saber dançar o samba-rock é muito valorizado.

Eles dançam um samba-rock novo que o pessoal tá falando agora, né? Ah, é muito legal. Eu gosto de dançar (Paulo, 27 anos, negro).

A forma como o indivíduo ou o grupo vai responder ao estímulo musical não se esgota e pode representar um meio de comunicação com esse grupo, uma afirmação de identidade

social (SODRÉ, 1998, p. 22). Portanto, os casais, independente da maneira como dançam, chamam a atenção por sua habilidade e também reforçam sua identidade com o grupo. O Baile é um momento de ver e ser visto, principalmente pela maneira de dançar.

Outra dança observada foi aquela do movimento das pessoas por entre as mesas conversando, cumprimentando amigos, familiares, falando sobre o evento, “sobre as roupas dos convidados que chegam, sobre a música tocada, sobre uma possível paquera, sobre a quantidade de pessoas presentes nesse ano, sobre aquele que vinha todos os anos e que não viria mais” (TENÓRIO, 2005, p. 72).

E a noite de gala do Baile do Carmo prossegue. Foi perceptível a participação de pessoas relacionadas ao movimento negro de Araraquara e São Paulo, muitas vezes críticos à forma como o Baile do Carmo é produzido, mas que também estavam ali para se aproximar, buscar alianças, construir estratégias para algum evento ou apenas pelo prazer de reencontrar os amigos, de participar da festa e de ocupar um espaço nessa noite. A noite de gala tem o poder de arrefecer os possíveis conflitos existentes na própria comunidade negra. Naquele momento os conflitos devem ser resolvidos na pista de dança, a sociabilidade impera porque esse é seu espaço por excelência (SIMMEL, 2006, p.70).

A música pára por alguns minutos, a agitação entre as mesas aumenta. Mas é por pouco tempo, em seguida a música continua e atrai os participantes novamente para a pista de dança, para os corredores, para os espaços entre as mesas ou qualquer outro lugar onde seja possível dançar. No entanto, há aqueles que não sabem ou não podem dançar, por algum motivo. Esses também participam do Baile do Carmo, porque o importante para alguns, mais do que dançar, é o encontro e reencontro com os amigos.

[...] como eu falei pra você eu não gosto muito de dançar, não sou lá um pé de valsa, né? E, assim, acho que era mais uma exigência da esposa do que minha. Quando eu fui ao Baile eu gostei, a experiência pra mim foi muito boa, justamente porque você vai ver muita gente negra e isso faz bem pra gente. Isso faz com que embora eu não vá pra dançar eu vou apenas pra curtir isso, pra tá naquele momento ali em que você ... acho consegue não viver os conflitos raciais no Brasil, consegue estar circulando num ambiente e aí a gente imagina como seria legal dar uma passada no Senegal [risos] (José Francisco, 45 anos, negro).

Não danço e não tenho vontade de aprender a dançar. [...] Eu vou para apreciar! É a roupa linda demais, os calçados, os cabelos, a arrumação em si, as pessoas negras vêm de fora. É Piracicaba, Sorocaba até Rio de Janeiro, São Paulo e nós nos vemos e, é tanto abraço, saudades (Maria Aparecida, 62 anos, negra, professora).

Pude notar a movimentação da chegada e principalmente a participação dos brancos no Baile do Carmo. Havia vários casais brancos que ocupavam suas mesas, além de casais mistos, a maioria composta por homens negros e mulheres brancas. Conversei com alguns casais, um deles já participa do Baile há bastante tempo e diz gostar da música, da tradição e da cultura. Alguns vêm porque trabalham com pessoas envolvidas com o Baile e sempre ouvem bons comentários sobre ele, freqüentaram uma vez, gostaram e continuam participando. Os participantes não negros do baile podem ser acompanhantes dos músicos das orquestras, associados dos clubes onde ele é realizado, participantes de grupos da terceira idade interessados por bailes, amigos dos organizadores, autoridades municipais ou parentes. As razões que levam os brancos ao Baile são diversas, no entanto, a movimentação se intensifica e são os negros que tomam conta daquele espaço, eles são a maioria, os protagonistas.

O organizador do evento pára o Baile para entregar alguns brindes. Em alguns anos o organizador trouxe personalidades negras, como a apresentadora de telejornal da Gazeta Luciana Camargo e a atriz Adriana Alves. Em 2004 e 2006 o Baile do Carmo contou com a presença da ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)³⁷, que esteve em Araraquara para proferir uma palestra e conhecer o evento.

Nesse momento a agitação entre as mesas é intensa; muitos aproveitam para se sentar, para descansar um pouco ou para bater-papo. Logo a música volta a tocar e a pista de dança fica cheia novamente. Diferentemente de outros eventos nos quais participei como shows e outros bailes nos referidos clubes em outros momentos do ano, o Baile do Carmo transcorreu sem nenhum incidente, sem brigas e sem confusões em todos os anos de observações participantes. A noite de gala do Baile do Carmo é o momento da confraternização como nos diz o Sr. Pércio:

[...] Alguma discussão de namoradinho, isso aí sempre tem, mas briga nunca teve não, de forma que a família ia pra se divertir (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

A madrugada já é alta, algumas pessoas já deixaram o evento. São quase cinco horas da manhã e a banda encerra com rock dos anos 60. Muitas pessoas ainda se mostram dispostas a dançar ou a acompanhar os últimos momentos de um evento que só acontecerá novamente no próximo ano.

³⁷ Secretaria instituída em 20 de novembro de 2003 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Eu gosto de ver a orquestra ir embora, aí eu vou embora, senão eu não vou (Sra. Liberalina, 82 anos, negra).

Muitos são os pedidos de “mais um”, mas a orquestra se despede. Algumas pessoas ainda permanecem no salão se despedindo de todos, porém a noite tão esperada acabou. No entanto, as festividades do Baile do Carmo continuam. Algumas pessoas e também a organização do evento preparam canjas em suas casas ou em bares da cidade para os participantes do baile de gala. Após o baile as pessoas tecem suas críticas, opiniões, comentários, lembram-se dos detalhes do baile e os transmitem durante a canja, na feijoada, nos encontros entre as famílias e amigos e no almoço de domingo. A noite de gala vivenciada ocupará a memória e as conversas de seus participantes até o momento de sua próxima realização no outro ano.

4.2 Desfile Show de Modas

Dentro das Festividades do Baile do Carmo o Desfile Show de Modas consegue congrega crianças, jovens, adultos e idosos. Geralmente, ele acontece na quinta-feira, na semana de festividades e ocupa os salões dos clubes considerados mais populares, como o Melusa Clube³⁸ e o Clube Estrela.

³⁸ “O Melusa nasceu dentro da Fábrica de Meias Lupo, localizada na época no centro da cidade, na Rua Gonçalves Dias, 543, Araraquara – SP, isto em 17 de outubro de 1941, comemorando atualmente 61 anos de atividade. Dentro da Fábrica foram realizados os primeiros bailes, sendo que posteriormente a Lupo adquiriu uma chácara na Rua Carvalho Filho com a antiga Avenida Monteiro Lobato (atualmente Arcangelo Nigro), transferindo para lá sua sede social.” Informação disponível em < <http://www.melusaclube.com.br/>> Acesso em 20 de setembro de 2009.

Imagem 4.2.1



Fachada do Clube Melusa. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.2.2

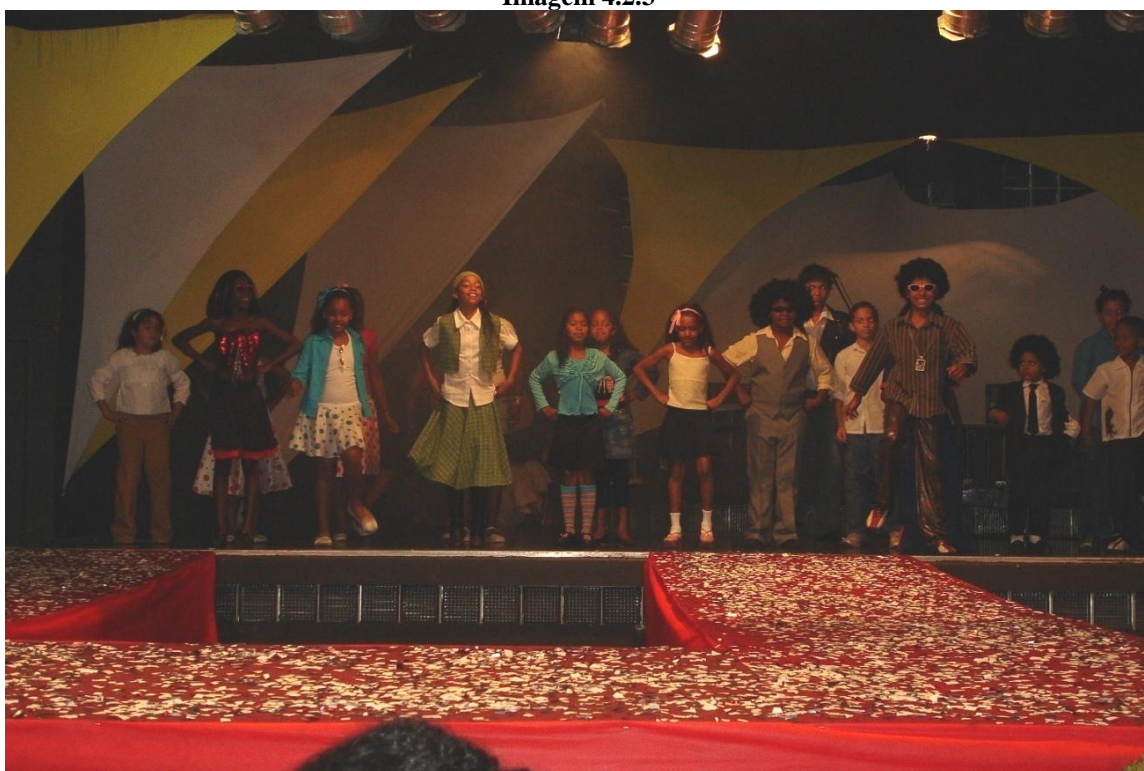


Fachada do Clube Estrela. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Como mencionado anteriormente, havia na noite de gala do Baile do Carmo um desfile das mulheres mais bem vestidas e elegantes. Segundo alguns entrevistados, a premiação, na maioria das vezes, ficava restrita às esposas, filhas e parentes dos diretores das associações recreativas que o realizavam. Com o passar do tempo e com o encerramento das atividades dessas associações esse desfile informal desapareceu e a escolha da beleza negra recaiu sobre a escolha da Musa e mais atualmente também do Príncipe do Baile do Carmo.

No entanto, outro espaço de valorização da beleza negra e de elevação da auto-estima foi criado com o Desfile Show de Modas transformando-se também em um espaço para as crianças nas festividades do Baile do Carmo.

Imagem 4.2.3



Desfile de Moda – Crianças. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.2.4



Desfile de Moda – Crianças. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

O evento Desfile Show de Modas, ou mais conhecido como o desfile de modas passou a ser realizado a partir dos anos 1990. Uma das organizadoras diz que sua intenção era trabalhar com as crianças e com os jovens, porque ela não via esse público no Baile do Carmo. O evento transforma-se em um espaço para mostrar crianças e jovens como modelos, e é a primeira experiência nessa área para muitos deles. O desfile possibilita aos participantes a oportunidade de vestir as roupas das coleções de lojas de departamento como as Pernambucanas e afirmar uma beleza negra. Há também apresentações de dança de grupos formados nas oficinas culturais realizadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Araraquara.

O primeiro ano eu acho que foi o Costa mesmo que organizou, era na praça da Santa Cruz [no centro da cidade, entre as ruas Nove de Julho e São Bento, esquina com a Avenida José Bonifácio], dois anos foi na praça da Santa Cruz, a prefeitura disponibilizava um ônibus da Paraty e eles se trocavam dentro do ônibus e desfilavam na Praça, aí depois, acho que foi a Joice que era secretária que assumiu e organizou um ano, aí depois eu entrei e comecei a organizar, mas a minha preocupação sempre foi trabalhar com o jovem e com as crianças, porque eu não via eles nos outros dias, então eu pensava tá faltando ali alguma coisa para eles, porque na quarta-feira tinha a Abertura

Cultural que envolve todos, mas a sexta-feira criança não vai, jovem de 12,11 anos não participa, adolescentes. No sábado era a mesma coisa tinha o coquetel no domingo, aí parou de ter esse coquetel, cancelou, não estava dando lucro aí o Costa não fez mais o coquetel, aí eles ficaram mesmo sem ter nenhuma participação no Baile. Aí eu pensei vamos mexer com o desfile para eles poderem participar, isso também na época eu estava junto com o Jonesco³⁹, então tinha contato maior com os jovens, tinha todo o trabalho da prefeitura que a gente colocava no desfile para mostrar. Era mais essa visão de trabalhar com o jovem (Flaviana, 29 anos, negra, gerente de hotel, organizadora do desfile).

Um ponto importante nesse evento, mencionado por seus organizadores, é dar oportunidade para esse público se inserir nas festividades do Baile do Carmo, renovando o próprio evento e buscando sua manutenção para o futuro, além de ser uma maneira de construir novos laços entre o evento e as famílias, principalmente aquelas que não têm um histórico de participação nas festividades.

Para Pamela, o Desfile é uma forma de lidar com a auto-estima de jovens e crianças negras, pois segundo ela, eles não gostam de se mostrar e desconhecem sua beleza. E o evento é um espaço para eles, um espaço importante porque apresenta tipos de beleza que não são vistos nas agências de moda conhecidas.

Eu acho legal, porque é uma forma, além de estar mostrando as roupas, tudo, é uma forma de estar mostrando a beleza negra, de meninos. Geralmente, os jovens, adolescentes negros não gostam de se mostrar muito, né? Geralmente, nem conhecem a sua beleza, então acho que é um espaço deles, deles estarem mostrando, porque tem muita gente bonita. É o espaço dele, porque é difícil você ver agências conhecidas de nome que tenha negros e ali [no Desfile Show] você vê vários tipos de beleza, gente de cabelo mais enroladinho, mais assumido, mais black, mais liso. Então, eu acho legal, interessante, eu acho que não deve parar com isso não (Pamela, 25 anos, negra).

O Desfile não tem como objetivo primordial abrir portas para novos talentos e modelos, não que isso não possa acontecer, uma vez que donos de agências locais são convidados para participar do evento. No entanto o mais importante para os organizadores desse desfile é trabalhar a auto-estima, promover a união da família, criar um espaço de visibilidade e reconhecimento para crianças e jovens, inserindo as novas gerações na dinâmica do Baile do Carmo.

Ah, na minha opinião é assim o jovem do desfile é quem vai no baile de gala de amanhã, eu acho que se não for através do desfile eles não vão conhecer o

³⁹ Jovens Negros Conscientes – grupo que existiu em Araraquara de 2002 a 2006. Eram realizados encontros semanais entre jovens para a discussão de diversos temas, tais como história do negro, religião e cultura e, principalmente, discutiam-se as ações dos jovens negros da cidade. O grupo realizou o 1º Sarau Afro-Cultural na Escola Externato Santa Terezinha, falando sobre religiosidade afro-brasileira em 2004. Também realizou apresentações de teatro e poesia na noite de abertura do Baile do Carmo de 2005.

Baile, no desfile mesmo nós falamos assim “vai conhecer, vai conhecer que é muito bom”, para levantar um pouco a autor-estima, porque eles vão muito no desfile, mas não vão mais no Baile, quer ir no Butecão, quer ir no samba, então a consciência do desfile é essa também: conhecer o Baile, eles são o futuro do Baile de amanhã, e muita gente que vai hoje no baile 80, 90% é do desfile. Tanto que no outro ano, eles falam “adorei o baile”. Um dos motivos é esse, para o desfile de amanhã, para o Baile de amanhã (Paulo, 27 anos, negro)

[...] tinha muita família, estava lotado, muito bom o evento, por isso que eu te falo da importância desses eventos todos assim, porque acaba aglutinando públicos diferentes, porque nesse tinha muita criança, por exemplo, no desfile eu acho que é legal, porque as crianças já vão se habituando à história do Baile (Edna, 41 anos, negra, ex-vereadora).

Porém, alguns jovens vêem o evento como uma oportunidade de destaque para os modelos negros que não têm muitas chances no mundo da moda.

Bom, na minha opinião é para destacar os modelos que não têm como ser destacado, porque a maioria, assim uns 70% é de negros e, geralmente, não têm a oportunidade de entrar em uma agência de modelo (Aline, 22 anos, negra).

Para participar do desfile os interessados devem se inscrever mediante preenchimento de uma ficha de inscrição⁴⁰, na qual são solicitados os dados pessoais, fotografia 3x4 e o comprometimento de participar de todos os ensaios realizados durante as semanas anteriores ao evento. As crianças devem ser inscritas por seus pais ou responsáveis.

Aí a gente ia nos ensaios, ia a mãe de todo mundo, ia família de todo mundo, aquele Melusa ficou lotado. Aí, nossa! No dia da apresentação tinha tanta gente, tanta gente. Aí eu cheguei lá, eu subi no palco na hora do desfile, aí todo mundo eh!! (risos). E o povo levantava os braços. Aí a minha mãe tirava fotografia. A minha tia gritava vira!! (risos). Vira! E na hora da dança então, todo mundo Lorraine! Eu queria morrer, mas foi legal, viu? Sabe que nessa hora os negros se movimentam, se unem, foi muito gostoso. E também não tinha só eu, tinha um monte de gente, um monte de família, sabe? E criancinha que foi também que foram desde criancinhas até os mais idosos (Lorraine, 20 anos, negra).

O depoimento acima explicita a experiência de participar do desfile, o agito, a hora de entrar na passarela e ficar diante de um público bastante conhecido. Toda a família prestigia o evento, tira fotografia e se empolga. Para Lorraine “nessa hora” do desfile, de festejar com os conhecidos, os negros se unem; seria também um momento importante de valorização da beleza negra.

Porque eu acho que mostra a beleza negra, tem muito negro bonito aqui em Araraquara, muito. E com o desfile, não sei, parece que o povo se valoriza mais. Eu acho (Lorraine, 20 anos, negra).

⁴⁰ Em Anexo A, p.223.

A mãe de Lorhaine, Regina, vê o desfile como algo bastante marcante, tal a preparação, a possibilidade de ver as filhas desfilando e a troca de experiências entre as diversas gerações.

Olha... hoje em dia tem o Desfile, como as minhas meninas participaram duas vezes, então eu acho assim o desfile passou a ser uma coisa que marcou bastante. Vamos supor é aquela parte, aquela preparação e durante semanas se preparam, vão ensaiar e você leva e traz para o desfile, depois tem a parte do desfile, elas desfilam tudo, então essa parte do desfile eu acho bacana essa troca, porque tem criança, tem jovem, tem adulto, então eles participam do desfile (Regina, 47 anos, negra, professora).

E esta troca entre gerações acontece, pois os pais, tios, avós vão ao evento para prestigiar os seus filhos, sobrinhos e netos, mas também porque alguns deles transformam-se em modelos e desfilam na passarela apresentando os trajes que podem ser usados para a noite de gala, tal como apresentado na figura a seguir.

Imagem 4.2.5



Desfile de Moda – Idosos. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Além dos desfiles há apresentações de dança dos jovens e crianças das oficinas culturais municipais; eles apresentam a capoeira, dança afro, samba-rock e *hip hop*⁴¹. É um

⁴¹ Sobre o assunto ver: FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop**: cultura e política no contexto paulistano. 2005. 206f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

momento de mostrar parte do que foi desenvolvido nessas oficinas durante o semestre. Jovens e crianças são reconhecidos e mostram seus talentos para a família e amigos. As maneiras e interpretações de ser negro são apresentadas e, constantemente, recriadas sendo influenciadas por toda uma produção cultural negra espalhada por diversas partes do Brasil e do mundo (SANSONE, 2004).

Segundo Sansone (2004) os “símbolos negros globais são seletivamente reinterpretados nos contextos nacionais, cada qual impregnado da classe, da idade, do sexo e das situações locais, e aquilo que não pode ser combinado com a situação do próprio indivíduo é descartado” (SANSONE, 2004, p. 130). Essa idéia pode ser percebida na atual configuração das festividades do Baile do Carmo. São diversos os símbolos negros disponíveis, mas apenas alguns são selecionados, justamente aqueles que fazem sentido à experiência dos negros paulistas e araraquarenses.

4.3 Abertura Cultural

Outro evento a ser destacado é a noite de Abertura do Baile do Carmo ou mais comumente chamada de Abertura Cultural que tem sido realizada sempre às quartas-feiras como parte integrante das festividades do Baile do Carmo. Segundo uma das responsáveis por esse evento ele começou a ser realizado a partir de 2002. Anteriormente, o Baile do Carmo começava na sexta-feira com um show de pagode; sua extensão não segue uma regularidade, mas alguns dos eventos têm dias fixos.

O primeiro ano dessa noite cultural aconteceu no salão de festas do antigo Hotel Eldorado, hoje Hotel Morada do Sol, com a exposição de artistas plásticos de Araraquara e região, apresentação do Coral Araraquarense e do pianista negro araraquarense Pedro Paulo Avelino, além de um pequeno coquetel. Houve alguns discursos e a presença de autoridades municipais e lideranças do movimento negro.

Esse evento teve origem por iniciativa de um grupo de pessoas próximas ao atual organizador que desejava utilizar o período do Baile do Carmo para um trabalho mais voltado à discussão de questões político-culturais.

Esses poucos anos que eu fiquei com ele de 2002 a 2006, foram quatro anos que eu trabalhei com o Costa, foi muito legal. Assim, a gente trouxe o pessoal do Coral de Piracicaba, no outro ano veio o de Limeira, muito bonito, muito bonito (Valéria, 43 anos, negra, química e presidente da ONG Fonte).

Em 2003, a Abertura Cultural ocorreu no Espaço Cultural Paratodos, antigo cinema Veneza localizado na região central de Araraquara. Atualmente, esse espaço é ocupado por uma igreja evangélica. Mas nesse ano ele foi palco para as apresentações culturais organizadas para a Abertura do Baile do Carmo e contou com a presença e discurso de autoridades, homenagens a antigos participantes do evento, apresentação de samba-rock e teatro, além do Coral Gospel Yahweh de Piracicaba que animou a platéia com estilo de música *negro spiritual*⁴².

De 2004 a 2007 a Noite Cultural foi realizada no Teatro Municipal de Araraquara, o que segundo seus organizadores tinha o intuito de aproximar a população negra desse espaço, propondo discussão sobre temáticas relativas ao negro por meio de apresentações de peças teatrais, palestras e discursos como foi mencionado nos depoimentos a seguir:

Você reparou que está escrito presença de autoridades, eu acho que esse dia deveria ser o foco para eles falarem, porque é um espaço, negócio cultural, esse ano vai ter uma peça, aí eu gostaria de sentar. Eu acho que tem que estar todo mundo, tem que ter uma palestra, eu acho que a ministra tem que estar na quarta-feira. Eu acho que a quarta é o dia. Esse ano vai começar na terça, porque o Costa vai ganhar uma homenagem dos vereadores. A Noite Cultural você repara que não chega a lotar, né? As pessoas pegam convite e, às vezes, não vai. Eu acho que a maioria vai no baile, mas eu não sei porque... eu acho que o dia mais importante é a quarta. Eu acho a quarta maravilhosa, eu acho todo mundo chique, é no Teatro Municipal, é um lugar calmo, a gente vai ouvir a palestra para se conscientizar de algumas coisas, mas a maioria que vai, vai [no Baile de gala] eu só não sei, um dia tão bonito não vai tanta gente (Paulo, 27 anos, negro).

Participo, como eu falei a noite do teatro teve uma das peças mais marcantes foi aquela Navio Negreiro, então a gente segue a semana toda acompanhando, a gente tenta levar as meninas. Essa parte do teatro tem um objetivo transmitir alguma coisa para os negros (Regina, 47 anos, negra).

E a exemplo do Baile do Carmo a noite de Abertura foi ganhando proporção e incorporando novas atividades. Em 2004, a noite cultural apresentou o lançamento da ONG Fonte cuja presidente, Valéria Cristina de Oliveira Alves, atuou fortemente para a consolidação do evento e passou a lutar por suas demandas contra o racismo também no Baile do Carmo. Naquele ano houve a apresentação do Coral Gospel Afro de Limeira Tulany. Em 2005, foi comemorado o primeiro ano de existência da ONG Fonte com a presença de autoridades municipais e uma pequena prestação de contas do que a entidade realizou durante o ano.

⁴² “É um gênero musical cuja aparição se deu nos Estados Unidos da América. Foi inicialmente interpretada por escravos. Faziam uso de movimentos rítmicos do corpo e batiam palmas como acompanhamento da música.” Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritual_negro. Acesso em 20 dez. 2009.

Em 2006, com a fundação do Centro de Referência Afro de Araraquara e a parceria do Núcleo Negro da UNESP de Araraquara (NUPE) houve novas perspectivas e idéias, por exemplo, a inclusão de um desfile de roupas africanas e a apresentação das oficinas culturais desenvolvidas no Centro Afro de dança afro, samba-rock e *hip hop*, o que em parte já acontecia e se estendeu também no Desfile Show de Modas. Houve ainda a apresentação de chorinho por artistas locais no saguão de entrada do Teatro Municipal e a presença de vendedoras de acarajé na área externa do local.

Por intermédio do NUPE diversos estudantes universitários africanos de Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde participaram de um desfile de roupas africanas juntamente com jovens araraquarenses das oficinas culturais do Centro de Referência Afro.

Imagem 4.3.1



Desfile de roupas africanas. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.3.2



Apresentação de dança afro. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.3.3



Apresentação de hip hop. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.3.4



Apresentação de chorinho. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.3.5



Vendedora de acarajé. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Eu achei super interessante a questão do acarajé, porque se identifica bem com a gente, então era uma das coisas que estava faltando. A questão assim do prefeito, é bom ver lá, é porque sabe que ele está ali reconhecendo, participando. Seria interessante ele participar de todos, não só naquele dia até porque é uma vez por ano, mas assim ele está sempre mandando representante. Eu gosto, porque é um dia diferente dos outros, uma parte mais cultural, voltado para aquilo que a gente fica pensando, refletindo, esquecer um pouco que é só festa e mostrar também o outro lado. Seria assim tudo que envolve a nossa história, desde lá da África. Tudo que envolver a nossa história do negro acho que faz parte da nossa cultura, desde uma roupa, um colarzinho de coco, um brinquinho de coco. Eu acho que tudo isso é cultura, atrás daquilo tem sempre uma história. Também, porque atrás dele tem uma história, apesar de ter gente que só vem para a festa, têm pessoas que vêm com outra mente e a história já surgiu da cultura negra. Eu acho que tudo que envolver a nossa tradição é cultura (Flaviana, 29 anos, negra).

Diferentemente do depoimento acima, nem todos iniciam seus comentários sobre os discursos de autoridades locais de forma tão positiva, mas no final tendem a avaliar que ele é bom e útil.

Às vezes, é meio uma enrolação. Às vezes, eu acho muito falatório. Eles falam, falam, falam. Eu acho que o povo cansa um pouco, sabe? Muitas horas ali sentado, mas em parte é bom, né? (Lorhaine, 20 anos, negra).

Se for uma coisa vamos supor... sobre a continuação do Baile, os programas que poderiam fazer depois do Baile, aproveitando a união do povo, eu acho que seria útil (Aline, 22 anos, negra).

A partir de 2008 a noite da Abertura Cultural foi transferida para o Palacete das Rosas, antiga sede social do Clube Araraquarense, hoje patrimônio da prefeitura municipal, lugar responsável por despertar a curiosidade e a imaginação de muitos negros e negras que nunca adentraram aquele espaço.

Imagem 4.3.6



Noite de Abertura do Baile do Carmo no Palacete das Rosas. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Em alguns anos os discursos foram maiores, mas no geral são curtos e trazem a idéia de uma consciência negra, de valorizar a cultura e história do negro por meio de uma ligação com a África, mas também por meio de uma ligação com diversos símbolos que trariam uma idéia de negritude e identidade negra vinculados à alimentação, como o acarajé baiano. Outros ainda são ligados à música e dança como o *hip hop*, o samba-rock, o chorinho e, a partir de 2008, o batuque de umbigada realizado por um grupo de Piracicaba, atividade bastante valorizada pela organização e pelos participantes do evento.

Imagem 4.3.7



Apresentação de Umbigada. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.3.8



Apresentação de Umbigada. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Tenho aqui razões para pensar em um diálogo de toda a Festividade do Baile do Carmo com a produção simbólica da diáspora negra, elementos culturais, símbolos negros que atravessam fronteiras territoriais e temporais e se inserem em novas realidades. No entanto, não o fazem sem o diálogo com o que é inteligível a cada contexto. (GILROY, 2001; SANSONE, 2004). O significado da África, do afro e de ser negro têm sido constantemente recriados. Entra em jogo a percepção e interpretação daqueles que vivenciam o Baile do Carmo, mas também dos participantes de sua organização e de seus bastidores, ou seja, há uma intensa luta simbólica entre os diferentes sujeitos que fazem parte do evento.

4.4 Futebol

Imagem 4.4.1



Jogo de Futebol do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

O sábado à tarde é reservado ao futebol⁴³ do Baile do Carmo. Trago aqui algumas reflexões sobre esse esporte, a fim de entender sua importância e existência na festividade estudada. Não é o caso de reconstituir a história do futebol brasileiro, mas de investigar alguns elementos que ajudem a entendê-lo na dimensão e dinâmica do Baile do Carmo.

É importante lembrar a falta de informações presentes nas entrevistas sobre a origem do futebol e as interdições aos negros, mesmo porque o futebol, o jogo em si, é tratado como um apêndice do Baile do Carmo. Na verdade, o evento, para boa parte dos espectadores de hoje, tem o papel de juntar o pessoal, de trazer pessoas de fora da cidade, promover a paquera e o encontro antes do baile de gala. As mulheres, principalmente, relatam o evento como o momento da paquera.

Porque todo mundo ia, não era mais por causa do jogo, era para paquerar os meninos de fora, né? De fora, que vinha, né? De Limeira, São Paulo, Campinas, que mais? São Carlos. Então, vinha muita gente de fora, vinha muito moço bonito, na época. Então, a gente ia não para assistir o futebol, mas sim para ver os rapazes, os negros mais lindos que vinha na época. Eu

⁴³ Sobre o assunto ver TOLEDO, Luiz Henrique de. No país do futebol. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

conhecia muito. Então, a gente torcia, mas ia paquerar os rapazes no jogo, como hoje vai um monte na mesma função. Vixe! Eu me lembro muito bem, foi muito bom (Maria Aparecida Bernal, 52 anos, negra cabeleireira).

Segundo Toledo (2000) o futebol foi difundido “no Brasil em fins do século XIX pelos filhos das elites - que tomaram contato com as manifestações esportivas nas escolas européias, onde geralmente eram educados [...]” (TOLEDO, 2000, p.09). Dessa forma, nesse período ele foi uma “coisa” de elite, jogado por doutores e estudantes de direito e medicina (RISÉRIO, 2007, p.300). O futebol era considerado mais que um esporte, uma atividade para preservar a saúde do corpo (RISÉRIO, 2007). Em pouco tempo ele seria apropriado pelas camadas populares com suas regras e fundamentos técnicos. Essa população recriava a bola de vários materiais como folhas de jornal ou uma lata amassada (TOLEDO, 2000).

O futebol teve uma fase amadora, na qual os atletas não recebiam oficialmente para jogar, terminando nos anos 1930 quando se iniciou sua fase de profissionalização e posterior regulamentação com a criação do Conselho Nacional de Desportos em 1943, entidade responsável pela fiscalização de clubes e confederações (TOLEDO, 2000, p.10.). Segundo Toledo (2000), iniciou-se uma terceira fase do futebol no Brasil na década de 90 do século XX com uma desburocratização do esporte e maior participação de empresas privadas nos negócios esportivos.

Muitos clubes na fase inicial do esporte não aceitavam negros como jogadores, os que eram aceitos muitas vezes tinham de usar maquiagem, produtos para alisar o cabelo, tudo para deixar sua aparência o mais branca possível. “A princípio - não devemos esquecer que a introdução do futebol no Brasil deu-se pouquíssimo tempo após a abolição -, a presença dos negros no esporte suscitava desconfiança e mesmo repúdio” (HELAL, 2001, p. 65). Brhuns (2000) também afirma que “no início do século jogadores negros não eram aceitos nos clubes brasileiros” (BRHUNS, 2000, p.59).

Dessa forma, os times de futebol montados por associações recreativas e clubes negros foram muito importantes, pois nasciam como resistência e construção de solidariedade entre os negros que se viam excluídos dos times organizados nos clubes sociais dos brancos.

A fundação de muitos “times de preto” mostra que o negro paulistano não se rendeu à opressão racial, mas foi compelido, em diversas circunstâncias, a seguir o caminho da “guetização”, construindo seu próprio “mundo”, de modo que pudesse preservar os laços de solidariedade e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo específico (DOMINGUES, 2003, p.180).

A situação do futebol em suas duas primeiras fases no Brasil ia de encontro à

ideologia de democracia racial brasileira, visto ser possível vislumbrar a discriminação e o racismo claramente nas interdições que os jogadores negros sofriam.

Imagem 4.4.2



Jogo de Futebol do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Diante dessa realidade, o futebol, jogado no sábado à tarde como parte das festividades do Baile do Carmo, é uma forma de resistência dos negros diante de uma exclusão vivenciada por eles no interior paulista, e também uma forma criativa que essa população encontrou para burlar as interdições e a discriminação impostas a ela, assim como para expressar uma linguagem corporal e reforçar sua identidade. Vale destacar o que os participantes do Baile do Carmo falam quando são questionados sobre o futebol.

No sábado do Baile do Carmo à tarde desde o amanhecer nós temos o jogo de futebol das pessoas que vêm de fora e jogam com os jovens de Araraquara, com os senhores também. Tem o jogo de futebol de todas as idades, tem até o jogo de futebol dos homens vestidos de mulher e é maravilhoso. Há muitos anos, antigamente era lá no Estádio Municipal e agora é no Estádio do Estrela aonde, muitas vezes, o salão é usado ou para o Baile ou para as matinês com os jovens. E esse jogo é um jogo tradicional, não pode faltar o jogo de futebol no Baile do Carmo (Maria Aparecida Alves, 62 anos, negra).

Ah! É da família, eu digo que no futebol é para encontrar todo mundo. Gente que a gente sabe que não está grávida, mas está grávida. Leva o pititico, aquele lá é o filho, é o neto de fulano de tal. O futebol era muito bonito, no Estádio Municipal. Aquela coisa bonita! O pessoal correndo, cachorro

quente lá na frente, a gente comia cachorro quente sem precisão, a cervejinha. O futebol era o lugar mais gostoso (Márcia, 43 anos, negra).

Eu vou no jogo, vou no jogo sim, mas você fica, não que eu seja uma pessoa que goste de jogo, eu vou, a gente participa tudo, mas você vai para encontrar os amigos, você está ali para uma diversão, não que eu goste de jogo mesmo, eu vou lá encontrar as pessoas e tudo. Aí termina o jogo, a turma fica ali, tem a parte de música, tem a parte da venda de produtos... então, nós vamos com o objetivo, vamos no jogo sim, mas não que eu seja adepta de frequentar jogo, porque eu não gosto de jogo de futebol e aí fica uma turminha sentada no estádio para ver o jogo, e outra turma vai lá para conversar, bater papo. Na verdade, eu fico conversando (risos) (Regina, 47 anos, negra).

Bom, era... a gente ia cedo para poder ver o jogo, porque vários anos o Juninho jogou, meu tio, irmão da minha mãe. Aí eu ia assistir o jogo, aí era aquela correria atrás de alimento, alimento que a minha avó não deixava pegar (risos). Eu ia assistir o jogo depois tinha um pagodinho, porque daí chegavam aquelas mulheres com bob na cabeça, porque tinha o baile à noite, aí chegava com bob na cabeça, pintando a unha, eu já vi gente pintando a unha dentro do campo para ir para o Baile. Era bem legal no campo (Aline, 22 anos, negra).

O tema recorrente nas falas é o encontro e reencontro com familiares e amigos da cidade e região, o contato entre diferentes gerações, a preparação para o baile de gala e o contato com pessoas de fora são os assuntos mais destacados, mas também há aqueles que vão para assistir ao jogo e para prestigiar os amigos e parentes que estão no gramado.

O jogo é também o espaço da sociabilidade e até 2006 foi realizado no campo do Estádio Municipal localizado na área central de Araraquara. Após essa data, o jogo foi transferido para o campo do Clube Estrela, pois a prefeitura trocou o Estádio Municipal pela sede social do Clube Araraquarense localizada ao lado da prefeitura na Rua São Bento.

Segundo alguns entrevistados, nos anos 70 e 80 do século XX era possível ver jogadores profissionais dos times da região jogando no futebol do Baile do Carmo. Para alguns, naquela época, as pessoas iam para assistir ao jogo, para ver os times de outras associações da região se enfrentando dentro do campo.

Ah! Era muito bom. Todo mundo ficava lá no campo esperando. Hoje, no futebol, eles trazem pessoa surpresa, traz artista, mas naquela época era na raça mesmo, era futebol (Maria Aparecida Bernal, 52 anos, negra).

Para o Baile, para o ... jogo. Oh! Cheguei a conversar com vários jogadores do Santos, da Portuguesa, do Corinthians. Muitos jogadores profissionais que na época estavam de férias, eles vinham para o Baile e jogavam também, jogadores da Ferroviária também participavam (José Roberto, 61 anos, branco, ex-vereador).

No Sábado tinha o missa ali no asilo, de manhã e de tarde fazia o jogo [futebol] com o pessoal daqui e o pessoal que vinha (Sra. Zenite, 85 anos, negra).

O futebol faz parte também do Baile (Geraldo, 79 anos, negro).

Para assistir ao jogo, até o ano de 2006, era necessário um quilo de alimento não perecível, que era doado para diversas instituições assistenciais. A partir de 2007 tem sido cobrado ingresso para o evento. Nos folhetos de divulgação do Baile do Carmo de 2002 a 2009 é possível verificar na parte reservada ao futebol a presença dos seguintes times: Clube 28 de Setembro de Jundiaí, Caio Black Power de Rio Claro, Tilins Cabeleireiros de Piracicaba e outros de São Carlos, Ribeirão Preto, Campinas, São Paulo e Araraquara. Os times são, provavelmente, constituídos por jogadores amadores que se dedicam ao esporte pelo prazer e diversão por ele proporcionado.

Na maioria dos anos o futebol teve início às 13h e contou com duas ou três partidas. Em 2007 recebeu a presença de Djalma Santos, ex-jogador de futebol considerado um dos melhores laterais direito de toda a história, para dar o pontapé inicial em uma das partidas. Naquele ano o promotor do evento usou o título Futebol, Samba e História para falar do futebol no folheto de divulgação de toda a programação do Baile do Carmo. Mas nos outros anos a palavra história foi substituída por Cerveja ou não foi mencionada. Não há uma regularidade, talvez o termo história tenha sido utilizado em 2007 devido à presença de Djalma Santos, mas não para se referir à história do próprio evento. Naquele ano Djalma Santos também participou da noite de gala do Baile do Carmo sendo bastante assediado pelos amantes do futebol.

O jogo de futebol no Baile do Carmo continua sendo para a grande maioria dos entrevistados um bom pretexto para os encontros, a paquera, o pagode e para participar do show realizado durante e depois dos times se revezarem no campo, sem que a maioria saiba apontar os placares finais das partidas, principalmente as mulheres.

Não sei. Eu, pelo menos, nunca fico prestando atenção no jogo. Eu sei que o pessoal está ali jogando, mas fico mais conversando, é hora da gente encontrar gente que faz tempo que não vê. Um ano praticamente, porque vii no Baile passado e só vê agora de novo. Eu nunca sei o placar do jogo (Solange, 38 anos, negra).

Eu não lembro (risos). Nem lembro (risos). Eu queria assim, ficava andando. Todo mundo fala, a maioria, ninguém fica mesmo vendo o jogo, porque tem o pagode, tem muita coisa, então, acaba se distraindo bastante (Doralice, 22 anos, negra).

Falar a verdade eu nem vejo o jogo, porque começa na hora do almoço, acho que meio dia, um pouquinho mais cedo e lá pelas duas e três horas já acabou, né? Então, o pessoal chega mais para ir no pagode mesmo, do que pra parte do jogo (risos) (Pamela, 25 anos, negra).

Foi possível, a partir das observações participantes e entrevistas, perceber que para a maioria dos participantes do futebol o que está em jogo não é apenas a bola, mas de um jeito ou de outro a oportunidade de tomar parte das festividades do Baile do Carmo e aproveitar as atrações do evento.

Percebi, por meio dos folhetos de divulgação que durante os últimos anos o futebol ou, seria melhor dizer, o sábado à tarde das festividades do Baile do Carmo, vem ganhando uma nova dimensão, pois há uma série de grupos de pagodes e artistas da região convidados para as atividades deste dia. A programação do sábado também é constantemente reformulada para atrair novos e antigos participantes. Algumas pessoas que já não participam ou nunca participaram da noite de gala preferem freqüentar o Futebol do Baile do Carmo por seu preço mais acessível e pelo momento de maior descontração.

Imagem 4.4.3



Movimentação das pessoas no Futebol do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Na imagem acima é possível notar a grande movimentação de pessoas no Estádio Municipal de Araraquara em 2006. Enquanto a partida de futebol se encerrava no campo as pessoas se posicionavam próximas a quadra, local onde aconteciam os shows de pagode. Na

verdade, muitas pessoas chegaram no final das partidas, apenas para assistirem a esses shows.

O futebol é o auge da festa, né? Agora se tornou, pelo menos para o pessoal daqui. Agora eles nem vão muito mais no Baile [de gala], agora vão mais no futebol, na canja, vai até pessoas casadas, irmã, sobrinhas, tudo vão no futebol. Talvez, por ser mais popular o futebol, né? É à tarde, o pessoal sai, leva criança, então eu acho que é por isso mesmo que se tornou até mais prático ir no futebol (Maria Helena, 55 anos, negra, dona de casa).

Imagem 4.4.4



Público que acompanha o jogo de futebol. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.4.5



Público que acompanha o jogo de futebol. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

As imagens 4.4.4 e 4.4.5 destacam o público que acompanhou as partidas de futebol

das arquibancadas. Na imagem 4.4.4 é possível ver a chegada de alguns jogadores, já na imagem 4.4.5 nota-se as barracas e uma grande quantidade de pessoas ao fundo, atrás do gol. A imagem seguinte apresenta uma melhor visualização desse ângulo.

Imagem 4.4.6



Barracas de alimentação e bebida, shows na quadra. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Os quatro eventos detalhados: a noite de gala, o desfile show de modas, a noite de abertura e o futebol fazem parte do rol de atividades presentes ao que tenho constantemente chamado de Festividades do Baile do Carmo. A apresentação dessas atividades nos ajuda a entender o tamanho e a diversidade desse evento. Privilegiei a descrição de dois eventos mais antigos e que acompanham a história do Baile do Carmo tais como a noite de gala e o futebol e dois eventos mais recentes como a noite de abertura e o desfile de modas.

O que os quatro dias e eventos têm em comum é a intensa idéia do encontro, da confraternização, de estar com os seus, rever a família, prestigiar o talento dos demais e afirmar uma identidade negra. Para Sansone (2004) o processo de construção das culturas negras leva em consideração traços e objetos tanto de dentro como de fora dessas culturas e alguns traços e objetos são escolhidos a fim de representar essa nova cultura em sua totalidade. Os objetos escolhidos podem variar de acordo com os diferentes contextos, no entanto, “é comum eles se relacionarem com o corpo, a moda e a postura, quer como marcas de estigma, quer como sinais de mobilidade e sucesso (SANSONE, 2004, 102).

5 ENTENDENDO COMO O BAILE DO CARMO SE TORNOU UMA TRADIÇÃO

Uma vez devidamente apresentado no capítulo anterior é necessário entendermos como o Baile do Carmo foi se tornando uma tradição e como sua origem dialoga com a história do negro no interior paulista e no Brasil.

Muitos momentos da vida da população negra em Araraquara foram revelados por meio de entrevistas no decorrer da pesquisa e têm sido apresentados neste texto. No caso me refiro a uma população negra que vivencia direta ou indiretamente o Baile do Carmo, ou seja, eles têm, em algum momento, uma ligação ou contato com o referido evento.

O Baile do Carmo possibilita investigarmos a reconstrução dessa história. Nesta pesquisa os brancos também foram ouvidos, pois eles trazem suas referências e lembranças sobre o evento. Dessa forma, vou recolhendo as diversas peças e montando um quebra-cabeça de uma narrativa que garante a visibilidade e o protagonismo da população negra araraquarense. O recurso à história é recorrente neste trabalho, porque para as dezenas de pessoas entrevistadas e nas conversas informais realizadas, esse tema sempre veio à tona.

Você tem que o tempo todo buscar na história, a história do Baile você tem que o tempo todo buscar, porque se você busca, você alimenta as raízes, você solidifica o significado do Baile (Edson, 43 anos, branco).

Quando eu comecei freqüentar esse Baile eu estava mais ou menos com 16 anos. Hoje, eu tenho 74... esse baile já vinha há muito tempo atrás, hoje eles julgam, eles dizem que o Baile podia ter uma escrita, uma coisa, mas o povo daquele tempo não fazia data de fundação, não deixava nada, eles queriam é fazer o baile, por isso é que a gente não tem uma data definitiva assim de que ele tem tantos anos, a gente não sabe (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

Uma das perguntas feitas durante as entrevistas era qual seria a origem do evento. O objetivo dessa pergunta era entender qual a compreensão, as lembranças e a visão das diferentes pessoas entrevistadas, tanto negros como brancos, jovens ou idosos, participantes ou não do Baile do Carmo desde o seu começo. A seguir trago alguns depoimentos sobre esse tema.

Tá... é uma história muito longa. Na rua... a igreja do Carmo é na 14 né?, na 16... no Carmo existia uma concentração de negros conversando e tal, justamente no dia de N. S. do Carmo, o aniversário de N. S. do Carmo, dia 16 de julho. Eles estavam conversando, conversando e tal, e aí começaram... como se diz... dançar pra fazer uma homenagem a N. S. do Carmo, e aí a dança na época era a umbigada. E aí o que que aconteceu?... a polícia vendo aquilo achou que eles estavam brigando, que era uma dança de escravos e aí

prenderam eles tudo né? ... pediu que eles parassem com aquilo, tal, tal, tal e aí acharam [os negros] acharam desaforo e no ano seguinte eles estariam lá com mais gente dançando essa mesma dança e no 3º ano com mais gente e aí começaram a convidar o primo não sei da onde, o outro não sei quem, não sei da onde... e aí que virou o Baile do Carmo, foram para um salão e modernizou, né? E com isso tem 115 anos (Daniel, 54 anos, negro).

Olha, eu ouvia assim que a origem do Baile foi ali na igreja Nossa Senhora do Carmo, que quando era festa de Nossa Senhora do Carmo, os negros não podiam entrar na igreja, ai eram os escravos, então eles ficavam do lado de fora e ali eles faziam as reuniões deles e foi sendo feito. Era assim, a avó Marcília, contava que era assim, “mas o Baile do Carmo dia 15?”, mas se o dia 16 era um dia de semana, então dia 16 que é dia de Nossa Senhora do Carmo os negros ali em frente à igreja que era uma capelinha, ali eles dançavam, a minha vó Marcília conta que ela vinha do sítio, aí eles já podiam entrar na igreja, mas ali na frente da igreja eles faziam essa festa, ai foi crescendo, crescendo até que se tornou o Baile, mas os negros ali na frente da igreja (Márcia, 43 anos, negra).

Olha, eu li em uma reportagem de jornal, eu sei que a origem tem alguma coisa a ver em relação aos escravos e era uma comemoração que eles faziam, uma festa que eles faziam na senzala e... não sei detalhar relativo a isso, o conteúdo geral é mais ou menos isso, isso daí virou uma tradição que depois parece que ele morreu e ele pediu para os descendentes dele continuarem fazendo, porque não podia perder nunca essa tradição e isso foi em frente até hoje. É isso, né? (Francisco Geraldo, 64 anos, branco).

Esses depoimentos mostram uma visão da origem do Baile ligada ao período da escravização, e atualmente ela tem sido melhor detalhada pelo atual organizador, pois essa visão parece atrair mais a atenção das pessoas. A resistência e luta dos negros é reconstruída a cada nova versão da origem do evento, para diferentes públicos e interesses.

Já outros depoentes relatam uma visão diferente da exposta acima, referente a um tempo mais atual, meados do século XX e mais ligada à necessidade do encontro da raça, do reconhecimento, de extravasar as emoções por meio da festa e da conquista por um espaço onde essas pessoas pudessem estar juntas.

A origem do Baile é um encontro da raça negra, com a maior classe, com a maior *finesse*, desde aquela época as pessoas comentavam isso não é um baile, é um desfile de modas, é um desfile de beleza. A origem do Baile do Carmo era e até hoje é um encontro da raça negra, da coletividade, da elegância, da irmandade, acontecimento de parentes que se viam só nessa época, então a origem que eu conheci, que eu entendo o Baile do Carmo é um baile que devia acontecer todos os sábados, mas acontece uma vez ao ano (José Carlos, 59 anos, negro).

O Baile era o momento que os meus tios, a parte que eu mais conheço deles, de sair para dançar, para poder curtir a situação. Era um evento que acontecia, primeiramente, no asilo, a Academia do Samba, era o momento do extravasa deles, 4,5 dias de festa, a noite de gala, tudo bem certinho, as matinês que eles tinham, era o momento que eles pegavam para extravasar

na dança, extravasar na... sei lá, se divertir e consequência de uma série de acontecimentos. Eles eram todos muito unidos, tanto os amigos, eu vejo que no passado as amizades eram bem forte, então, eles iam em grupos, iam da Colônia Paulista, da Vila Ferroviária, da Vila, minha mãe, sempre participando em eventos junto e, era uma coisa só entre eles, bem restrita, então, você via de tudo lá. Conforme foi crescendo a amplitude do Baile, vinha gente de São Carlos, vinha gente de outras cidades, mas a origem propriamente do Baile eu não conheço muito, não tenho muito conhecimento dela, mas eu sei que nessa geração passada eles curtiram muito (João, 19 anos, negro).

Eu sei através da minha mãe, tinha o *footing*, então o que eu sei é que no *footing* resolveram, as pessoas que frequentavam o *footing* resolveram abrir um salão para negros, ali nesse salão eles frequentavam toda semana, tinha reunião toda semana que aí que saiu o Baile do Carmo, não da história do Damião. Então, eu imagino isso, os negros resolveram abrir um salão para eles, porque na época nem branco podia frequentar, hoje os brancos podem frequentar, mas antigamente não entrava, eram só os negros. Então, eu imagino assim que eles resolveram abrir um salão e que neste salão surgiu o Baile do Carmo (Fátima, 47 anos, negra).

O que eu sei é muito do senso comum, que é uma festa que os negros começaram a se organizar no entorno da Festa de Nossa Senhora do Carmo e começaram a criar um festejo deles, aquilo que te falei imagino que começou como, aí é muito a interpretação daquilo que eu já ouvi falar, na verdade é uma junção de fragmentos que eu acabo tendo uma idéia, eu fico imaginando que eram os negros daquilo que era a periferia urbana e que isso deve ter ido crescendo, porque a cidade no final do século XIX, o que era significativo era a sua área rural e se tornou um momento de encontro, de confraternização e isso foi crescendo, tomando uma outra dimensão até que no século XX começou a virar uma instituição, uma organização e começou a... com... o... com a sociedade branca se organizando e impondo o seu modelo, as suas vontades, as suas expressões os negros começaram também por via do, via o Baile do Carmo também a construir as suas referências, suas resistências, a sua forma de organização, tanto é que a história do Baile do Carmo se confunde com a história de famílias, com as famílias, então, eu penso que eram as famílias que resistiam, as famílias que tinham um pouco mais de capacidade de iniciativa, de organização, os negros que eram as lideranças que não poderiam se expressar como lideranças em outros espaços e efetivamente via o Baile do Carmo e depois a Academia e começaram a construir espaços de resistência e de manifestações (Edson, 44 anos, branco).

Os quatro depoimentos supracitados trazem uma origem pautada na idéia do papel político do evento, no encontro da raça e na luta contra a discriminação. São idéias reveladoras da importância de um espaço propiciador para o protagonismo negro em um período mais recente da história.

Diante dos depoimentos recolhidos, principalmente com os participantes mais velhos do Baile do Carmo, descubro que o evento foi realizado do início dos anos 30 do século passado até o final da década de 80 por duas associações recreativas negras: a Sociedade

Recreativa Cruzeiro do Sul, fundada em meados dos anos 20 (LOPES, 2002, p.122), tendo uma atuação até meados dos anos 60, e a Associação Recreativa Academia A. do Samba, fundada em 16 de julho de 1963 a partir do encerramento da Cruzeiro do Sul, com a finalidade, segundo o artigo 3º de seu Estatuto, de proporcionar aos seus associados saraus, bailes, festas, desportos e jogos de toda espécie.

Nesse período de atuação das associações recreativas negras, do início do século XX até o final dos anos 1980, participavam do Baile do Carmo, fundamentalmente, parcelas da população negra que freqüentavam essas associações recreativas ou estavam ligadas por laços de familiaridade ou fraternidade a seus associados e diretores que, por seu turno, preocupavam-se em controlar o comportamento dos associados, impondo regras, que deviam ser aceitas e cumpridas a fim de se contraporem às representações construídas sobre o negro na cidade (TENÓRIO, 2005). As duas associações se originaram a partir da articulação dos negros (ferroviários e funcionários públicos) em processo de ascensão social.

É interessante notar que estas entidades se formam e constroem sede dentro de um regime de cooperação. Em todas as cidades do interior paulista onde existe ferrovia, estas sociedades apareceram, sendo um traço marcante o engajamento de ferroviários na organização destas (CUNHA Jr., 1992, p.25).

Uma parte da população negra que já havia iniciado um processo de ascensão social, por meio da ferrovia no início do século XX, teve na educação e no emprego público possibilidades concretas de melhoria de vida, possibilitando o crescimento e fortalecimento de associações negras, tais como a Cruzeiro do Sul e a Academia A. do Samba (TENÓRIO, 2005).

No âmbito das pesquisas socioantropológicas, há poucos trabalhos que tratam dos negros em ascensão social, e, quando isso ocorre, constatamos por parte dos pesquisadores uma falta de simpatia para com os negros que ascendem, em comparação com os estudos sobre os negros que ocupam a base da hierarquia social. Falta interesse e curiosidade em conhecer o modo como estes indivíduos interpretam sua própria experiência de mobilidade, quais são as crenças e os valores que norteiam as suas vidas. Estes indivíduos são geralmente, descritos como “negros embranquecidos”, que pouco contribuíram para o processo histórico de resistência, e de não submissão às regras de dominação, e são designados como negros de “alma branca”, na linguagem do senso comum (FIGUEIREDO, 2002, p.11, grifos da autora).

Essas duas associações desenvolveram diversas atividades, como bailes, festas e campeonatos desportivos responsáveis por congregar a população negra, oferecendo-lhe um espaço para se reunir, tendo em vista sua sociabilidade e, por conseguinte, a construção e/ou afirmação de uma identidade negra.

A forma mais evidenciada de discriminação e racismo em Araraquara no período de fundação dessas sociedades pode ser verificada no mundo do lazer, ou seja, nas interdições que os negros em ascensão social sofriam quando tentavam participar dos mesmos clubes e locais onde os brancos faziam seus bailes e seus passeios. Esse preconceito foi observado nos relatos não apenas dos negros, mas também de alguns brancos, entre eles o de um ex-vereador e figura importante da cidade.

[...] havia nos clubes de Araraquara sem exceção um certo preconceito em se admitir associados negros, não só em Araraquara como talvez em todo o Brasil, em todo o Estado (José Welington, 75 anos, branco, advogado, ex-vereador).

Mesmo com as interdições, a Academia A. do Samba era convidada para participar das atividades de carnaval de um dos clubes da cidade, mas apenas em dias festivos e como responsáveis pelo espetáculo, pois há relatos de seus integrantes terem a entrada barrada em dias habituais. No livro de atas da Academia A. do Samba é possível verificar que a sociedade era reconhecida na cidade, pois na festa de aniversário de Araraquara de 1963 ela foi convidada para participar do desfile. Em reunião de 30 de agosto de 1963 há menção de agradecimento da prefeitura à colaboração da sociedade “em fazer desfilar pelas ruas da cidade um ‘Carro Alegórico’, representando esta sociedade.” (Livro de Atas, p.09). No entanto, esse reconhecimento parece restrito a algumas comemorações festivas da sociedade araraquarense. A Academia sabia fazer um carnaval bonito, uma festa bonita, por isso era convidada, também porque parte de sua diretoria tinha muitos contatos com o poder municipal. Era um misto de amizade, paternalismo⁴⁴ e clientelismo⁴⁵ de um lado e protagonismo e resistência de outro.

⁴⁴Sobre o assunto ver SENNET, Richard. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁴⁵Sobre o assunto ver NUNES, Edson de O. **A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Imagem 5.1



Time feminino de vôlei da Academia do Samba. Fonte: Acervo da Academia A. do Samba.

Imagem 5.2



Time de futebol da Academia do Samba. Fonte: Acervo da Academia A. do Samba.

As imagens 5.1 e 5.2 destacam os times de vôlei e futebol mantidos pela Academia A. do Samba na década de 1970 e 1980. Havia um intercâmbio muito intenso entre ela, outras associações e clubes negros do interior paulista.

Eu lembro que nós jogamos vôlei em São Carlos, jogamos em Piracicaba, em Campinas, tudo pela Academia do Samba, em Bauru que também tinha um salão, Jundiaí, Jaú (Valéria, 43 anos, negra).

A existência da Academia A. do Samba, da Cruzeiro do Sul e de outras associações recreativas negras que existiram em Araraquara naquele período e anteriormente é compreendida como uma forma de resistência do negro diante da segregação a que era submetido. Elas também se tornaram precursoras dos movimentos negros de reivindicação e luta contra o racismo.

Para entender um pouco mais sobre a mobilização negra no interior paulista é preciso considerar esse tipo de associação e outras que foram e ainda são consideradas muitas vezes, por intelectuais e lideranças do movimento negro sem um projeto político, sem uma bandeira de luta, ou apenas como mera alienação para os negros. No entanto, vejo de fundamental importância sua existência como forma de movimento social, suas raízes se prolongaram e serviram de alimento para mobilizações posteriores embasadas em outras perspectivas condizentes com o período em que viviam, como o grupo GANA⁴⁶ (Grupo de divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara) e o FECONEZU (Festival Comunitário Negro Zumbi) cuja primeira edição ocorreu em Araraquara, em 1978.

A história da população negra no Oeste paulista não pode deixar de se referir aos clubes negros, bailes e demais eventos festivos que atuaram na socialização, sociabilidade, construção, afirmação e referência identitária para a população negra. Para muitos entrevistados, as associações negras recreativas eram pontos de referência de onde ir, do que fazer.

Academia A. do Samba, que era na XV de Novembro, entre a 3 e a 4 bem no comecinho isso na década de 60, então eu já fui unindo, do fato que o negro tinha um espaço para frequentar, que tinha aquele dia, eu tenho a carteirinha até hoje, a carteirinha social, onde tinha todas as atribuições sociais, tinham os bailes, lá acontecendo o baile das Dez Mais, baile do Havaí, baile do Peso, de domingo tinha atividades como pingue pongue, baralho, dama, então uma vez a cada mês acontecia um piquenique que acontecia lá na Fazenda Salto Grande, então lá vendia bebida e cada família levava um prato. Era uma delícia! Uma confraternização muito gostosa. Então, aquele

⁴⁶ Segundo Eva Aparecida da Silva (2008, p.58), o grupo GANA foi fundado no ano de 1977. Entre as ações desenvolvidas pelo GANA estão: os trabalhos voltados para o resgate da história do negro, por meio da confecção de boletins que eram entregues à comunidade; as peças teatrais que retratavam a situação do negro; as atividades em bairros de concentração negra e as participações em debates e encontros da comunidade negra.

tempo nós da raça negra, nós tínhamos assim com esse movimento da Academia, não por ser o meu tio, mas o negro tinha um espaço social enorme (José Carlos, 59 anos, negro).

Antigos associados da Cruzeiro do Sul e, posteriormente, da Academia A. do Samba informaram que a prefeitura cedia o antigo Teatro Municipal⁴⁷ para diversos bailes realizados por essas associações desde a primeira metade do século XX. Resquícios desse período de bailes realizados nesse local foram encontrados em matéria do jornal O Imparcial, presente no trabalho Revitalização da Memória: Teatro de Araraquara (1916-1966), de Igor Rossoni (1982). Nessa matéria, o prefeito Rômulo Lupo rebate críticas recebidas por ocasião da demolição do referido espaço em 1966 por correspondente do Jornal O Estado de São Paulo. Segundo o prefeito, o Teatro Municipal já vinha sendo sucateado e apresentava um risco à população.

Apesar disso, devido a insistentes pedidos, que não puderam ser negados, o teatro foi ainda cedido para dois bailes da Ferroviária e de uma sociedade de “Coloreds”, que se deram ao trabalho de assentar um assoalho provisório com chapas de Duratex (ROSSONI, 1982, p.301).

Não foi possível identificar se havia uma sociedade chamada “Coloreds”, ou se Rômulo Lupo apenas se referia de forma genérica a qualquer tipo de associação dos negros na época. O fato de o espaço do Teatro Municipal ser cedido para a realização do Baile do Carmo e para outros bailes realizados pelas associações e clubes negros pode ser encarado como uma importante articulação entre as associações negras e o poder público municipal, demonstrando não só organização, mas também suas estratégias de resistência e conquista de direitos, afinal aquele era um espaço público. Obviamente, os políticos também tinham interesse no apoio desse eleitorado negro.

Conforme já foi dito, muitos membros das associações negras eram ferroviários ou funcionários públicos e, mesmo tendo cargos de menor prestígio nessas instituições, eles tinham condições suficientes para saber lidar com as adversidades, sabendo negociar com a administração e exigindo seus direitos. Afinal de contas, eram profissões que faziam girar a economia e o desenvolvimento de Araraquara.

⁴⁷ O prédio do antigo Teatro Municipal de Araraquara foi inaugurado em 1916 e durante muitos anos recebeu diversas produções teatrais e musicais. A partir da década de 1948 tem um período de decadência, com visível desgaste físico do espaço. Apenas em 1955 o Teatro tem um novo momento áureo com a criação do grupo TECA - Teatro Experimental de Comédia de Araraquara, sob a direção de Wallace Leal Valentin Rodrigues. Nesse período o teatro recebeu diversas produções e o TECA ficou conhecido pelo país e América do Sul. No entanto, no final dos anos 1960 pela falta de investimentos na reforma do prédio, novos planos foram traçados pela administração local e o Teatro foi demolido em 1966 (ROSSONI, 1982).

Todos ferroviários!!! Aí só tinha um que eu me lembro que não era ferroviário, foi esse meu primo Tonico, que era contador também, trabalhava por conta dele e o Seu Antonio Gabriel, da minha época. O Jocelim de Souza, outro também que foi presidente da Cruzeiro do Sul. Era um cara muito apanhado aí na Câmara [Municipal] (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

Há uma ligação muito grande entre as associações negras e os ferroviários e entre os bailes realizados por diversas cidades do interior paulista que seguiam a linha do trem, pois muitos negros ferroviários se mobilizavam para a construção de associações e clubes negros. Cidades como São Carlos, Rio Claro e Ribeirão Preto contam com trajetórias muito similares a essas inclusive quanto ao papel do negro ferroviário.

Sobretudo para os negros do interior paulista, onde o binômio racismo-discriminação obstaculizava ainda mais a ascensão desse grupo não era pouca coisa conseguir emprego na “Paulista”. Trabalhar nessa empresa significava estabilidade no emprego, possibilidade de ascensão em termos de cargo, regularidade no recebimento do salário, facilidade para aquisição de terreno residencial, acesso a medicamentos via convênio, acesso a bilhete de passagem gratuita para viagens de trem (os dois últimos extensivos à família), e passava a integrar a chamada “classe média negra” de então – o que é consenso entre os entrevistados (PEREIRA, 2009, p. 113, grifos da autora).

Segundo Andrews (1998), “é através dos clubes sociais que os brasileiros de classe média constroem seus vínculos e fortalecem laços com pessoas que podem fazer ‘favores’ umas às outras [...]” (ANDREWS, 1998, p. 267). Para o autor, os clubes sociais para a classe média são meios de integração e progresso social, tornando-se uma barreira difícil de transpor pelos afro-brasileiros que não eram admitidos nesses clubes e se viam excluídos de um contato interpessoal e das redes sociais que lhes permitiriam conseguir melhores empregos. Além desse aspecto econômico a não admissão nos clubes também tinha um aspecto psicológico e atuava na auto-estima de maneira negativa, pois muitos foram barrados ou expulsos desses lugares. (ANDREWS, 1998, p. 269). Essa situação levou a população negra a formar muitos clubes negros no Estado de São Paulo.

A partir de seu Estatuto é possível perceber a preocupação que a Academia A. do Samba tinha com a imagem dos sócios, aos quais eram aplicadas penalidades como advertências, suspensões ou eliminações do quadro de associados de acordo com as infrações, que podiam ser a falta de pagamento das mensalidades, o uso de linguagem ou práticas destoantes das “boas normas sociais” dentro do recinto da sociedade, desrespeito aos membros da diretoria e envolvimento em conflitos dentro da sede social. Eles também eram punidos quando atentassem “contra os fins e estabilidade da Sociedade, promovendo a sua ruína ou descrédito” (ESTATUTO ACADEMIA, 1963, p. 06) e quando fora do recinto da

Sociedade “se desmoralizarem publicamente, pela prática de atos reprováveis, que os tornem indignos de permanecerem no seio da Sociedade” (ESTATUTO ACADEMIA, 1963, p. 06).

Segundo Florestan Fernandes,

Essas associações não só alargavam a área de contactos internos no “meio negro”; elas difundiam e consolidavam novos padrões de vida que contribuía para aumentar o auto-respeito do “negro” por si mesmo, seus laços de solidariedade e, especialmente, a insatisfação pelo fato de ver-se posto à margem no seio da sociedade inclusiva (FERNANDES, 1965, p. 30).

A Academia A. do Samba tinha normas que reafirmam para mim a idéia da busca pela construção de outra imagem do negro, rompendo com representações depreciativas conhecidas e reafirmadas na época. Há também o esforço para a promoção de um espaço para a sociabilidade e afirmação coletiva. De acordo com uma matéria do jornal dessa associação

[...] para se ter uma idéia de como era difícil às pessoas de cor conseguirem um local onde pudessem se divertir sem maiores problemas, convém registrar que a entidade começou com mais de 50 sócios fundadores e, em tempo rápido conseguiu chegar a 300 sócios (RAÇA..., 1981).

A Academia A. do Samba é atualmente uma das associações que ainda faz parte das lembranças de muitos entrevistados, e foi citada por eles com o sentimento de saudade. Sua sede era na Avenida XV de Novembro (em frente ao Jardim Público Municipal de Araraquara) (TENÓRIO, 2005).

Ainda eu lembro um ano que a Academia, nós tava na Escola de Samba nós fomos dançar pra lá de Bauru, nos dançamos, a Escola foi para Bauru e Xavantes, nós fomos (Lázara, 76 anos, negra).

[...] a Academia era muito forte, todo mundo fala que marcou a juventude assim dos meus pais, a época da Academia (Paulo, 27 anos, negro).

Quando tinha a Academia do Samba, às vezes, tinha ônibus pra cá no baile que tinha. Então, vinham pessoas de São Paulo, tocar na Academia do Samba, certo? Então, ali era onde os negros se reuniam todos (Maria Aparecida Bernal, 52 anos, negra).

Eu não tinha vínculo com a Academia, eu gostava, eu até frequentava a Academia, às vezes, eu passava por lá, entrava, assistia, como eu gosto de ver as pessoas que dançam bem, gosto de apreciar a dança, eu ia na Academia e ficava vendo o pessoal dançar, porque todo mundo dança bem lá, então eu ficava apreciando (José Roberto, 61 anos, branco).

Eu não lembro, ali era a Academia. Eu acho que ali os brancos não entravam, ali, os únicos dois brancos que entravam era eu e o Osvaldinho (Renato, 60 anos, branco).

Alguns entrevistados relatam que brancos não entravam na Academia, mas outros mencionam o contrário, afirmando eram amigos dos diretores e associados, e gostavam de ver

as pessoas dançarem. A associação elegeu, em reunião realizada em 15 de março de 1964, Rubens Cruz, que viria a ser prefeito de Araraquara em 1969, como seu presidente de honra, “em reconhecimento aos muitos serviços prestados a esta Sociedade”. Ele teria emprestado dinheiro para a compra do equipamento de som da associação. Na lista dos sócios fundadores da associação aparece o nome de Flávio Ferraz de Carvalho, homem branco, vereador em Araraquara em várias legislaturas de 1956 a 1985 e de 1993 a 2000. Esses dados demonstram a existência de articulação dessa sociedade com os representantes do poder público.

Construir novos espaços ao nível do lazer possibilita também um nível de articulação mais ampla, porque projeta esses grupos para além das periferias urbanas, local que lhes foi destinado desde o processo de “higienização” das cidades, pois, a constatação das diferenças, se por um lado inibe individualmente, por outro, serve de estímulo à mobilização coletiva, levando os grupos em situação de exclusão a reivindicar espaços de participação e reconhecimento na realidade social da qual fazem parte (SILVA, 2001, p.67, grifo do autor).

Entendo que essas associações procuravam construir seus espaços, como ressalta Silva (2001), para além da submissão às figuras de destaque político da sociedade araraquarense e dos espaços destinados aos negros pela marginalização histórica à qual foram relegados. O reconhecimento pelas associações negras do papel de lideranças políticas da cidade pode ser compreendido como estratégia para se manterem atuantes e mostrarem que também dominavam seu código de etiquetas. Como aponta Bastide (1983, p.130) “o negro deseja também provar ao branco que tem sua honorabilidade, que tem sua vida mundana, que conhece as regras de polidez, em resumo, que não é um selvagem como querem muitos”.

Ou como afirma Sérgio Souza,

[...] as sociedades negras, com a implementação das mais variadas atividades culturais, foram fundamentais para estas populações imprimirem conteúdos próprios, não somente em seus logradouros, mas por todo o espaço urbano, agindo como grupo diferenciado na construção de sua história (SOUZA, 2007, p.157).

O Baile do Carmo e outras atividades empreendidas pelas associações recreativas negras araraquarenses fazem parte de uma cultura negra paulista que encontra nessas atividades um importante momento de sociabilidade, encontro, identidade e de comunicação entre as diversas cidades do Estado de São Paulo. Oportunidade de lazer e reencontro para aqueles indivíduos que migravam de outras cidades e para os próprios membros das associações que visitavam outras entidades e seus eventos pela região.

[...] então a gente ia nas sedes da raça negra: Bauru, Piracicaba. A gente viajava né? (Sr. Geraldo, 79 anos, negro).

Corroborando a idéia da comunicação intra e entre as associações negras, o Sr. Geraldo, membro da diretoria da Academia A. do Samba, diz não ter havido publicação de anúncios em jornais quanto à realização do Baile do Carmo, conforme constatado pela pesquisa em jornais. Apenas a partir do final dos anos 1980 é possível encontrar anúncios. Segundo o Sr. Geraldo eles imprimiam a programação e distribuíam pelos salões de beleza, mercados, bares dos conhecidos, afixavam na sede da sociedade, enviavam para associações de outras cidades e apostavam na propaganda boca a boca, reconhecidamente garantia de bons resultados.

O Sr. Pércio, associado da Cruzeiro do Sul, confirma o fato de não haver anúncio do Baile do Carmo nos jornais locais. Uma estratégia muito utilizada durante o período de grande ascensão dos ferroviários era a colocação de cartazes nas Estações de Trem.

É que hoje tudo mudou, mas o Sebastião Paulino [um dos diretores da “Cruzeiro do Sul”], ele ia de casa em casa com os programas. Ia na estação com os programas, pedia para os guardas-trem colocar nas Estações e convidava a família e exigia que a família fosse, a turma ficava motivada por ver aquele apoio que ele dava para as pessoas, então era isso daí que a pessoa se sentia na obrigação. Falava nós vamos (Sr. Pércio, 81 anos, negro).

Não divulgar o evento nos jornais locais pode representar a dificuldade de acesso a eles ou uma estratégia consciente de manutenção da proximidade desse grupo negro, ou seja, não havia necessidade de divulgação na mídia escrita da cidade, porque aqueles que deviam saber sobre a festa seriam avisados, pois circulavam e viviam nos mesmos espaços que os organizadores. Havia também dificuldades para a impressão de jornais e panfletos, devido aos altos custos e a fragilidade financeira presente no desenvolvimento de boa parte de associações e entidades negras. Além disso, havia ainda a dificuldade de acesso aos meios de comunicação locais. É possível inferir que não havia interesse por parte da mídia local em divulgar o evento, revelando mais uma vez a invisibilização da população negra na história de Araraquara, tema recorrente neste trabalho.

Se por um lado a Academia A. do Samba contava com a ajuda de membros da sociedade araraquarense e do poder público, por outro, muitas vezes, não conseguia romper o preconceito e a discriminação. Segundo alguns depoimentos, havia muitas dificuldades em se conseguir os salões dos clubes das elites para a realização do Baile.

Nós tentamos na nossa época [Academia do Samba] alugar o Araraquarense e não conseguimos, nunca. Porque tinha preconceito lá com os sócios porque acha que a comunidade negra que ia quebrar, né? Mas, eles são piores do que a gente. Agora que eles viram o que é o Baile do Carmo, que a turma vai e

não tem essa de querer destruir, a turma vai porque gosta mesmo (Sr. Geraldo, 79 anos, negro).

Provavelmente, alguns membros das elites araraquenses conservavam a representação do negro como aquela apresentada por Pio Lourenço Corrêa, ou seja, de forma pejorativa, inferiorizada, até mesmo selvagem. Por isso, é importante para a população negra ocupar esses espaços e mostrar que sabem fazer bailes e festas a rigor ou como diz José Francisco, “não é pura imitação, você faz isso e eu também faço e faço melhor que você.”

Segundo Gomes (2005), “ao instituírem-se territórios de lazer análogos aos dos brancos - quanto aos códigos de conduta e símbolos de status conquistados (no vestuário e na linguagem, sobretudo) - contudo exclusivamente freqüentados por negros, diminuiu-se o percurso em direção à ‘igualdade’” (GOMES, 2005, p. 38-9). Ou seja, as associações recreativas negras procuravam diminuir a desigualdade entre brancos e negros existentes até mesmo em suas formas de lazer. Se os brancos realizam seus bailes, os negros também realizam os seus; mais do que isso, os bailes negros, tal como o Baile do Carmo, são realizados nos espaços dos brancos; trata-se de uma forma de ocupação e de protagonismo no espaço do outro. Destaco a importância desses espaços, muito mais adequados para a noite de gala do Baile do Carmo por comportarem confortavelmente um grande número de pessoas, pela localização, pela arquitetura, pelo *status* e pelo que representaram no passado: espaços proibidos para essa população.

Por tudo isso, o Baile do Carmo, quando realizado por essas associações, pode ser compreendido como um evento de resistência à discriminação por meio da festa, mas não qualquer festa. Essa constatação é de considerável importância, pois a festa era justamente aquela aceita pela sociedade araraquense e pelos negros participantes das associações recreativas, que sabiam da necessidade de reconstruir a imagem da população negra de forma positiva buscando romper com os estereótipos vigentes na sociedade. De acordo com Nascimento (2003):

Para melhorar o nível de vida era preciso competir, e para isso impunha-se a necessidade de dominar o instrumental não apenas técnico, como também social, exigidos para o desempenho profissional. Nesse sentido, enfatizavam-se o bom comportamento e a impecável apresentação dos associados das entidades de acordo com as regras de sociabilidade vigentes (NASCIMENTO, 2003, p.227-8).

Desse modo, essa fase da história do Baile do Carmo teria alguns elementos similares àqueles defendidos pela Frente Negra Brasileira (FNB) nos anos de 1930. Nesse período a FNB afirmava a necessidade de a população negra aprender os códigos sociais para ser

integrada à sociedade dominante (FERNANDES, 1965). No entanto, penso que tal ajustamento não deva ser pensado apenas como assimilação dos valores sociais dominantes, ou branqueamento, mas como estratégia de sobrevivência.

[...] as pessoas negras não são simplesmente reatoras: elas são criadoras, inventando seus próprios mecanismos de sobrevivência, suas próprias ferramentas ideológicas e redes de reações sociais, seus próprios veículos de luta através do tempo e do espaço. Este é o processo cultural, uma expressão criativa, dinâmica da totalidade das relações que caracterizam sua realidade física e cultural (Hamilton apud Gusmão; Simson, 1989, p. 239).

Como venho afirmando, a grande quantidade de bailes negros existentes em diversas cidades do interior paulista é também uma forma de se contrapor às práticas discriminatórias responsáveis por uma segregação racial no espaço do lazer. O Baile do Carmo pode ser compreendido de diversas formas: como resistência à discriminação, busca de reconhecimento, aprendizado da cidadania e da negociação política e também como um espaço, segundo seu organizador atual, no qual diversos e bem sucedidos negros e negras possam se apresentar e servir de exemplo aos demais.

5.1 A dinâmica do Baile do Carmo a partir do final dos anos 1980

Os últimos anos da década de 80 marcaram o fim da atuação da associação Academia A. do Samba na realização do Baile do Carmo e na organização de atividades recreativas para os negros na cidade. A partir de então, a realização do Baile do Carmo ficou sob a responsabilidade de um promotor de eventos - o já citado senhor Daniel Amadeu Martins Filho, mais conhecido como Costa. Ele não coordena nenhuma entidade ou associação recreativa negra, mas tem mantido estreita relação com autoridades públicas, ONGs e lideranças políticas a fim de obter apoio para a realização do evento.

Imagem 5.1.1



Personalidades da política e a Musa do Baile do Carmo 2006. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Na figura acima temos o atual prefeito de Araraquara, Marcelo Fortes Barbieri do PMDB, o então deputado estadual Sebastião Moreira Arcanjo do PT, que tentava a reeleição, Edinho Silva do PT, prefeito de Araraquara de 2001 a 2008, o ex-governador de São Paulo Orestes Quércia do PMDB e a Musa do Baile do Carmo em 2006, Patrícia Pereira. Foi possível encontrar diversos políticos em diferentes anos de realização do Baile do Carmo. O evento também é reconhecido por essas lideranças como uma oportunidade importante para suas campanhas e interesses. Os anos 2000 vão marcar a participação mais efetiva e visível do poder público na realização do evento, tanto municipal quanto estadual e federal.

O fato de o Baile não ser realizado por associações recreativas não significou o seu fim, mas parece ter iniciado mudanças e um momento mais aberto à participação de pessoas não ligadas aos grupos de participantes originais. Essas mudanças também dizem respeito à flexibilização das atividades, pois à noite de gala são agregados outros eventos musicais, artísticos, culturais e políticos já descritos anteriormente. Instituiu-se a noite de abertura

cultural que, ao reunir diversos representantes do poder público, lideranças do movimento negro, representantes de ONGs, estudantes, participantes novos e antigos do Baile, promove a conscientização de seus participantes por meio de discursos de afirmação de identidade. Artistas, jogadores de futebol, de basquete, deputados, empresários negros prestigiam o Baile do Carmo, e são, muitas vezes, apresentados como exemplos, como símbolos do sucesso que o negro pode alcançar.

Durante a pesquisa muitas pessoas fizeram questão de pontuar as mudanças ocorridas no Baile do Carmo. Mesmo alguns jovens com idade inferior aos 30 anos, e que não vivenciaram⁴⁸ o tempo da organização dessa festa quando realizada pelas associações recreativas, afirmam sua mudança em relação às lembranças e às narrativas contadas sobre o passado do evento (POLLAK, 1992).

A década de 1970 e 1980, de grande efervescência no movimento negro brasileiro, também influenciou o Baile do Carmo. Os depoentes revelam as divergências de opiniões entre eles e os diretores das antigas associações, indiferentes e contrários às aos desejos de mudanças nas atividades promovidas. Os primeiros tinham o desejo de criar grupos de teatro, ampliar a participação das pessoas e atrair novos associados.

Mais recentemente, no Baile de 2009, ouvi alguns participantes mais antigos do evento fazendo a seguinte afirmação: se “continuar desse jeito o Baile vai acabar”. Essa afirmação está diretamente relacionada à noite de gala, no entanto, o evento já não é mais a noite de gala, ele cresceu e tem conquistado novos públicos com os shows de samba e pagode, o desfile show de modas e com as apresentações culturais das oficinas municipais, atividades realizadas durante a semana. E mesmo a noite de gala parece ainda atrair novos e antigos participantes, dentre eles os jovens.

Segundo os entrevistados, quando o Baile era realizado por associações recreativas até o final dos anos 1980 havia uma participação maior de famílias. Embora ainda haja essa participação, para eles o número de famílias presentes na noite de gala era maior naquela época. Segundo alguns depoentes algumas famílias tradicionais da cidade deixaram de prestigiar o evento.

⁴⁸ Segundo Michael Pollack, também faz parte da memória aqueles acontecimentos vividos por tabela, ou seja, “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.” (POLLAK, 1992, p. 201).

Os negros que iam, as famílias se encontravam lá. A família da diretoria inteira se preparava, tinham as Dez Mais. Tinha o baile da Balança aquele que pagava pelo peso. Eu acho que a pessoa se programava o ano inteiro, tipo o carnavalesco carioca, se programava o ano inteiro para o Baile do Carmo, aí no Baile do Carmo extravasava, era para extravasar aí ela voltava para as atividades ficava até o Natal sem fazer nada, fazia parte do calendário, como tem o Natal, a Páscoa, o Baile do Carmo fazia parte do seu calendário ou financeiro ou social, tudo influenciava nisso (José Carlos, 59 anos, negro).

Eu acho que mudou um pouco, apesar que a gente encontra muita gente. Você anda, como eu ando o salão inteiro, eu falo que o baile não foi feito para ficar sentado, mas para se dançar e se caminhar. Eu, hein? O pessoal senta na cadeira, a cadeira é minha eu não vou sair dessa cadeira, ai eu não vi ninguém, mas ainda continua assim. Continua mantendo as famílias, mas bem menos frequentado, então se perdeu um pouquinho aquela coisa de família (Márcia, 43 anos, negra).

Para alguns o Baile tornou-se mais comercial, e essa idéia pode ser entendida devido ao fato de o evento passar a ser realizado por um promotor de eventos e não ter mais uma vinculação com as atividades de uma associação ou clube negro.

O Baile assumiu uma dimensão comercial a partir do momento que o Costa assumiu o Baile ele tomou uma dimensão comercial que até então ele não tinha, quando era o Geraldinho que organizava esse baile era dessa forma, as famílias se juntavam lá, mas era fechado... eu já discuti com o Geraldinho pra ampliar o Baile, não só o Baile porque ele organizava a Academia (José Francisco, 45 anos, negro).

Algumas pessoas, principalmente os participantes do Baile do Carmo durante o período em que ele era realizado por associações recreativas negras, vêem o evento como uma boa fonte de renda anual para o seu promotor. Para alguns, ele teria perdido o glamour, para outros, hoje seria mais elegante. São diferentes visões. Os jovens entrevistados também se apóiam nas lembranças dos pais e avós e ressaltam, muitas vezes, os pontos levantados pelos mais velhos com relação a essas mudanças. Estabelece-se uma memória coletiva sobre o evento e a partir dela alguns jovens falam como se tivessem participado do baile no passado. Mas eles também revelam mudanças vivenciadas no período mais recente do Baile do Carmo. Essas mudanças podem ser para melhor ou pior. Algumas são em relação à orquestra ou às músicas executadas durante a noite de gala; outras em relação ao preço das atrações e ao estabelecimento das vendas de ingresso para entrar no futebol, o que antes era permitido com a entrega de um quilo de alimento. Para outros, atualmente, com os diversos eventos promovidos pelo Baile do Carmo é possível ter uma quantidade e uma diversidade maior de participantes, como podemos confirmar com os relatos abaixo:

Mudou bastante, hoje em dia não vem mais uma orquestra, vem uma banda que é bem diferente, por mais que mantenha todas aquelas músicas, aquele bolerão, aquelas coisas tradicionais, mas não é a mesma coisa. Aí é que se perdeu o glamour. Continua a beleza, mas perdeu o glamour. Se a gente olhar lá atrás. Para nós era uma raiz do negro, a tradição está se perdendo (Márcia, 43 anos, negra).

Hoje, o Baile cresceu muito, na minha opinião cresceu 100%, porque na época era mais ... quem vinham eram mais os de mais idade, hoje não, hoje já pega todo mundo, já pega de crianças até senhores, né? Então, hoje como a prefeitura já ajuda mais, o foco é Baile. Antes não. Acaba o Baile, no começo do ano que vem, o pessoal já vai atrás de roupa, já se programa para julho, pede férias no serviço. Tem toda uma agenda, para em julho estar disponível para a festa (Paulo, 27 anos, negro).

Eu acho que está ficando mais as pessoas mais idosas, assim, da minha idade para trás. Eu acho que os adolescentes... está se perdendo um pouco, eu não sei o que precisaria fazer, mas eu acho que eles não estão. Eu acho que diminuiu bastante, que ia antes e agora não tem mais importância (Solange, 38 anos, negra).

A diferença é que cresceu, né? Cresceu bastante. Antigamente, era mais fechado, agora está mais aberto. Até hoje frequentam os brancos, né? Que antigamente quase não frequentava os brancos, hoje não. Hoje, abriu bastante. Eles vão, se divertem, gostam e a gente faz o possível para agradar todo mundo, então têm muitas pessoas brancas que compram mesa que até perguntam, mas a gente pode entrar? Pode! (Fátima, 47 anos, negra).

Agora que aperfeiçoou melhor, está aperfeiçoando cada vez mais. Está ficando melhor, já está bem organizadinho (Leontina, 57 anos, branca).

Eu fui no Baile lá no Araraquarense. Antigamente, era diferente aquele, o baile, hoje em dia eu acho que é mais liberal, vai mais gente. Eu achava assim que ia gente mais chique, hoje em dia eu acho que, vão chiques ainda, mas é mais fácil. Quase não ia muita gente antigamente, hoje em dia eu acho que vai mais, mais gente conhece. Pelo menos pessoal que eu conheço mais gente fala sobre o Baile. Eu fui uma vez só, eu tenho vontade de ir agora (Margarete, 45 anos, branca).

O Baile era só sábado e domingo. Segunda era o dia da despedida, inclusive a despedida era na Academia de porta aberta, ninguém pagava, a Academia não tinha essa visão empresarial que nem o Costa tem. Ainda eles colocavam aperitivo em cima da mesa, era para dançar e falar tchau mesmo. Era bem despedida mesmo (Valéria, 43 anos, negra)

Antigamente era mais conhecida ainda, porque era só aquele pessoal daquela época, não tinha quase..., a cidade não era grande como é hoje, como cresceu. Então, às vezes eu estou na cidade “nossa quanta gente estranha, né?” e encontrar conhecido demora, né? Porque os mais velhos já morreram, a maioria. Só ficou os mais novos, então a gente conhece, mas não é como naquela época, que tinha aquela amizade antiga mesmo, boa (Sra. Anésia, 76 anos, negra).

Há diferentes opiniões e percepções sobre as mudanças do evento para as diferentes pessoas entrevistadas. Os motivos para as mudanças apontadas poderiam ser encontrados na existência de um conflito entre o que é entendido por muitos deles como a tradição do Baile do Carmo e as reinvenções levadas a cabo pelo atual organizador do evento.

Os participantes mais antigos são geralmente os mais críticos com relação às mudanças do evento, pois muitos reclamam da impossibilidade de encontrar os conhecidos, motivo que confirma a idéia de antigamente o baile ter sido muito melhor. Outros, em especial pessoas mais conhecidas e reconhecidas pela atual organização, só têm elogios e estão sempre presentes, transformando-se em figuras de destaque e símbolos da noite de gala como a senhora Liberalina que desde os 16 anos se desloca de Barretos a Araraquara para tomar parte das festividades do Baile do Carmo. Ela já está com 82 anos e se sente uma pessoa muito especial por ser homenageada por todos os participantes.

Essa configuração do evento só pode corroborar sua relevância, afinal, as pessoas querem ser reconhecidas e se livrar da invisibilidade cotidiana. Além disso, os mais críticos estão presentes no evento e mesmo pessoas de diferentes posições sociais, idéias e perspectivas políticas vêm aquele espaço como importante para o reencontro. Cada qual tem seus próprios objetivos e razões para frequentá-lo. O interessante é reconhecer a importância desse espaço como um lugar para congregar essas diferenças, estabelecendo um importante lugar de sociabilidade, identidade e de organização negra.

A título de exemplo, em três noites de Abertura Cultural ouvi as pessoas dizerem que o Baile do Carmo é o evento capaz de deslocar, em Araraquara, o mês da consciência negra comemorado em novembro para julho (mês de realização do Baile), afirmando a sua importância e capacidade de aglutinar diversos grupos sociais.

Com a instituição do dia 20 de novembro⁴⁹ como Dia da Consciência Negra e feriado em diversas cidades brasileiras, em Araraquara as comemorações e discussões vêm crescendo, porém a data e sua expressividade junto à população negra ainda estão em processo de compreensão e de elaboração das atividades para esse dia, diferentemente do Baile do Carmo cuja data já é reconhecida como um momento do negro. Assim, pode-se afirmar a existência de dois momentos importantes em Araraquara para as discussões das questões relacionadas à população negra: julho, com o Baile do Carmo e o mês de novembro, não apenas o dia 20, pois todo o mês tem se transformado em um período de referência às temáticas étnico-raciais.

⁴⁹ Dia de aniversário de morte do líder Zumbi do Quilombo dos Palmares. O Dia da Consciência Negra foi oficialmente instituído pelo governo federal em 1995.

5.2 Negociando a tradição: o que pensam aqueles que vivenciam o Baile do Carmo

A partir dos anos 1990, período que considero de maior abertura do evento, o Baile passa a ser anunciado na mídia local e de maneira mais vigorosa na nacional⁵⁰ sendo proclamado como um evento de tradição negra em Araraquara, principalmente em seus folhetos⁵¹ de divulgação que registram as seguintes afirmações:

- “115 anos de tradição” (em 2002);
- “116 anos de tradição” (em 2003);
- “O mais tradicional do Brasil” (em 2004);
- “A festa mais esperada e comentada do Brasil” (em 2005);
- “Araraquara tem História – 119 anos de tradição” (em 2006);
- “O mais famoso e tradicional do Brasil” (em 2007);
- “A tradição desde 1888” (em 2008);
- “121 anos de tradição” (em 2009).

A despeito de inexatidões cronológicas há uma evidente intenção de auto-afirmação por meio da tradição e da história. A organização do evento busca se apropriar dessa história construindo uma tradição.

Assim, a tradição é pensada como processo de criação e expressão de uma visão de mundo a partir da reelaboração das formas culturais do passado. Este processo de reelaboração se dá por meio de uma construção discursiva, isto é, da fala, da palavra, que garante, a partir de traços que testemunham o passado, a memória coletiva do grupo (PESSANHA, 2008, p.144)

A tradição parece ter se transformado em um produto, em um elemento para valorizar a participação no Baile. Para Hobsbawm (1984), as tradições dos séculos XIX e XX não estão referenciadas apenas em um passado remoto: elas são definidas pelos grupos sociais envolvidos, sendo (re)criadas e modificadas a fim de estabelecer algum sentido para esses grupos. Essas seriam as tradições inventadas e “sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1984, p. 09).

Eu penso que o Baile do Carmo hoje é o alimento de uma tradição é o que mantém uma tradição viva, é o que faz com que a comunidade afrodescendente de Araraquara e aqueles que lutam pela construção da

⁵⁰ Como foi o caso do programa “Domingo da Gente”, exibido pela Rede Record, apresentado pelo cantor Netinho de Paula e da mídia impressa por meio de jornais locais (Tribuna Imprensa e O Imparcial), além da revista “Raça Brasil” de divulgação nacional. Ainda pela televisão, o Baile foi motivo de matéria do Jornal Regional da rede EPTV/Globo, juntamente com *sites* na internet, tal como o *site* do próprio evento (www.bailedocarmo.com.br), o *site* da SEPPIR e o da ONG Fonte. O evento também foi filmado pela Super TV, canal por assinatura local. Também aparece em diversos *sites* e *blogs*.

⁵¹ As capas dos folhetos podem ser visualizadas no Anexo I, p. 229.

igualdade racial possam revisitar a história de Araraquara todos os anos e por meio do Baile do Carmo entender o significado do próprio Baile que é uma manifestação de décadas passadas, uma manifestação de resistência da comunidade afrodescendente e uma forma de auto-organização da comunidade afrodescendente (Edson, 44 anos, branco).

A maneira como os participantes do Baile encaram a idéia da tradição parece estar ligada à idéia de algo que acontece sempre, ou seja, um costume. Muitas pessoas vão ao Baile devido à sua existência já há vários anos. No depoimento supracitado o ex-prefeito da cidade que realizou em seu governo diversas ações⁵² voltadas para as questões étnico-raciais, vê o evento como alimento de uma tradição. Para ele a existência do Baile alimenta essa tradição e tem força para convocar o retorno das pessoas à cidade para elas reconstruírem sua história.

Para Giddens (1997), a tradição está relacionada ao controle do tempo, tanto do passado - que “tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente” (GIDDENS, 1997, p. 80) - como do futuro, pois “as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de se organizar o tempo futuro.” (GIDDENS, 1997, p.80). A autenticidade de uma tradição não se relaciona com seu tempo de existência ou com a forma como se mantém rigorosamente fiel aos acontecimentos do passado, mas sim com o trabalho contínuo de interpretação das relações entre o passado e o presente. Para Giddens, as tradições “têm um caráter orgânico: elas se desenvolvem e amadurecem, ou enfraquecem e ‘morrem’” (GIDDENS, 1997, p. 81). Os depoimentos trazem algumas dessas idéias sobre tradição, como algo que deve ser alimentado e fortalecido, pois pode morrer se não for constantemente revisitado.

Tinha bastante lideranças também no Baile, da região, do movimento negro, pessoas com história no movimento que vêm para ver como é que tá, e até conversando com alguns deles o pessoal falava da importância desse baile em Araraquara como um dos últimos que ainda mantém essa tradição, porque Jaú está tentando manter a festa que tinha lá, mas várias outras cidades já não conseguiram, não conseguem mais realizar a festa e viam até como uma atitude de fortalecimento do Baile, conversando com a gente pediam para ajudar, para não deixar o Baile acabar e fortalecer, então tem um público que vem com uma intenção de fortalecer a festa (Edna, 41 anos, negra).

⁵²Como a criação em 2002 do Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo (COMCEDIR). Em 2006, foi criada a Assessoria Especial de Promoção de Igualdade Racial - AEPIR e também a inauguração do primeiro Centro de Referência Afro do Estado de São Paulo. Entre algumas das ações que competem a AEPIR estão: apoio ao Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo - COMCEDIR; incentivo à adoção de políticas de cotas e outras ações afirmativas nos setores público e privado; incentivo à formação de negros (as) para atuação no setor de serviços; incentivo à adoção de programas de diversidade étnico-racial e geração de trabalho e renda no governo municipal e em empresas; apoio aos projetos de Saúde da População Negra; desenvolvimento da Cultura Afro-Araraquarense; Capacitação de professores para atuarem na promoção da igualdade racial, etc. (SILVA, E., 2008, p.73).

É, porque é um baile tradicional, todo mundo ouviu falar do Baile do Carmo, então, eu acho que é mais assim, curiosidade, pessoas que vêm uma vez, vêm sempre. Assim, é tradição. Aluga roupa, vai no cabeleireiro, faz a unha, faz de tudo e vêm (Paulo, 27 anos, negro).

É uma tradição que não pode morrer. É uma tradição que tem que continuar. Então, eu achei muito lindo, porque já está mostrando a tradição para uma criança de um ano, dois aninhos, é a coisa mais linda. Então, eu falei para ela, é melhor você começar acostumar a trazer ele, porque a tua geração vai acabar e ele vai continuar, ela falou é isso que eu quero mostrar (Maria Aparecida Bernal, 52 anos, negra).

Eu acho assim que a obrigação da cidade era ter mais informações sobre o Baile, levar esse conhecimento, porque é a única coisa mais antiga da cidade, mais antiga daqui a pouco emparelhando com a cidade, uma coisa que ficou, uma coisa que é tradição, então essa tradição tem que ser passada para o povo da cidade e para o povo de fora (Márcia, 43 anos, negra).

Primeiro por ser tradicional, eu acho que a primeira questão que pega é a tradição, a qualidade do Baile que é muito positiva (Lauro, 53 anos, branco).

Eu acho que a importância de ser tradição, né. A importância de ser uma tradição, de manter uma tradição que já vem de anos, né? Então, acho que é importante nesse sentido de tradição, agora o que influencia isso na vida cotidiana das pessoas, eu acho que só um evento não basta para as pessoas se conscientizarem do que o negro pode e é capaz, eu acho que o Baile é tipo um ápice, chega no final de vida diária aí tem um momento de glamour especial, mas na verdade não é só o Baile que faz a diferença que vai fazer com que a vida das pessoas mude, né? (Fernando, 35 anos, branco).

O Baile é uma tradição muito antiga, começou acho que há mais de cem anos, já, né? É uma tradição antiga que marcou época aqui em Araraquara, inclusive já foi até solicitado para fazer parte do calendário turístico do Estado de São Paulo (Francisco Geraldo, 62 anos, branco).

Para nós também é uma tradição eles virem aqui, eu não imagino o hotel sem aquelas pessoas do Baile, sem o pessoal. Pra mim eu não imagino mesmo (Margarete, 45 anos, branca).

O Baile do Carmo pra mim é assim um baile de tradição onde que a gente comemora o fato de ser negro, porque é difícil ter bailes como esses que é o Baile do Carmo. Porque é um baile de tradição, que vem desde lá atrás. O Baile já deve ter sido assim, estonteante porque o pessoal vem de ônibus, carro, assim minha mãe atendeu esse ano cliente de São Paulo que veio para o Baile, então, assim é mais pela tradição e é mais gente mais velha que vem por conhecer o baile há anos e por ser um baile de tradição e vem pra curtir todo ano (Doralice, 22 anos, negra).

O Baile é tradição para essas pessoas e é apresentado desde cedo para os mais jovens para que eles possam freqüentando-lo. As pessoas de outras cidades também afirmam participar do Baile pelo mesmo motivo, no entanto, de acordo com a já citada afirmação de

Giddens (1997) a “integridade da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do trabalho contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado” (GIDDENS, 1997, p. 82). Esses laços parecem ser continuamente recriados e melhor definidos pela atual organização, redefinindo também uma identidade negra.

Se no período em que o Baile era realizado por associações recreativas a identidade se construía principalmente pela vinculação familiar e/ou fraternal - sendo o evento uma forma de coesão entre os grupos negros reconhecidos ou, como diria Elias (2000), “estabelecidos” -, no período de realização por um promotor de eventos, a partir do final dos anos 1980, essa identidade precisou ser renegociada ultrapassando-se os vínculos familiares/fraternais para o investimento na tradição como um alimento para a identidade.

Numa época de globalização, isto é, de intensificação dos fluxos económicos, políticos, culturais e simbólicos a nível mundial, as pessoas e os colectivos vêem alargado o leque dos possíveis e dos recursos disponíveis para a elaboração dos argumentos que justificam as suas identidades e os seus processos de identificação (MENDES, 2002, p.503-4)

No período mais recente do evento, no qual muitos de seus frequentadores não fazem parte das famílias e grupos negros fundadores das antigas associações negras, o sentimento de pertencimento racial⁵³ é pensado para além dos laços de familiaridade tendo seu papel intensificado na construção de uma identidade negra. É preciso ter novas referências que promovam o evento para além de sua instância familiar e local. O foco está na tradição como um elemento capaz de estabelecer continuamente a construção e reconstrução da história dessa população, uma história que precisa conectar não apenas os negros de Araraquara, mas todos os que querem participar dela sentindo-se parte integrante do todo.

De um lado a atual organização quer aumentar o número de participantes, inclusive no baile de gala, por outro, as instituições e organizações do movimento negro e do poder público vêem o evento como símbolo de negritude e querem reforçar seu papel político, utilizando a visibilidade do evento para expressar suas demandas. No entanto, para muitos ele é símbolo de negritude, mas deve deixar claro que os brancos são bem-vindos, divulgando uma idéia de um Baile do Carmo para todos.

Esse tema me leva a refletir sobre a institucionalização e nacionalização de símbolos

⁵³ Ainda que não se possa falar em “raça” em termos biológicos, o conceito continua sendo usado como uma construção social, política e ideológica. Contudo, para muitas pessoas, a idéia ainda consiste em diferenças fenotípicas tais como a cor. Ou seja, muitos grupos sociais ainda se identificam com “marcadores direta e indiretamente derivados da idéia de raça” (GUIMARÃES, 2002, p. 51).

negros como o samba, por exemplo, um estilo musical com elementos de uma cultura negra ressignificada e apresentado como uma marca do povo brasileiro, mestiço. É possível perceber a partir dos anos 2000 um discurso amparado pelo poder público afirmando a necessidade de profissionalizar o Baile, mas com o cuidado de manter sua essência. Essa visão vai ser um dos pontos ressaltados para a escrita de um projeto de levantamento da memória afrodescendente da cidade a ser descrito a seguir.

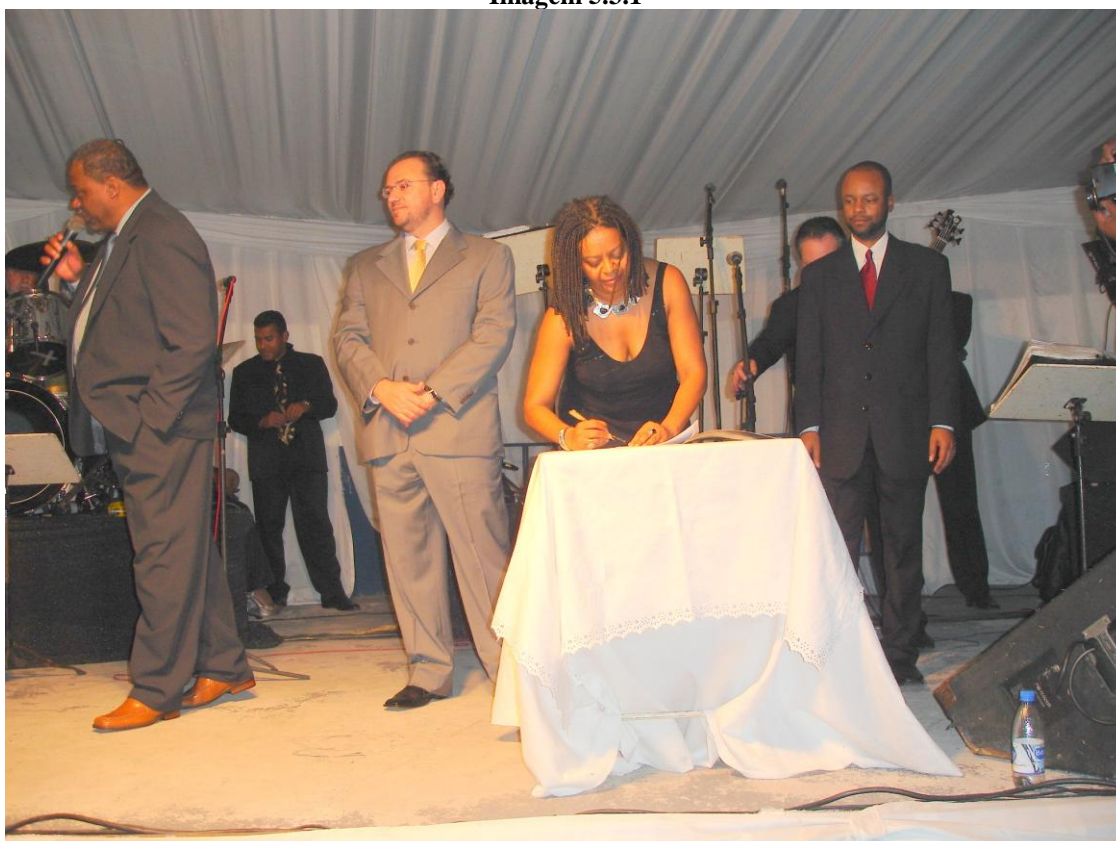
5.3 O Levantamento da Memória Afrodescendente de Araraquara

A cidade de Araraquara, em 2004, atraiu o olhar e o interesse da ministra Matilde Ribeiro, da SEPPIR, devido à cidade ser governada pelo PT nessa época, por estar na vanguarda com relação a propostas de política de promoção da igualdade racial na região administrativa da qual faz parte e pela existência do Baile do Carmo. A ministra esteve presente na noite de gala de 2004. Durante a manhã do mesmo dia, ela proferiu uma palestra na qual ressaltou a existência de diversos bailes em vários municípios do Estado de São Paulo, considerando-os eventos importantes de sociabilidade e identidade da população negra paulista.

Em 2006, Matilde Ribeiro retornou a Araraquara durante as festividades do Baile do Carmo para assinar um convênio entre Prefeitura Municipal e SEPPIR para a elaboração de um inventário sobre a memória afrodescendente da cidade. Um dos objetivos era reunir documentação necessária para o registro⁵⁴ do Baile do Carmo como patrimônio imaterial.

⁵⁴ Segundo o Iphan esta é o termo técnico correto para se falar de patrimônio imaterial e não tombamento como foi muitas vezes anunciado pela mídia e por coordenadores do projeto. Tombamento é palavra usada para bens materiais.

Imagem 5.3.1



Assinatura do Convênio: o organizador do Baile, Daniel Amadeu Martins Filho; o ex-prefeito Edson Silva; a ex-ministra da SEPPIR, Matilde Ribeiro e o diretor do Centro de Referência Afro de Araraquara e Assessor Especial de Promoção da Igualdade Racial, Washington Lúcio Andrade. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

O projeto do inventário anunciado na época foi elaborado pelo NUPE (Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão) de Araraquara e pelo Centro de Referência Afro e Patrimônio Histórico de Araraquara. Ele fazia parte de um dos projetos da AEPÍR chamado Memória Afrodescendente de Araraquara.

Projeto sobre a história da população negra em Araraquara que pretende pesquisar, levantar, documentar, registrar, propor e escrever esta história. A iniciativa de produzir um acervo histórico vem ao encontro da perspectiva de inclusão social e construção de uma cidade moderna, onde os cidadãos possam conhecer e se apropriar de sua memória. Este projeto propõe que seja registrada a memória da população negra de Araraquara através de um levantamento bibliográfico, documental, de registros fotográficos, da realização de entrevistas gravadas em fitas de vídeo, da edição e publicação de textos (livros), a fim de se produzir um acervo público (MEMÓRIA AFRODESCENDENTE..., 2006, p.01)

Esse projeto foi apresentado à comunidade negra em novembro de 2006 em reunião realizada no Centro de Referência Afro, no entanto, seu objetivo mais ressaltado foi o de construir o inventário para o “tombamento” do Baile do Carmo, palavra bastante utilizada

pela mídia, pelos coordenadores do projeto na época, pelos organizadores do evento e pela população envolvida com o tema.

O Baile do Carmo, um dos paradigmas da organização social do movimento negro em Araraquara, poderá ser registrado pelo Iphan como patrimônio cultural imaterial da humanidade. De acordo com o assessor da Aepir (Assessoria Especial de Promoção da Igualdade Racial), Washington Lúcio Andrade, neste sábado (15), nas festividades oficiais da 119ª edição do Baile do Carmo, a ministra da Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, e um representante do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), devem assinar documento para início do processo de levantamento de informações sobre a história do negro em Araraquara a fim de buscar o tombamento do evento (BAILE DO CARMO..., 2006)

Várias pessoas foram entrevistadas e houve alguns eventos como um almoço oferecido para a velha guarda do Baile do Carmo, realizado para congregar essa população e criar a confiança necessária a fim de dar início aos trabalhos. No entanto, o inventário ainda não foi finalizado e segundo os seus responsáveis teria havido problemas com repasses de verbas o que inviabilizou a edição das entrevistas realizadas por pesquisadores do NUPE com alguns participantes do Baile do Carmo e de um livro a ser lançado com as informações obtidas. A não finalização e a falta de prestação de contas aos envolvidos na pesquisa criou em alguns a idéia de que o evento já estaria “tombado”, em outros, principalmente nos mais velhos⁵⁵, despertou a desconfiança e o descontentamento por não saberem exatamente qual o destino de seus depoimentos. Muitos ainda, amigos íntimos do atual organizador do evento, teriam ficado chateados, pois imaginavam que a prefeitura estaria tentando retirar de suas mãos a incumbência de promover o Baile.

Nossa! Eu ouço tanta coisa. Que a prefeitura quer pegar esse baile, que não sei quem quer pegar esse baile. Eu não entendo. Não sei que pé que está. Não falaram mais nada, isso aí foi muito comentado o ano passado, o ano retrasado, [2007, 2008] mas depois parou, depois acabou. Então, eu não sei. Eu nunca parei para pensar, para conversar com uma pessoa que me explicasse, porque cada um fala uma coisa. Então, é difícil, né? (Fátima, 47 anos, negra).

Analisando a história do Baile do Carmo é possível perceber a participação assídua do poder público em sua realização, seja por parte de alguns vereadores, pela própria atuação de prefeitos e de seus secretários ou por meio da Secretaria de Cultura com a Fundart (Fundação

⁵⁵ Essa situação prejudicou em parte o andamento de minha pesquisa, pois algumas pessoas procuradas se recusaram a dar entrevistas para o meu trabalho, uma vez que estavam decepcionadas com o andamento da pesquisa promovida pelo Centro de Referência Afro. Elas imaginavam, a princípio, que eu fizesse parte do mesmo trabalho.

de Arte e Cultura) que tem disponibilizado, muitas vezes, transporte, acomodação, liberação do Teatro Municipal, do Antigo Estádio Municipal e outras providências para a organização do evento. Durante a administração do ex-prefeito Edson Silva (PT) parece ter havido uma tentativa de institucionalização do Baile do Carmo e do período de sua realização com a promoção de atividades como a plenária do Orçamento Participativo Afrodescendente na noite de abertura do evento e a participação da AEPÍR e do Centro de Referência Afro de Araraquara na organização de algumas atividades.

Olha, ele é... eu acho que o significado dele é maior do que ele próprio. Às vezes, você tem um baile com 500 pessoas, mas o que ele significa e o que ele mobiliza o que ele mexe com o imaginário é muito maior que ele próprio, então o que a gente tem que fortalecer é isso, ele tem que ser cada vez mais. Ele não pode perder a sua representação política e acho que isso o nosso governo fortaleceu muito, de dar a ele um caráter, uma dimensão política importante (Edson, 44 anos, branco).

A assinatura desse convênio, em particular, não trouxe mudanças significativas na realização do Baile do Carmo, mas gerou maior visibilidade e alguns desgastes junto à comunidade negra. Entretanto, o convênio, a participação do poder público e a visibilidade garantiram uma valorização do evento enquanto um importante espaço da cultura negra em Araraquara. Segundo o próprio organizador do Baile do Carmo essa mobilização garantiu um compromisso do clube Araraquarense no agendamento definitivo de seu salão de festa para a realização anual da noite de gala do Baile do Carmo algo, segundo ele, impensável há alguns anos.

Trechos do depoimento da ministra, recolhido durante sua visita ao Centro de Referência Afro de Araraquara, horas antes da noite de gala do Baile do Carmo e da assinatura do convênio, merecem especial ênfase.

Eu conheço a história do Baile do Carmo há bastante tempo, mas só há dois anos eu o conheci por dentro e eu pude identificar que é um foco de resistência no coração de São Paulo. É muito difícil um projeto, uma ação durar tantos anos com tanta persistência e eu acho fundamental que na cidade nós possamos ter presença na vida cultural, na vida política da cidade e o Baile do Carmo propicia isso com uma grandiosidade que me deixou bastante fascinada pela sua existência e hoje eu estou aqui não apenas para ir ao Baile, mas estou aqui para concretizar uma parceria com a prefeitura de Araraquara vinculando o Baile a um projeto do governo federal que é a valorização do patrimônio imaterial da humanidade, que é a música, que é o samba que são as formas de organização da vida cultural e política e histórica da população e o Baile do Carmo representa, na nossa compreensão, uma expressão moderna da luta que começou desde o momento que os nossos antepassados africanos chegaram aqui na condição de seres humanos escravizados e a escravidão serve... é um processo nefasto, é um processo criminoso contra a humanidade, então a resistência tem que

ser valorizada para que a gente possa passar a limpo esta história de desumanização, de desrespeito à população negra que hoje no Brasil é mais do que 50% da população brasileira e a gente pode fazer política dançando [...] (Matilde Ribeiro, depoimento oral, 2006).

O Baile do Carmo sempre foi uma maneira de manifestar a resistência do negro. Para alguns participantes esta não seria a preocupação do evento. Na prática, de maneira silenciosa e não intencional, dançando e festejando, o Baile simboliza a luta contra a discriminação desde sua origem. Conforme afirmação anterior, a partir dos anos 2000, seu caráter festivo vem recebendo um incremento como agenda do próprio movimento negro e de lideranças que se encontram nas instâncias do poder público municipal, estadual e federal. Em 2002 ele foi incluído no calendário oficial do município, por meio da lei nº 5.920⁵⁶ e em 2009 representantes do Baile do Carmo participaram do 4º Salão de Turismo realizado em São Paulo e apresentaram o evento no ciclo “Turismo Étnico Afro Brasileiro Expectativas e Oportunidades”. Representantes do evento e do Centro de Referência Afro indicaram o Baile do Carmo para fazer parte do Calendário do Turismo Étnico Nacional.

Nessa perspectiva de institucionalização o Baile do Carmo recebeu, em 2007, incentivo do Ministério do Turismo a partir de convênio firmado entre o ministério e a ONG Fonte para a realização do Projeto Baile do Carmo. O Centro de Referência Afro também participou ativamente do desenvolvimento do projeto que incluía verba para a realização de toda a Festividade. De acordo com o Ministério do Turismo o recurso seria destinado para “a promoção e o incentivo ao Turismo, mediante a execução das ações do projeto denominado Baile do Carmo.”⁵⁷

Para que um evento aparentemente privado possa receber verbas públicas é preciso adequá-lo ao edital de chamamento de projetos, por isso a ênfase nas características culturais com destaque para o turismo. O Projeto Cultural Baile do Carmo tem como objetivo a promoção de diversos eventos que mostram a diversidade cultural brasileira. De acordo com o projeto encaminhado esperava-se como resultado “a elevação da conscientização, a valorização étnico racial e social, a consolidação das relações fraternas, o aprimoramento cultural afro, o intercâmbio socioeconômico, turístico e cultural entre os participantes, bem como a contribuição para a quebra de paradigmas do preconceito racial e intolerância étnica.” (ALVES, 2007, p. 1-2). Para a realização do Baile do Carmo fazer parte de editais e receber verbas públicas seus objetivos são ampliados. Ele é inserido nas políticas culturais e de

⁵⁶ Presente no Anexo B, p.221.

⁵⁷ DOU - Diário Oficial da União - seção 3, 26/10/2007, página 116.

promoção da igualdade racial, sendo necessária sua adequação aos padrões e a exigências das agências financiadoras, como, por exemplo, a compreensão do conceito de cultura negra.

Segundo Andrews (2007), manifestações culturais anteriormente banidas e severamente reprimidas durante as primeiras décadas do século XX tais como a capoeira, os batuques e as religiões afro-latinas são reabilitadas e transformadas em um veículo de identidade nacional em diversos países, denominados pelo autor de América Afro-Latina.

A apropriação da cultura negra por parte dos governos nacionais melhorou tanto a situação em relação à anterior ilegalidade e marginalização que a maioria dos praticantes culturais negros estavam bem dispostos a aceitar a “nacionalização” como condição de eles poderem emergir das sombras e praticar suas artes abertamente. Porém, quando um recurso valioso é nacionalizado para o bem público, seus antigos proprietários não mais o controlam (ANDREWS, 2007, p. 206).

O medo de não mais controlar o evento permeou o pensamento da atual organização do Baile do Carmo quando da assinatura do inventário para levantamento da memória afrodescendente de Araraquara e posterior registro do evento como patrimônio cultural. Na noite de assinatura do convênio, realizada durante o baile de gala de 2006, o organizador não se sentiu bem e precisou ser medicado. No entanto, ele tem continuado a frente do evento e tem conseguido manter essa posição negociando apoio, mas segundo ele próprio afirma mantendo-se fiel à tradição do Baile do Carmo, principalmente na noite de gala. Com a inclusão de diversas atrações e dias de festividade o organizador amplia as possibilidades de negociar a participação das entidades já citadas na realização do evento.

5.4 O Baile do Carmo à luz do movimento negro: mobilização, negociação e resistência

O Baile do Carmo tem sido analisado em sua dimensão lúdica, política, em seu papel como tradição negra, na luta contra o racismo e na promoção e valorização de identidade negra. Por meio de seu estudo podemos refletir sobre a história da população negra local e suas estratégias de resistência em Araraquara. Neste trabalho, sua existência é analisada à luz do movimento negro e das estratégias de mobilização da população negra em diferentes momentos históricos, a fim de que possamos entender o processo histórico do evento.

Maués (1991) define três diferentes períodos cronológicos de atuação das lideranças e entidades negras: 1º) a década de 1930; 2º) meados dos anos 1940 até final dos anos 1950 e

3º) da segunda metade dos anos 1970 até os dias atuais⁵⁸. Já Petrônio Domingues (2007) define como primeira fase do movimento negro o período de 1889 a 1937; a segunda fase de 1945 a 1964 e a terceira de 1978 a 2000. Há algumas lacunas em ambas as cronologias, já que elas seguiram as delimitações históricas relacionadas à República, Estado Novo, Ditadura Militar e Redemocratização, com períodos de maior ou menor atuação dos movimentos sociais, inclusive o movimento negro.

Seria possível definir outras datas e cronologias levando-se em consideração a atuação dos negros no período escravista, anterior a 1889, como as revoltas, lutas e estratégias que os fizeram resistir diante das atrocidades desse período e atuar na abolição da escravidão. Segundo Andrews (1998), a “história da vida associativa dos negros no Brasil é extremamente rica e remonta ao período colonial” (ANDREWS, 1998, p. 218). No entanto, penso ser mais oportuno neste trabalho traçar um paralelo entre a história do movimento e da mobilização negra a partir do período aproximado para o início do Baile do Carmo, ou seja, a partir dos anos de 1930. Busco um relativo intercâmbio entre as duas cronologias propostas pelos autores supracitados e outros que mencionarei.

É possível construir uma classificação temporal específica para o Baile dividindo-o em três períodos possíveis: primeiro, quando era realizado por associações recreativas negras de 1930 a 1987; o segundo período a partir de 1987 com a organização do evento sob a responsabilidade de um promotor de eventos e o terceiro de 2001 até os dias atuais com a participação mais efetiva de órgãos e financiamentos públicos municipais e federais em sua realização. Dessa forma, busco entender como a dinâmica do evento e o período histórico no qual ele se insere refletiram ou seguiram as tendências e mudanças históricas não apenas do movimento negro paulista, mas da própria sociedade brasileira.

O primeiro período (anos 30) se caracterizava pelo protesto negro e luta pela integração, pela atuação da imprensa negra e de associações de cunho recreativo, assistencialista e cultural que conseguiam reunir um número significativo de negros. Em Araraquara há os exemplos já citados da Associação Recreativa Cruzeiro do Sul, a União Brasileira Princesa Isabel e outras anteriores que existiram sem deixar muitos registros. Segundo Domingues, boa parte das diversas associações negras existentes naquele período “tiveram como base de formação determinadas classes de trabalhadores negros, tais como: portuários, ferroviários e ensacadores, construindo uma espécie de entidade sindical.” (DOMINGUES, 2007, p. 103). Essa afirmação é válida para a cidade de Araraquara e para

⁵⁸ O artigo foi publicado em 1991, dessa maneira a autora se reporta aos anos 90.

boa parte do interior paulista.

O momento histórico, o pós-revolução de 1930, propiciou um novo posicionamento do negro diante de sua situação. O Estado de São Paulo vivia um intenso processo de crescimento econômico e demográfico baseado na produção cafeeira e no processo de substituição das importações e incipiente industrialização (ANDREWS, 1998; FAUSTO, 1997a). A essa industrialização juntou-se um intenso processo de urbanização, não apenas na cidade de São Paulo, mas por todo o interior cujas paisagens iam se alterando. Segundo Andrews (1998), o período posterior a 1930 seria mais propício para a participação da população negra no mercado de trabalho, pois houve restrições à imigração tanto pelo governo brasileiro quanto pela situação na Europa, diminuindo a competição dos negros com os imigrantes (ANDREWS, 1991, p. 35). No entanto, conforme Andrews, muitas indústrias têxteis não admitiam a contratação de pessoas negras, ou possuíam barreiras raciais que tornavam raras as promoções de negros a cargos gerenciais ou executivos (ANDREWS, 1998, p.200).

A discussão corrente entre os intelectuais brasileiros nesse período é o de construção da identidade nacional, de formulação do que seria o Brasil e o brasileiro (SCHWARCZ, 1999). Aquele foi um período de exaltação da mestiçagem, principalmente amparado pelos estudos de Gilberto Freyre que visualizava o Brasil como o país capaz de harmonizar as diferentes raças que o constituíam (HOFBAUER, 1999; COSTA, 2002). A tônica era a necessidade de construir a nação brasileira, mas como ela poderia ser criada com um povo recém-egresso da escravização e considerado inferior? Segundo Sérgio Costa (2002),

[...] até as primeiras décadas do século 20 uma questão polarizava o debate político brasileiro, a saber, até que ponto seria possível constituir uma nação unitária e progressista nos trópicos, partindo-se de grupos populacionais que se tinha como tão heterogêneos quanto ex-escravos e seus descendentes, os diversos povos indígenas, imigrantes de diferentes origens e “mestiços” de todos os tons (COSTA, 2002, p. 116).

A resposta estava na valoração positiva da mestiçagem, vista pelas teorias racistas do século XIX como degeneração, porém transformada em algo positivo pela intelectualidade brasileira. Essa mestiçagem era considerada em consonância com o incremento do branqueamento da nação a partir da entrada maciça de imigrantes europeus, mas fundamentalmente como uma ideologia de Estado (COSTA, 2002, p.116). Para alguns teóricos do início do século XX, na mistura entre brancos e não brancos as características dos primeiros seriam as dominantes e permaneceriam com o passar do tempo promovendo o “branqueamento final do Brasil” (ANDREWS, 1998, p.212).

Muitos foram os recursos utilizados para o “desaparecimento” da população negra brasileira após a abolição. Uma estratégia presente até os dias atuais é a sua invisibilização, por exemplo, a ausência de registros de sua experiência nos álbuns e histórias oficiais escritas sobre o desenvolvimento de diversas cidades e sobre o próprio país. A retirada das categorias raciais dos censos em diversos momentos históricos também pode ser observada como uma estratégia de invisibilização. É possível afirmar que essa invisibilização da população negra na sociedade brasileira está atrelada ao mito da democracia racial, ao ideário do branqueamento e à construção de uma identidade nacional que não seja negra.

Se o Brasil era reconhecido e procurado por organismos internacionais em meados da década de 1950 para pesquisas, pelo Projeto Unesco⁵⁹, por exemplo, como teria equacionado os problemas ocasionados por sua pluralidade racial, já que em muitas cidades do interior do país e mesmo nas capitais era possível encontrar algumas situações de discriminação e segregação similares às encontradas nos EUA e África do Sul. Segundo Hofbauer (1999), “houve tentativas de formalizar a exclusão de negros não apenas em estabelecimentos privados (bares, restaurantes, cinemas, pistas de patinação), mas até em espaços públicos” (HOFBAUER, 1999, p.293).

São comuns os depoimentos e pesquisas relatando esse tipo de situação presente nas cidades do Oeste paulista e também na capital (ANDREWS, 1998, 216-7). Hofbauer (1999) menciona o depoimento de Abdias do Nascimento⁶⁰, fundador do Teatro Experimental do Negro, sobre a cidade de Campinas que, segundo ele, “era a cidade onde os atos de discriminação se mostravam ‘mais formalizados’, aparecendo até em ‘avisos escritos’” (HOFBAUER, 1999, p.293).

Diante dessa realidade ambígua, a primeira metade do século XX viu surgir e desaparecer várias organizações negras - como a Frente Negra Brasileira (FNB) - preocupadas com a construção de uma nova imagem do negro desvinculada dos estereótipos do passado. Segundo Regina Pahim Pinto (1993) a fundação da entidade é mencionada no jornal a Voz da Raça “como uma tentativa de o negro se unir, possuir um organismo que lutasse pelos seus direitos e, finalmente, contar com um local onde pudesse exercer sua sociabilidade, portanto os mesmos motivos que fizeram surgir grande parte das entidades negras” (PINTO, 1993,

⁵⁹ Sobre o assunto ver MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 14, n. 41, p.142-158, 1999.

⁶⁰ Ver mais em OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

p.87). Para a autora, a idéia de formação da FNB surge da articulação de um grupo de jovens barrados ao tentar entrar na casa de boliche “Luiz Gama” em São Paulo. Para Flávio Gomes,

O surgimento e a proposta da Frente Negra Brasileira (FNB) não representaram necessariamente excepcionalidade em termos de organização negra. Em seus quadros havia muitos ativistas, freqüentadores de bailes e de encontros promovidos por associações e agremiações e colaboradores de vários jornais (GOMES, 2005, p.47).

A FNB surgiu em 1931 e em pouco tempo possuía 60 delegações distribuídas pelo Estado de São Paulo e outros estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Bahia. No interior de São Paulo, na região próxima a Araraquara, há notícia de delegações em Rio Claro e Ribeirão Preto (PEREIRA, 2009). Penso que essas delegações estabeleciam contato com outras cidades do interior que não possuíam delegações absorvendo e irradiando as idéias e ideais para e da Frente Negra. A FNB tinha a intenção de congregar todos os grupos a fim de “promover a união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos atuais, na Comunhão Brasileira” (FERNANDES, 1965, p.46-7).

A entidade procurava organizar a população negra em prol de sua integração e construir categorias de pensamento e de ação que dessem respaldo às reivindicações dos negros, porém dentro da ordem vigente, lutando contra o racismo e a discriminação. A reeducação do negro seria a medida essencial desse movimento, através de uma orientação vigorosa de como o negro deveria agir dentro da sociedade, buscando sempre expandir sua atuação e a percepção de como sua vida havia sido moldada dentro de esquemas discriminatórios. Para a FNB seria preciso reeducar o negro para livrá-lo das determinações tradicionalistas responsáveis por fazê-lo acreditar em sua posição inferiorizada (FERNANDES, 1965, p. 48).

Conforme Hofbauer (1999),

o ideário da FNB era impregnado por uma crença inabalável na “civilização” e no “progresso”, e mais especificamente no progresso do Brasil, para o qual a FNB, como representante da “raça negra”, queria dar sua contribuição. Não havia nenhuma tentativa de opor ou de delimitar suas atividades políticas do projeto nacional. Pelo contrário: os discursos e documentos dos líderes da FNB expressam uma identificação total com a política que visava ao fortalecimento de uma nação uma (HOFBAUER, 1999, p.303, grifos do autor).

Em 1936, a FNB transformou-se em partido político, porém, havia um debate intenso entre as lideranças. De um lado, as pessoas confiantes na eficácia de uma participação político-partidária da Frente Negra e, de outro, os receosos em relação a essa transformação. No entanto, em 1937, Getúlio Vargas extinguiu os partidos, instaurou a censura e proibiu a maioria das associações e entidades políticas (NERES, 1997, p. 157). Contudo, a organização dos negros não desapareceu por completo, apenas se adaptou às dificuldades daquela época, como em toda a história da resistência e organização negra. Segundo Moura (1983),

A ditadura estadonovista atingiu profundamente não apenas a Frente Negra mas todas as organizações negras populares. Daí o fato de vermos na Grande São Paulo funcionando para os negros apenas os clubes de lazer de uma pequena classe média, como o Aristocrata, pois tudo o que tinha caráter popular foi reprimido. Há um interregno no qual esses grupos específicos recuam para somar forças depois. Os seus líderes também desaparecem ou se retiram para posições defensivas (MOURA, 1983, p.157)

Clubes, associações recreativas, bailes e outras manifestações culturais da população negra continuaram a existir durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945) na busca por espaços para a construção de solidariedade, sociabilidade e identidade negra. Conforme sugere Leonardo Pereira a partir de pesquisa sobre os bailes e clubes negros cariocas:

Mais do que simples momentos de lazer destituídos de importância social, como parece sugerir o silêncio da historiografia [...] os bailes aparecem como momentos privilegiados para a consolidação das mais variadas identidades e construção de solidariedades. Longe de poderem se caracterizar como um elemento de harmonização entre todos os habitantes da cidade, porém, eles serviam como um meio de expressão e resolução de disputas e tensões sociais (PEREIRA, 2002, p. 441).

Segundo o jornal a Voz da Raça analisado por Regina Pahim Pinto (1993), a FNB não promovia bailes, no entanto a autora afirma que:

Embora o jornal a Voz da Raça negue que a Frente Negra organizasse bailes, um dos entrevistados se lembra de que havia um baile mensal, promovido pela entidade, ocasião em que se exigia dos convidados traje a rigor. Como se percebe, as informações a respeito da promoção de bailes pela Frente Negra são contraditórias. Ora se afirma que a sua promoção estava proibida pelos estatutos, embora nele nada conste a respeito, ora os próprios associados confirmam a existência de eventos deste tipo, promovidos pela entidade (PINTO, 1993, p.117).

A despeito dessas contradições a idéia de que a participação em bailes corrompia o negro estava presente nesta instituição. De acordo com depoimento de uma participante e responsável pela organização do Baile do Carmo, sua mãe a proibia de freqüentar os bailes durante sua juventude.

[...] para falar a verdade a minha mãe ela não gostava que eu freqüentasse baile. Porque ela nunca frequentou, na cabeça da minha mãe o negro tem que estudar, não ficar em baile, não ficar só pensando em baile, pagode, samba, então ela era contra isso (Fátima, 47 anos, negra).

A esses eventos, muitas vezes, estava aliada a idéia de promiscuidade, bebedeira, brigas e atos que os negros deviam evitar. Segundo Pinto (1993), “a promoção de bailes, prática tão arraigada no meio negro, não era vista com bons olhos por muitos.” (PINTO, 1993, p.226). A reprovação aos bailes estava presente na vida daqueles que quebravam as normas sociais, tais como os “freges”:

bailes públicos que reuniam a “escória” da sociedade: negros e brancos das camadas populares, vadios, gatunos, prostitutas, cáftens. Eram espécies de gafieiras, das quais se destacava o Bando Prêto, onde predominava o maxixe. O casal dançava agarrado, rebolando, em movimentos sensuais, ritmados ao som da música. Nos “freges” quebravam-se as normas sociais do “bom tom”. A bebida, a licenciosidade, o despudor, a descontração e libertinagem reinavam. Daí a veemência com que estes bailes eram reprovados (DOMINGUES, 2002, p.574, grifos do autor).

A fala da entrevistada Fátima foi a única que mostrou o aspecto da reprovação aos bailes de maneira mais explícita. As falas de mulheres mais velhas revela essa reprovação apenas quando afirmam que os pais não permitiam sua ida aos bailes quando jovens, no entanto, havia uma série de bailes realizados por associações negras em Araraquara desde o início do século XX com o objetivo de congregar uma elite negra na busca por um espaço onde pudessem vivenciar sua sociabilidade.

Para mim, a reprovação em relação aos bailes se devia ao medo da exposição a eventos tais como os freges, pautada em uma necessidade, já apresentada, de construir uma nova imagem para o negro. O Baile do Carmo foi aprovado pela comunidade negra como o baile onde a família podia participar, onde os pais podiam levar suas filhas e apresentá-las às demais famílias. É a festa aceita por possuir um padrão de acordo com as normas sociais vigentes na época.

Domingues (2002) afirma que esse comportamento se vincula a um branqueamento de ordem social porque estaria imbuído de preceitos e valores brancos. Para o autor a ideologia do branqueamento teria criado uma auto-representação positiva do branco por meio da qual eles se concebiam como superiores em detrimento da criação de uma auto-imagem negativa do negro e de sua inferiorização. Quanto mais se acentuavam o racismo e seus traumas mais o negro se ajustava à ideologia do branqueamento, o que é visto pelo autor como uma forma de reduzir ou evitar as agruras do racismo paulista. (DOMINGUES, 2002, p. 592).

Segundo Angela Figueiredo (2002), muitos trabalhos sobre a questão do branqueamento o consideram como inevitável no processo de ascensão dos negros. A ênfase é dada aos fundamentos étnicos das expectativas e dos estilos de vida entre os negros, porém não se ressaltam as influências e a determinação de classe. Por isso, a adesão de certos padrões sociais por negros de classe média são vistos como embranquecimento e não como fenômeno típico de grupos em ascensão social (FIGUEIREDO, 2002, p. 104-5).

Diante do exposto, avalio que diversos eram os bailes realizados por associações recreativas negras desde o início do século XX, responsáveis por reunir parcelas da população negra e proporcionar a convivência de diferentes gerações em um espaço de sociabilidade no qual se dançava e se construía a identidade negra.

Os anos de 1940 e 1950 revelam o ressurgimento de diversos jornais da imprensa negra que desapareceram durante a ditadura, a restauração das liberdades civis e da política partidária (ANDREWS, 1991; MAUÉS, 1991). Segundo Andrews (1991), nenhum movimento político racialmente definido, a exemplo da Frente Negra, surgiu na Segunda República. No entanto, os bailes e atividades lúdicas iniciadas no período anterior mantinham-se presentes como um espaço de identificação dos negros. Essas atividades são pouco tratadas nas cronologias elaboradas para o movimento negro, porque não teriam um papel político explícito, porém tiveram um papel muito importante de referência para muitos negros.

Para Maués (1991), centrando sua análise no eixo São Paulo - Rio de Janeiro, a movimentação negra nos anos 40 e 50 se organizou em duas frentes: uma paulista, com as antigas lideranças buscando reunir os vários grupos em uma única entidade como a Associação dos Negros Brasileiros (ANB) e uma no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por Abdias do Nascimento em 1944. Havia diferenças entre as duas frentes, embora “convergissem em seus projetos de elevação cultural e ascensão social do negro” (MAUÉS, 1991, p. 122). Segundo a autora, as lideranças paulistas ainda apostavam na questão da moralidade, no discurso da culpa do negro por sua situação e no valor da educação, o que pode ser recuperado nos artigos presentes no jornal Clarim da Alvorada.

O TEN também apostava na educação, na luta contra os complexos e recalques e na necessidade de transformação interior do negro, mas segundo a autora a novidade de seu projeto era o reconhecimento de uma elite negra pensante e dirigente e o uso do teatro como instrumento de luta e redefinição da imagem-identidade do negro. (MAUÉS, 1991, p.123). A tônica da organização era aproximar os intelectuais do movimento negro aliando trabalho

acadêmico e ação política para a redução das desigualdades entre negros e brancos no Brasil. (MAIO, 2005, p.149).

Joselina da Silva (2003) identifica um “cenário de redes, articulações e discussões em torno das relações entre negros e brancos no país, pulsantes a partir dos anos 40” (SILVA, 2003, p.223), possibilitando a criação de uma série de organizações negras atuantes nesse período em todo o território brasileiro. A autora destaca o papel da União dos Homens de Cor (UHC) fundada por João Cabral Alves, em Porto Alegre, em janeiro de 1943. Essa instituição conseguiu se expandir e contou com representações em pelo menos 10 estados do país. Sua finalidade era promover a elevação econômica e intelectual das “pessoas de cor” para que elas pudessem ingressar na vida administrativa do país em todas as áreas e atividades. (SILVA, 2003, p.225).

Durante os anos 40 e 50 em Araraquara, muitas pessoas migravam para São Paulo e outras cidades do Estado na procura de empregos e condições melhores de vida, entre elas muitos negros. A taxa de crescimento populacional de Araraquara diminuiu nesse período (BIZELLI, 1990). O Baile do Carmo transformava-se, naquele momento, em um evento que trazia de volta esses araraquarenses para o reencontro com a família e amigos, pois acontecia em julho e juntamente com as férias escolares e/ou do trabalho. Era a oportunidade para matar a saudade e essas pessoas estabeleciam uma ponte entre capital e interior trazendo e levando notícias, idéias e também novos participantes e pessoas para a cidade.

O pessoal daqui das ferrovias eles eram removidos, muitos eram daqui de Araraquara, mas muitos eram removidos para São José do Rio Preto, se era da Companhia Paulista ia para Rio Claro, então julho era época de férias, então o pessoal vinha, e os bailinhos tinham naturalmente só que aumentavam o número, porque de repente que vinha de Mirassol, era uma das últimas cidades do estado, Rio Claro, da oficina paulista era em Rio Claro, tinha muito pessoal da Companhia Paulista que trabalhava em Rio Claro o pessoal vinha e ficava na casa dos parentes, eu acho que o que fortaleceu o Baile do Carmo é que era justamente na época das férias e ter esses migrantes que vinham por força do trabalho e voltavam pela necessidade de se reencontrar com os parentes (Francisco Luiz, 59 anos, negro).

Muitos depoimentos de mulheres freqüentadoras do Baile nesse período retratam a importância dada àqueles que vinham de outras cidades, inclusive da capital, todas queriam dançar com os rapazes “de fora”.

A gente não dançava com os meninos da cidade, só queria dançar com a turminha de fora. [...] Eu não sei menina, a gente queria a turminha de fora, os daqui você via todo dia (Lázara, 76 anos, negra).

[...] então as famílias daqui com um tempo não tem serviço, né? Então o pessoal foi indo tudo embora para São Paulo. Foram indo embora, aí quando chegava na ocasião da festa do Carmo eles vinham pra festa, mas ficava sem rumo porque ficava aí até uma certa hora, no domingo também, depois da procissão ficavam até uma certa hora, então resolveu fazer este Baile pra acomodar o pessoal. Aí fez o Baile, mas era um baile muito chique, era e é um baile muito chique e aí fez (Zenite, 85 anos, negra).

Muitos namoros e casamentos aconteceram por ocasião do contato iniciado no Baile do Carmo. Esses “de fora” muitas vezes eram pessoas da cidade que tinham migrado em busca de empregos e melhores oportunidades. Conforme já foi dito, a malha ferroviária que servia Araraquara possibilitou essa migração e também o retorno desses cidadãos à sua cidade natal. A fala da Sra. Zenite revela informações importantes para a compreensão da origem do Baile do Carmo, ou seja, atender àqueles que retornavam à cidade.

As cidades com uma base fortemente agrícola e que receberam levas de imigrantes europeus encontravam-se mais resistentes à mão-de-obra negra nos anos iniciais do século XX. A industrialização e urbanização geraram mais empregos e oportunidades do que o disponível no campo, porém essas oportunidades foram mais exploradas pelos trabalhadores brancos. Essa situação só se alterou com a mudança econômica e política do país no período varguista, por meio do crescimento da economia industrial, das políticas de proteção do trabalhador nacional, com o decréscimo da imigração e com o incentivo do Estado Novo para o ingresso dos trabalhadores na organização sindical. Todos esses componentes surtiram um importante efeito sobre a população negra com o aumento das oportunidades de emprego e a diminuição da ameaça representada pelo trabalhador imigrante. (ANDREWS, 1991, p. 35).

Segundo Kerbauy (2000), Araraquara viveria entre a crise iniciada em 1929 até meados dos anos 50 uma “etapa intermediária de adaptação”, nessa etapa a “região passou por um período de esvaziamento populacional ao mesmo tempo em que se tornava mais acentuada sua urbanização” (KERBAUY, 2000, p.91). Novas indústrias se instalaram na cidade, novos empregos foram criados e boa parte das oportunidades de emprego para a população negra estava no funcionalismo público.

Na história escrita sobre Araraquara não foram encontrados vestígios das posições ocupadas pela população negra em sua economia no período. Nesse momento, as informações conseguidas por meio da pesquisa sobre o Baile do Carmo revelam a existência dessa população, suas funções no mercado de trabalho e suas condições para organizar associações, promover eventos e dialogar com o poder local para a utilização de espaços públicos, símbolos do *status* da elite branca, como o Teatro Municipal. Mas reside aí também

a possibilidade de verificar que a democracia racial tão apregoada no período se tratava de um mito, tais os relatos de separação que existiam na cidade, como o *footing* e as dificuldades de acesso aos clubes e bailes realizados pelos brancos.

A população negra reagia, se articulava e buscava sobreviver. Segundo Regina Pahim Pinto,

[...] durante o período que vai de 40 até meados dos anos 60, o negro, de uma maneira ou de outra, continuou manifestando-se, promovendo eventos, publicando jornais, fundando entidades, enfim, continuou lutando pelo seu espaço, reivindicando direitos, denunciando o racismo, as injustiças de que era vítima e o que é mais importante iniciou uma nova fase no processo de afirmação da sua identidade. É nesse período que o movimento começou a se voltar com maior ênfase para as raízes afro, a afirmar a importância da cultura negra, questões que passaram a desempenhar um papel cada vez mais central no contexto do movimento negro (PINTO, 1993, p.357).

Uma retração na mobilização negra já vinha ocorrendo desde os anos 1940 devido ao aumento das oportunidades no campo econômico, organização da mão-de-obra através de sindicatos controlados pelo governo e abertura à participação política dos afro-brasileiros nos partidos de base populista, o que reduzia “a percepção da necessidade de um movimento político negro, racialmente distinto” (ANDREWS, 1991, p. 36). No entanto, o golpe militar de 1964 organizou rapidamente a repressão a qualquer mobilização política, os partidos foram colocados na clandestinidade e as lideranças foram perseguidas. Em 1968 o presidente da república assinou o Ato Institucional número 5 que restringiu as liberdades individuais, fechou o parlamento e aumentou os poderes do chefe do governo.

O movimento negro na época foi muito perseguido, os caras viviam na cola, querendo saber, cheirando... parecendo cão farejador (Francisco Luiz, 59 anos, negro).

Segundo Maria Palmira da Silva (2001), em estudo voltado à avaliação da mobilização negra nas décadas de 1960 e 1970, os bailes, festas e peças de teatro foram estratégias comuns entre os movimentos sociais de combate ao racismo naquela época de interdições políticas. Para a autora, era importante:

[...] criar espaços que pudessem favorecer a formação de vínculos positivos capazes de erguer uma barreira para separar a coabitação hostil de certos ambientes sociais e trabalhar, no plano político, estratégias que fossem capazes de diminuir a distância social provocada pelo racismo (SILVA, 2001, p.47).

Essas iniciativas que já aconteciam em diversas cidades brasileiras, e no caso no interior paulista, têm, segundo a autora, relevância na construção de espaços tratados como “territórios negros” e no estabelecimento de um “espaço físico de referência” propício ao

reconhecimento. Esses espaços promoviam a aproximação daqueles que buscavam construir um “nós político” (SILVA, 2001, p. 48). Para a autora esses espaços lúdicos serviram e servem como espaços de lazer, para o alívio da tensão, mas também como lugares de formação das redes sociais muitas delas fundadoras de “movimentos sociais de combate ao racismo” (SILVA, 2001, p. 49).

Tenho constantemente destacado que os bailes negros no interior paulista são formas de organização da população negra, iniciadas no século XX, e muitos, como o Baile do Carmo, permanecem até os dias atuais fazendo parte de uma memória e história subterrânea dessa população (POLLAK, 1992) e podem ser considerados um movimento social.

O Baile do Carmo propõe uma mobilização da população negra em prol do atendimento de necessidades ainda existentes de compartilhar espaços entre seus “iguais”, atuar na afirmação de identidade e dar oportunidades aos negros de vivenciar espaços constantemente negados, explícita ou implicitamente.

Quando trago a idéia de movimento social para a discussão, estou me referindo não ao Baile do Carmo apenas, mas à própria existência de uma grande quantidade de eventos similares a ele que existiram em diferentes períodos da história brasileira e continuam existindo e juntos podem ser definidos como um movimento social. Concordo com Maria Palmira da Silva que os espaços criados pelos eventos de lazer nos anos 1960 e 1970 foram importantes para o restabelecimento de laços, para o encontro de militantes e sua utilização enquanto um espaço de encontro das lideranças para discutir as estratégias sem serem incomodadas pela polícia na época da ditadura. Nesse contexto, esses eventos também foram importantes para isso. Porém, não podem ser analisados apenas por essa perspectiva, ou seja, esses eventos, já existentes desde o início do século XX e espalhados por todo o interior paulista, teriam importância para a sociabilidade e identidade negra.

Considero o Baile do Carmo e as associações recreativas negras uma concepção mais ampla de movimento negro se coadunando com a mencionada no Relatório de Desenvolvimento Humano, Racismo, Pobreza e Violência, PNUD, 2005:

A expressão movimento negro refere-se ao conjunto de organizações dedicadas a defender e a promover os direitos de mulheres e homens negros, no contexto da luta anti-racista. A inclusão nesse conceito das organizações tradicionais, como os terreiros e as casas das religiões de matriz africana, os blocos e os grêmios recreativos das escolas de samba e os grupos de capoeira, não é consensual. No entanto, uma articulação das entidades, mesmo que precária, parece indicar a conveniência do uso de uma concepção mais ampla de movimento negro, para abrigar a complexidade, a heterogeneidade e a multiplicidade das organizações que se encontram no campo racial. Desse modo, considera-se movimento negro um conjunto

plural de entidades, incluindo as organizações não-governamentais anti-racistas, as instituições de base religiosa, as associações de empresários, os grupos culturais e de base comunitária, bem como o movimento *hip-hop* (PNUD, 2005, p. 103).

Voltando a cronologia histórica, no final da década de 1970, o movimento negro de mobilização política ressurgiu com força, “esta fase se caracteriza por um rompimento tanto no que se refere a uma adesão aos valores (brancos) da primeira [anos 30], como à posição no mínimo vacilante da segunda [anos 40-50]” (MAUÉS, 1991, p.125). Há nesse período uma volta às raízes, afirmação dos valores negros africanos, adesão à negritude considerada palavra de ordem da militância negra e denúncia aberta ao racismo, trazendo para a pauta de discussão a violência e a desigualdade vivida pela população negra (MAUÉS, 1991).

Para Andrews (1991) “o movimento dos anos setenta e oitenta expressa a frustração dos afro-brasileiros em ascensão social que viram negada a sua admissão ao *status* de classe média a que faziam jus pelo grau de instrução e pelas qualificações” (ANDREWS, 1991, p.37).

Dessa maneira, o final dos anos 1970 vê nascer o Movimento Unificado Contra a Discriminação e o Racismo – MUCDR, fundado em maio de 1978, como forma de protesto contra a discriminação, principalmente impulsionado pela expulsão de atletas negros do Clube Tietê em São Paulo, além da tortura e morte de um trabalhador negro, Robson Silveira da Luz, no 44º distrito de polícia de Guaianazes. Em julho de 1978 ocorre a primeira manifestação pública do MUCDR com a leitura de uma carta de princípio nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo (FÉLIX, 2000; AGUIAR, 1998, HOFBAUER, 1999).

O MUCDR pretendia se tornar um representante da união de todas as entidades negras, juntando à luta dos negros “outros setores discriminados e explorados na sociedade” (FÉLIX, 2000, p. 40). A partir de sua primeira Assembléia em 1979, que contou com a participação de Abdias do Nascimento, seu nome foi mudado para Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial e em 1980, após o Primeiro Congresso do MNUCDR, realizado no Rio de Janeiro com a participação de delegações de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, passou a ser denominado MNU, mantendo esse nome até os dias atuais.

Regina Pahim Pinto (1993) cita o CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra), uma entidade criada em 1970 que se utilizava do teatro como forma de expressão e de divulgação das idéias discutidas pelo movimento negro e a FEABESP (Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo) criada em 1977 e responsável pela edição do jornal

Jornegro com vistas à conscientização dos negros para lutar pelos direitos de educação e trabalho para todos.

A FEABESP atuou na organização do FECONEZU (Festival Comunitário Negro Zumbi) cuja primeira edição ocorreu em Araraquara e contou com 2.000 pessoas em novembro de 1978 (JORNEGRO, 1979). A FEABESP foi extinta em 1980, entretanto, o CECAN e outras entidades teriam sido a base de formação do MNU (PINTO, 1993, p.363). Ou seja, a mobilização negra nunca se extinguiu em todo o período histórico proposto nesta pesquisa. Ela continuou por meio de jornais, festivais, bailes, encontros, congressos, seminários e peças teatrais. O negro nunca deixou de se mobilizar e de lutar por seus direitos.

O MNU não conseguiu alcançar o objetivo de se tornar o representante nacional de todas as entidades negras, mas sua atuação não se restringiu a um espaço geográfico delimitado. Segundo Hofbauer (1999), o MNU “adotou posições ideológicas vinculadas ao ideário de esquerda e assumiu um estilo político relativamente agressivo. Talvez até por isso, sua aceitação social tem sido - quando comparada à imagem da FNB em sua época - bastante problemática” (HOFBAUER, 1999, p. 309). De acordo com Hofbauer, o MNU encontrou resistência entre as classes dominantes e mesmo entre a população que ele buscou representar. (HOFBAUER, 1999). Essa resistência se dava por uma mudança no discurso do movimento negro desse período, o discurso de culpa do negro por sua situação deixou de ser feito em prol de um protesto e denúncia de que a discriminação racial limitava o negro e atrapalhava seu desenvolvimento econômico e social, pois o relegava ao desemprego, subemprego e as favelas (PINTO, 1993, p. 365). O MNU elaborou um Programa de Ação e considerou o sistema capitalista o culpado pelos problemas enfrentados pelo negro na sociedade brasileira, realizou campanhas de combate à violência policial e pregou uma solidariedade internacional entre as organizações de combate ao racismo.

Esse movimento era oposto à FNB em diversos pontos: estava aberto e comungava de idéias que vinham do exterior, pois seus militantes estavam em contato direto com os movimentos negros nos Estados Unidos e não culpava o negro por sua situação, mas sim o sistema econômico, o capitalismo. A escravidão passou a ser vista não como um estágio evolutivo, mas como exploração, isto é, não teria existido benevolência na escravidão brasileira e, mesmo vitimado pela escravidão, o negro não teria sucumbido passivamente. Há ainda a valorização do dia 20 de novembro em detrimento ao 13 de maio que era comemorado pela FNB como uma conquista de toda a nação e não apenas do negro brasileiro. O MNU, diferentemente da FNB, reivindicava o direito à igualdade partindo do direito à diferença, por

exemplo, o MNU celebrava Zumbi dos Palmares como um símbolo negro que não podia ser colocado pelo Estado brasileiro na galeria dos heróis nacionais juntamente com a Princesa Isabel, pois o objetivo era a organização política do povo negro e não a “assimilação” dos valores brancos (HOFBAUER, 1999, p.309-20).

Para Félix (2000), o MNU não teve êxito em unir todas as entidades negras, mas conseguiu influenciar profundamente outras organizações negras. “As opiniões sobre ‘o que é ser negro no Brasil’ foram adotadas por quase todo o conjunto do Movimento Negro” (FÉLIX, 2000, p. 42). No entanto, segundo esse autor algumas situações fizeram o MNU se tornar mais uma organização do movimento negro, por exemplo, as diversas entidades existentes pelo país e organizadas de forma municipal, pois não aceitavam subordinação a uma liderança nacional, a uma religião afro-brasileira e a uma postura política de esquerda.

Após o delineamento de uma cronologia do movimento negro brasileiro é possível compreender o Baile do Carmo em sua relação com a história do negro no Brasil. À luz dos relatos dos participantes do Baile do Carmo, sua história encontra paralelo com a história da organização e mobilização negra desde os anos 1930. Não quero com isso transformar o evento em um fóssil que traria as marcas do passado, ao contrário, esse é um evento ainda muito vivo e com uma capacidade de recriação aparentemente revigorada nos anos 2000. O Baile do Carmo, as associações recreativas negras e os eventos festivos têm uma força muito grande na manutenção de um sentido de comunidade entre os negros do interior paulista.

O caminho traçado até o momento tem o intuito de embasar a análise sobre o Baile do Carmo adotando - festa, movimento negro e Estado - como conceitos fundamentais para elucidar a construção e reconstrução de identidade, entendendo-a como um processo dinâmico relacionado aos diversos períodos históricos de transformação da sociedade e mais detalhadamente das questões relacionadas à temática racial.

Desse modo, temos o conceito de política racial compreendido pelo papel do Estado brasileiro que, ao confessar a existência de racismo em todas as esferas da vida social (impulsionado pelo crescente desenvolvimento de pesquisas e pelas pressões da sociedade civil e do movimento negro), passa a propor novas formas de combate à discriminação e de inclusão social.

O termo *política racial* dá um sentido maior da dinâmica das interações sociais entre grupos ‘racialmente distintos’. Em vez de compartimentalizar as práticas de um grupo ‘racial’, como se ele representasse uma espécie política à parte, o termo *política racial* fornece um sentido da dinâmica do poder, da identidade e da mobilização nos e entre os grupos raciais (HANCHARD, 2001, p. 32, grifos do autor).

Para Hanchard (2001), o conceito de raça⁶¹ é tão importante quanto pensar em classe e nação, sendo pertinente pensar também em política racial, pois o Estado brasileiro atuou na determinação da forma de vida do negro no Brasil desde a criação de práticas de imigração e de mercado que desqualificava o negro para a competição na ordem capitalista (HANCHARD, 2001, p. 34).

O papel do Estado não pode ser negligenciado para se pensar o estabelecimento de políticas raciais. Sansone (2004) identificou três períodos das relações raciais no Brasil desde a Abolição até os dias atuais. Nesses três períodos pensados pelo autor a terminologia racial e a estrutura das relações raciais passaram por modificações. “Cada período corresponde a uma estratégia diferente do Estado e de outros agentes, tais como a mídia, em relação aos afro-brasileiros, assim como a ênfase nos discursos nacional e intelectual sobre a textura racial da nação” (SANSONE, 2004, p. 94).

Em parte essa discussão já foi apontada na apresentação da cronologia do movimento negro, pois em diferentes períodos da história do Brasil foi possível reconhecer o posicionamento do Estado e sua interpretação ideológica da democracia racial. Segundo Hanchard (2001), o conceito de política racial implica pensar que em sociedades multirraciais quase toda a política envolve antagonismos, diferenças e desigualdades e que a raça perpassaria quase todas as dimensões da vida política.

Um exemplo de política racial estaria no reconhecimento do racismo pelo governo federal e na criação em 1995 de um Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI) como parte do Programa Nacional de Direitos Humanos⁶². Esse grupo de trabalho foi instituído por medida provisória em 20 de novembro de 1995 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso “na ocasião da Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Igualdade e pela Vida, que mobilizou milhares de militantes negros e simpatizantes do país inteiro” (FRY, 2005, p.282).

O GTI foi formado por oito representantes da sociedade civil ligados ao movimento negro e por dez representantes do governo federal. O grupo encaminhou de forma mais

⁶¹ O termo raça, tal como usado neste estudo, refere-se ao emprego de diferenças fenotípicas como símbolos de distinções sociais. Os significados e as categorias raciais são construídas em termos sociais e não biológicos. Esses símbolos, significados e práticas materiais distinguem sujeitos dominantes e subordinados, de acordo com suas categorizações raciais. A raça, sob esse aspecto, é não apenas um marcador da diferença fenotípica, mas também do status, da classe e do poder político. Nesse sentido, as relações raciais são também relações de poder. (HANCHARD, 2001, p.30).

⁶² Ver mais sobre o assunto em BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH II)**, 2002.

definida um programa de ações de curto, médio e longo prazo para políticas públicas de valorização da população negra e de combate às desigualdades. (SANTOS, 2003, p.14). No entanto, as propostas foram implementadas de maneira seletiva, algumas de forma imediata, como ações repressivas de combate ao insulto racial e produção de filmes que destacavam o protagonismo negro, outras como o combate da discriminação indireta e medidas visando a diminuição das desvantagens educacionais não foram acolhidas prontamente (COSTA, 2006, p.146).

A circulação de pessoas, mercadorias e idéias sempre tão constante entre América, África e Europa também influencia as formulações de medidas pelo Estado brasileiro para o combate à discriminação. Por um lado o Estado brasileiro é cobrado pela sociedade civil, muitas vezes representada pelo movimento negro, a tomar medidas que diminuam as desigualdades entre negros e brancos e por outro tem assinado cartas e acordos internacionais para a eliminação do racismo devendo implementá-las.

O Brasil, em 2001, participou da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância⁶³ realizada em Durban, na África do Sul, com representantes do governo e da sociedade civil sendo desses últimos o destaque à hipocrisia do Estado brasileiro, revelando o muito que ainda tem de ser feito pelo governo em relação à questão racial no Brasil. A participação na conferência foi importante para uma posição mais definida do governo na elaboração de políticas públicas para a redução das desigualdades raciais.

Segundo Costa (2006),

Se os anos 30 representaram uma inflexão no discurso sobre a nação no Brasil, a partir da “invenção” do discurso da mestiçagem, nas últimas décadas, esse discurso é virado ao avesso pela emergência de novas formas de representação da nação (COSTA, 2006, p.149).

Nos diversos níveis do Estado tem sido implementadas medidas para o combate à discriminação racial. Nos municípios, em especial no caso de Araraquara, foram criadas a Assessoria Especial de Promoção de Igualdade Racial e o Centro de Referência Afro. Essas instituições apresentaram um discurso de valorização das tradições africanas e de identidade negra na realização da Abertura Cultural, dentro das Festividades do Baile do Carmo. Nessa noite do evento, essas instituições afirmaram uma valorização da África por meio de desfiles de roupas africanas usadas por jovens negras araraquarenses e por estudantes africanos da

⁶³ Essa conferência realizada pela ONU tornou-se importante espaço para elaboração de políticas públicas

UNESP e promoveram apresentações de dança afro. Há também a valorização de uma cultura afrobrasileira, representada pela benção de uma mãe de santo do candomblé durante um dos anos de realização do evento.

Em 2006 e 2007, houve a venda de acarajé por senhoras baianas⁶⁴, a participação de jovens envolvidos no movimento *hip hop* e de um grupo de choro. Parece, haver, portanto, variadas maneiras de ser negro dentro das festividades do Baile do Carmo, reveladas como reivindicações dos sujeitos envolvidos no evento, jovens, adultos e idosos, e também como expressão da interpretação local para símbolos negros globais (SANSONE, 2004).

⁶⁴ As baianas do acarajé, ou simplesmente baianas (em geral, mulheres de tez muito escura que vendem iguarias afro-baianas típicas na rua), há séculos constituem o ícone mais visível do “africanismo” na vida pública. (SANSONE, 2004, p. 107)

6 DIVERSAS MANEIRAS DE SER NEGRO

Diante do exposto, o Baile do Carmo mostra algumas maneiras de ser negro, mas o que é ser negro(a)? O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza desde 1990 cinco categorias⁶⁵ para a classificação da população brasileira: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. (TELLES, 2004, p.81).

Segundo Telles (2004) haveria três tipos de classificação racial no Brasil, a primeira seria a do IBGE com as cinco categorias supracitadas, a segunda seria a do discurso popular que utiliza uma plêiade de cores, dentre elas destaca-se a categoria moreno, e uma terceira classificação seria a do movimento negro que identifica duas categorias apenas: branco e negro. Os termos negro e moreno nunca foram usados nos censos do IBGE. O termo negro era considerado ofensivo, pois estava vinculado à categoria escravo, no entanto, foi ressignificado a partir dos anos 1930 para se tornar um termo de orgulho e afirmação étnica (TELLES, 2004, p.85)

Segundo Florestan Fernandes (1965) transcrevendo o artigo escrito por A. J. Veiga dos Santos no jornal Clarim da Alvorada no final dos anos 1920:

Compreendeu-se que ser chamado e designar-se como “negro” nada possuía de “pejorativo”; e que ao invés, degradante seria aceitar ou estimular as ambigüidades ocultas através de designações correntes, como “preto”, “homem de cor”, “pessoa morena”, etc... (sic) Logo se chegou a uma auto-identificação que atribuía ao termo 'negro' um sentido inclusivo e dignificante [...] é NEGRO toda gente de côr, prêto, mulato, moreno, etc., descendente do Africano e do Indígena (FERNANDES, 1965, p.86, grifos do autor).

A ampla utilização do termo negro por movimentos sociais, militantes e acadêmicos agregando os indivíduos pretos e pardos da classificação proposta pelo IBGE tem ecoado nas instâncias governamentais desde 1996, as quais recomendaram ao IBGE a adoção do termo negro ao invés de pretos e pardos. No entanto, o instituto ainda mantém as cinco categorias definidas no passado. Muitos pesquisadores se enfureceram porque para eles o governo estaria institucionalizando uma categoria que não representaria o comumente usado pela população brasileira.

⁶⁵ Em 1940, iniciou-se a era dos censos modernos no Brasil, destacando-se o papel do IBGE como o principal órgão consolidador do sistema classificatório racial oficial cuja base foi a classificação racial extra-oficial existente desde o século XIX. O censo demográfico de 1940 resgatou as categorias “branca”, “preta” e “parda” e acrescentou a categoria “amarela”. Esse conjunto manteve-se inalterado até 1990, quando foi introduzida a categoria “indígena” (NASCIMENTO, 2006, p.26).

Para entender que tipo de classificação os participantes do Baile do Carmo e a população estudada em Araraquara utilizam incluí uma pergunta feita nas entrevistas a todos os entrevistados, tanto para aqueles considerados negros por mim quanto para os brancos. Normalmente essa pergunta foi precedida do preenchimento da ficha de entrevista na qual a pessoa deveria responder como se identificava com relação à sua raça/cor. Uma vez de posse dessa informação eu questionava o significado da classificação escolhida. As respostas dos entrevistados apontaram sua escolha pelo termo negra(o); não houve menção às categorias morena, parda, mulata e outras encontradas pelo IBGE no censo de 1980 ou ainda à categoria afrodescendente⁶⁶ utilizada mais recentemente.

No questionário⁶⁷ sobre o Baile do Carmo, aplicado durante um almoço realizado pela ONG Fonte em 2007, a maioria das 51 pessoas que o responderam se identificou como negra com relação à pergunta sobre raça/cor, mesmo as pessoas de diferentes gerações escreveram negra ou negro. Nesse caso, houve menção às categorias mestiça, parda e morena, mas em número muito reduzido. Como aponta Telles (2004), a classificação racial no Brasil está longe de ser uma ciência exata, depende de qual sistema de classificação é adotado, de quem faz o sistema, de como a pessoa se classifica e como será classificada pelo outro.

Diante dessa realidade, é interessante saber o significado de ser negra (o) em Araraquara e o que os sujeitos da pesquisa dizem sobre esse assunto. A seguir apresento algumas das respostas recolhidas à pergunta: o que significa ser negro(a) para você?

Ser negro é assumir não só a cor da pele, mas assim implementar em você uma cultura, passado. É você pegar não só o fato de ter a pele mais escura, mas também implementar em você um passado, uma cultura que foi constituída nesse país. É estar pautado nisso (João Paulo, 19 anos, negro).

Para mim é uma raça que tem muita força, é uma raça muito bonita, guerreira. E, nós estamos aí lutando, porque falam que não tem preconceito, mas tem sim (Pamela, 24 anos, negra).

Ser negro é primeiro se valorizar, não adianta falar eu sou negra, mas e aí? Tem muita gente que eu conheço que fala assim, eu sou negra, mas a gente sofre tanto, que é preconceito, que é isso e aquilo. É?É isso mesmo! É a nossa história. Eu acho que é o preconceito, mas a gente tem que tá lutando sempre, mesmo com o passar dos anos a gente conseguiu várias vitórias, mas a gente tem que tá lutando, porque ele não vai parar nunca, né? Eu acho que ser negro é maravilhoso, eu me amo! Ah! Eu acho perfeito, sabe. Tem muita

⁶⁶ Para Elisa Larkin Nascimento, “afrodescendente não só preserva a referência histórica e cultural como ainda indica os laços de identidade entre os descendentes de africanos em todo o mundo” (NASCIMENTO, 2003, p.27). No entanto, as pessoas em minha pesquisa se identificaram majoritariamente como negras.

⁶⁷ O modelo de questionário encontra-se no apêndice A, p.216. Também é possível visualizar uma tabela com parte dos dados coletados em apêndice C, p.218.

gente que me pára na rua e me fala assim eu te acho linda! Sua pele é maravilhosa, eu queria ser pretinha igual você (Lorhaine, 20 anos, negra).

Para mim é ótimo ser negra, ser diferente, porque todo lugar que eu entro eu sou diferente, eu acho muito bom ser negra. Mas, no V. eu entrei e eu era a única negra do escritório, eu tive que ouvir várias piadinhas de negros até uma que nem compensa do meu patrão, que me amava assim, que eu tinha um relacionamento muito bom com o meu patrão. Têm várias cenas de humilhação (Aline, 22 anos, negra).

Assim, eu não diferencio muito, eu acho que assim somos todos iguais, apesar de ter muitos que fazem diferença, mas ser negro pra mim é ser só mais um ser humano. Eu não faço diferença nenhuma (Doralice, 22 anos, negra).

Olha, eu vou mais pela origem da minha família. Minha família todos eram negros, então eu falo que eu sou negra. Minha origem. Eu não falo que nem... Eu sou branca? Não sou. Minha família toda é negra, eu não sou branca, eu sou negra. Então é isso que eu tenho em mente, é a origem mesmo, da minha família. Todos são negros e eu sou negra (Flaviana, 29 anos, negra).

Esses depoimentos apontam diferentes noções do que é ser negro para jovens entre 19 e 29 anos. Suas respostas vinculam-se à necessidade de saber e valorizar uma cultura, o passado, a luta e a história do negro. Eles confirmam a existência de muito sofrimento e a necessidade de se colocarem diante da batalha, das humilhações e diante do preconceito porque ele sempre estará presente.

Segundo Telles (2004) a classificação em categorias particulares pode também refletir origem/descendência, cultura e outras características transmitidas durante a socialização⁶⁸. A auto-identificação pode envolver a rejeição ou aceitação de alguns desses elementos que fariam parte das diferentes categorias. Por exemplo, o termo negro esteve associado a características negativas que impediam as pessoas de se identificarem como tal.

Para Chagas (2001):

As características “naturais” do negro foram bastante utilizadas no estabelecimento dos limites entre negros e não-negros e para a propagação da inferioridade destes indivíduos, legitimando dominação, subjugação e a escravização de diversos povos africanos, a discriminação e o racismo (CHAGAS, 2001, 157).

Nos depoimentos essas características negativas estão restritas ao preconceito vivenciado por eles. Desde a tenra idade esses jovens estão expostos a mecanismos sutis ou explícitos de preconceito e discriminação e alguns deles falaram sobre isso durante as

⁶⁸ [...] identification in particular categories may also reflect descent, culture and other characteristics transmitted during socialization. Additionally, self-identification may involve the rejection or acceptance of the symbols, traditions, and lifestyles associated with particular categories. (TELLES, 2004, p. 89).

entrevistas, relataram momentos delicados na escola, no comércio local, no trabalho e na igreja católica. Essas situações deixaram marcas e ressalvas quanto às dificuldades que os negros enfrentam no seu dia-a-dia, mas não o impediram de se identificar como negros.

Segundo Ricardo Franklin Ferreira (2000):

O preconceito revela-se no dia-a-dia, nas situações mais simples. Em uma sociedade na qual, apesar da crença consolidada de viver-se no país da democracia racial, as pessoas desenvolvem um mundo simbólico em que as características fenotípicas acabam operando como referências para o preconceito (FERREIRA, 2000, p.18).

Florestan Fernandes afirmava que o preconceito de raça no Brasil, em última análise, é um preconceito de classe, pois ao ascender muitas pessoas conseguiriam passar de um grupo étnico para outro, portanto, a questão racial seria equacionada a partir da resolução da desigualdade social (FERNANDES, 1965). No entanto, os diversos jovens depoentes fazem parte de uma classe média, todos têm Ensino Médio completo e alguns cursaram ou estão cursando o Ensino Superior, e afirmam que ser negro é ter de lidar com o preconceito, trata-se de uma questão além da classe e da ascensão social, ou seja, as características raciais operam como referências para o preconceito.

Parte desses jovens participa ou participou de alguma organização negra, grupos de jovens negros, de teatro, organização do Baile do Carmo, ou têm em suas famílias um referencial de participação em associações recreativas e no próprio Baile do Carmo e assumem uma maneira positiva em ser negro. Ainda assim, essa atitude não os impede de sentir o preconceito e de mencioná-lo como parte constitutiva do ser negro, de um aprender a ser negro, aprendendo a driblar as situações de discriminação e preconceito. Esses jovens têm apontam a necessidade de se valorizarem para romper com as inferiorizações as quais são submetidos.

Já no fim do século XIX alguns cientistas levantavam dúvidas e questionavam a forma como a diversidade humana era analisada pela biologia que postulava a existência de raças humanas, ou seja, as diferenças físicas entre os seres humanos configurariam grupos distintos. A diversidade humana passou a ser compreendida por termos culturais a partir das pesquisas de Franz Boas, que conferiu às condições culturais a responsabilidade pelas diferenças entre os povos. (HOFBAUER, 1999, p.113). Porém, de modo geral, substituiu-se o conceito de raça pelo de cultura, mantendo-se a idéia de diferenças entre os diversos grupos humanos.

Após a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO promoveu encontros entre cientistas sociais, biólogos e geneticistas para avaliar o conceito de raça, pois ele era utilizado para

definir espécies humanas distintas tanto física quanto mentalmente, construindo gradações entre elas e elencando-as como superiores e inferiores. Os cientistas concluíram o limitado alcance desse conceito, uma vez que as diferenças entre as populações no nível genético eram ínfimas e não muito diferentes daquelas encontradas dentro dos grupos.

Voltando aos depoimentos, para a jovem Doralice ser negro é “ser só mais um ser humano” e sua afirmação tem respaldo científico, afinal “o avanço da genética, a partir do século XX, seria decisivo para inovar a concepção de raça: fez com que a definição das raças tendesse a se transformar numa mera questão de análise de DNA” (HOFBAUER, 1999, p. 196). Mesmo a análise de DNA não apontou a formação de espécies diferentes nos grupos humanos.

As características tidas como biológicas, principalmente a cor da pele, ficam como pano de fundo nesses depoimentos dos jovens entrevistados. A cor escura da pele, o cabelo crespo e outras características fenotípicas tratadas como aparentemente naturais são construídas socialmente, ou seja, a escolha de algumas diferenças físicas para representar diferentes grupos humanos é uma construção social elaborada a partir do encontro do europeu colonizador com aqueles que ficaram definidos como os outros (WADE, 1997, p. 15).

Hofbauer (1999) faz um estudo pormenorizado sobre o conceito de raça levantando sua historicidade. Segundo o autor, os conceitos cor, raça e cultura devem ser pensados dentro de critérios de inclusão e exclusão a fim de não se retirar deles seu conteúdo ideológico e sua contextualidade histórica. Para Guimarães (2003, p.95) os conceitos podem ser de dois tipos: analíticos, permitem “a análise de um determinado conjunto de fenômenos”, ou nativos, têm “sentido no mundo prático”, mas ambos só fazem sentido “no contexto de uma teoria específica ou de um momento histórico específico” (GUIMARÃES, 2003, p. 95), desse modo o conceito de raça para o autor é

[...] um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de “raça” permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos –, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato permite (GUIMARÃES, 1999, p.09).

Por ter uma realidade social e por ser tanto um conceito analítico quanto “nativo” esse autor adota o conceito de “raça” que para ele é também uma categoria política importante na

organização da resistência contra o racismo, revelando que as discriminações contidas na noção de cor são de cunho racial e não apenas de classe (GUIMARÃES, 2002, p. 50). A questão sobre o que significa ser negro também foi respondida por pessoas entre 35 e 68 anos, entre elas algumas pessoas se consideraram e se auto-declararam brancas.

Não sei, não sei. Eu tento entender, tento entender, mas eu imagino a dificuldade que ainda se tem em forma de preconceitos, discriminação, mas fica mais fácil a gente entender quando passa por aquilo. Isso é uma coisa que não tem como passar, ou teve como passar. Eu vejo que se tem alguma dificuldade aqui no país tem fora dele também. Acho que já foi pior, mas eu creio que ainda há preconceito, muitas vezes não estampado, não muitas vezes declarado, talvez dentro ainda de algumas pessoas ainda tenha (Fernando, 35 anos, branco).

Nunca pensei o que é ser negro. Eu sou negra, me aceito negra, mas é... não sei te explicar (Solange, 38 anos, negra).

Pra mim é você saber da sua origem e não ter vergonha disso, saber tudo da história que aconteceu e assumir mesmo como uma pessoa negra e não ter vergonha por ter... é uma história triste, mas é uma história de luta, de perseverança, de pessoas que construíram o Brasil, que ajudaram a construir o Brasil, eu acho que a gente tem que se orgulhar, se orgulhar dessa história e não deixar que as pessoas menosprezem, então eu acho que é isso. Principalmente, ter orgulho. Eu tenho muito orgulho da minha raça, da minha cor e tenho muito orgulho de falar que eu sou negra (Roseli, 38 anos, negra).

Porque tem gente que olha e não te reconhece também como negra, então, você é branca o que você está fazendo aqui? Fica medindo, eu peguei uma fase dessa ainda, então, eu sofri muito nesse processo porque não era uma coisa nem outra, mas assim para mim é um valor muito grande, porque primeiro que eu tive que aprender isso, não foi uma coisa dada e aprender essa minha identidade, a história desse povo, que povo é esse, que é o meu povo, a minha gente e então, pra mim é um valor muito grande, falar para meus filhos, contar história, falar da importância das nossas raízes, porque é um valor mesmo que teve que ser conquistado como resistência de um lado e de outro, né? (Edna, 41 anos, negra).

Primeiro eu sou aqueles que pensam que só o negro sabe o que é ser negro, o branco pode ser solidário e comprometido com a promoção da igualdade racial, agora é muito difícil quem nunca sentiu preconceito querer dizer que sabe o que é o preconceito (Edson, 44 anos, branco).

Primeiro lugar por causa da cor, não dá para negar que nós somos da raça negra e acho que em segundo lugar pela força dessa raça, pela força da família que eu venho então a gente tem orgulho de dizer que somos negros (Márcia, 43 anos, negra).

Ser negro é você entender a sua origem, buscar entender a sua história e acima de tudo se compreender e se aceitar. Eu acho que isso para mim é ser negro (Carlos, 43 anos, negro).

Eu aprendi a ser negra depois de, depois ... deixa eu ver quantos anos, depois de casada eu acho, depois que eu casei, depois dos 20 anos (Valéria, 43 anos, negra).

Eu acho que ser negra é... bem... o que eu poderia dizer ser negra... eu acho que ser negra é uma questão...é a minha raça, é a minha cor, eu gosto dessa cor, a gente tem que brigar por esse ser negro, a gente tem que brigar muitas vezes, tem que estar presente, observando, porque pra muitas pessoas eles vêem de outra forma esse ser negro, né? Então, eu acredito assim, na minha raça, eu gosto, eu acredito, batalho por isso, luto em prol disso, então, eu acho que ser negro é você estar em busca sempre de alguma coisa melhor, você acreditar naquilo que você é. Você é capaz de fazer tudo, ser igual a qualquer outra pessoa. Eu acho que é isso, no meu entender é isso (Regina, 47 anos, negra).

Ai, o que é ser negra? Ser negra é ser negra. Você entende? Como eu posso lhe dizer. Eu sou tão feliz com a minha cor, eu acho a minha cor tão linda, tão maravilhosa, sabe? Sei lá, o que eu posso dizer, negra pra mim é um orgulho, eu me orgulho de ser negra, acho uma cor maravilhosa, uma cor linda (Fátima, 47 anos, negra).

Eu tenho uma visão totalmente, como eu te falei, para mim não tem muito essa coisa de negro e branco eu não consigo... Eu poderia dizer o seguinte... não tem essa, eu não consigo fazer essa distinção do negro, do branco. Eu acho que todos são pessoas, indivíduos, seres humanos com defeitos e qualidades e todos merecem ser tratados no mesmo pé de igualdade (Lauro, 53 anos, branco).

Olha, eu acho assim que ser negra é apenas a cor da pele que é diferente e eu falo que tenho orgulho, por causa dessa discriminação. Eu por ser negra, eu não sou diferente de uma pessoa que tem a pele clara, eu tenho o maior orgulho de ser negra, não tem diferença nenhuma. Gostaria que as pessoas encarassem o negro e o branco assim também, não é porque a pele é diferente que a pessoa é inferior, por isso eu tenho orgulho da minha cor, não escondo e não tenho nenhum tipo de preconceito (Maria Helena, 54 anos, negra).

Além de ter orgulho de como se diz agora, de ter matriz africana, dos antepassados que vieram de lá, ser negro é enfrentar tudo isso que a gente tem que enfrentar no dia-a-dia, levantar a cabeça, porque se fosse fácil nós não seríamos negros. Eu acho que todas as lutas que se sucederam a aceitação é bem maior, as pessoas passaram a respeitar o negro de outra forma (Francisco Luiz, 59 anos, negro).

Ser negro é saber que você vai ter que atravessar por muitos obstáculos, por muitos espinhos e vai conseguir vencer sim, lá adiante (Maria Aparecida, 62 anos).

É aquilo que eu falei no início, para mim o negro tá só na pele, eu sou branco, ele é negro, mas como ser humano ele é igual ou, talvez, até melhor, depende da oportunidade que ele teve, então, eu não tenho essa definição não ele é negro, como pessoa... a diferença entre eu e ele é cor, mas como pessoa, como pessoa é igual (Florisvaldo, 64 anos, branco)

Ser negro pra mim é você reconhecer, primeiramente, seus valores, porque sem eu reconhecer o meu valor eu não posso dar valor para você. E, eu ser negro é reconhecer que eu sou de uma raça, sou feliz de ser negro e faço tudo para conservar o meu nome, a minha moral, e também prestigiar sempre os meus irmãos. Ser negro é isso, a gente valorizar a etnia da gente, eu fico feliz de ser negro (Benedito, 68 anos, negro).

Alguns depoimentos revelam uma aceitação em ser negro, sentimento explicado diante da dimensão do conceito de raça para a história do negro no Brasil, ou seja, é uma aceitação elaborada perante à inferiorização e aos discursos racistas que estigmatizaram uma população, definindo-a como menos capaz, feia, bárbara, imoral e tantas outras qualidades negativas ligadas à idéia de raça negra.

Outros entrevistados afirmam que ser negro é só uma questão de cor, mas para a cor ser um marcador dessa definição ela se insere em um quadro em que na verdade é uma imagem figurada de raça. Uma pessoa só pode ser classificada por uma cor determinada se existir alguma ideologia na qual essa cor tenha algum significado (GUIMARÃES, 1999, p.44). Para alguns a diferença entre branco e negro estaria só na cor, mas o fato de a cor ter um valor revela uma ideologia racial barrando o desenvolvimento de muitas pessoas na medida em que à cor negra são associados estereótipos negativos e que corroboram para a manutenção das desigualdades, da discriminação e do racismo.

Segundo Neusa Souza Santos (1983), “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro” (SANTOS, 1983, p.77). O mesmo podemos confirmar nos depoimentos de Valéria, quando ela afirma ter aprendido a ser negra após os 20 anos ou de Edna que também relaciona o ser negro a um aprendizado de uma história de um povo, a um tornar-se negro.

Fernando, auto-identificado como branco, responde a essa pergunta falando sobre a discriminação e o preconceito existentes dentro e fora do país, embora ele afirme que não seria tão declarado em nosso país. Edson, também declarado branco, avalia que só o negro sabe responder a essa pergunta, pois o branco pode ser solidário, mas nunca conseguirá ter a dimensão dessa realidade.

Parte dos depoentes brancos afirmou a inexistência de diferenças entre negros e brancos. Para eles todos devem ser tratados com igualdade, pois são seres humanos e devem ter as mesmas oportunidades para serem iguais ou melhores. Essa idéia remete a uma noção de hierarquia entre esses seres humanos considerados iguais. A atuação do movimento negro, toda a história do negro no Brasil e sua luta para transformar valores considerados negativos

em positivos pôde ser notada nos depoimentos recolhidos com jovens, adultos e idosos que expressaram uma necessidade de reconhecer seus valores, sua herança africana e sua origem com uma aparente elevada auto-estima e orgulho de ser negro.

Sansone (1993), em pesquisa realizada na Bahia, identificou uma diferença na maneira como jovens e velhos se classificam racialmente, o que não pôde ser constatado nesta pesquisa, pois todos os entrevistados responderam à pergunta sobre sua raça/cor como sendo negros. Mesmo os mais velhos utilizaram essa terminologia o que, segundo a pesquisa de Sansone foi mais utilizada pelos jovens. Nos depoimentos recolhidos em Araraquara foi avaliado um grupo mais homogêneo, com certa vinculação ou conhecimento do movimento social, de classe média e escolarizado. Talvez uma amostra maior e mais heterogênea revelasse elementos distintos aos apresentados aqui. Mas, no geral, os dois grupos jovens e idosos apontaram elementos similares para o seu entendimento do que é ser negro. Ambos destacaram a relação com o preconceito e a discriminação aos quais estariam sempre sujeitos na sociedade brasileira.

6.1 Construindo um sentido para a identidade no Baile do Carmo: visibilidade, negociação e reconhecimento

A análise do Baile do Carmo como um baile negro não pode deixar de lado as questões relacionadas à identidade. Esse conceito tem sido bastante debatido nas ciências sociais. É tema presente na antropologia, sociologia, psicologia e política. Alguns autores propõem o descarte do conceito como categoria analítica, outros, a exemplo de Richard Jenkins (2004) destacam sua importância para a compreensão do mundo humano. Para mim, o conceito de identidade é uma discussão fundamental neste trabalho.

A pesquisa sobre o Baile do Carmo suscitou um sentimento de pertencimento, identificação e reconhecimento dos participantes do evento. A isso atribuí o conceito de identidade que segundo Brubaker e Cooper (2000) pode ser uma categoria de análise e de prática. Como categoria de prática ela é usada pelas pessoas nos arranjos diários estabelecidos a fim de criar um sentido de si mesmas, valores, idéias e comportamentos próprios. (BRUBAKER; COOPER, 2000, p. 4).

Para Ferreira (2000) identidade é “uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro” (FERREIRA, 2000, p.47). Se a identidade é algo construído, em

constante transformação, não deve ser pensada como algo permanente, pode ser (re)aprendida e são diversos os espaços que possibilitam esse (re)aprendizado: a família, a escola, a igreja e o Estado. Neste trabalho as associações negras e o Baile do Carmo podem ser locais propícios à formação e/ou afirmação de identidade. O Baile do Carmo pode ser considerado um espaço de identificação coletiva de um ser negro, e segundo os depoimentos analisados anteriormente o conceito de identidade pode ter significados diversos, e encontram no Baile do Carmo um local de expressão dessa diversidade. Internamente e de perto o Baile apresenta uma diversidade de classe, gênero e de geração e idéias, mas externamente e de longe ele se transforma no evento dos negros. Abaixo, seguem os relatos das pessoas entrevistadas e auto-declaradas brancas sobre o que pensam ser o Baile do Carmo.

É mais uma festa da raça negra, mas nós adoramos também. Eu tenho bastante gente negra na minha família, mas é um baile negro, mas não entra só negro, tipo um baile afro, mas entra todo mundo (Margarete, 45 anos, branca).

No início, eu acho que na década de 50 já quase na década de 60, eu me lembro que o branco não entrava era Baile dos Coloreds, não tinha nada o Baile do Carmo, depois que passou a ser Baile do Carmo abriu para todo mundo, no [Clube] 27, no [Clube] 22, no [Clube] Araraquarense, onde eles fizeram já não tinha esse preconceito, então passou a ser um baile administrado pela cor com livre acesso para quem quisesse (Florisvaldo, 65 anos, branco).

O Baile do Carmo é o encontro, o conagraçamento, né? De pessoas, celebridades, principalmente eu acho assim da raça negra que tem a oportunidade de se igualar ou até ficar superior aos brancos que comparecem, porque na alegria, no prazer não dá para comparar (Francisco Geraldo, 64 anos, branco).

O Baile do Carmo tem essa tradição de um baile super chique, super tradicional, um baile elegante, um baile que deve ser frequentado não só pela raça, mas por todos os araraquarenses que gostam de coisa boa, o Baile do Carmo é coisa boa (José Roberto, 61 anos, branco).

[...] era um acontecimento esperado, a raça negra esperava esse dia, se empavonava inclusive. Era o espetáculo gostoso de ser visto, era um respeito, uma higiene, uma educação, era um acontecimento marcante e continua marcar (Waldemar, 78 anos, branco).

Francisco afirma ser o Baile do Carmo uma oportunidade dos negros se igualarem ou ficarem superiores aos brancos, e isso aconteceria porque na alegria não tem comparação; e novamente os estereótipos estão presentes. A visão desse grupo declarado branco é um elemento importante para se pensar a identidade coletiva e a categorização do outro, ou seja, os elementos externos à constituição identitária, uma vez que a identidade é uma relação do

interior com o exterior, estabelecendo-se na dinâmica entre grupos sociais distintos. (MONTES, 1996). Por isso, a maneira como os outros enxergam o Baile do Carmo e a população negra também faz parte desse processo de construção identitária. Segundo Richard Jenkins (2004, p.20), a identidade nunca é unilateral, mesmo que nós tenhamos controle dos símbolos escolhidos e transmitidos não temos como garantir que os outros interpretarão ou entenderão essa transmissão da maneira pretendida.

Quando avalio a história do Baile do Carmo percebo em seu início um encontro de famílias e amigos com histórias e vivências semelhantes: membros de uma classe média negra que lutavam contra a discriminação buscando construir seus espaços de sociabilidade, uma auto-imagem e uma imagem pública positiva e condizente também com sua classe social. A aproximação dessas pessoas para a realização e participação no evento já pode ser uma prova da existência de uma identificação entre elas.

O depoimento de uma jovem, cujos bisavôs já participavam do Baile do Carmo, é importante para a compreensão da relação entre o evento e a construção ou afirmação de identidade negra.

P – Você acha que alguma coisa muda no período do Baile do Carmo?

E – Nessa época, eu vejo que tem bastante grupinho de pessoas que começam a andar mais no meio, tem pessoas que são os chamados “kinder ovo” que andam só no meio de pessoas brancas, negros que têm preconceito contra negros, não andam com negros o ano inteiro e chega na época do Baile do Carmo começa a andar só com o pessoal negro e andam no meio, vai para os bailes e depois esquece. Você não vê mais aquela pessoa no meio dos negros. Eu acho que muda bastante isso. E também muda na parte de cabelo, o pessoal muda totalmente na época do Baile do Carmo. Então, é assim mesmo, tem pessoas que não andam no meio dos negros o ano inteiro e nessa época do Baile do Carmo eles começam a andar e tem gente que muda até de personalidade na época do Baile do Carmo que não tem essa negritude.

P – Como assim?

E – Como eu posso te explicar, aquelas pessoas que vamos supor, no começo do ano elas podem até andar no meio de bastante pessoas negras, mas só que no começo do ano elas falam que são pardas e no meio do ano elas falam que são negras para poder participar do Baile do Carmo. Tem gente que muda até de personalidade, roupa, muda o estilo de roupa, mas depois volta. Eu acho bem estranho.

P- Mas por que elas fariam isso?

E - Porque é praticamente o único momento que todos os negros... que se unem, é uma festa que as pessoas se unem mesmo.

O depoimento revela que o momento de união e de estar com centenas de outras

pessoas negras, proporcionado pelo Baile do Carmo, seria o momento oportuno para se afirmar uma identidade negra independente de como a pessoa se identifica durante o ano. No período do evento ela assume traços e elementos compreendidos como negros para se inserir na festa.

A aparência física, o porte e os gestos também têm sido o meio pelo qual os negros, como população racializada, reconhecem a si mesmos e, na tentativa de reverter o estigma associado à negritude, tentam adquirir *status* e recuperar a dignidade (SANSONE, 2004, p. 24).

O depoimento revela a posição de alguns negros que só andam no meio de pessoas brancas durante o ano, mas que no Baile assumem uma vontade de estar com outros negros; essas pessoas são chamadas de “kinder ovo⁶⁹”. Para a depoente, elas só se vêem como negras durante esse período porque desejam participar do Baile. “[...] tem gente que muda até de personalidade na época do Baile do Carmo que não tem essa negritude”. Para Sansone (2004, p.255), no Brasil a identidade negra é bastante fluída e heterogênea e não obriga uma fidelidade étnica, ou seja, fazer parte de um grupo étnico não define a personalidade de um indivíduo.

A forma como o Baile do Carmo é organizado demonstra as muitas maneiras de ser negro, pois são diversas as atividades presentes nele. Há o baile de gala, com o devido e esperado *glamour*, o coquetel dançante com a *black music*, a feijoada, o acarajé⁷⁰, o desfile de moda africana, a dança afro, o *hip hop*, o teatro, as palestras. Dessa forma, é possível encontrar no Baile do Carmo uma pluralidade de eventos que atuam na ampliação da identidade negra, já que ela pode ser entendida como construção social mediante diferentes contextos e interesses.

O interessante, segundo a análise das entrevistas com as pessoas mais velhas, é o fato de não haver uma necessidade de auto-afirmação, de expressar uma negritude de forma explícita para participar do Baile do Carmo. A negritude sempre foi vivenciada a partir da família e ela tinha o papel de discutir a importância do evento no seio familiar. Dessa forma, as crianças já esperavam a sua vez de poder participar do Baile, de aprender os códigos e fazer parte do grupo. Elas eram iniciadas no Baile por meio de um coquetel e uma matinê

⁶⁹ É um chocolate em forma de ovo, com parte externa sabor chocolate ao leite e interna chocolate branco. Contém um brinde surpresa no seu interior, que, por muitas vezes, é a parte preferida pelos compradores. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kinder_Ovo>.

⁷⁰ Especialidade gastronômica da culinária baiana, bolinho feito de feijão fradinho, cebola e sal e frito no óleo de dendê, tem uma estreita vinculação com o candomblé, sendo considerado uma oferenda aos orixás. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Acarajé>>.

realizada no domingo após o baile de gala. Esses eventos tinham a particularidade de conscientizar e integrar as crianças e os jovens, segundo o depoimento de Valéria.

Essa característica de ser assim... que tinha o Baile do Carmo e nunca a gente percebeu esse trabalho, acho que nem eles, né, tinham noção do trabalho que eles faziam com todas as idades dentro do Baile do Carmo, de eu estar indo de criança desde os oito anos que eu consigo me enxergar dentro do Baile e aí querer ficar para o Baile, para o coquetel até mais tarde, aí querer ficar para o coquetel até a madrugada, porque o coquetel era até a madrugada, eu me lembro que o coquetel começava às quatro da tarde e acabava às quatro da manhã. O coquetel a característica dele era som, era equipe de som, era ali que a gente dançava black, samba-rock. Eu acho que todo mundo aprendeu a dançar samba-rock neste momento, né? E muito naturalmente, era com o tio fazendo você rodar. A gente ia aprendendo naturalmente com eles mesmos (Valéria, 43 anos, negra).

Para Richard Jenkins (1997, p.14) nem cultura, nem etnicidade são alguma coisa que as pessoas têm ou às quais elas pertençam. Para o autor, cultura e etnicidade são repertórios complexos que as pessoas experimentam, usam, aprendem e refazem em suas vidas diárias e com os quais as pessoas constroem um sentido de si próprias e um entendimento sobre os outros.

A perspectiva de análise proposta por Frederick Barth a partir dos anos 1960 mostra a identidade étnica de uma maneira dinâmica. Ela se constrói pela interação entre os grupos e pela construção de fronteiras sociais de exclusão e inclusão entre o “nós” e “eles”. Essas fronteiras são construídas para definir quem está fora e quem está dentro de determinado grupo, que se reforça não pelo isolamento, mas pelo contato e estabelecimento dos limites. (POUTIGNAT, 1998, p.11). Por isso, um evento como o Baile do Carmo pode ser uma fronteira entre incluídos e excluídos do evento, entre negros e brancos, e além de ser um espaço de aprendizado de identidade negra, pode ser um espaço onde as pessoas estão livres para expressar sua identidade.

A elaboração do Baile do Carmo utilizou símbolos presentes e compreensíveis na sociedade araraquarense e no interior paulista para se firmar como um evento dos negros. Segundo Barth o que define os grupos étnicos são as fronteiras e não a matéria cultural que ela abrange, ou seja, o fato de realizarem bailes com orquestras, em salões socialmente valorizados, com obrigatoriedade no trajar e no se comportar não pode ser compreendido apenas como embranquecimento, mas como estratégia de construção de sua identidade em diálogo com o exterior. “Eu acho que ainda a gente tem isso [Baile do Carmo] como ponto de referência da população negra de Araraquara” (Valéria, 43 anos, negra). Para Montes

[...] estamos sempre construindo identidades num jogo de contrastes, com elementos que não são aleatórios, mas que são, no entanto, re-significados em função do contexto, de interesses e de posições de poder, que fazem com que um grupo reivindique uma nova visibilidade dentro da sociedade (MONTES, 1996, p. 61).

O Baile é um espaço que estabelece a visibilidade do negro na sociedade araraquarense, por meio dele uma parte de suas experiências pode ser reconstruída. Nos últimos anos com as diversas mudanças apontadas na análise sobre o movimento negro, as políticas estatais e locais, no caso a AEPIR, COMCEDIR, Centro de Referência Afro e ONG Fonte procuram ampliar as referências de cultura negra que existem no evento com a sua inserção em políticas de promoção da igualdade racial.

Você tem que andar em uma linha limítrofe eu penso, mas você tem que criar políticas de igualdade racial e de combate ao racismo, isso é papel do poder público. O Baile do Carmo você tem que apoiar sem criar ingerência, você tem que ir politizando sem deslocar os organizadores que não entenderam, senão se ele for apropriado pelo poder público ele perde autonomia, aí no meu entender ele é uma manifestação do movimento social e um movimento social não pode ser tutelado, não pode ser encampado, então a prefeitura tem que apoiar sem municipalizar o Baile. O Baile tem que continuar sendo autônomo. A organização da comunidade tem que ser autônoma, a organização dos negros tem que ser autônoma, então, há um limite entre aquilo que é o papel do poder público é aquilo que é respeitar a autonomia do movimento negro (Edson, 44 anos, branco).

De um lado, parte dessas organizações avalia que o Baile do Carmo precisa incluir outros símbolos e ter um tipo de identidade negra e, de acordo com a avaliação de uma parte da sociedade e do movimento negro, ele não pode ser apenas um baile com símbolos considerados característicos dos brancos. Para essas pessoas, a ele teriam de ser incluídas referências a uma herança africana e a visão predominante de cultura negra, baseada muitas vezes em uma interpretação folclorizada de cultura. Segundo Berriel (1988) a “relevância de algumas formações nem sempre responde à perspectiva de uma identidade que se quer.” (BERRIEL, 1988, p.87).

Para cumprir um papel esperado por essas instituições tem havido a inclusão, em especial na noite de Abertura Cultural do Baile do Carmo, dos seguintes elementos: o acarajé, vendido na porta do Teatro Municipal; a apresentação de dança afro; o desfile de roupas africanas; a apresentação do coral gospel e de choro. Esses elementos podem ser avaliados como parte constitutiva de uma compreensão do significado da cultura negra por parte das instituições que apóiam a organização do evento.

Na emergência de uma identidade negra, variados estoques da cultura de origem afro, passíveis de potencializar diferenças significativas, demarcam e

codificam distinções. A consciência de valores próprios aprofunda e determina um quadro classificatório, qualificado e qualificante, que os integra numa perspectiva nova de ação e poder (BERRIEL,1988, p.67).

Para conseguir financiamentos públicos é necessário, também, conforme já foi dito, adequar o baile à compreensão do conceito de cultura negra das instâncias governamentais e às políticas de promoção de igualdade racial. A atuação do movimento negro, a busca de uma identidade nacional no Brasil, o processo de descolonização dos países africanos, os movimentos pelos direitos civis americanos, ou seja, tanto fatores internos como externos propiciaram uma reavaliação e uma nova postura com relação a essa herança africana. (SANSONE, 2004).

Joselina Silva (2000) afirma que uma maneira do negro construir sua identidade é “desconstruir conceitos negativos já cristalizados no imaginário nacional e presentes nos diversos aspectos de manifestação da cultura do povo” (SILVA, 2000, p.48). Há uma revalorização dos elementos tidos como africanos e das práticas produzidas pela população negra no Brasil, no entanto, alguns desses elementos são também considerados elementos de formação da identidade nacional e podem ser compreendidos como marcas da origem africana ou como elementos brasileiros dependendo da situação.

Entre os entrevistados foi possível perceber as múltiplas maneiras de ser negro. São diversos os elementos que eles demonstram para estabelecer uma compreensão sobre essas maneiras. Há pontos em comum, afinal todos compartilham de um contexto muito semelhante, por exemplo, o fato de essas pessoas se sentirem à vontade para expressarem uma identidade negra durante o Baile. Segundo Irene Souza:

Sabemos que existem provas de sentimento de inferioridade e de mórbida auto-aversão em todos os grupos minoritários. Muitas vezes é cultivada nesses grupos a identidade de renúncia imposta durante gerações na educação familiar. Mas isso tudo é o que inferimos de forma geral, pois, a nível pessoal, haverá diferentes formas, diferentes estratégias interiores de enfrentar a realidade adversa (SOUZA, 1991, p.21-2).

Haveria então várias maneiras de assumir a negritude e expressar a identidade negra e o Baile do Carmo possibilita essa pluralidade e diálogo com os diversos símbolos de negritude. Ele é também um propagador de símbolos e referências negras condizentes com as diferentes gerações, classes sociais e com o contexto paulista. Segundo Sansone (1992)

[...] há formas diferentes de viver a negritude e de gerir o próprio aspecto negro. Entre os informantes, há filhas-de-santo que são “loucas por uma seresta”; capoeiristas, com cabelo rasta, que gostam de música rock; mulheres negras que espicham o cabelo, mas têm uma imagem clara do racismo; mulheres com o cabelo afro, mas unicamente “porque está de

moda” [...] portanto, há diferentes tipos de negritude e vai haver mais ainda (SANSONE, 1992, p. 167).

Assim, qualquer definição supostamente universal que tentemos dar de uma cultura negra pode não ser suficiente para contemplar todos os grupos da população negra (SANSONE, 2004, p.23).

O Baile do Carmo tem propiciado a construção de identidade negra, colocando lado a lado na pista de dança e nos salões dos clubes da elite branca araraquarense novas e antigas lideranças negras que o rechaçavam como um momento de alienação dos negros mas que demonstram ter aproveitado nos últimos anos o espaço e a visibilidade proporcionados pelo evento para pôr em prática estratégias de combate ao racismo. Mesmo não tendo um cunho explicitamente político ele atua na mobilização dos negros e no atendimento de algumas reivindicações implícitas, por exemplo, de maiores oportunidades de expressão, lazer, de viver sem opressão, de ocupação de espaços e de reelaboração constante de sua identidade. Para José Francisco

O Baile é político. O que o Baile tem que uma agremiação política não tem? Só um elemento eu acho, o prazer, você tá ali se divertindo, não tá quebrando a cabeça. Porque se você vai pra uma agremiação política, para um partido ou para uma entidade, ali você vai estar lidando com problemas que vão te trazer de novo a opressão, vão trazer de novo esses elementos contra os quais você está lutando, ali é o lugar de criar pressão e o Baile é o lugar onde se alivia essa pressão, eu acho que daí o sucesso dele (José Francisco, 45 anos, negro).

Magnani (1984) segue essa linha interpretativa em seu livro *Festa no Pedacço*, no qual descreve, sucintamente, a realização de um baile freqüentado majoritariamente por jovens negros, o *Chic Show*, interpretado por alguns representantes da comunidade negra como uma alienação, por estar distante de uma reunião ou um ato político. No entanto, para o autor e para muitos participantes do evento, outros significados e regras estariam em jogo. O *Chic Show*

[...] constitui um acontecimento denso de significações não porque se proponha a afirmar a negritude como prática política de forma direta e explícita, mas porque elabora e exhibe sinais que permitem um reconhecimento, delimitam um espaço, estabelecem uma identidade e marcam diferenças entre ‘nós’ e ‘eles’. Produzem, em suma, significados, e esses significados geram efeitos concretos: por outros caminhos termina-se assumindo e afirmando a negritude (Magnani, 1984, p. 30).

Félix (2000), em sua pesquisa de mestrado sobre os bailes produzidos pelo *Chic Show* e *Zimbabwe*, buscou compreender a construção de identidade entre os seus freqüentadores. O autor ressalta a importância desses espaços atuando na sociabilidade, na construção e

afirmação de identidade da população negra, às vezes de forma contrária àquela pensada por ativistas do movimento negro. Já em seu trabalho de doutorado sobre o *hip hop* o autor afirma que:

[...] os bailes black representaram muito mais do que um simples locus de lazer para seus frequentadores, em sua maioria constituída por negros e mestiços. Em uma análise mais aprofundada pudemos perceber que esses espaços são também locais de práticas políticas, pois mediante eles as pessoas constroem suas próprias identidades. Ou seja, aquele público não vai ao baile somente para ouvir músicas e dançar, mas também porque lá se sentem entre iguais e não são discriminadas (FELIX, 2005, p.18).

E isto é exatamente o que muitos participantes do Baile do Carmo dizem vivenciar quando vão ao evento. Carlos Silva (1995) em seu livro “Da terra das primaveras à ilha do amor: *reggae*, lazer e identidade”, versando sobre o *reggae* em São Luís do Maranhão, também refletiu sobre o papel da festa e do *reggae* como uma forma de manifestação da população negra urbana, reforçando a idéia de que “as manifestações culturais, aparentemente festivas, podem ser consideradas, também, como um fator importante no processo de organização da negritude nacional, visando à ascensão social e política da população negra na sociedade brasileira.” (SILVA, 1995, p.12-3). Em sua tese de doutorado “Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão”, o autor reforça a idéia do papel de mobilização dos bailes e manifestações festivas, conforme observado a seguir:

Ainda que seja exagerado caracterizá-lo como um movimento de protesto racial, considerando que essas mobilizações tinham como objetivo principal o lazer, não resta dúvida de que o *black soul* constitui-se uma instância importante, por meio da qual um segmento significativo da população negra adquiriu elementos para a criação de novos símbolos de etnicidade e fortalecimento da consciência, de acordo com suas experiências de estar junto e compartilhar situações comuns no cotidiano (SILVA, 2001, p.64).

Nessa mesma linha de pensamento encontra-se Kraay (1999), ao afirmar que as festas são “rituais que constroem e afirmam identidades coletivas mostrando, do mesmo modo, a participantes e a observadores as ‘verdades’ fundamentais incorporadas à sua ideologia” (KRAAY, 1999, p. 53). Esse autor aponta a polivalência dos rituais, seus múltiplos significados e sua capacidade de mudança no decorrer do tempo.

Depois de muitas décadas de realização ininterrupta, o Baile do Carmo expressa a vontade das pessoas de estarem juntas, construindo e/ou reforçando uma identidade, elaborando e/ou reelaborando suas estratégias de reconhecimento e atuando na manutenção de uma tradição. Tanto os participantes mais velhos frequentadores do Baile há bastante tempo quanto os mais jovens e que iniciaram sua participação há pouco tempo são atraídos por essa

tradição, pela música e pelos diversos dias de festividades propostos pelo evento, pelas reinvenções e pelo símbolo de negritude representada por ele.

Eu acho que é isso, a sua identidade, é você buscar a sua identidade, é você não ser inferior a ninguém, como nós somos cotidianamente, isso está colocado. Então eu acho que o Baile é esse lenitivo, ele é esse momento em que você vai e está longe da opressão, longe em termos, né? Tá longe dessa opressão, ali é o Baile dos negros, aí todo mundo que se identifica e tenha a mesma ... sofra a mesma opressão... que sem querer essa opressão ela nos atinge a todos (José Francisco, 45 anos, negro).

A maior parte das pessoas entrevistadas não elaborou uma opinião sobre o Baile definindo seu papel na construção de identidade como o fez José Francisco, mas, mencionou a importância do evento para o reencontro com os amigos, como um momento importante para os negros, pois segundo eles há poucos eventos em que eles podem estar juntos. Talvez eles queiram dizer que são poucos os espaços relevantes de *status* onde os negros estão presentes e de forma majoritária. Por exemplo, para os mais velhos o Baile do Carmo era o momento de adentrar o salão do antigo Teatro Municipal.

E era bem separado, porque de primeiro ali vamos supor era a praça das rosas, então a gente não frequentava, entrava ali na época do Baile, porque ia usar o Teatro (Lázara, 76 anos, negra).

Segundo Feldman-Bianco (1995, p. 30) “a identidade é algo que se reinventa e se reinterpreta em cada geração” (FELDMAN-BIANCO, 1995, p. 30), é isso que demonstram ter aprendido as diversas gerações de participantes do Baile do Carmo. A existência e a intensa participação no Baile - tanto dos idosos como dos jovens - demonstra, a priori, a dinâmica do evento e sua organização nessas várias décadas dentro de um espaço e de um tempo que se modifica continuamente.

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduos e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referenciais que orientam sua forma de agir e mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, apreendidas na sua interação com os outros (NASCIMENTO, 2003, p.30-1).

A forma como Nascimento (2003) trabalha o conceito de identidade é similar àquela trabalhada por Taylor (2000), já que para esse autor a identidade está intimamente relacionada ao reconhecimento, porque o indivíduo precisa do outro para construir sua própria identidade. A maneira como o outro nos reconhece é, muitas vezes, determinante nesse processo, isto é, essa construção em conjunto nem sempre é harmônica, tal a necessidade de reconhecimento,

principalmente porque há uma tensão permanente entre interior e exterior.

Dessa maneira, entendo o Baile do Carmo como a forma encontrada pelos negros de Araraquara para superar as imagens depreciativas vigentes na sociedade local desde o início do século XX, além do seu significado de resistência e organização social, ou seja, o Baile pode ser encarado como uma estratégia de ação válida para a busca do reconhecimento dos negros e expressão de uma resistência por meio do diálogo com a sociedade onde vivem, criando um espaço para afloramento de sua identidade e imagem.

Para compreender o estreito vínculo entre identidade e reconhecimento, temos de levar em conta uma característica crucial da condição humana: [...] seu caráter fundamentalmente dialógico. Tornamo-nos agentes humanos plenos, capazes de nos compreender a nós mesmos e, por conseguinte, de definir nossa identidade, mediante a aquisição de ricas linguagens humanas de expressão. [...] As pessoas não adquirem as linguagens de que precisam para se autodefinirem por si mesmas. Em vez disso, somos apresentados a essas linguagens por meio da interação com outras pessoas que têm importância para nós (TAYLOR, 2000, p. 246).

O Baile tem origem em parte pelo diálogo com os significados da sociedade local e em outra medida pelos próprios anseios daqueles negros que estavam galgando uma nova posição na sociedade, ou ainda que estavam lutando contra a discriminação racial. Esses desejos estão por trás, conscientemente ou não, da realização desse evento no passado e são, na atualidade, redimensionados diante das novas demandas da sociedade e da população negra.

Segundo Castells (1999) é necessário um processo de negociação para que a identidade seja construída, ou seja, os indivíduos, os grupos sociais reorganizam constantemente suas identidades e seus significados diante da história, da geografia, da biologia, das instituições de poder e da memória. É um jogo de forças. E para o autor, “reivindicar uma identidade é construir poder” (CASTELLS, 1999, p. 235), pois a configuração e/ou afirmação de identidade tem característica política quando os indivíduos se organizam e se mobilizam em prol de modificações na sociedade onde vivem. Os indivíduos que participam do Baile do Carmo podem retirar dele matéria-prima para a elaboração de suas identidades. Um elemento bastante explorado por aqueles que realizam e participam do Baile do Carmo é a tradição.

[...] a tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado; mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretção [...] A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica. Esta preocupação psicológica é uma das principais forças que permitem às tradições criarem ligações emocionais tão fortes por

parte do “crente”. As ameaças à integridade das tradições são muito freqüentemente, senão universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu (GIDDENS, 1997, p. 100).

O Baile do Carmo tem atraído pessoas de diversas partes do Brasil, principalmente depois de ser exposto na mídia nacional como um evento de tradição negra, pois ele torna-se um evento interessante aos olhos daqueles negros e negras que buscam se identificar com a representação da negritude manifestada por ele, aliada aos símbolos presentes em suas vidas, a uma maneira de ser negro capaz de contemplar os seus desejos e anseios (SANSONE, 2004).

Pelo exposto, no Baile do Carmo dialogam diferentes maneiras e caminhos para se construir a identidade negra, diferentes agentes e instituições sociais, diferentes definições e sentidos para a festa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender a construção de identidade negra por meio da participação no Baile do Carmo, evento que se revelou de grande importância para se discutir as relações raciais. O estudo da história araraquarense demonstrou a existência de uma invisibilização da população negra ou o que chamei de **visibilidade invisível**, pois foi possível encontrar relatos e informações sobre essa população no período escravista, porém de forma esparsa, sem muitos detalhes, captadas por memorialistas e historiadores locais responsáveis por construir e sedimentar uma memória oficial predominante sobre as memórias subterrâneas (POLLAK, 1992).

Ao olhar mais atentamente esses registros encontrei fotografias e notícias em jornais demonstrando a presença dos negros em diversas esferas de atividades, tanto no mundo do trabalho como do lazer, tal como pôde ser observado nas notícias sobre os batuques ou nas imagens sobre as bandas araraquarenses de música fundadas e/ou regidas por maestros negros ou ainda nos relatos sobre o papel dos trabalhadores ferroviários negros. No entanto, esses registros não são destacados na memória oficial, ou seja, em parte o diálogo do trabalho é feito com essa memória que torna visível e invisível ao mesmo tempo a presença da população negra na cidade. Essa situação condiz com as idéias presentes nos distintos períodos históricos brasileiro, em consonância com a democracia racial que construía uma identidade nacional em detrimento de identidades específicas.

Enquanto o texto de Pio Lourenço Corrêa sobre a abolição da escravatura em Araraquara mostra as festas, os batuques e a alegria dos negros como imoralidade advinda da senzala - um discurso reproduzido por diversos anos no início do século XX nos meios de comunicação local -, os negros também anunciavam com certa distinção os batuques realizados em comemoração ao 13 de maio. Essas situações transmitem a idéia de democracia racial ou um racismo tácito encarregado de reproduzir as representações dos negros mais aceitas pelos dominantes e que corroboram para sua inferiorização.

Diante dessa realidade, a discussão sobre as festas se fez presente objetivando mostrar o quanto elas também representam um espaço de resistência. A Festa do Carmo foi descrita porque o Baile do Carmo está vinculado às comemorações que celebram o dia de Nossa Senhora do Carmo. Sua realização é sempre determinada a partir do aniversário da santa em 16 de julho. Essa festa já atuava como um espaço de conagração da comunidade negra,

principalmente porque era realizada na região mais periférica da cidade onde existiam dezenas de famílias negras. Diferentemente do fato de não ter encontrado registros escritos sobre o Baile do Carmo no início do século XX, a Festa do Carmo possui registro farto de sua existência nesse mesmo período corroborando a idéia de que a memória oficial está impregnada pelo olhar dominante invisibilizando tanto a participação negra nesta festa como a existência do Baile do Carmo.

O Baile do Carmo enquanto festa favorece o contato e a comunicação entre as pessoas. Promove a ocupação temporária dos clubes e salões que no passado barravam - obviamente não de maneira oficial ou escrita -, a entrada dos negros, realidade contrária a uma idéia de democracia racial. Na atualidade, esses clubes ainda não são freqüentados, cotidianamente, pela maioria dos participantes do evento. Por meio do Baile do Carmo foi possível perceber a segregação e a convivência entre negros e brancos, uma convivência marcada pelo protagonismo negro no período do evento, pois mesmo que os brancos entrevistados nesta pesquisa falem sobre o evento e revelem suas opiniões e experiências não se configuram como personagens no Baile do Carmo.

Uma das conclusões desta pesquisa é o fato de os negros, por meio do Baile do Carmo buscarem construir uma história relacionada à sua realidade, à maneira como se vêem e querem ser vistos, tornando o Baile um elemento importante da constituição de identidade.

O evento proporciona o (re)encontro entre aqueles que se consideram iguais e estabelece reconhecimento individual e coletivo, pois são reverenciadas personalidades da comunidade negra local, além de outras pessoas vistas também como exemplos a serem seguidos pela coletividade, como jogadores de futebol, apresentadores de TV, atrizes, cantores e políticos; todos eles reconhecidos pelo fato de serem negros e terem sucesso, embora nem sempre nessa ordem.

Por meio do estudo do Baile do Carmo foi possível discutir a mobilização negra em Araraquara, considerando-o uma maneira de o negro reivindicar respeito, reconhecimento, visibilidade, espaço e cidadania. Isso ficou evidenciado por meio da leitura do evento como parte do movimento negro, uma vez que ele possibilita a articulação de demandas e reivindicações de seus apoiadores, participantes e parceiros como o Centro de Referência Afro, ONG Fonte, AEPIR, COMCEDIR e SEPPIR.

Essas instituições sabem que o evento mobiliza uma parcela significativa da população negra e entendem a necessidade de se articular com aqueles que possuem a mesma “identidade social ou política a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública

e obter conquistas para a cidadania” (SCHERER-WARREN, 2006, p.113). Assim, elas se articulam quando se juntam para apoiar ou participar desse evento, principalmente porque o Baile do Carmo já se consolidou durante os seus mais de 70 anos de existência como um espaço do negro.

Portanto, há um princípio de solidariedade promovendo a articulação entre essas diferentes instituições e atores sociais envolvidos na realização do Baile do Carmo. O princípio de solidariedade torna-se o elo, o núcleo central de articulação central desses atores “a partir de uma base referencial comum de valores e ideologias construídos na trajetória do grupo, ou advindos dos usos e tradições e compartilhados pelo conjunto” (GOHN, 1997, p. 253). Mas, esse princípio de solidariedade não quer dizer que internamente o movimento esteja livre do conflito, seja harmonioso e homogêneo. Ao contrário, há inúmeros conflitos, por exemplo, podemos citar aqueles criados pela assinatura do convênio para o registro do Baile do Carmo, e ainda (no caso mais um conflito) as idéias diferentes de como o evento deve ser conduzido. No entanto, a forma como esse movimento se apresenta no espaço público e o discurso elaborado para a sua realização criam um imaginário social de unicidade. “A solidariedade é o princípio que costura as diferenças fazendo com que a representação simbólica construída e projetada para o outro - não-movimento - seja coerente e articulada em propostas que encubram as diferenças internas” (GONH, 1997, p. 253).

Diversas pessoas entrevistadas afirmaram a importância e a necessidade de uma rede de parceiros para que o evento possa continuar existindo. O Baile do Carmo empodera⁷¹ essa rede, por exemplo, quando se torna palco para diferentes atrações vinculadas às oficinas culturais do município. Ele empodera essa rede que ao se utilizar do espaço que ele cria consegue dar voz às suas reivindicações e ações tornando-se visíveis aos seus participantes e tornando visíveis os seus participantes. Esse espaço não está livre da disputa que não está centrada apenas nos aspectos financeiros suscitados pelo evento, pois ela também é simbólica entre os diferentes sujeitos participantes ou não dele responsáveis por explicitar suas definições sobre a origem do Baile, delimitar ou expandir sua existência e promover ou restringir a utilização de diferentes elementos da cultura negra.

Dessa maneira, a questão da identidade foi algo central neste trabalho. Se o Baile do Carmo do passado foi avaliado como mais fechado entre as famílias negras tradicionais da

⁷¹ Sobre o assunto ver HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; Meirelles Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2., 2007, Florianópolis. Anais...Florianópolis:UFSC, 2007. 485-506.

cidade que se (re)encontravam e vivenciavam sua sociabilidade, com o passar do tempo ele foi se tornando mais aberto, foi ganhando novos eventos e apresentando uma pluralidade no ser negro. Partimos da existência dessa identidade negra baseada nas relações familiares e fraternais relações existentes ainda no Baile do Carmo da atualidade, mas que vem se alterando ante as mudanças na própria sociedade. Diante de novos grupos participantes do Baile abrem-se novas possibilidades para a construção da identidade. Essas mudanças sociais foram analisadas à luz da história do movimento negro brasileiro e de como as relações raciais foram se efetivando ao longo do tempo.

A análise do evento permitiu-nos entender o quanto ele está se tornando mais diaspórico, ou seja, o quanto ele tem apresentado variadas possibilidades de ser negro nas suas diferentes atrações e parcerias. Se no início do século XX o exemplo e padrão era a sociedade araraquarense que realizava seus bailes e excluía os negros, na atualidade, os padrões são globais. É possível ser negro dançando ao som de música orquestrada e trajes elegantes, dançando *hip hop*, *samba-rock*, *soul*, comendo acarajé ou feijoada, desfilando com roupas africanas, apreciando a apresentação de umbigada, assistindo a um coral gospel cantando músicas típicas dos negros dos Estados Unidos, participando de uma palestra e lutando contra a discriminação racial. Esse tipo de negritude que passa pelo cultural é negociada no nível local, nacional e global (SANSONE, 2004a). Mas essa negociação também não está livre de conflitos, muitas vezes, os elementos propostos tendem a essencializar e naturalizar o que é ser negro. Segundo Montes

Cada vez mais as informações estão sendo difundidas em uma escala universal, na chamada aldeia global, e o perigo da homogeneidade que existiria como horizonte desse processo está sendo, na verdade, cotidianamente desmentido pelas práticas sociais, políticas e culturais nos mais diversos recantos do planeta. Em outras palavras, quanto mais se difunde e se homogeneíza a informação, tanto mais ela se estende e também se particulariza, em função do contexto em que é recebida, retraduzida e resignificada (MONTES, 1996, p. 70).

O passado e a tradição no Baile do Carmo são elementos explorados na negociação da identidade. A própria história e origem do evento são suscetíveis de diferentes interpretações. Fazendo um paralelo com a afirmação de Montes (1996) percebe-se como as informações sobre o Baile do Carmo se difundiram da tradicional transmissão informal via boca a boca, feita pelos caminhos da estrada férrea, até os veículos de comunicação locais e nacionais

como a televisão, jornais, revistas, a exemplo da Revista Raça Brasil⁷², sites da internet, seminários de turismo e leis municipais, ou seja, a história e existência do evento também passaram a ser influenciadas por essa nova perspectiva global, mas também se particularizaram. Isto pôde ser observado examinando-se novamente os folhetos de divulgação do evento, de 2002 a 2009, os quais revelam o Baile do Carmo como uma festa de tradição negra de Araraquara e também do Brasil.

Os depoimentos analisados trouxeram muitas evidências de que o Baile do Carmo favorece e fortalece uma identidade negra positiva tanto para os jovens como para os adultos e idosos, homens e mulheres freqüentadores de suas variadas atrações. O Baile do Carmo foi apresentado neste trabalho como uma festa que tem muito a dizer sobre as relações raciais em Araraquara e no Brasil. Cheguei a ser questionada por uma pesquisadora se o Baile do Carmo, mais especificamente a noite de gala, não seria um baile para negros “embranquecidos” e não negros “de fato”. Esse episódio esteve bastante presente em minhas reflexões e penso que esta pesquisa deixou clara a minha resposta.

⁷² “Primeira revista voltada aos negros brasileiros, a **Raça Brasil** traz matérias de cultura, beleza, moda e comportamento, além de notícias sobre a comunidade e o mundo. Abre espaço aos negros, valorizando suas tradições e história.” Disponível em <http://www.escala.com.br/detalhe.asp?id=11624&grupo=24&cat=286>. Acesso em: 01 fev. 2009.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- A FESTA do Carmo. **O Imparcial**, Araraquara, julho, 1933.
- ACADEMIA realizará seu tradicional Baile do Carmo, **Folha da Cidade**, Araraquara, julho, 1982.
- ACADEMIA. **Estatuto da Sociedade Academia A. do Samba**. Araraquara, 1963.
- AGUIAR, Márcio Mucedula. **As Organizações Negras em São Carlos: Política e Identidade Cultural**. Dissertação (Mestrado em , UFSCar, 1998.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALVES, Valéria Cristina de Oliveira. **Projeto cultural Baile do Carmo**. (Projeto apresentado ao Ministério do Turismo). Araraquara, 2007, 11p.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**. São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. "O tempo de festa é sempre" In: **TRAVESSIA**. Revista do Migrante, n.15, janeiro/abril, Centro de Estudos Migratórios - CEM, São Paulo, 1993. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/Amaral-povodefesta.html>>. Acesso em 20 mar.2007.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 287f. São Paulo: Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1998.
- ANDREWS, Georg Reid. **América Afro-Latina (1800-2000)**. Tradução Magda Lopes, São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- ANDREWS, Georg Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Tradução Magda Lopes, Bauru: Edusc. 1998.
- ANDREWS, Georg Reid. **O protesto político negro em São Paulo: 1888-1988**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, n.21, p. 27-48, 1991.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites no século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BAILE DO CARMO: patrimônio da humanidade**. Jornal de Araraquara online, Araraquara, julho de 2006, Disponível em: <<http://jornaldeararaquara.com.br/home.pas?codmat=30433&pub=2>> Acesso em 20 de dez. 2009.
- BAR** Tamoio foi ponto de partida, Sociedade Academia Araraquarense do Samba, Araraquara, julho, 1981.
- BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: _____. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, p.129-156, 1983.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

- BERRIEL, Maria M. O. **Identidade fragmentada**: as muitas maneiras de ser negro. São Paulo. 1988, 170f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Universidade de São Paulo, 1988.
- BIZELLI, José Luis. **O Planejamento municipal e o poder local em Araraquara**. Araraquara. 1990, 323f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos. **Programa Nacional de Direitos Humanos** (PNDH II), 2002.
- BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. **Beyond “Identity”**. In. Theory and Society. Vol. 29, n.1. feb.2000, p. 1-47. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3108478>>. Acesso em 04 de jun. 2008.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira**: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. v.2, 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAGAS, Patrícia de S. P. **Em busca da mama África**: identidade africana, cultura negra e política branca na Bahia. 2001, 316f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - IFCH, Unicamp, Campinas, 2001.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.
- CORRÊA, Ana Maria M. **História social de Araraquara**: 1817-1930. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1967.
- CORRÊA, Pio Lourenço. A abolição em Araraquara. In: OLIVEIRA, Nelson Martins. **Album de Araraquara** 1948. São Paulo, 1948. p.27-28.
- COSTA, Bárbara. Bairro do Carmo nasceu com a igreja, **Tribuna Impressa**, Araraquara, n. 2312, p. 06, jul. 2004.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- COSTA, Luiz Flávio Carvalho. A cidade, seu casaria e sua gente. In: COSTA, L.F. C.; MOREIRA, Roberto José. (Org.) **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Maud, 2002a.
- COSTA, Luiz F. C. Paisagens urbanas: um estudo regional sobre fotografias. In: COSTA, L.F. C.; SANTOS, R. SILVA, F. C. T. (Org.) **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus, 2002b.
- COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. O caminho de São Bento de Araraquara. In: Almeida, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; Lima, Eli Napoleão de (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Mauard/FAPERJ, 2001, p.111-30.
- COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA, Sérgio. Formas e dilemas do anti-racismo no Brasil. In: _____. **Crítica Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2002, p.107-27.

COSTA, Warley da. **Olhares sobre olhares: representações da escravidão negra nos livros didáticos**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, 2005. Disponível em <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/warley.pdf>>. Acesso em 03 dez. 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. **Textos para o Movimento Negro**. 1. ed. São Paulo: Edicon, 1992.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In:____ (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Ed. Unicamp, p. 371-418, 2002.

DAYRELL, Juarez . O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5/6, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DOMINGUES, Petrônio José. **História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: SENAC, 2003.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 113-136, 2007.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. v.1. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. **Seleção de textos**: José Artur Giannotti, tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.203-45.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John, L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

FAUSTO, Boris. **Negócios e ócios: história da imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

FELDMAN-BIANCO, Bela; HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **As faces da memória**. Col. Seminários, Campinas: CMU, p. 25-60, 1995.

FÉLIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes blacks paulistanos**. 2000. 195f. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. 2005. 206f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

- FERNANDES, Florestan. **Integração do Negro na Sociedade de Classes**. v. 2. São Paulo: Ática, 1965.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- FERREIRA, Stefanoni Lania. Racismo camuflado na "família ferroviária": brancos e negros na Companhia Paulista em São Carlos. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE)
- FESTA do Carmo. Correio da Tarde, Araraquara, junho, 1938.
- FESTA do Carmo. Correio Popular, Araraquara, julho, 1948.
- FIGUEIREDO, Angela. L. S. **Novas elites de cor: Estudo sobre os profissionais liberais de Salvador**. São Paulo: Annablume, 2002
- FOLHETOS de divulgação do Baile do Carmo, 2002 a 2009.
- FRANÇA, Antonio M. **Álbum de Araraquara 1915**, Câmara Municipal de Araraquara, 1915.
- FRY, Peter. **A persistência da raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GALHARDO, João Baptista. **A festa do Carmo**. Jornal de Araraquara online. Disponível em <<http://www.jornaldeararaquara.com.br/home.pas?codmat=30548&pub=2>> Acesso em 25 de ago. 2008.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa**. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube. 1.ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG; IUPERJ, 2006.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. 2ª. reimpressão, São Paulo: Ed. Unesp, 1997, p. 73-133.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GOMES, Flávio. **Negros e política (1888 – 1937)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999a.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. COMBATENDO O RACISMO: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 103-117, 1999b.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v.29. n.1. p.93-108, jan/jun 2003.

- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. In **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-44, 2004.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, n.107, p.41-78, jul. 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HANCHARD, Michael. **Orfeu e o poder: O movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 - 1988)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- HELAL, Ronaldo (org.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. 1999. 375f. São Paulo: Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1999.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; Meirelles Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis:UFSC, 2007, p. 485-506.
- JENKINS, Richard. **Social Identity**. Londres: Routledge, 2004.
- JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity: arguments and explorations**. Londres: Sage Publications, 1997.
- JORNEGRO**. Órgão de divulgação da FEABESP. n.7, ano II, 1979.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 43-62, 1996.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p.63-85, 1995.
- KARASCH, Mary C. Samba e canção: a cultura escrava afro-carioca. In: _____. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 292-340.
- KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **A Morte dos Coronéis: política interiorana e poder local**. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- KIKO, Crônica. **ARCAB**, Araraquara, n.1, p. 04, jul. 1981.
- KRAAY, Hendrik. Entre o Brasil e a Bahia: as comemorações do Dois de Julho em Salvador no século XIX. In: **Afro-Ásia**, n.23, p. 49-87, 1999.
- LAMOUNIER, Maria Lúcia. Agricultura e mercado de trabalho: trabalhadores brasileiros livres nas fazendas de café e na construção de ferrovias em São Paulo, 1850-1890. **Revista de Estudos Econômicos**, v. 37, p. 353-372, 2007.
- LEITE, José Correia. **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

- LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: Leitura da fotografia histórica. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- LEMOS, Alberto. **História de Araraquara**. Edição do Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria e Prefeitura Municipal de Araraquara, [19--].
- LOPES, Ademil. **Além da Memória**: Vila Xavier diálogo entre os diferentes elementos de sociabilidade. São Paulo: Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, Puc, 2002.
- LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-Brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2006.
- LORENZO, Helena Carvalho de. **Origem e crescimento da indústria na região “Araraquara-São Carlos: 1900-1970”**. 1979. 181f. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1979.
- LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar**: (re)lembraças de migrantes. São Paulo: Arte&Ciência, 1999.
- MACEDO, Márcio. Hora de trançar os braços, hora de dançar samba-rock. **Histórica** (São Paulo), São Paulo, v. 15, p. 38-42, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedço**. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAIO, Marcos Chor. From Bahia to Brasil: The Unesco Race Relations Project. In. SOUZA, Jessé; SINDER, Valter (org.). **Imagining Brazil**. Lanham: Lexington books, 2005.
- MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 14, n. 41, p.142-158, 1999.
- MARSHALL, T. H. “Cidadania e classe social”. In _____. **Cidadania, classe e status**. Tradução Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 57-114, 1967 [1963].
- MARTINS Filho, Daniel Amadeu. **Baile do Carmo 2005**. Mimeo, 2005.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Regina H. O. **Imagens de Família**: elementos de um repertório cultural sobre a família entre descendentes de italianos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) FCL, Unesp, Araraquara, 1996.
- MEMÓRIA AFRODESCENDENTE de Araraquara**, AEPIR - Comcedir tem coordenador indicado, Araraquara, fev. 2006.
- MENDES, João Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p.503-40.
- MESSIAS, Rosane Carvalho. **O cultivo do café nas bocas de sertão**: mercado interno e mão-de-obra no período de transição – 1830-1888. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MIRANDA, Fernanda. Afro-descendentes celebram sua história. **Jornal Tribuna Impressa**. Araraquara, novembro, 2006. Disponível em < <http://www.tribunaimpressa.com.br/Conteudo/Afro-descendentes-celebram-sua-historia,45746,45754>>. Acesso em 11 de jan. 2009.

- MONSMA, Karl Martin. Linchamentos raciais depois da abolição: quatro casos do interior paulista. In: **XXVIII Congresso Internacional da Latin American Studies Association**, 2009, Rio de Janeiro.
- MONSMA, Karl Martin. Lutas simbólicas e violência física: fazendeiros e trabalhadores negros no Oeste Paulista, 1888-1914. In: **VIII Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA)**, Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, EUA, 2006, p.1-36.
- MONSMA. Karl Martin. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no Oeste Paulista, 1888-1914. **História em Revista**. Pelotas, n.10, p.95-115, 2004.
- MONTES, Maria Lúcia Aparecida. Raça e Identidade. In: Lilia Katri Moritz Schwarcz; Renato da Silva Queiroz. (Org.). **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1996, p. 47-76.
- MOTTA, Moisés. Homens Abnegados. **ARCAB**, Araraquara, p. 02, n.1, jul. 1981.
- MOURA, Clóvis. Organizações negras. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira (Org.). **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 143-75.
- MOVIMENTO negro no Brasil. **Relatório de Desenvolvimento Humano, Racismo, Pobreza e Violência**, São Paulo, PNUD, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Série Princípios, 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.
- NASCIMENTO, Alessandra Santos. Categorias censitárias brasileiras: raça e cor em questão. **Espaço Plural** - Marechal Cândido Rondon, ano VII, n.15, 2.sem. 2006.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.
- NERES, Júlio M; CARDOSO, Maurício; MARKUNAS, Mônica. **Negro e negritude**. São Paulo: Loyola, 1997.
- NOGUEIRA, Claudete de Sousa. **Batuque de umbigada paulista: memória familiar e educação não-formal no âmbito da cultura afro-brasileira**. Campinas, 2009. Tese de Doutorado Faculdade de Educação.
- NUNES, Edson de O. **A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.
- PACHECO, Carlos Américo. **Café e cidades em São Paulo: Um Estudo de Caso na Região de Araraquara e São Carlos em 1880/1930**. Dissertação de Mestrado em Economia da Universidade de Campinas, 1988.
- PAIS, José Machado. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc**. São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.
- PEREIRA, Flávia Alessandra de Souza. **Organizações e Espaços da Raça no Oeste Paulista: Movimento Negro e Poder Local em Rio Claro (dos anos 1930 aos anos 1960)**. 2008. 231f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. 2008.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O Rio dançou. Identidade e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: CUNHA, Maria C. P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2002, p.419-444.

PESSANHA, Andréa Santos. André Rebouças e questão racial no século XIX. In: NASCIMENTO, Alexandre (org.) **Histórias, culturas e territórios negros na educação: reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PINTO, Regina Pahim. **Movimento negro e etnicidade**. Estudos Afro-Asiáticos, n.9, 1990, p.109-123.

PINTO, Regina Pahim. **Movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. 1993.496f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

PIRES, Célia. Baile do Carmo chega aos 121 anos resgatando a umbigada. **Jornal O Imparcial**, Araraquara, 29 de junho de 2008.

PNUD Brasil. Relatório do Desenvolvimento Humano - Brasil 2005: Racismo, pobreza e violência. São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200- 212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PREFEITO reúne secretários para acertos da Feira do Carmo. Disponível em <<http://www.araraquara.sp.gov.br/Noticia/Noticia.aspx?IDNoticia=516>> Acesso em 13 de julho de 2009.

PROENÇA, Wander de Lara. O método da observação participante. **Revista Antropos**. Londrina, v.2, n.1, p. 08-33, 2008.

RAÇA se empolga e faz primeira reunião, **Sociedade Academia Araraquarense do Samba**, Araraquara, p. 02, 1981.

RAMOS, Silvia. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro, Pallas, 2007.

REIS FILHO, José Tiago. **Ninguém atravessa o arco-íris: um estudo sobre negros**. São Paulo: Annablume, 2000.

REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p. 101-55.

Revistas do Imparcial, Edição Comemorativa do Aniversário de Araraquara, 1953/1964

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Editora 34, 2007.

RITCHIE, Donald A. **Doing oral history: a practice guide**. 2.ed. Oxford University Press, 2006.

- ROSSONI, Igor. **Revitalização de Memória: Teatro de Araraquara, 1916-1966**. Araraquara: Fundart. 1982.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. **Escravos e Libertos no Brasil Colonial**. Tradução: Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SANSONE, Livio. Cor, classe e modernidade em duas áreas da Bahia. Algumas primeiras impressões. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 143-173, 1992.
- SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negro do Brasil**. Tradução: Vera Ribeiro. Salvador: Edufba; Pallas, 2004.
- SANSONE, Livio. Pai preto, filho negro. Trabalho, cor e diferença geracional. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 73-98, 1993.
- SANTOS, Hélio. **A Busca de um caminho para o Brasil: Trilha do Círculo Vicioso**. São Paulo: Editora Senac, Ed.2, 2003.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online], v.13, n.38, out. 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 29 abr. 2005.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Soc. estado. Brasília, v. 21, n. 1, Apr. 2006. Disponível em
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SENNET, Richard. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.
- SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão. 2001 Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2001.
- SILVA, Carlos Benedito Rodrigues. "Black Soul: aglutinação espontânea e identidade étnica". In: **Ciências Sociais**. ANPOCS, v. 2, 1983.
- SILVA, Eva Aparecida da. Professora negra e prática docente com a questão étnico-racial: a "visão" de ex-alunos. 2008. 237f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2008
- SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, no 2, 2003, p. 215-235
- SILVA, Joselina da. O clube dos negros. In: **Interseções** - Revista de Estudos Interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 2, n.1, 2000, p.47-63.
- SILVA, Maria Aparecida. Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Palmira da. O anti-racismo no Brasil: considerações sobre o estatuto social baseado na consciência racial. In: **Revista Psicologia Política**: São Paulo, v.1, 2001, p.37-65.
- SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: AGEPEL, 2001.

- SILVA, Paulo A. C. Araraquara de há mais ou menos 4 décadas. **Revista O Imparcial**, Araraquara, ago. 1971, paginação irregular.
- SIMMEL, Georg. A Sociabilidade - Um Exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Tradução: Pedro Caldas, Rio e Janeiro: Zahar, 2006, p.59-82.
- SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**. Tradução Raul de Sá Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- SODRÉ, Muniz. **Samba - o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SOUZA, Edilson Fernandes de. **Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções**. 2.ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.
- SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das roupas: a moda no século dezanove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SOUZA, Irene Salles. **O resgate da identidade na Travessia do Movimento Negro: arte, cultura e política**. 1991. 376f. São Paulo: Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1991.
- SOUZA, Laura de M. O falso fausto. In: _____. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**, Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.19-43.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SOUZA, Sérgio Luiz de. **(Re)vivências negras: práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto, 2007.
- TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: _____. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 241-74.
- TELAROLLI, Rodolpho. **Para uma história de Araraquara: 1800-2000**. Araraquara: Unesp/FCL, Laboratório Editorial, 2003.
- TELLES, Edward Eric. **Race in another America: the significance of skin color in Brazil**. Princeton University Press, 2004.
- TENÓRIO, Valquíria Pereira. **Uma interpretação do Baile do Carmo: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara**. 2005. 166f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2005.
- TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 233-245.
- VERSIANI, Flávio Rabelo. Escravidão “suave” no Brasil: Gilberto Freyre tinha razão? **Revista de Economia Política**, v. 27, n. 2, 2007, p. 163-183.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **O Baile Funk Carioca**: Festas e Estilos de Vida. 1987. 151f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Univeridade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1987.

VIDAL, Dominique. “A linguagem do respeito. A experiência brasileira e o sentido da cidadania nas democracias modernas”. **Dados**, v. 46, n. 2, 2003, p. 265-86.

WADE, Peter. **Race and ethnicity in Latin America**. London: Pluto Press, 1997.

Jornais consultados e utilizados* :

A Cidade, Araraquara, 11 jun.1933 – Pasta 035

Correio de Araraquara, Araraquara, 1894 - Pasta 126.

Correio da Tarde, Araraquara, 1938 – Pasta 057

_____, Araraquara, 1939 – Pasta 059

_____, Araraquara, 1940 – Pasta 061

_____, Araraquara, 1941 – Pasta 062

Correio Paulistano, São Paulo, 1935/1940 – Pasta 046

Correio Popular, Araraquara, 1946 – Pasta 065

_____, Araraquara, 08 jul.1948 – Pasta 068

_____, Araraquara, 1949 – Pasta 070

Diário de São Paulo, São Paulo, 1954.

Folha da Cidade, Araraquara, 1981/1982 – Pasta: 088

_____, Araraquara, 1983 – Pasta 087

Gazeta do Povo, Araraquara, 1926 – Pasta 012

_____, Araraquara, 1932 – Pasta 025

Jornal de Notícias, Araraquara, 1907 – Pasta 003

O Araraquarense, Araraquara, 1916 – Pasta 007

O Commercio, Araraquara, 1909 – Pasta 006

O Imparcial, Araraquara, 1931 – Pasta 017

* Todos os jornais consultados fazem parte do acervo do Arquivo Municipal “Rodolpho Telarolli”

_____, Araraquara, 1932 – Pasta 030

_____, Araraquara, 1933 – Pastas: 034, 036

_____, Araraquara, 1934 – Pasta 041

_____, Araraquara, 1935 – Pasta 044, 045

_____, Araraquara, 1936 – Pasta 050

_____, Araraquara, 1937 – Pasta 052

_____, Araraquara, 1938 – Pastas: 054, 055

_____, Araraquara, 1949 – Pasta 099

O Republicano, Araraquara, 1911 – Pasta 005

O São Bento, Araraquara, 1925 – Pasta 011

São Carlos, São Carlos, 1933 – Pasta 033

Últimas Notícias, Araraquara, 1955 – Pasta 084

QUESTIONÁRIO SOBRE O BAILE DO CARMO

1. Nome: _____
2. Qual a sua data de nascimento? _____
3. Qual a sua raça/cor? _____
4. Qual a sua profissão? _____
5. Qual a cidade onde nasceu? _____
6. Qual a cidade onde mora? () Araraquara () Outra – Qual? _____
7. Qual o bairro onde mora? _____
8. Qual seu estado civil?
() Solteiro/a () Casado/a () Divorciado/a () Viúvo/a
9. Tem filhos? () não () sim - Quantos? _____
10. Qual o seu grau de Escolaridade?
() Fundamental incompleto () Fundamental completo
() Ensino Médio completo () Ensino Médio incompleto
() Superior completo () Superior incompleto
() Pós-graduação/mestrado/doutorado
11. Qual a sua religião? _____
12. Participa de alguma religião afro-brasileira? () Sim () Não- Qual? _____
13. Há quanto tempo participa do Baile do Carmo?

14. De que eventos participa?
() Noite de Abertura () Futebol () Baile de Gala () Desfile Show de Modas
15. Sua família participa do Baile do Carmo? () Sim () Não
16. Como ficou sabendo do Baile do Carmo?
() família () amigos () jornais () rádio () panfletos () outros - Quais? _____
17. O/A Sr./Sra./você participa de alguma entidade ou organização da comunidade negra? () Não () sim – Qual? _____
18. Em poucas palavras defina o que é o Baile do Carmo?

19. Por que participa do Baile do Carmo?

APÊNDICE B – Modelo de roteiro utilizado na pesquisa.

1. O que significa ser negro(a) pra você?
2. Já se sentiu discriminado?
3. Quanto tempo mora na cidade?
4. Qual a profissão dos pais? Sogros?
5. Onde nasceram seus pais?
6. Desde que idade participa do Baile?
7. Por que você vai ao Baile do Carmo?
8. O que leva você a participar do Baile do Carmo?
9. Você poderia contar um pouco sobre a origem do Baile?
10. Há quanto tempo você participa do Baile?
11. Por que foi a primeira vez?
12. Sua família participa?
13. O que é o Baile do Carmo pra você?
14. O que acha mais interessante no Baile?
15. Você vai a todos os dias do evento?
16. Qual o dia que mais gosta? Por quê?
17. O que pensa sobre o Baile do Carmo?
18. Como se sente participando de um baile com maioria negra?
19. Como se sente quanto à existência de um baile negro na cidade de Araraquara?
20. Participa de outros eventos nos clubes onde a noite de gala do Baile do Carmo é realizada? Por quê?
21. O que acha desses clubes?
22. O que pensa sobre a organização do Baile?
23. O que mudou pra melhor ou deveria mudar?
24. O que mudou pra pior e não deveria ter mudado?
25. De que forma atua na realização e divulgação do Baile do Carmo?
26. Convida outras pessoas para participar?
27. O que sente ao participar do Baile?
28. O que sabe sobre a origem do Baile?
29. Participa de alguma entidade negra?
30. O governo municipal auxilia na realização do Baile? De que forma?
31. O que pensa da noite de abertura do Baile?
32. O que pensa dos discursos na noite de abertura?
33. O que achou da participação do prefeito e de vereadores na noite de gala?
34. O que pensa sobre a organização do Baile?
35. Há alguma alteração em seu estabelecimento por conta da realização do Baile do Carmo?
36. Possui algum registro da realização do Baile em seu estabelecimento?
37. Nota alguma mudança na cidade por conta do Baile?
38. Por que patrocina o evento?

APÊNDICE C – Dados parciais coletados a partir do questionário do apêndice A.

| Nome | Nas. | Raça/ cor | Profissão | Natural | E. civil | Escolar idade | Há quanto tempo participa do Baile | Família participa | Como ficou sabendo do evento |
|-------------|-------------|----------------------|-------------------------------------|------------------|---------------------|--------------------------|---|------------------------------|---|
| Ana Maria | 1955 | Negra | Pedagoga | S.J.Rio Preto | D. | P.G. | 10 anos | Não | Amigos |
| Ana Paula | 1972 | Negra | Desenhista/ projetista | São Paulo | D. | E.S.I. | 1 ano | Não | Família |
| Ana Paula | 1974 | Mestiça /parda | Doméstica | Araraquar a | S. | E.M. | 4 anos | Sim | Outros Costa |
| Beatriz | 1939 | Negra | Doméstica | Catanduv a | V. | E.M.I. | -- | Sim | Família |
| Carlos | 1987 | Negra | Porteiro | Araraq. | S. | E.M. | 4 anos | Sim | Família |
| Carlos | 1949 | Negra/ parda | Adm. de condomínio | Franca | C. | E.M. | -- | -- | Família |
| Cláudio | 1958 | Negra | Comerciante | Araraq. | C. | E.S. | 34 anos | Sim | Família |
| Cleise | 1978 | Negra | Professora | Araraq. | S. | E.S. | 8 anos | Sim | Família |
| Cleusa | 1959 | Negra | Inspetora de Qualidade | Araraq. | C. | E.M. | 20 anos | Sim | Família/ amigos |
| Dara | 1990 | Negra | Estudante | Araraq. | S. | E.M. | 1 ano | Sim | Família |
| Dirce | 1940 | Negra | Contabilista aposentada | Matão | C. | E.S. | 46 anos | Sim | Amigos |
| Djamila | 1988 | Negra | Técnica bancária | Araraq. | S. | E.M | 4 anos | Sim | Família |
| Elaine | 1967 | Negra | Op.de Manufatura II | S. Carlos | S. | E.S.I. | 5 anos | Não | Amigos |
| Eliane | 1969 | Negra | Auxiliar Odontológica | Araraq. | S. | E.M | -- | Não | Amigos |
| Eloise | 1960 | Negra | Administrado ra | Araraq. | C. | E.S. | 32 anos | Sim | Família |
| Érica | 1978 | Negra | Promotora de vendas | Araraq. | C. | E.M | Vários anos | Sim | Família |
| Fátima | 1962 | Negra | Comerciante | Araraq. | -- | E.M | 20 anos | Sim | Família |
| Flávio | 1983 | Negra | Balconista | Araraq. | S. | E.M | 6 anos | Sim | Família |
| Guilherme | 1989 | Parda | Balconista | Araraq. | S. | E.M.I. | 2 anos | Sim | Família |
| Ilda | 1957 | Negra | Auxiliar de Serviços | Araraq. | C. | E.F. | 20 anos | Sim | Amigos |
| Ione | 1961 | Negra | Auxiliar de Limpeza | Araraq. | D. | E.F. | 15 anos | Sim | Jornais |
| Ivone | 1964 | Negra/ preta | Professora | Araraq. | C. | E.S. | 25 anos | Sim | Família |
| Izilda | ---- | Negra | Manicure | Araraq. | D. | E.S. | 20 anos | Sim | Família |
| Janete | 1964 | Morena | Empresária | Araraq. | C. | E.M | Nunca | Não | Amigos |
| João | 1932 | Negra | Mecânico | Monte Alto | C. | E.M.I. | 45 anos | Sim | Família |
| João | 1971 | Branca | Produtor de eventos | S. Paulo | C. | E.S.I. | 5 anos | Não | Amigos |
| Jonas | 1967 | Negra | Agente de apoio técnico FEBEM | S.Paulo | D. | E.S.I. | 20 anos | Sim | Família |
| Larissa | 1990 | Negra | Estudante | Araraq. | S. | E.M.I. | 3 anos | Sim | Família |
| Lazara | 1941 | Branca | Func. Pública aposentada | Araraq. | S. | E.M | --- | Não | Panfletos |

| | | | | | | | | | |
|------------|---------|-------|-------------------------|--------------|----|--------|-------------|-----|---------|
| Lourdes | 1965 | Negra | Operadora de máquina | Araraq. | S. | E.M | 20 anos | Não | Família |
| Lucimirian | 40 anos | Negra | Cabeleireira | Araraq. | C. | E.M | 20 anos | Sim | Família |
| Magali | 47 anos | Negra | Enfermeira/cabeleireira | Araraq. | D. | E.M. | 30 anos | Sim | Família |
| Maria Ap. | 1967 | Negra | Agente educacional | Araraq. | S. | E.M.I. | 10 anos | Não | Amigos |
| Maria de | 1952 | Negra | Aposentada | Araraq. | S. | E.M.I. | Vários anos | Sim | Família |
| Maria | 1949 | Negra | Dona de casa | Taquaritinga | C. | E.F. | Não lembra | Não | Família |
| Maria | 1952 | Negra | Professora | Araraq. | S. | P.G. | 35 anos | Sim | Família |
| Marilda | 1961 | Negra | Prof.Ed. Física | Araraq. | C. | E.S. | -- | Sim | Amigos |
| Marilene | 1972 | Negra | Cabeleireira | S. Paulo | S. | E.M. | 6 anos | Não | Amigos |
| Michele | 1993 | Negra | Estudante | Araraq. | S. | E.F. | 3 anos | Sim | Família |
| Mirela | 1969 | Negra | --- | Araraq. | S. | E.M. | 15 anos | Sim | Família |
| Norma | 1928 | Negra | Aposentada | Anápolis | V. | E.F. | 50 anos | Sim | Amigos |
| Rafael | 1985 | Negra | ---- | Araraq. | S. | E.S.I. | 6 anos | Sim | Família |
| Rita de | 1969 | Negra | Recreacionista | S. Paulo | S. | E.S. | 10 anos | Sim | Família |
| Roberta | 1974 | Negra | Desempregada | Rincão | C. | E.M. | --- | Sim | Família |
| Roberto | 1969 | Negra | Vendedor | Matão | C. | E.M.I | 10 anos | Sim | Família |
| Rosângela | 1959 | Negra | Professora | Araraq. | C. | E.S. | 30 anos | Sim | Família |
| Rosimeire | --- | Negra | Pedagoga | Araraq. | C. | E.S. | 20 anos | Sim | Família |
| Simone | 1976 | Negra | Monitora | Araraq. | S. | E.M. | 13 anos | Sim | Família |
| Vera | 1953 | Negra | Aposentada | S. Paulo | C. | E.S.I. | 6 anos | Sim | Família |
| Wanderley | 1960 | Negra | Professor | S. Paulo | D. | E.S. | -- | Não | Amigos |
| Yolanda | 1936 | Negra | Aposentada | Jaboticabal | V. | E.F.I. | 15 anos | Sim | Amigos |

E.F. - Ensino Fundamental
 E.F.I. – Ensino Fundamental Incompleto
 E.M. - Ensino Médio
 E.M.I. - Ensino Médio Incompleto
 E.S. - Ensino Superior
 E.S.I. - Ensino Superior
 P.G. - Pós-Graduação
 S - Solteiro (a)
 C- Casado (a)
 D - Divorciado (a)
 V – Viúvo (a)

ANEXO A - Ficha de Inscrição - Desfile Show de Modas do Baile do Carmo

DESFILE SHOW DE MODAS
Baile do Carmo 2007

NOME: _____

TELEFONE: _____ CELULAR _____

ENDEREÇO: _____

Nº _____ BAIRRO _____

IDADE: _____ PESO: _____ ALTURA: _____

Caso Trabalhe.
Local _____ Telefone: _____

Já participou de algum concurso? _____ Qual? _____

Através desta inscrição estarei ciente de minha presença obrigatória em todos os ensaios, assim como também autorizo a divulgação de minha imagem para o desfile, fotos e filmagem.
E necessário 01 foto 3x4 para inscrição com exceção dos candidatos já cadastrados nos desfiles anteriores do Baile do Carmo.

Ass. do candidato (a)

RG: _____

Testemunha

Ass. do responsável.
(Quando menor de 18 anos)
RG: _____

Realização:
PAULO F: (016) [REDACTED]
FLAVIANA F: (016) [REDACTED]
COSTA PROMOÇÕES F: (016) [REDACTED]

FOTO

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA

LEI Nº 5.920

De 09 de outubro de 2002

Projeto de Lei nº 126/02

Processo nº 187/02

Autor: Vereador Anuar de Oliveira Lauer

Institui no Município de Araraquara o dia do “Baile do Carmo” e dá outras providências.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA, Estado de São Paulo, no exercício de suas atribuições legais, e de acordo com o que aprovou a Câmara Municipal, em sessão ordinária de 24 de setembro de 2002, promulga a seguinte lei:

Artigo 1º - Passa a fazer parte do calendário oficial de eventos do Município de Araraquara, o “Baile do Carmo”, o qual deverá ocorrer no mês de julho de cada ano.

Parágrafo Único - O dia 16 do mês referido neste artigo, dedicado ao Dia de Nossa Senhora do Carmo, terá como objetivo principal a realização do baile que ocorre sempre uma semana antes ou após a data alusiva a Santa.

Artigo 2º - A data de que trata o artigo anterior será comemorada anualmente com eventos promovidos por entidades não governamentais.

Artigo 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA, aos 09 (nove) dias do mês de outubro do ano de 2002 (dois mil e dois).

EDSON ANTONIO DA SILVA

- Prefeito Municipal -

Publicada na Secretaria Municipal de Governo, na data supra.

CLÉLIA MARA SANTOS FERRARI

- Secretária de Governo -

Arquivada em livro próprio nº 01/2002. (“PC”).

ANEXO C – Mapas da cidade de Araraquara com limites e ênfase no contorno ferroviário.



Fonte: Acervo Marcelo Machado.

ANEXO D – Mapa de Araraquara 2009



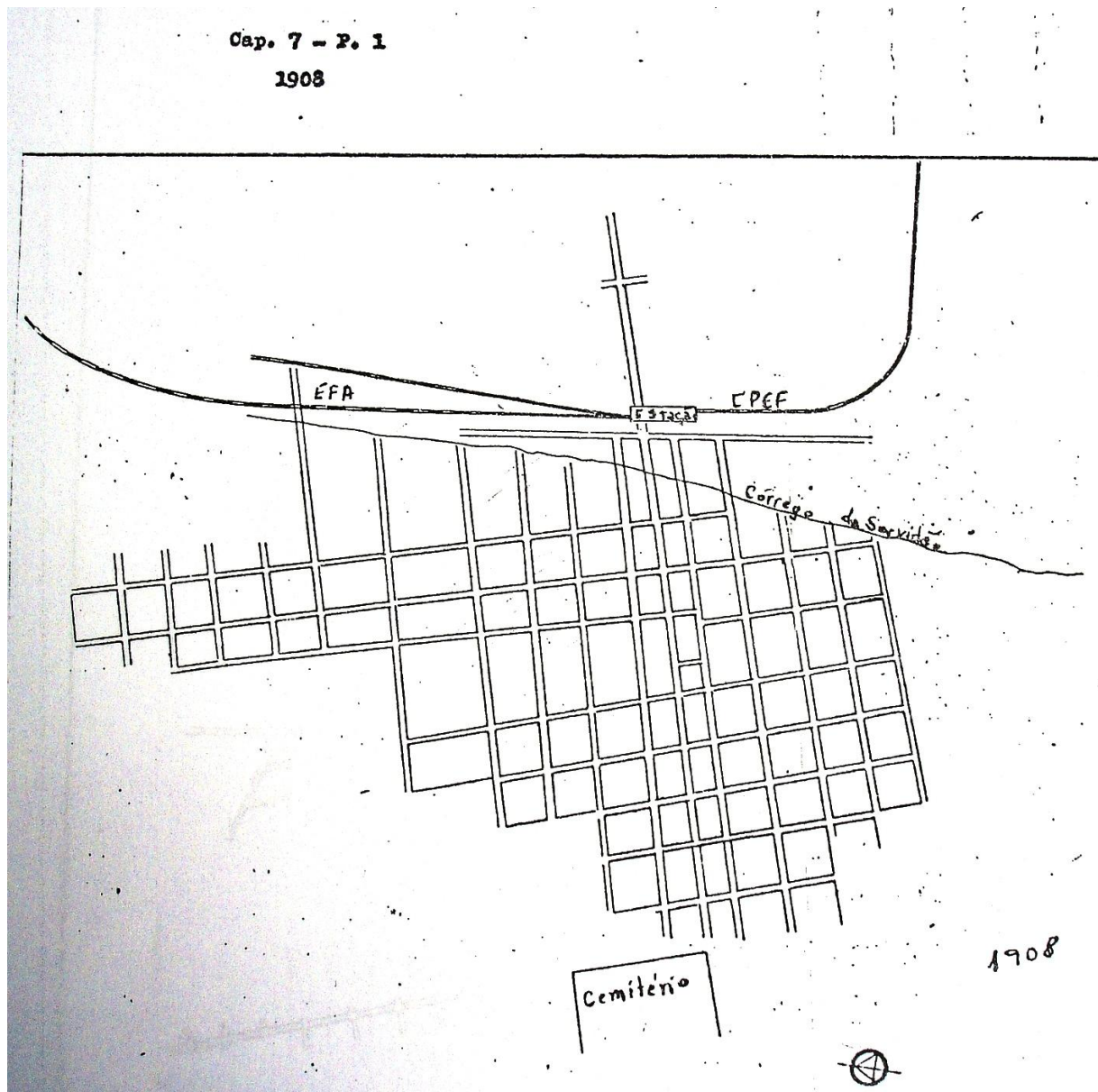
Fonte: <http://maps.google.com.br/maps?utm_campaign=pt_br&utm_source=pt_br-ha-latam-br-bk-gm&utm_medium=ha&utm_term=mapas%20google>

ANEXO E – Foto de mapa de Araraquara em 1936



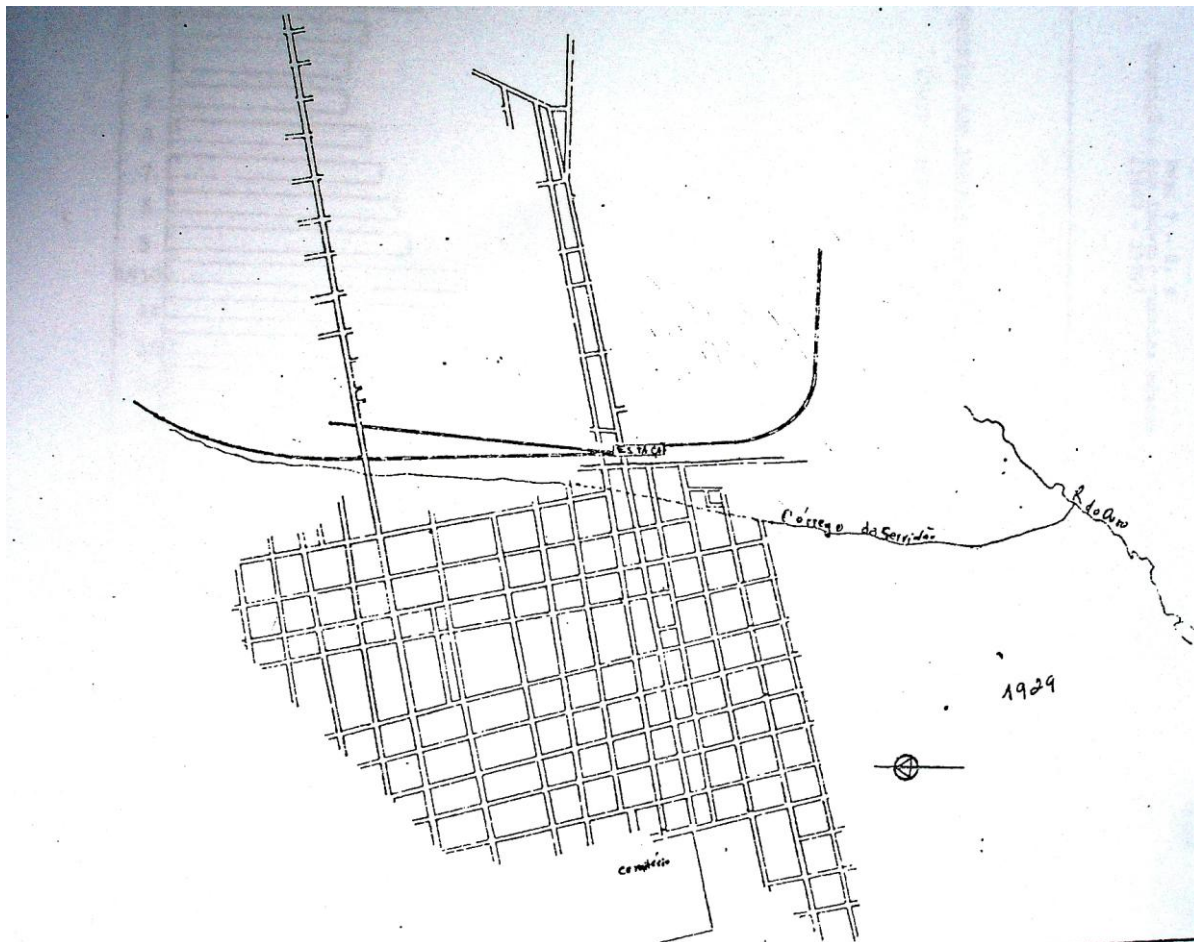
Fonte: Mapa produzido com fotos aéreas da cidade de Araraquara presente no Arquivo Histórico “Rodolpho Tellaroli. Acervo da Pesquisadora.

ANEXO F – Mapa de Araraquara em 1908



A imagem demonstra o incipiente desenvolvimento urbano de Araraquara em 1908.
Fonte: CORRÊA, Ana Maria M. **História social de Araraquara: 1817-1930**. 1967. 425f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1967, p.365.

ANEXO G – Mapa de Araraquara em 1929



A imagem demonstra o desenvolvimento urbano de Araraquara em 1929.
Fonte: CORRÊA, Ana Maria M. **História social de Araraquara: 1817-1930**. 1967. 425f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1967, p.366.

ANEXO H - Decreto de 20 de Novembro de 1995

DECRETO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1995

Institui Grupo de Trabalho Interministerial, com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da População Negra, e dá outras providências.

(Alterado pelo Dec. s/nº, de 13 DE JUNHO DE 1996)

(Não estão sendo acompanhadas as demais alterações de Decreto)

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído Grupo de Trabalho Interministerial com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da População Negra.

Art. 2º Compete ao Grupo de Trabalho:

I - propor ações integradas de combate à discriminação racial, visando ao desenvolvimento e à participação da População Negra;

II - elaborar, propor e promover políticas governamentais antidiscriminatórias e de consolidação da cidadania da População Negra;

III - estimular e apoiar a elaboração de estudos atualizados sobre a situação da População Negra;

IV - reunir, sistematizar, avaliar e divulgar informações relevantes para o desenvolvimento da População Negra;

V - incentivar e apoiar ações de iniciativa privada que contribuam para o desenvolvimento da População Negra;

VI - estabelecer diálogo permanente com instituições e entidades, incluídas as do movimento negro, nacionais e internacionais, cujos objetivos e atividades possam trazer contribuições relevantes para as questões da População Negra e seu desenvolvimento;

VII - estimular os diversos sistemas de produção e coleta de informações sobre a População Negra;

VIII - contribuir para a mobilização de novos recursos para programas e ações na criação de mecanismos eficientes e permanentes na defesa contra o racismo e em áreas de interesse da População Negra, a fim de sugerir prioridade para otimizar sua aplicação;

IX - estimular e apoiar iniciativas públicas e privadas que valorizem a presença do negro nos meios de comunicação;

X - examinar a legislação e propor as mudanças necessárias, buscando promover e consolidar a cidadania da População Negra;

XI - estabelecer mecanismos de diálogo e colaboração com os Poderes Legislativo e Judiciário, com o propósito de promover a cidadania da População Negra.

Art. 3º O Grupo de Trabalho será integrado por:

I - oito membros da sociedade civil, ligados ao Movimento Negro;

II - um representante de cada Ministério a seguir indicado:

- a) da Justiça;
- b) da Cultura;
- c) da Educação e do Desporto;
- d) Extraordinário dos Esportes;
- e) do Planejamento e Orçamento;
- f) das Relações Exteriores;
- g) da Saúde;
- h) do Trabalho;

III - um representante da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

IV - um representante da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. (Redação do Dec. s/nº, de 16.06.96)

§ 1º Os membros do Grupo de Trabalho serão designados pelo Presidente da República.

§ 2º O representante do Ministério da Justiça será o Presidente do Grupo de Trabalho, que submeterá os resultados das atividades desenvolvidas pelo colegiado ao exame do respectivo Ministro de Estado

§ 3º As funções dos membros do Grupo de Trabalho não serão remuneradas e seu exercício será considerado serviço público relevante.

Art. 4º O Grupo de Trabalho poderá convidar outros representantes cuja colaboração seja necessária ao cumprimento de suas atribuições.

Art. 5º As despesas decorrentes do disposto neste Decreto correrão à conta das dotações orçamentárias dos órgãos da Administração Pública Federal que integram o Grupo de Trabalho.


Art. 6º O Ministério da Justiça assegurará o apoio técnico e administrativo indispensável ao funcionamento do Grupo de Trabalho.

Art. 7º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 20 de novembro de 1995; 174º da Independência e 107º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Nelson A. Jobim

ANEXO I – Folhetos de divulgação do Baile do Carmo (2002 a 2009).

IMPERDÍVEL 

SHOW DE BOLA É NO

115 anos
TRADIÇÃO

**BAILE DO
CARMO
2002**
ARARAQUARA

Belas Noites de Julho
Sede de Campo do Clube Araraquarense

Realização Executiva: **Daniel Amadeu Martins Filho**
Costa Promoções 25 Anos

IMPRESSO

Renata do Amaral
Musa 2003

116 anos
de Tradição

de 15 à 21
de julho

A FESTA
SHOW DO ANO

BAILE DO CARMO

2 - 0 - 0 - 3

ARARAQUARA - SP

Belas Noites de Julho

Noite de Gala

Clube Araraquarense
Sede de Campo

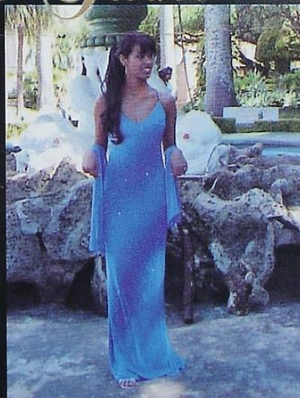
Realização: **Daniel Amadeu Martins Filho**
Costa Promoções

APOIO CULTURAL:

Rio Claro
Viagens & Turismo

Rua 8, 1.600 - Sl. 1 - CEP 13500-000 - Rio Claro - SP
Tel.: (19) 3523-3321 / 3532-310
E-mail: rcvt@rioclaroturismo.com.br
EMBRATUR: 10-04012997/0001-50

agência oficial
da Festa



IMPRESSO

BAILE DO CARMO

edição 117

2004

O Mais Tradicional do Brasil

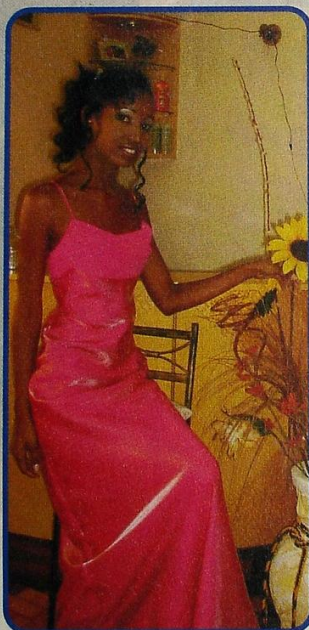
13 a 19/7

ARARAQUARA/SP

As mais Belas Noites de **JULHO**

Noite de Gala

Sede Social do Clube 22 de Agosto



Flaviana dos Santos
17 anos, 1,74m de altura
e 48 Kg.
Modelo e manequim.
Eleita musa do
Baile do Carmo 2004
com 393,5 pontos.

Realização Executiva:
Daniel Amadeu Martins Filho
Costa Promoções
Presidente da Comissão

Visite o nosso site na internet: www.bailedocarmo.com.br

Baile do Carmo 2005

A festa mais esperada e comentada do Brasil

Edição 118 – Julho

Araraquara – SP

Noite de Gala

com super orquestra

SEDE SOCIAL DO CLUBE 22 DE AGOSTO

Doralice de Jesus Souza
Musa do Baile do Carmo

A grande novidade

Buteção do Samba



ARARAQUARA TEM HISTÓRIA - 119 ANOS DE TRADIÇÃO

BAILE DO CARMO

ELEITO O MELHOR BAILE AFRO BRASILEIRO DO BRASIL
EM 04 ESTADOS SUL - S. PAULO - MINAS GERAIS - RIO DE JANEIRO

2006



Musa do Baile do Carmo 2006
Patricia Pereira - Eleita com 317 pontos

EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA

Depois de 82 anos consecutivos, a "Despedida do Estádio Municipal" será feita em Grande Estilo

Baile do Carmo 2007

O mais famoso e tradicional do Brasil

DE 11 A 16
JULHO

Anelli Venâncio
Musa Baile do Carmo 2007

120 anos consecutivos
em
Araraquara

www.bailedocarmo.com.br

Senhoras e Senhores

De todo Brasil temos o prazer
de apresentar a mega festa
mais esperada do ano em

Araraquara

Baile do Carmo 2008

A tradição desde 1888

Foto: Revista
Raça Brasil



Débora Oliveira (de Piracicaba)

Rafael Alexandre (de Araraquara)

Vencedores do concurso Estadual

o Príncipe e a Musa
do baile do Carmo

de 16 a 21 de JULHO

www.bailedocarmo.com

*A Festa mais esperada
do Ano*

121 Anos de Tradição

**BAILE DO
CARMO
PARA
TODOS
2009**

**Araraquara
de 15 a 20 de Julho**

*Carla Cristina Siqueira - 22 anos (Limeira)
Rafael Davi Fidelis Chrispim - 26 anos (Bauru)*

Vencedores do Concurso Estadual

*Musa e Príncipe
do Baile do Carmo 2009*

Foto: Kiko Luis, (Câmara Municipal)

www.bailedocarmo.com

